



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

MARCOS MARIANO VIANA DA SILVA

Cartografia de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil

NATAL – RN
2021

MARCOS MARIANO VIANA DA SILVA

Cartografia de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Berenice Bento

NATAL - RN
2021

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ciências
Humanas, Letras e Artes - CCHLA

Silva, Marcos Mariano Viana da.

Cartografia de Judith Butler e dos estudos queer no Brasil /
Marcos Mariano Viana da Silva. - Natal, 2021.
283f.: il. color.

Tese (doutorado) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes,
Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade
Federal do Rio Grande do Norte, 2021.

Orientadora: Profa. Dra. Berenice Bento.

1. Judith Butler - Tese. 2. Estudos queer - Tese. 3. Carto-
grafia - Tese. 4. Ciências Sociais - Tese. I. Bento, Berenice.
II. Título.

RN/UF/BS-CCHLA

CDU 316.2

Tese intitulada **Cartografia de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil**, elaborada por **Marcos Mariano Viana da Silva** e apresentada publicamente perante a Banca Avaliadora, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais – PPGCS/UFRN.

Natal-RN, 25 de fevereiro de 2021.

Banca Avaliadora:

Prof. Dr^a. Berenice Bento
Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN
(Orientadora)

Prof. Dr. Leandro Colling
Universidade Federal da Bahia – UFBA

Prof. Dr. Pedro Paulo Gomes Pereira
Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP

Prof. Dr. Antônio Vladimir Félix da Silva
Universidade Federal do Piauí – UFPI

Prof. Dr. Anaxsuell Fernando da Silva
Universidade Federal da Integração Latino-Americana – UNILA

Dedico este trabalho à minha família.

AGRADECIMENTOS

Muitas pessoas foram importantes e contribuíram, de alguma maneira, para que eu pudesse concluir mais essa etapa da minha trajetória acadêmica. Gostaria de poder nomear todos: amigos, familiares, colegas, professores, técnicos administrativos e alunos. Mas para que esse trecho não se estenda muito mais do que o convencional, prefiro iniciar esses agradecimentos narrando encontros muito significativos com algumas pessoas.

O meu interesse em estudar as questões de gênero e sexualidades começou em 2009, quando estava cursando o terceiro semestre em Ciências Sociais na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, motivado por um trabalho final de uma disciplina do curso. Eu não sabia por onde começar, mas tinha conhecimento que na Universidade havia uma estudante de pós-graduação em Ciências Sociais que se reconhecia enquanto travesti. Então, no auge do meu amadorismo acadêmico aos 19 anos de idade, realizei uma busca pelos corredores da UFRN até encontrá-la depois de alguns dias. Ela parecia estar em seu momento de descanso entre uma atividade e outra, no *hall* de entrada do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes – CCHLA, fumando um cigarro com a cabeça encostada na janela para que a fumaça não tomasse conta do lugar, já que era proibido fumar em ambientes fechados na Universidade. Eu me aproximei, me apresentei, recebi uma olhada de cima à baixo para depois ouvir: “*prazer, Leilane*”. Falei da minha intenção em estudar o tema da moral em relação à prostituição de travestis e transexuais em Natal-RN, e perguntei se ela me poderia dar algumas dicas para começar a minha pesquisa de campo. Ela respondeu que era melhor não abordar as mulheres transexuais e travestis nos pontos de prostituição porque lá elas estão trabalhando e não querem ser incomodadas com perguntas de pesquisa. Leilane sugeriu que começasse pelas bordas, procurasse indicação de alguém que conhecesse alguma travesti ou transexual que se prostituísse. Agradei pelas orientações, mas nunca tive a oportunidade de agradecer a Leilane por aquele encontro, por isso quero agradecer agora: obrigado, Leilane.

Depois da conversa com Leilane, lembrei que no bairro onde eu morava havia uma travesti que era irmã de um grande amigo, mas que eu não sabia se ela fazia programas. Conversei com esse amigo e pedi para que ele me apresentasse a sua irmã. Dias depois, ele me deu o telefone, o endereço dela e disse que já havia avisado que eu entraria em contato. Marquei um encontro e passamos uma tarde inteira conversando em um *kitnet* no bairro das Quintas em Natal que ela chamava de “*privê*” e usava para atender

seus clientes. Seu nome é Sara Lima e foi através desse encontro que conheci várias travestis e transexuais de Natal, de outras cidades do Rio Grande do Norte e do Brasil. Obrigado por tudo, Sarinha.

Entre as travestis que Sarinha me apresentou estava Jacqueline Brasil, pioneira e líder do movimento trans no Rio Grande do Norte. Jacqueline me acolheu de forma atenciosa, dividiu comigo seu relato de vida marcado por violências transfóbicas e me fez mudar de rumo na pesquisa. Por causa do que ouvi e observei, decidi investigar como a moral heteronormativa afetava a vida familiar das travestis e transexuais em Natal-RN durante a graduação e o mestrado. Jacqueline e outras mulheres trans como Rebecka de França, Lunna Mello, Bianca, Leka, Karla Monique, Dávila Medeiros, Emilly Mel, Ana Júlia, Keila Simpson e as já mencionadas Leilane e Sara, me ensinaram muito sobre meu lugar de escuta. Eu quero agradecer a vocês por todos esses encontros micropolíticos.

Infelizmente, a última vez que encontrei Leilane foi em um quarto de hospital onde ela estava se tratando de uma infecção generalizada. Foi um encontro parecido com todos os outros, cheio de risadas, análises sobre a situação política do Brasil, sobre os absurdos causados pelo preconceito das pessoas e também falamos sobre sonhos. Em vários momentos durante a minha escrita de tese, eu lembrei das palavras de Leilane me dizendo no hospital ao apontar para um caderno: “– *Eu estou escrevendo tudo que estou vivendo aqui, Mariano. Tá ali meu caderninho. Vou relacionar algumas coisas com Foucault e escrever um livro*”. Leilane morreu uma semana depois. Obrigado não só pelo nosso primeiro encontro, mas por todos os outros, Leilane.

Um ano depois de iniciar minha pesquisa de campo, conheci Berenice Bento. A professora, desde o início, entendeu o que eu queria, me orientou, me entupiu de livros para ler e me ensinou a fazer pesquisa. Nesses, aproximadamente, 10 anos que estou como seu orientando, me transformei como estudante e como pessoa. A forma como Berenice encara o mundo, a sua força de vontade de lutar por causas justas e o seu carinho nas relações pessoais são admiráveis. Estou me despedindo como seu aluno com um aperto no coração. Muito obrigado por tudo, professora.

Durante a minha trajetória acadêmica – entre graduação, mestrado e doutorado – passei por diferentes obstáculos, de ordem financeira, de motivação, por questões relacionadas à falta de perspectiva de futuro, mas uma coisa sempre me amparou com segurança e amor: minha família. Não entendo como família apenas aquelas pessoas que estou filiado por relações consanguíneas, mas toda a minha rede de apoio e proteção formada

por parentes e amigos/as. Sem a minha família, eu não conseguiria chegar até aqui, por isso dediquei essa tese para vocês e gostaria de agradecer a cada um nominalmente.

Primeiramente, agradeço à minha tia-avó Theresinha Viana que sempre esteve ao meu lado me guiando e auxiliando nos estudos. Obrigado, Titia, por ter me ensinado a importância do hábito da leitura, de buscar sempre mais conhecimento e amar as nossas raízes. Durante todo o tempo que estive sob seu amparo e de minha mãe, não lembro de ter vivido um dia sequer sem que a cidade onde nascemos, Caicó-RN, tenha sido exaltada e lembrada, mesmo que nós estejamos vivendo a quilômetros de distância de lá há décadas. Para nossa família, Caicó é o centro do mundo. Obrigado por tudo e por todos os ensinamentos, Titia. Espero poder sempre retribuir dando alegria e orgulho para a senhora.

Minha mãe, Maria José (Mariquinha), é uma peça rara, uma artista da vida. Sinto saudades da minha infância quando eu e minha irmã passávamos horas sentados em seu colo na cadeira de balanço disputando quem dava e ganhava mais cheiros e abraços da senhora. Obrigado por sentir quando estou feliz ou triste sem eu precisar dizer uma só palavra. Agradeço pela preocupação, pelo cuidado e por torcer sempre por mim.

Minha irmã, Míryam, e meu irmão, Moisés, obrigado pela presença em minha vida, pelas histórias compartilhadas, pelas discussões e reconciliações. Míryam sempre foi minha parceira, dividia comigo brinquedos, amigos/as e “arengas” na infância, e hoje já amadurecidos sinto que dividimos muito mais amor. Obrigado, minha irmã. Moisés, mesmo à distância nunca parei de pensar em você. Você é a parte da nossa família que nunca conseguiu se afastar fisicamente por muito tempo de Caicó, mas sempre estará próximo a mim em sentimento.

Obrigado também à Rosa, minha roseira, que me viu crescer e permanece junto à nossa família em todos os momentos.

Quero agradecer imensamente à minha companheira de vida, Mikelly. Desde os nossos primeiros momentos juntos decidimos ser morada um do outro e assim seguimos. Obrigado por estar sempre me apoiando e incentivando, por ser sempre a minha primeira leitora nos textos que escrevo e por ser do jeitinho que você é: rara. Amo você demais.

Graças a Mikelly fui apresentado com a sua família, a qual hoje com muita alegria posso dizer que também pertencço. Por isso, gostaria de agradecer à Mikarla, minha cunhada e amiga, por me ensinar que o tempo que antecede um abraço e um sorriso vale a pena. Obrigado pela preocupação comigo, pelo carinho e pelas brincadeiras. Assim como

sei que você torce por mim, eu torço muito pela sua felicidade. Também gostaria de agradecer à dona Nalva, minha sogra, por ser uma guerreira sorridente, por sempre ter me acolhido tão bem e ser um exemplo de força, cuidado com os outros e perseverança.

Seu Pedro, obrigado pelas conversas no quintal, por compartilhar suas histórias de marinheiro e por mostrar que o amor se constrói com companheirismo, assim como o senhor dedica à dona Porcina. Dona Porcina, a sua fragilidade misturada com esperteza para fugir de tomar os remédios encanta todo mundo. Com seus mais de 90 anos já vividos, eu só posso agradecer em ter tido a oportunidade de conhecê-la e presenciado a sua existência.

À Mikaely e Klebson, muito obrigado pelas risadas, conversas e momentos de descontração. Mika, você ser uma gargalhada em forma de gente e apaixonada pelo trabalho é algo admirável. Só não gosto quando você quer roubar minhas coxinhas nas festas de aniversário (risos). Klebson, a sua história de vida me ensinou muita coisa, mas a mais importante lição foi que a gente sempre tem a chance de continuar e seguir em frente. Obrigado a vocês dois por tudo.

À Magnólia, Cecília e Eduardo, obrigado também pelo carinho. As nossas reuniões familiares são mais alegres quando vocês estão conosco. Foi Magnólia que trouxe a nossa família a presença do menino Bernardo, meu sobrinho do coração. Espero que um dia ele entenda como os seus abraços apertados fazem a diferença. Obrigado, Bê.

A parceria de vida com Mikelly também me possibilitou a presença frequente de Carol, uma boa amiga, apaixonada pela vida e por política, e com quem compartilhei muitos sorrisos e também algumas lágrimas. Nos últimos anos senti algumas de suas vitórias como minhas vitórias e algumas de suas perdas como minhas perdas. Sei que você sentirá alegria com a minha conquista, por isso, muito obrigado.

Obrigado a Danilo Garcia, meu primo e melhor amigo, por sempre estar comigo e por você e Ana Paula terem concebido Guilherme, essa lindeza e inteligência materializada em um corpo de criança.

Aos meus amigos, Rodrigo Sérvulo e Rodrigo Romano, agradeço por há anos manter contato diário com vocês, discutindo política e encontrando motivos para sorrir em um mundo tão conturbado.

Gostaria de agradecer também a Tarcísio Pinheiro, meu parceiro na jornada do mestrado e doutorado, e quem costumo chamar de amigo-presente. Dividir com você a angústia de escrever uma tese em meio a uma pandemia de Covid-19 deixou o processo

menos árduo. Eu fico imensamente feliz com cada conquista sua e guardarei sua amizade para sempre no coração.

À todas as pessoas que construíram e mantêm até hoje o Núcleo Tirésias da UFRN vivo, obrigado. O Tirésias foi um espaço de formação muito importante para mim, onde pude aprender e contribuir de diferentes maneiras. Foi no grupo de estudos do Núcleo Tirésias, coordenado pelo professor Vladimir Félix em 2014, que me aproximei da obra de Gilles Deleuze, Félix Guattari, da crítica decolonial e do método cartográfico. Obrigado, professor Vladimir, por se dispor a compartilhar sua sabedoria de uma forma muito delicada e por sempre me incentivar no mundo acadêmico. Gostaria também de agradecer aos amigos Paulo Victor, Allyson Moreira e Felipe Américo por representarem constância e resistência no Núcleo Tirésias, e por sempre me oferecerem um abraço fraterno, muitas conversas animadas e apoio.

Agradeço imensamente às pessoas que aceitaram colaborar com a pesquisa e retornaram as minhas correspondências, nomeadamente: Felipe Demetri, Karla Bessa, Juliana Jayme, Sara Wagner York e Keila Simpson.

Gostaria de agradecer à Banca de avaliação pela disponibilidade em examinar a tese, ao Programa de Pós-graduação em Ciências da UFRN, especialmente, aos técnicos administrativos Jefferson e Otânio, e à CAPES por ter me oportunizado bolsa-auxílio de custo durante a maior parte do período do curso de doutorado.

Por fim, quero lembrar (*in memoriam*) das pessoas que ficariam imensamente felizes e orgulhosas se soubessem que estou passando por mais uma etapa da minha trajetória acadêmica: minhas avós Altamira e Floriza, e meu padrinho Eli Garcia. Obrigado por terem feito parte da minha vida.

[...] proponho nos lembrarmos de que o termo queer não designa identidade, mas aliança, e é um bom termo para ser invocado quando fazemos alianças difíceis e previsíveis na luta por justiça social, política e econômica.

(BUTLER, 2018, p. 79)

[...] Daí a tripla definição de escrever: escrever é lutar, resistir; escrever é vir-a-ser; escrever é cartografar, “eu sou um cartógrafo...”

(DELEUZE, p. 53, 2006)

RESUMO

A tese trata de uma investigação sobre como se deu a recepção da teoria *queer* e, especialmente, da obra de Judith Butler no Brasil. Para tanto, foi elucidado como os conceitos explorados por Butler foram importantes para o desenvolvimento dos estudos *queer* e como a sua incorporação no país tornou possível conceber novos olhares sobre categorias de análise para as Ciências Sociais brasileiras. Metodologicamente, o trabalho é de caráter bibliográfico e adota uma postura cartográfica baseada nas contribuições de Deleuze & Guattari (1995), Guattari & Rolnik (1996), Rolnik (2011), Eduardo Passos, Virginia Kas-trup e Liliana da Escóssia (2009) a fim de desvelar as possibilidades de antropofagização do pensamento de Butler e da teoria *queer* no Brasil. A pesquisa possibilitou, por meio de uma exploração no Banco de Teses e Dissertações da CAPES e na Plataforma *Scielo*, traçar um mapa rizomático dos estudos *queer* e butlerianos em solo brasileiro e visibilizar produções originais que dialogaram com o *queer* no país de forma pioneira. Com isso, a tese visa contribuir para o debate sobre como as possíveis tensões, rupturas e problemáticas propostas pelo pensamento de Butler e pelos estudos *queer* podem ser relevantes para as discussões sobre relações de gênero, sexualidades, violência, precariedade, vulnerabilidade e reconhecimento.

Palavras-chave: Judith Butler; estudos *queer*; cartografia; Ciências Sociais.

ABSTRACT

The thesis deals with an investigation about how queer theory was received and, especially, Judith Butler's work in Brazil. Therefore, it was elucidated how the concepts explored by Butler were important for the development of queer studies and how their incorporation in the country made it possible to conceive new perspectives on analysis categories for Brazilian Social Sciences. Methodologically, the work is bibliographic and adopts a cartographic posture based on the contributions of Deleuze & Guattari (1995), Guattari & Rolnik (1996), Rolnik (2011), Eduardo Passos, Virginia Kastrup and Liliana da Escóssia (2009) in order to unveil the possibilities of anthropophagy of Butler's thought and queer theory in Brazil. The research made it possible, by means of an exploration in the Bank of Theses and Dissertations of CAPES and in the Scielo Platform, to draw a rhizomatic map of queer and butlerian studies in Brazilian soil and to show original productions that dialogued with queer in the country in a pioneering way. Thus, the thesis aims to contribute to the debate on how the possible tensions, ruptures and problems proposed by Butler's thinking and by queer studies can be relevant to discussions on gender relations, sexualities, violence, precariousness, vulnerability and recognition.

Keywords: Judith Butler; queer studies; cartography; Social Sciences.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 –	Lista de Universidades que correspondem a 36,1% das citações à Judith Butler no Brasil.....	99
Tabela 2 –	Lista de Universidades que correspondem a 10,5% das teses catalogas pelo termo “ <i>queer</i> ”	122
Tabela 3 –	Lista de Universidades que correspondem a 16,5% das teses catalogas pelo termo “ <i>queer</i> ”	122

LISTA DE IMAGENS E FIGURAS

Figura 1 –	Nuvem de palavras dos programas de pós-graduação de origem das teses.....	101
Figura 2 –	Nuvem de palavras dos programas de pós-graduação de origem das teses.....	124

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 –	Número de teses de doutorado que citam Judith Butler por região.....	97
Gráfico 2 –	Universidades de origem das teses defendidas que citam Judith Butler.....	98
Gráfico 3 –	Curva de crescimento das teses de doutorado que citam Judith Butler no Brasil.....	102
Gráfico 4 –	Número de artigos publicados em cada periódico científico no Brasil.....	113
Gráfico 5 –	Artigos separados por áreas temáticas.....	114
Gráfico 6 –	Curva de crescimento dos artigos científicos que citam Judith Butler no Brasil.....	115
Gráfico 7 –	Número de teses de doutorado catalogadas pelo termo “ <i>queer</i> ” por região.....	120
Gráfico 8 –	Universidades de origem das teses catalogadas pelo termo “ <i>queer</i> ”	121
Gráfico 9 –	Curva de crescimento das teses de doutorado catalogadas pelo termo “ <i>queer</i> ” no Brasil	125
Gráfico 10 –	Número de artigos publicados em cada periódico científico no Brasil.....	132
Gráfico 11 –	Artigos separados por áreas temáticas.....	133
Gráfico 12 –	Curva de crescimento dos artigos científicos por ano de publicação.....	134

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO	18
1.1 - A cartografia como estratégia metodológica para explorar o campo de estudos <i>queer</i>	22
1.2 - Paisagem panorâmica da tese	28
CAPÍTULO I – JUDITH BUTLER: UMA CARTÓGRAFA DO GÊNERO?	32
2.1 - Discutindo gênero com Judith Butler	33
2.2 - “[...] <i>Construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas</i> ”	42
2.3 - “ <i>E quanto à materialidade do corpo, Judy?</i> ”	47
2.4 - Pensando os processos de humanização e desumanização	53
2.5 - Butler, uma nova cartógrafa?	55
2.6- Sobre as não-rupturas	57
CAPÍTULO II – O PENSAMENTO DE BUTLER NO BRASIL: MÚLTIPLAS ENTRADAS	61
3.1 - Cartografando platôs <i>queer</i> no Brasil	77
CAPÍTULO III – MAPA DOS ESTUDOS <i>QUEER</i> NO BRASIL: UM EXPERIMENTO RIZOMÁTICO	90
4.1 - Labirinto de Butler	95
4.1.1 - As teses	95
4.1.2 - Os Artigos	110
4.2 - Labirinto <i>queer</i>	118
4.2.1 - As teses	118
4.2.2 - Os Artigos	130
4.3 - Outros Caminhos	138
CAPÍTULO IV – JUDITH BUTLER NO PELOURINHO E O BANQUETE ANTROPOFÁGICO <i>QUEER</i> TUPINIQUIM	148
5.1 - <i>Tupi, or not tupi that is the question</i>	151
5.2 - Tropicalismo <i>queer</i>	156
5.3 - No “ <i>cu</i> ” do mundo	159
5.4 - Estudos/ativismos transviados: do heteroterrorismo ao transfeminicídio	163
5.5 - Entre flertes, transas e as perfechatividades de gênero	167
5.6 - Sobre o Transfeminismo e as guerrilheiras do pensamento	171
CAPÍTULO V – BUTLER DES-RE-TERRITORIALIZADA	180
6.1 - Territórios de reconhecimento	182
6.2 - O <i>queer</i> nômade	186
6.3 - Traduzindo a travessia	189
EXCURSO – LUTO, RECONHECIMENTO E VULNERABILIDADE EM TEMPOS DE PANDEMIA.	196
7.1 - A virada interpelativa e as estratégias de dessubjetivação crítica no Brasil	201
8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS	207

REFERÊNCIAS	213
ANEXOS	233

1. INTRODUÇÃO

Brasil, outubro de 2017. Semanas antes da vinda de Judith Butler para o país, uma petição *online* anônima foi criada¹ reivindicando o cancelamento de sua palestra no evento “Os fins da Democracia”² e alcançou a marca de mais de 360 mil assinaturas. O texto da petição classificava Butler como sendo a promotora da “ideologia de gênero”, entendida pelos autores anônimos como uma proposta nefasta e perigosa para as crianças e o futuro do Brasil.

Judith Butler não é bem-vinda no Brasil! Nossa nação negou a ideologia de gênero no Plano Nacional de Educação e nos Planos Municipais de Educação de quase todos os municípios. Não queremos uma ideologia que mascara um objetivo político marxista. Seus livros querem nos fazer crer que a identidade é variável e fruto da cultura. A ciência e, acima de tudo, a realidade nos mostram o contrário.

Sua presença em nosso país num simpósio comunista, pago com dinheiro de uma fundação internacional, não é desejada pela esmagadora maioria da população nacional.

Zelamos pelas nossas crianças e pelo futuro do Brasil. #ForaButler (CITIZENGO, 2017)³.

No dia da palestra de Butler dois grupos se concentraram na frente do Sesc Pompeia (um grupo a favor de Butler e outro contra). O grupo contrário a Butler segurava cartazes como “menino nasce menino #XôJudith”, “Não à ideologia de gênero” e “Meus filhos, minhas regras”⁴. O grupo ainda chegou a queimar um boneco vestido de bruxa e que continha no rosto a foto de Judith Butler. Já, o grupo pró-Butler (em maior número) segurava cartazes com dizeres como “Bem vinda, Butler” e pretendiam fazer um cordão de proteção a Butler⁵.

Após o fim do seminário, quando Butler e sua companheira, Wendy Brown, tentavam embarcar no Aeroporto de Congonhas, em São Paulo, ainda foram hostilizadas por

¹ A petição online foi criada por meio do site CitizenGo. Disponível em: < <https://www.citizenngo.org/pt-pt/node/108060>? > acesso em 17 jan. 2018.

² Seminário Internacional organizado pela própria Butler e por professores do departamento de Filosofia da Universidade de São Paulo, entre os dias 07 e 09 de novembro de 2017, no Sesc/Pompeia em São Paulo.

³ CANCELAMENTO da palestra de Judith Butler no Sesc Pompeia. CitizenGo, Madrid/Espanha, 26 out. 2017. Disponível em: < <https://www.citizenngo.org/pt-pt/node/108060>? > acesso em 17 jan. 2018.

⁴ Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protetam-no-sesc-pompeia.shtml> > acesso em 17 jan. 2018.

⁵ Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protetam-contra-filosofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm> > acesso em 17 jan. 2018.

manifestantes. Uma mulher segurando um cartaz perseguiu as duas pelo saguão do aeroporto proferindo xingamentos e tentando empurrar as duas com o cartaz⁶. Dias depois, Butler chegou a escrever sobre sua passagem pelo Brasil. A autora, dentre outras coisas, afirmou:

Desde o começo, a oposição à minha presença no Brasil esteve envolta em uma fantasia. Um abaixo-assinado pedia ao Sesc Pompeia que cancelasse uma palestra que eu nunca iria ministrar. A palestra imaginária, ao que parece, seria sobre “gênero”, embora o seminário planejado fosse dedicado ao tema “Os fins da democracia” (“The ends of democracy”). Ou seja, havia desde o início uma palestra imaginada ao invés de um seminário real, e a ideia de que eu faria uma apresentação, embora eu estivesse na realidade organizando um evento internacional sobre populismo, autoritarismo e a atual preocupação de que a democracia esteja sob ataque.

Não sei ao certo que poder foi conferido à palestra sobre gênero que se imaginou que eu daria. Deve ter sido uma palestra muito poderosa, já que, aparentemente, ela ameaçou a família, a moral e até mesmo a nação.

[...] Talvez o foco em “gênero” não tenha sido, no final, um desvio da pergunta de nosso seminário: quais são os fins da democracia?

Quando violência e ódio se tornam instrumentos da política e da moral religiosa, então a democracia é ameaçada por aqueles que pretendem rasgar o tecido social, punir as diferenças e sabotar os vínculos necessários para sustentar nossa convivência aqui na terra.

Eu vou me lembrar do Brasil por todas as pessoas generosas e atenciosas, religiosas ou não, que agiram para bloquear os ataques e barrar o ódio.

São elas que parecem saber que o “fim” da democracia é manter acesa a esperança por uma vida comum não violenta e o compromisso com a igualdade e a liberdade, um sistema no qual a intolerância não se transforma em simples tolerância, mas é superada pela afirmação corajosa de nossas diferenças.

Então todos começaremos a viver, a respirar e a nos mover com mais facilidade e alegria – é esse o objetivo maior da corajosa luta democrática que tenho orgulho de integrar: nos tornarmos livres, sermos tratados como iguais e vivermos juntos sem violência (BUTLER, 2017)⁷.

A pergunta que fica a partir do acompanhamento desses episódios é: o que Judith Butler, uma autora estadunidense que não reside no Brasil, fez, falou ou escreveu para

⁶ Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas> > acesso em 17 jan. 2018.

⁷ BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. Folha de São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escrevesobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml> > acesso em 17 jan. 2018.

que a sua presença em solo brasileiro fosse tão temida, classificada como perigosa para a nação e rejeitada por determinadas pessoas no Brasil?

Judith Butler é doutora em filosofia pela Universidade de Yale/EUA e professora do Departamento de Retórica e Literatura Comparada da Universidade de Berkeley/EUA. Suas reflexões têm provocado desdobramentos em diferentes campos do conhecimento, como a teoria feminista, os estudos da linguagem e literatura, a psicanálise, os estudos de gênero e a teoria *queer*. Butler ganhou destaque internacional a partir da sua obra *Problemas de Gênero: Feminismo e subversão da identidade* – publicada, originalmente, em inglês em 1990 e traduzido para o português em 2003 – que é considerado o principal livro da autora e onde Butler interroga o conceito de identidade produzido sobre a matriz das normas de gênero coerentes à heterossexualidade para subverter a figura da mulher como “verdadeira” sujeita do feminismo.

Para realizar essa tarefa, Butler desestabilizou a teoria feminista clássica que enxergava a mulher como um construto cultural instituído sobre um corpo sexuado naturalmente dado. A autora também expôs a possibilidade de entender o rompimento da linha compulsória imposta pela matriz heterossexual (sexo, gênero, sexualidade), que só confere inteligibilidade de gênero a um sujeito se um indivíduo nasce com um pênis, é reconhecido homem e deseja mulheres ou se uma pessoa nasce com uma vagina, é reconhecida como mulher e deseja homens. Nessa obra, Butler descreve o sujeito como um construto performativo atravessado pela linguagem e pelas relações de poder. Por isso, é importante ressaltar a influência na obra de Butler da teoria dos atos de fala de John Austin e as posteriores considerações de Jacques Derrida sobre a citacionalidade, assim como também, as ponderações de Michel Foucault sobre o modelo de poder reticular (FEMÍNIAS, 2003; SALIH, 2012). Com isso, as ponderações de Butler provocaram uma virada nos estudos de gênero e impulsionaram o crescimento da teoria *queer* na academia.

É importante apresentar também o significado do termo *queer* na língua inglesa e como a teoria *queer* passou a ser entendida em um sentido político e de exercício intelectual. Guacira Lopes Louro (2001) afirma que:

Queer pode ser traduzido por estranho, talvez ridículo, excêntrico, raro, extraordinário. Mas a expressão também se constitui na forma pejorativa com que são designados homens e mulheres homossexuais. Um insulto que tem, para usar o argumento de Judith Butler, a força de uma invocação sempre repetida, um insulto que ecoa e reitera os gritos de muitos grupos homófobos, ao longo do tempo, e que, por isso, adquire força, conferindo um lugar discriminado e abjeto àqueles a quem é dirigido. Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é

assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, *queer* significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade; mas não escaparia de sua crítica a normalização e a estabilidade propostas pela política de identidade do movimento homossexual dominante. *Queer* representa claramente a diferença que não quer ser assimilada ou tolerada e, portanto, sua forma de ação é muito mais transgressiva e perturbadora (LOURO, 2001, p. 546).

Vale ressaltar que Butler não deu origem à teoria *queer*, mas sua obra foi e ainda é compreendida como um marco histórico para o avanço dos estudos *queer* na academia (RODRIGUES, 2005), ao lado de obras de outros autores, como por exemplo, Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Teresa de Lauretis e Michael Warner (MISLOLCI, 2009), além, de Paul B. Preciado e Sam/Marie-Hélène Bourcier. Entretanto, as problematizações propostas por Butler (2003) sobre a desconstrução da veiculação biologizante entre gênero, corpo e desejo, além do evidenciamento da matriz heterossexual como uma ordem social capaz de classificar as identidades de gênero dos sujeitos como inteligíveis ou ininteligíveis, foram as principais problemáticas que forneceram à teoria *queer* os alicerces teóricos e conceituais para a sua expansão.

Considerando todos esses apontamentos, a presente proposta de tese pretende investigar como se deu a recepção da teoria *queer* e, especialmente, da obra de Judith Butler no Brasil na área das ciências sociais⁸, tendo como questão central de pesquisa a seguinte pergunta: como os estudos *queer* e a obra de Judith Butler produziram rupturas e desdobramentos nos estudos de gênero e sexualidades no Brasil?

Para responder tal questão, entende-se que se faz necessário, primeiramente, elucidar como os conceitos explorados por Butler foram cruciais para o desenvolvimento dos estudos *queer* e como a sua inclusão no Brasil tornou, provavelmente, possível visibilizar novos olhares sobre objetos e categorias de análise para as ciências sociais brasileiras. A partir dessa questão central de pesquisa, indagações secundárias surgiram como

⁸ A proposta da pesquisa é estudar as repercussões da teoria *queer* nas Ciências Sociais brasileiras (sociologia, antropologia e ciência política), mas com o decorrer da investigação foi percebido que a incorporação da teoria *queer* no Brasil extrapola uma área do conhecimento específica, por isso, em algumas passagens da tese serão abordados estudos que não são oriundos das ciências sociais, mas de uma grande área do conhecimento, no caso, as Ciências Humanas, entendida aqui assim como a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) realiza suas avaliações. Página sobre as áreas de avaliação da CAPES disponível em: <<http://capes.gov.br/avaliacao/sobre-as-areas-de-avaliacao>> acesso em 25 nov. 2017.

imediatas, como, por exemplo: como os trabalhos pioneiros sobre estudos de gênero e sexualidade se utilizaram teórico-metodologicamente das ponderações de Judith Butler e da teoria *queer* nas ciências sociais brasileiras? E como se deu o avanço dos estudos *queer* nas ciências sociais no Brasil? Para abordar esses pontos, pretende-se: a) Rastrear os itinerários de entrada e as apropriações da obra de Butler e da teoria *queer* em terras tupiniquins; b) Traçar um mapa dos estudos *queer* no Brasil.

Também será revelada na parte final da tese, a intenção de problematizar a teoria *queer* com os estudos decoloniais, a fim de desvelar as possibilidades de antropofagização do pensamento de Butler e da própria teoria *queer* nas ciências sociais brasileiras, assim como também abordar a corrente de pensamento transfeminista como um possível desdobramento dos estudos *queer* e a repercussão das traduções de obras de Butler que não tratam, especificamente, sobre as questões de gênero e sexualidade.

Com isso, o trabalho de pesquisa almeja alcançar e trilhar os atravessamentos, encaixes e apropriações teóricas, conceituais e temáticas propostos por Judith Butler e os estudos *queer* em obras, teses e dissertações na área das Humanidades no Brasil, a fim de verificar e esclarecer se e/ou como a teoria *queer* pode ser entendida como um campo de estudo nas ciências sociais brasileiras.

1.1 - A cartografia como estratégia metodológica para explorar o campo de estudos *queer*

Para conseguir cumprir com o desafio de investigar, explorar, coletar dados, problematizar e gerar resultados sobre a recepção da obra de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil vários caminhos foram percorridos. Alguns trajetos foram abertos, ganharam contorno e foram seguidos até o fim da pesquisa; outros foram descobertos, até certo ponto trilhados, mas de alguma maneira abandonados. Por isso, no decorrer do texto serão mobilizadas e atravessadas diferentes técnicas de pesquisa que miraram abranger o universo de possibilidades ocasionado pela questão central da pesquisa.

Judith Butler é uma pensadora que parece não ter um método de escrita bem definido e parece também não se preocupar tanto com esse ponto. Em suas obras, a autora costuma lançar problemas, e é preciso diferenciar problemas/questões de perguntas/inter-

rogações. Os problemas que Butler geralmente apresenta em seus livros, artigos, entrevistas e conferências parecem não ser simples perguntas soltas jogadas ao vento sem qualquer intenção de uma resposta, apesar de ser perceptível que a autora não é adepta da formalidade de responder todas as questões que oferece.

Gilles Deleuze (PARNET, 1994)⁹ atentou para a diferença entre uma interrogação e uma questão. Para ele algumas perguntas não são questões ou problemas, mas apenas interrogações, como por exemplo: “como vai você?” ou “você acredita em Deus?”. Questões ou problemas em filosofia, de acordo com Deleuze, remetem a outras questões, a um campo de outras reflexões que podem ser elaboradas a partir do problema inicial. São esses tipos de questões ou problemas que Butler parece fazer uso na forma de construir seu pensamento. Ao questionar: “o que é uma mulher?”, ela fez surgir outros problemas que sacudiram as ideias essencialistas, que visualizaram um regime de inteligibilidade de gênero, que redirecionaram as lentes das teorias feministas e da indagação filosófica da ontologia do gênero. Digo isso, porque aflorou como um obstáculo na pesquisa a empreitada de realizar uma investigação que tem por objetivo examinar as genealogias, as transformações e os fins de um campo de estudo tentando fugir das meras interrogações e pretendendo enxergar os problemas.

No primeiro momento, a exploração se concentrou em como navegar por um oceano de dados. Como todo o trabalho é de caráter bibliográfico, então se deu preferência o enfoque na leitura e análise de textos teóricos. Para realizar essa tarefa foram mobilizados os esclarecimentos sobre análise de conteúdo, tal como descrito por Roberto Jarry Richardson (2012), que consistem nas seguintes etapas: pré-análise, análise do material e tratamento dos resultados.

A pré-análise, de acordo com o autor, se divide em dois passos. O primeiro é a leitura do material, que foi o ponto de partida da pesquisa, onde se pretendeu ler os livros que contribuíram para a expansão da teoria *queer* no Brasil, como por exemplo, as obras de Butler (2002; 2003; 2006), Eve K. Sedgwick (2007) Guacira Louro (1999; 2001), Benice Bento (2006), Richard Miskolci (2009) e outros/as autores/as, assim como investigar os trabalhos de teses e artigos publicados nos últimos anos no Brasil na área das Ciências Humanas que abordaram a obra de Butler e se utilizaram do aporte teórico *queer*.

⁹ PARNET, C. O abecedário de Gilles Deleuze. Entrevista por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang. 1994. (Texto digitado). Disponível em: < <https://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf> > acesso em 20 mai. 2020.

Já, o segundo passo é a escolha do material: esta foi a fase que se recolheu e organizou todas as informações que pudessem colaborar para a resolução do problema da pesquisa e para que se alcançasse os objetivos do projeto. Sendo assim, foi preciso selecionar as obras, artigos e teses que foram julgadas como de interesse e úteis para a pesquisa.

A segunda etapa é a análise do material, esta foi a fase da pesquisa onde as informações recolhidas e relacionadas nos passos anteriores foram codificadas em unidades de conteúdo/análise com a finalidade de traçar um mapa dos estudos *queer* no Brasil, rastreando o avanço e como as teses defendidas em universidades brasileiras disponibilizadas no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, e os artigos publicados em periódicos na área de Ciências Humanas disponíveis na *Scielo* trabalharam as categorias analíticas propostas por Butler e pela teoria *queer*.

A terceira etapa é o tratamento dos resultados, segundo Richardson (2012) é a última fase da pesquisa e a mais importante, pois consiste no exercício central proposto pelo projeto inicial, ou seja, a partir dos dados recolhidos, realizar inferências que permitem perceber e responder a questão central da tese. A primeira e a segunda etapas são visíveis, principalmente, na leitura do primeiro, segundo e terceiro capítulo do presente texto. Entretanto, compreendo que o tratamento dos resultados é composto por toda a tese, e por isso apenas a análise de conteúdo como técnica de pesquisa não foi suficiente. Durante a investigação informações de diferentes fontes foram colhidas, fontes acadêmicas e não acadêmicas, textuais e audiovisuais, poéticas e sonoras, construídas a partir da minha narrativa e interpretação ou do relato de outros/as autores/as que se tornaram colaboradores/as da pesquisa. O que houve, em certo sentido, foi uma devoração.

Uma devoração de técnicas, conteúdos, linguagens, sons, memórias, rastros, conceitos, afetações. Por isso, a cartografia, como abordada por Deleuze & Guattari (1995), Guattari & Rolnik (1996), Rolnik (2011) e Eduardo Passos, Virginia Kastrup e Liliana da Escóssia (2009) surgiu como prática de pesquisa, isto é, a cartografia foi incorporada como método e como um fio condutor do trabalho.

Para os geógrafos, a cartografia – diferentemente do mapa: representação de um todo estático – é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem. A cartografia, nesse caso, acompanha e se faz ao mesmo tempo que o desmanchamento de certos mundos – sua perda de sentido – e a formação de outros mundos: mundos que se criam para expressar afetos contemporâneos, em relação aos quais os universos vigentes tornaram-se obsoletos.

Sendo tarefa do cartógrafo dar língua para afetos que pedem passagem, dele se espera basicamente que esteja mergulhado nas intensidades do

seu tempo e que, atento às linguagens que encontra, devore as que lhe parecerem elementos possíveis para a composição das cartografias que se fazem necessárias. O cartógrafo é, antes de tudo, um antropófago (ROLNIK, 2011, p. 23).

Foi crucial assumir uma postura cartográfica na forma de elaborar o trabalho de investigação devido a percepção de que por mais que parecesse que o campo de pesquisa era restrito às produções bibliográficas *queer* em solo brasileiro, o conjunto dessas produções parece ter tido a capacidade de movimentar atmosferas, ou seja, de interferir com a realidade social do Brasil em diferentes frentes como a arte, a música, a política, a publicidade e o consumo de produtos comercializáveis, por exemplo. Para que a escrita da tese encontrasse algum sentido se tornou necessário bater em diversas portas, entrar em diferentes espaços e se deixar afetar pelos inúmeros descobrimentos ocasionados pela viagem exploratória. Algo inspirado nas ponderações de Passos, Kastrup e Escóssia (2009) sobre o exercício de transformar durante a pesquisa o *metá-hódos* em *hódos-metá*.

Em um sistema acêntrico, como conceber a direção metodológica? A metodologia, quando se impõe como palavra de ordem, define-se por regras previamente estabelecidas. Daí o sentido tradicional de metodologia que está impresso na própria etimologia da palavra: *metá-hódos*. Com essa direção, a pesquisa é definida como um caminho (*hódos*) predeterminado pelas metas dadas de partida. Por sua vez, a cartografia propõe uma reversão metodológica: transformar o *metá-hódos* em *hódos-metá*. Essa reversão consiste numa aposta na experimentação do pensamento – um método não para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude (PASSOS; KASTRUP; ESCÓSSIA, p. 10-11).

A cada capítulo da tese a direção metodológica é colocada em jogo, ou seja, é exposto o problema e o caminho que foi tomado para tentar encontrar a resposta da questão. Na maioria dos capítulos foi usado uma técnica que nomeei como o projeto das *Correspondências queer*. Ao perceber que a pesquisa bibliográfica também não era totalmente satisfatória resolvi tentar entrar em contato com outros/as pesquisadores/as sobre a obra de Butler ou a teoria *queer* para trocar opiniões, coletar informações sobre épocas e episódios que não participei e nem foram descritos em lugar nenhum. Cada correspondência *queer* era enviada via *e-mail* após um primeiro contato que geralmente se deu também por *e-mail* ou através de alguma rede social, como o *Whatsapp* ou o *Facebook*. Foram enviadas mais de uma dezena de correspondências, nem todas foram respondidas.

Cada carta continha perguntas específicas pensadas e escritas para cada potencial colaborador/a baseadas na minha leitura das produções acadêmicas ou atuações no movimento social na área de gênero e sexualidades no Brasil¹⁰. As *Correspondências queer* foram uma forma que encontrei de manter-me em contato com o campo mesmo fazendo uma pesquisa de cunho teórico e bibliográfico através do compartilhamento de *afetações*¹¹.

Outros autores que fazem uso do aporte teórico-conceitual em seus escritos também já manejaram ou flertaram com a cartografia como um método de pesquisa, é o caso, por exemplo, de Paul B. Preciado (2017) que propõe uma cartografia *zorra* como uma prática metodológica e *queer* para pensar a arquitetura, a visibilidade e a circulação dos corpos dissidentes de gênero e sexualidades em diferentes espaços públicos e privados como atos performativos capazes de mobilizar a construção e desconstrução da representação e da identidade.

A proposta de Adriano de León (2012) também aponta para uma outra forma de entendimento e incorporação de uma postura de pesquisa inspirada na teoria *queer*, que ele denomina de metodologia *anarcoqueer*.

A metodologia anarcoqueer lida com táticas, com fluxos desejantes, com estratégias do sujeito e seu desejo. Cada investigação é singular. Assim, o método é construído nessa singularidade e só serve naquele momento. Não se difunde em manuais, mas tão somente na descrição daquela investigação. É híbrido e provisório. É uma afetação pelo outro e o deixar-se ser afetado. Um método nu (LÉON, 2012, p. 232-233).

A ideia de um método nu e o deixar-se ser afetado parecem combinar com a perspectiva cartográfica, porém é importante atentar para como uma escrita cartográfica pode se inserir em um terreno dominado pelo rigor científico. Nesse ponto, Jack Halberstam (2008) pondera sobre o relacionamento de uma metodologia *queer* e as ferramentas tradicionais de investigação das ciências sociais. O autor argumenta que algumas estratégias de pesquisa não são totalmente coerentes quando se almeja estudar o campo das relações de gênero e sexualidades, principalmente as experiências que estão fora do domínio heteronormativo, como por exemplo, quando o cientista social desconsidera a falta de sinceridade da pessoa entrevistada no que diz respeito à narrativa da sexualidade. Mesmo assim, ele sinaliza como importante o uso de questionários ou formulários em algumas etapas de pesquisa para coletar informações mais objetivas. Entretanto, para Halberstam

¹⁰ Todos/as os/as colaboradores/as de pesquisa aceitaram ter o nome publicado no corpo do texto.

¹¹ Spinoza *apud* Deleuze (2002) e Deleuze & Guattari (1992; 1995).

(2008), explorar o campo do gênero e do exercício das sexualidades parece apontar para uma tarefa muito mais subjetiva do que objetiva, e que para ele requer a proposição de uma metodologia *queer*.

Una metodología queer es, en cierto sentido, una metodología carroñera, que utiliza diferentes métodos para recoger y producir información sobre sujetos que han sido deliberada o accidentalmente excluidos de los estudios tradicionales del comportamiento humano. La metodología queer trata de combinar métodos que a menudo parecen contradictorios entre sí y rechaza la presión académica hacia una coherencia entre disciplinas (HALBERSTAM, 2008, p. 34-35).

Essa ideia de metodologia *queer* de Halberstam (2008) também sugere o abandono de um olhar analítico normativo sobre as experiências de gênero e sexualidades dissidentes, algo que também é apontado por André Luiz dos Santos Paiva e Antônio Vladimir Félix-Silva (2014) quando realizaram uma carto-etnografia *queer* no estudo das relações entre as experiências trans e as políticas de saúde, e observaram a relevância na prática de uma observação participante de uma análise das afetações promovidas no campo de pesquisa, tendo em vista uma não categorização dos processos de subjetivação a partir de um referencial heteronormativo.

Todas essas perspectivas metodológicas por mais que se diferenciem em algum ponto parecem mirar o mesmo quadro, isto é, a derrubada de preconceitos sobre a origem das informações que serão coletadas na investigação, o cruzamento de técnicas de pesquisa e a elaboração de uma análise que reconhece a subjetividade do pesquisador e do sujeito/grupo/fenômeno pesquisado, e que pretende se inserir nesse espaço intersubjetivo.

Diante disso, é preciso elencar alguns aspectos que parecem ser fulcrais para o entendimento da proposta desse trabalho. O primeiro deles é que a presente tese não aborda apenas a contribuição filosófica de Judith Butler, pelo fato de, a partir de um ângulo cartográfico, se tem a percepção da incapacidade de rastreamento total da herança teórica de uma autora que ainda está produzindo a todo vapor. O segundo aspecto é o reconhecimento que o *queer* no Brasil não é algo homogêneo, por isso se fez uso de diferentes técnicas para tentar alcançar enxergar os diversos tentáculos *queer* no Brasil e também por isso preferi mencionar na maioria das vezes no decorrer do texto a expressão “estudos *queer*” para deixar explícito de que se trata de uma pluralidade de produções. Por último, para não cair nas armadilhas de uma escrita normativa que tem como interesse apagar critérios subjetivos para o afloramento de uma suposta ciência mais objetiva e

imparcial possível, reconheço a influência das fronteiras impostas pelos marcadores sociais da diferença no ato de pesquisar e escrever, e evidencio que esse trabalho foi produzido por um homem branco, cisgênero, heterossexual, de origem popular e nordestino, autor de pesquisas anteriores nas etapas da graduação e mestrado sobre gênero, sexualidades, moral, relacionamentos familiares e travestilidades, que teve a sua vida acadêmica atravessada por lugares de escuta e por micropolíticas dos encontros com pessoas trans e travestis, relatos de experiências reais, testemunhos de violências de gênero, livros, conceitos, teorias, acontecimentos, e que não ambiciono roubar a voz de ninguém, mas apenas contribuir.

1.2 - Paisagem panorâmica da tese

A tese está dividida em cinco capítulos, além de um excuro, da introdução e considerações finais, e foi escrita com a intenção de viabilizar uma leitura independente, ou seja, não obediente a uma ordem rígida de começo, meio e fim. Nesse sentido, pretende-se convidar o/a leitor/a para experimentar o texto da forma que considerar mais acessível e satisfatória, não sendo obrigado seguir a sequência dos capítulos. Caso queira, a experiência com o texto pode ser iniciada pelo último capítulo, depois explorar o primeiro e assim seguir aleatoriamente. Não considero que o leitor que escolher seguir essa sugestão terá prejuízos no entendimento da proposta da tese porque os capítulos tentam conversar entre si, mas as pontes de diálogo também podem ser construídas ou finalizadas por meio do próprio processo de leitura, isto é, o objetivo também visa transformar o/a leitor/a em mais um/a colaborador/a de todo o projeto.

Dito isto, para que o leitor/a tenha condições mínimas de eleger qual terreno deseja acessar primeiro, um voo panorâmico está sendo oferecido, já que as possibilidades de decolagens e pousos são diversas. O primeiro capítulo foi intitulado “Judith Butler: uma cartógrafa do gênero?”, e consiste em exibir quais conceitos, noções e teorias foram movidas por Butler na elaboração de sua teoria da performatividade de gênero. A pergunta mote do capítulo não é tomada como uma interrogação, mas como um problema de pesquisa, isto significa, um problema que leva a outras questões. Portanto, inicialmente, os conceitos de gênero, matriz heterossexual, inteligibilidade de gênero, materialidade do

corpo são apresentados a partir da interpretação das obras *Problemas de Gênero* (2003; 2015), *Cuerpos que importam* (2002) e *Deshacer el género* (2006). Posteriormente outros escritos da autora também são mencionados para debater as noções de reconhecimento, violência e luto, como os livros *Quadros de Guerra* (2015b) e *Vida precaria* (2006b), mas o foco é a discussão sobre a importância da problematização do conceito de gênero feito por Butler.

O segundo capítulo começa com a sinalização de um pré-requisito para a leitura, a visualização do filme “*Tudo sobre Minha Mãe*” de Pedro Almodóvar¹², a partir desse capítulo todos outros também são acompanhados de alguma indicação extratextual. Essa parte está intitulada “O pensamento de Butler no Brasil: múltiplas entradas” e segue uma série de pistas deixadas por outros autores que também se interessaram de alguma maneira na recepção da obra de Judith Butler e na emergência dos estudos *queer* no Brasil. O capítulo intenta demonstrar como o modelo do *rizoma* descrito por Deleuze & Guattari (1995) pode servir para abordar a conectividade do pensamento de uma maneira não hierárquica se recusando a rastrear somente padrões genealógicos. O objetivo foi expor diferentes caminhos que a obra de Butler e o corpo teórico-conceitual *queer* foram introduzidos no Brasil, ao mesmo tempo que se buscou explanar uma abordagem aberta de múltiplos acessos ao invés de roteiros fechados em esquemas canônicos. Em outras palavras, não houve a preferência por uma escavação em buscas de raízes dos estudos *queer* e das leituras butlerianas no Brasil, mas uma tentativa de seguir trilhas em meio a uma floresta de produções sobre o assunto.

O terceiro capítulo, “Mapa dos estudos *queer* no Brasil: um experimento rizomático”, é o mais extenso capítulo da tese e nele são esquematizados em formato de tabelas e gráficos os dados retirados do *Banco de Teses e Dissertações da CAPES*, de artigos disponíveis na Plataforma *Scielo*, de anais de eventos sobre gênero e sexualidades, e em ferramentas de pesquisa virtuais como o *Google* e o *Google acadêmico* sobre o assentamento das proposições de Judith Butler e dos estudos *queer* no país. O mapeamento das teses e artigos foram percorridos como labirintos exatamente para destacar que não se pretende cartografar um mapa como algo estático e encerrado, mas seguindo movimentos e oferecendo uma alternativa de observação e análise.

O quarto capítulo tem o propósito de desenvolver a questão sobre como a obra de Butler e os estudos *queer* foram transformados e puderam ser ressignificados no Brasil.

¹² Todo Sobre Mi Madre. Direção: Pedro Almodóvar. Produção executiva: Agustín Almodóvar. Espanha, 1999. duração: 101min.

Sob o título “Judith Butler no Pelourinho e o banquete antropofágico *queer* tupiniquim”, uma gama de produções e reflexões originais de autores/as brasileiros/as são debatidas e problematizadas como vibrações e rupturas decoloniais do pensamento *queer* oriundo do norte global. As tentativas de tradução e incorporação do termo *queer* para o contexto brasileiro, assim como a influência da contribuição de Butler em espaços de luta política e promoção de guerrilhas do pensamento como, por exemplo, as ponderações sobre uma abordagem *queer* decolonial e as propostas da corrente teórica transfeminista no Brasil são salientadas e problematizadas.

No quinto capítulo, “Butler des-re-territorializada”, se almeja realçar dando um pouco mais de nitidez de que tanto Butler quanto as perspectivas *queer* atravessam e são habitadas por muitos territórios diferentes, operando nessas travessias de um contexto estrangeiro para outro ressignificações de forma e conteúdo capazes de dar contornos distintos de aparência e abrangência. Assim, pode-se alcançar o entendimento que o *queer*, por mais que se possa ser rastreado em sua originalidade, já pertence a um campo plural de interpretações e apropriações, e que Butler escapa ser capturada pelo campo de estudos de gênero e sexualidades. Além disso, as traduções dos textos de Butler são problematizadas e o *queer* é tomado como um saber nômade, como descrevem Deleuze & Guattari (1997), que se reterritorializa na sua própria desterritorialização.

Por fim, após o último capítulo é oferecido um excuroso, ou seja, uma digressão temática que tem o intuito de abordar, a partir dos conceitos de luto, reconhecimento e vulnerabilidade de Butler, os efeitos da pandemia de COVID-19 no Brasil. Nesse fragmento, as obras e trechos de entrevistas da autora sobre o drama da pandemia são mobilizados para problematizar o tratamento, por parte dos aparelhos de poder estatal e da mídia, das vidas apreendidas como merecedoras de serem protegidas, choradas e enlutadas. E ainda, casos simbólicos de resistência à sujeição por parte de brasileiros são retratados com a finalidade de elaborar um esboço de proposta conceitual sobre os processos de subjetivação mediados pelo chamado interpelativo a partir das observações teóricas de Butler (2017).

Assim, a tese tem como fio condutor a experiência de uma cartografia sobre a incorporação da obra de Butler e dos estudos *queer* no Brasil. Portanto, para ser experimentado o texto requer ser compreendido como possibilidade aberta a reverberações, um projeto incapaz de ser abarcado como totalitário em suas linhas de alcance, mas que se

propõe ser uma alternativa de exploração da contribuição teórica de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil.

CAPÍTULO I

Judith Butler: uma cartógrafa do gênero?

“Assim, em primeiro lugar e acima de tudo, "Problemas de Gênero" buscou afirmar a complexidade de nossos desejos e identificações de gênero e se juntar àqueles integrantes do movimento LGBTQ moderno que acreditavam que uma das liberdades fundamentais que precisam ser respeitadas é a liberdade de expressão de gênero”.

(BUTLER, 2017 – grifos da autora)¹³

O esforço inicial deste capítulo é apontar como algumas das obras de Judith Butler – que primeiro chegaram a ser traduzidas e incorporadas no Brasil – fornecem um conjunto de reflexões, noções e conceitos sobre as relações de gênero, sexualidade, corpo, reconhecimento e violência. O ano de 2020 marcou os trinta anos da publicação de *Gender Trouble* (traduzido em português como *Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade* em 2003) e a presente tese tem como finalidade investigar a repercussão e os desdobramentos do pensamento de Butler e dos estudos *queer* no Brasil, sobretudo no que se refere à teoria da performatividade de gênero.

Não poderia escrever uma tese sobre a maneira que os conceitos de Butler foram incorporados no Brasil sem comentar, primeiramente, que conceitos são esses, mesmo que seja de forma breve para tentar alcançar uma das perguntas norteadoras da tese: por que a obra de Judith Butler importa para a construção dos estudos de gênero e sexualidades no Brasil? Para responder tal questão, tentei mobilizar as contribuições de diferentes obras¹⁴ para elucidar a forma como Butler constrói sua teoria de gênero e como as suas ideias podem ser lidas para problematizar variados contextos da realidade brasileira. Os livros e artigos de Butler, assim como o arcabouço teórico-metodológico

¹³ BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. Folha de São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml> > acesso em 22 fev. 2018.

¹⁴ As citações textuais das obras de Butler serão apresentadas nas suas versões traduzidas para o português com o intuito de facilitar a leitura, caso o trecho ainda não tenha recebido tradução para o português serão expostas as versões em espanhol, e se não houver tradução em língua espanhola, o texto será citado no seu referente original em inglês.

que ficou conhecido como teoria *queer* transpassaram as fronteiras da língua e do território onde foram originalmente pensadas e discutidas.

O termo *fronteiras*, aliás, parece fazer bastante sentido para ser usado nesse momento. É sobre as fronteiras daquilo que pode ser representado por um movimento político e identitário que Butler provoca um debate teórico com exemplos práticos na vida cotidiana; é sobre as fronteiras daquilo que pode ser considerado como uma expressão de gênero inteligível, como uma vida viável, uma vida habitável, uma vida merecedora de ser enlutada ou lamentada que a autora realiza uma manobra analítica de introduzir a perspectiva hegeliana de reconhecimento para colocar em questão os temas da identidade de gênero, corpo e violência.

O capítulo que segue é construído pela minha interpretação de parte da obra de Butler sobre as concepções da autora que considero serem cruciais para a elaboração do exercício de pesquisa e análise sobre a recepção da teoria da performatividade de gênero e dos estudos *queer* no Brasil.

2.1 - Discutindo gênero com Judith Butler

Judith Butler inicia seu livro, *Problemas de Gênero*, abordando a questão das mulheres como sujeitos do feminismo. Para a autora é preciso pensar criticamente, a partir do interior da teoria feminista, um tema crucial: representação política. Butler afirma que representação é um termo polêmico, pois pode ser entendido tanto como um processo político que visa proporcionar visibilidade e legitimidade às mulheres como sujeitos políticos, quanto uma noção normativa desvelada através da linguagem daquilo que é apontado como verdadeiro sobre a categoria das mulheres. A autora concorda que para determinados momentos da teoria feminista pareceu ser necessário que as mulheres – tão mal representadas ou não representadas ao longo da história – adquirissem uma linguagem capaz de promover visibilidade política (BUTLER, 2015). Entretanto, Butler continua seu raciocínio, no decorrer das primeiras páginas de sua obra, argumentando que para a representação existir é preciso que as qualificações do ser sujeito sejam atendidas.

“O sujeito” é uma questão crucial para a política, e particularmente para a política feminista, pois os sujeitos jurídicos são invariavelmente

produzidos por via de práticas de exclusão que não “aparecem”, uma vez estabelecida a estrutura jurídica da política. Em outras palavras, a construção política do sujeito procede vinculada a certos objetivos de legitimação e de exclusão, e essas operações políticas são efetivamente ocultas e naturalizadas por uma análise política que toma as estruturas políticas como seu fundamento (BUTLER, p.19, 2015).

Nesse ponto, Butler (2015) reflete sobre como é problemático para o feminismo supor que o termo mulheres signifique uma identidade homogênea. Ao afirmar que “*se alguém “é” uma mulher, isso certamente não é tudo o que esse alguém é*” (BUTLER, 2015, p. 21), o destaque entre aspas do uso da terceira pessoa do presente indicativo do verbo “ser” na citação acima, indica a ênfase da autora na tentativa de evidenciar de que o gênero não é algo essencial e nem pode ser pensado de maneira isolada, ou seja, o gênero estabelece relações de intersecção com categorias identitárias de classe, raça, etnia, sexualidade e regionalidade. Por isso, para Butler, pensar o termo mulheres como uma construção estável de representação política se torna uma questão arriscada, pois ao se atrelar com tal noção, o feminismo assumiu posturas colonizadoras em culturas diversas ao presumir que a opressão das mulheres continha uma base universal alicerçada na dominação patriarcal ou masculina (BUTLER, 2015).

Butler desenvolve sua escrita através do uso de perguntas-problemas, que ela não se coloca na obrigação de respondê-las, mas que servem como provocações para a articulação de suas reflexões teóricas e políticas¹⁵. Ao se referir à perspectiva feminista de que as mulheres que são representadas pelo feminismo encontram uma lógica nessa representação por compartilharem um sentido de unidade na vivência da experiência de opressão pela dominação masculina, Butler (2015) provoca:

Embora afirmar a existência de um patriarcado universal não tenha mais a credibilidade ostentada no passado, a noção de uma concepção genericamente compartilhada das “mulheres”, corolário dessa perspectiva, tem se mostrado muito mais difícil de superar. É verdade, houve muitos debates: existiriam traços comuns entre as “mulheres”, preexistentes à sua opressão, ou estariam as “mulheres” ligadas em virtude somente de sua opressão? Há uma especificidade das culturas das mulheres, independente de sua subordinação pelas culturas masculinistas hegemônicas? Caracterizam-se sempre a especificidade e a integridade das práticas culturais ou linguísticas das mulheres por oposição e, portanto, nos termos de uma alguma ou outra formação cultural dominante? Existe uma região do “especificamente feminino”, diferenciada do masculino como tal e reconhecível em sua diferença

¹⁵ Essa é, aliás, um dos recursos metodológicos típicos da autora e que atravessará todas as suas obras.

por uma universalidade indistinta e conseqüentemente presumida das “mulheres”? (BUTLER, 2015, p. 22).

Nesse sentido, Butler (2015) sugere que insistir na existência de um sujeito estável para o feminismo, ao estabelecer para tanto, mesmo dentro de uma tentativa emancipatória, reações de exclusão, limita o potencial das reivindicações políticas identitárias e provoca fragmentações no interior do feminismo. Para atravessar tal dilema, Butler não propõe recusar a política de representação, mas questionar e ampliar a própria noção de representação das mulheres em si.

Parece necessário repensar radicalmente as construções ontológicas de identidade na prática política feminista, de modo a formular uma política representacional capaz de renovar o feminismo em outros termos. Por outro lado, libertar a teoria feminista da necessidade de construir uma base única e permanente, invariavelmente contestada pelas posições de identidade ou anti-identidade que o feminismo invariavelmente exclui. Será que as práticas excludentes que baseiam a teoria feminista numa noção das “mulheres” como sujeitos solapam, paradoxalmente, os objetivos feministas de ampliar suas reivindicações de “representação” (BUTLER, 2015, p.24).

Nessa parte, a sugestão de Butler (2015) caminha para a construção de uma nova agenda da política feminista que tenha a ambição de contestar a reificação das relações de gênero e da identidade, entendidas por ela como estando baseadas sob a ordem compulsória do sexo/gênero/desejo que só encontra estabilidade se estiver coerente com a matriz heterossexual. A autora defende que um ponto de vista que vislumbre a identidade como uma construção variável se torne não só um pré-requisito metodológico e normativo para a teoria feminista, mas um objetivo político. E, ainda afirma, que a não problematização da noção de mulheres pode impossibilitar o uso dessa categoria como política de representação, introduzindo assim a sua manobra de ampliação da categoria mulheres que fuja dos marcadores identitários fixados na natureza e/ou na matriz heterossexual. Para ela, *“talvez, paradoxalmente, a ideia de “representação” só venha realmente a fazer sentido para o feminismo quando o sujeito “mulheres” não for presumido em parte alguma”* (BUTLER, 2015, p. 25). Assim, Butler parte da política feminista para tratar da sua proposição de renovar a visão sobre as noções de sexo e gênero.

Butler (2015) contesta de maneira inovadora a crença na obrigatoriedade de uma estrutura binária que encaixa sexo e gênero numa relação espelhada, ou seja, o

entendimento de que gênero corresponde aos significados culturais tomados pelo corpo sexuado naturalmente dado em termos biológicos. Para a filósofa:

Quando o status construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que homem e masculino podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e mulher e feminino, tanto um corpo masculino como um feminino (BUTLER, 2015, p. 26).

Ao apresentar que o gênero assume um caráter flutuante, Butler desvela um dos apontamentos mais conhecidos em seu trabalho e como veremos mais adiante foi incorporado por um conjunto de autores que se debruçaram sobre as questões de gênero e sexualidades no Brasil anos após a publicação de sua obra: a desconstrução da ordem compulsória do sexo/gênero/desejo. Para desconstruir tais noções, Butler se dispôs a tarefa de questionar cada um desses conceitos ao debater com as perspectivas feministas de autoras como Simone de Beauvoir, Luce Irigaray e Monique Wittig, por exemplo, a partir de uma série de indagações:

Podemos referir-nos a um “dado” sexo ou um “dado” gênero, sem primeiro investigar como são dados o sexo e/ou o gênero e por que meios? E o que é, afinal, o “sexo”? É ele natural, anatômico, cromossômico ou hormonal, e como deve a crítica feminista avaliar os discursos científicos que alegam estabelecer tais “fatos” para nós? Teria sexo uma história? Possuiria cada sexo uma história ou história diferentes? Haveria uma história de como se estabeleceu a dualidade do sexo, uma genealogia capaz de expor as opções binárias como uma construção variável? Seriam os fatos ostensivamente naturais do sexo produzidos discursivamente por vários discursos científicos a serviço de outros interesses políticos e sociais? Se o caráter imutável do sexo é contestável, talvez o próprio construto chamado “sexo” seja tão culturalmente construído quanto o gênero; a rigor, talvez o sexo sempre tenha sido o gênero, de tal forma que a distinção entre sexo e gênero revela-se absolutamente nula (BUTLER, 2015, p. 26-27).

Com isso, a pensadora pretende desmontar a ideia de que o sexo pertence a um domínio pré-discursivo que existe como um lugar onde o gênero culturalmente construído pousa e encontra sentido. Quando Butler afirma que sexo e gênero são a mesma coisa, parece assinalar que o sujeito generificado ou o corpo sexuado são efeitos de produções discursivas e que por isso mesmo não permitem que se chegue à conclusão que deva

existir uma construção de gênero entendida como normal ao encontrar um significado em um corpo sexuado atribuído como natural.

Butler (2015) ainda atenta que ao classificar uma determinada identidade de gênero como normal ocorre o emaranhado de duas noções importantes, o conceito de identidade como “pessoa” e de “gênero”, pois uma confere inteligibilidade à outra. Para a autora, não é a identidade que dá sentido ao gênero, mas o contrário, uma vez que é a conformidade com os padrões reconhecíveis de inteligibilidade de gênero que têm a capacidade de produzir inteligibilidade social a uma pessoa. A ordem compulsória do sexo/gênero/desejo – já pontuada anteriormente, mas não elucidada em seus pormenores – é retomada aqui para fins explicativos, pois é a coerência com as condições de seu funcionamento a grande fábrica produtora de inteligibilidade social. Basta que venha ao pensamento o exemplo da mulher grávida que vai ao médico para descobrir o sexo do bebê. O corpo ali dentro da barriga, que ainda não está totalmente formado, sequer tem um nome definitivamente escolhido. Pois bem, toda pessoa tem um nome, e se for possível seguir esse raciocínio de maneira simplista, pode-se chegar à conclusão de que se algo ou alguém ainda não foi nomeado é porque, por enquanto, não pertence à realidade desse mundo, está a ser descoberto. Entretanto, quando o médico descobre qual é o órgão sexual do bebê e geralmente anuncia: é um menino ou é uma menina! Podem-se retirar dessa interpelação dois apontamentos. O primeiro se refere ao entrelaçamento usual das noções de sexo e gênero, posto que se o médico visualiza um pênis através do exame de ultrassonografia, as palavras comumente são: *é um menino!* Já, se o médico observa no feto a formação de uma vagina, na maioria das vezes, a notícia surge com a frase: *é uma menina!* E daí rotineiramente se vê a imersão em uma série de investimentos que acompanharão a construção daquele corpo em pessoa (BUTLER, 2015; BENTO, 2006).

A família da criança em formação agora se sente apta a escolher o nome do bebê, as cores do enxoval e o tipo de brinquedos que, inclusive, insinuam quais os papéis sociais que aquela criança assumirá no imaginário social (menina - brinca de boneca, de imitar cuidar da casa; mulher – cuida da casa, dos filhos, é passiva / menino – brinca de aventura, de imitar super-herói; homem trabalha fora, é o provedor e protetor da família, é ativo). A família investe em todos os tipos de aparatos culturais e simbólicos disponíveis para que as melhores condições para a socialização primária (BERGER & LUCKMAN, 1987) da criança sejam criadas e que essa socialização se reflita no que é entendido como sucesso da composição identitária da pessoa, ou seja, se alguém nasce com um pênis, deve se reconhecer e ser reconhecido como homem, e baseando-se numa matriz

heterossexual que como Butler (2105) assinala rege a sociedade, deve desejar e se relacionar sexualmente com mulheres. O mesmo ocorre com os corpos que nascem com vaginas, por serem entendidos que devem se reconhecer e ser reconhecidas como mulheres, além de desejarem se relacionar sexualmente com homens. A concordância com a ordem compulsória do sexo, gênero e desejo é para Butler o que fornece ou não inteligibilidade à existência de uma pessoa. Nesse sentido, a compreensão se a identidade de gênero de alguém é inteligível ou não a partir de uma classificação baseada em práticas reguladoras sob a matriz heterossexual é o grande marcador que possibilita um corpo a ser reconhecido como sujeito legítimo deste mundo.

Gêneros “inteligíveis” são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo. Em outras palavras, os espectros de descontinuidade e incoerência, eles próprios só concebíveis em relação a normas existentes de continuidade e coerência, são constantemente proibidos e produzidos pelas próprias leis que buscam estabelecer linhas causais ou expressivas de ligação entre o sexo biológico, o gênero culturalmente constituído e a “expressão” ou “efeito” de ambos na manifestação do desejo sexual por meio da prática sexual (BUTLER, 2015, p. 45).

Ao introduzir o conceito de inteligibilidade de gênero para pensar questões de identidade, Butler (2015) abre os caminhos para a apresentação do seu próprio entendimento sobre a noção de gênero, que inaugura a sua proposta de desvencilhamento total da ordem compulsória do sexo/gênero/desejo sob a matriz heterossexual. Para a autora, gênero não é um atributo inato da pessoa ou simplesmente a exigência cultural do sexo, marcando assim o seu afastamento da crença na metafísica da substância, ou seja, a crença de que há um sujeito prévio, de que há uma naturalidade do ser. Butler entende a identidade, o sexo e o gênero como efeito de práticas discursivas que são marcadas por normas sociais regulatórias e na própria concepção do ser como um substantivo natural.

Nesse sentido, o gênero não é um substantivo, mas tampouco é um conjunto de atributos flutuantes, pois vimos que seu efeito substantivo é performativamente produzido e imposto pelas práticas reguladoras da coerência do gênero. Consequentemente, o gênero mostra ser performativo no interior do discurso herdado da metafísica da substância – isto é, constituinte da identidade que supostamente é. Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito tido como preexistente à obra. No desafio de repensar as categorias do gênero fora da metafísica da substância, é mister considerar a relevância da afirmação de Nietzsche, em *Genealogia da*

Moral, de que “não há ‘ser’ por trás do fazer, do realizar e do tornar-se; o ‘fazedor’ é uma mera ficção acrescentada à obra – a obra é tudo”. Numa aplicação que o próprio Nietzsche não teria antecipado ou aprovado, nós afirmariamos como corolário: não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero; essa identidade é performativamente constituída, pelas próprias “expressões” tidas como seus resultados (BUTLER, 2015, p. 56).

Sara Salih (2012), umas das comentadoras da obra de Butler, aponta que a concepção de que o gênero é sempre um feito, mas sem fazedor, provocou inúmeras confusões e críticas, algo que a própria Butler assinalou em *Cuerpos que Importan* ao afirmar:

De modo que presento este texto, en parte como una reconsideración de algunas declaraciones de El género en disputa que provocaron cierta confusión, pero también como un intento de continuar reflexionando sobre las maneras en que opera la hegemonia heterosexual para modelar cuestiones sexuales y políticas. Como una rearticulación crítica de diversas prácticas teóricas, incluso estudios feministas y estudios queer," este texto no pretende ser programático. Y sin embargo, como un intento de aclarar mis "intenciones", parece destinado a producir una nueva serie de interpretaciones erradas. Espero que, al menos, resulten productivas (BUTLER, 2002. p. 14-15).

Voltando para a inferência de Butler de que “*não há identidade de gênero por trás das expressões do gênero*” (BUTLER, 2015, p. 56), pode-se concluir que a autora sugere que gênero não é um dado finalizado, mas está sempre em processo, mesmo quando esse processo não é visualizado podendo ser controlado por uma entidade externa capaz de ser entendida como um fazedor de gênero. Em outras palavras seria como dizer, ninguém faz gênero, todos performam, pois: “*o gênero é a estilização repetida do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura reguladora altamente rígida, a qual se cristaliza no tempo para produzir a aparência de uma substância, de uma classe natural do ser*” (BUTLER, 2015, p. 69). Dessa citação podem-se retirar apontamentos que vão guiar a leitura de toda a obra e apontar as bases que Butler se apoiou para formular suas proposições.

O primeiro apontamento refere-se à afirmação que gênero é performativo, ao propor isso, Butler (2015) realiza uma manobra de apropriação e desdobramento da teoria dos atos de fala de John L. Austin que sugere que em determinados contextos, respeitando certas convenções sociais, a linguagem pode não só funcionar com enunciados que servem para informar, descrever, ou classificar as coisas em verdadeiras ou falsas, mas

sim como uma ação performativa, ou seja, quando dizer é fazer, quando se é capaz de gerar, nomear e dar sentido as coisas no mundo real a partir do uso das palavras, como, por exemplo: quando um padre, devidamente ordenado e reconhecido diante de sua igreja, profere as palavras em uma cerimônia de casamento para um determinado casal de noivos: “*eu vos declaro marido e mulher!*”. Nesse exato momento, todos que vivenciaram a experiência do casamento junto aos noivos e de agora em diante todos aqueles que souberem que esse determinado casal passou por tal ritual e que comungam dos mesmos valores, reconhecerão que os dois legitimamente se casaram. O mesmo efeito não seria possível de ser conquistado se uma pessoa que não fosse padre ordenado e reconhecido como tal em sua comunidade, se colocasse disposto a casar fora de uma igreja dois cachorrinhos de estimação ao anunciar do mesmo modo: “*eu vos declaro marido e mulher!*”. O fracasso dessa tentativa de obter uma ação performativa no uso da linguagem se dá pelo desrespeito ao encaixe contextual que a ação proposta exige. Butler (2015) então sugere que o gênero é performativo tendo em vista que em sua visão, como já foi mencionado, o gênero é efeito de produções discursivas, e se assim for, só pode ser construído pela linguagem. Para a autora, não há gênero que seja anterior à linguagem, pois como apresentado, a autora entende gênero como “[...] *um conjunto de atos repetidos no interior de uma estrutura altamente rígida*” (BUTLER, 2015. p. 69), isto é, atos performativos que, portanto, pertencem ao domínio da linguagem posta em ação simbólica dentro de um sistema social ortodoxo (SALIH, 2012; BENTO, 2006).

Outro apontamento que pode ser extraído da citação em destaque é o uso dos conceitos de iterabilidade e citacionalidade do filósofo francês Jacques Derrida que Butler aproveita em seu pensamento para concluir que gênero é a estilização repetida no corpo, mas sem uma entidade original (BUTLER, 2015). Resumidamente, pode-se entender iterabilidade como a propriedade do signo de ser outro na sua mesmidade, quer dizer, a repetição na alteração. Já, citacionalidade pode ser depreendido como a propriedade do signo de ser recortado de seu contexto entendido como original e ser colado em outro, produzindo, dessa maneira, significado (SALIH, 2012; BENTO, 2006). Existe uma mulher original? Uma figura feminina que é a referência para todos aqueles que performam o feminino? Em outras palavras, são essas as indagações de Butler (2015) ao sugerir que gênero é performativo, ou seja, a estilização repetida no corpo de alterações sem um referente original, e por isso mesmo, capaz de ser compreendido como uma citação, ou como Butler prefere apresentar no livro em questão, paródias de gênero.

Entender gênero como uma paródia permite a Butler (2015) desvelar as possibilidades de subversão das identidades tidas como fixas e as fragilidades que constituem essas identidades. Butler enxerga nas travestis e nas *drag queens*, figuras que foram vistas como inferiores às mulheres nascidas com vaginas e que, por isso, não incluídas no feminismo, a oportunidade de pensar o gênero performativo e de denunciar de que se há uma verdade sobre o sexo e sobre o gênero, essa verdade está alicerçada sob uma ficção fundacional sobre os sujeitos que se apoia na tentativa constante de impor às percepções sobre as identidades de gênero performadas como pertencentes à ordem natural do ser inscrita sob uma norma heterossexual. Butler ainda aponta que diante dessa perspectiva substantiva do gênero que: “[...] *Os gêneros distintos são parte do que humaniza os indivíduos na cultura contemporânea: de fato, habitualmente punimos os que não desempenham corretamente o seu gênero*” (BUTLER, 2015, p. 241), podendo perceber, com isso, o movimento da autora de expor o caráter coercitivo das normas de gênero. A punição aplicada, por sua vez, parece ser a própria retirada do status de humanidade daqueles que resolvem brincar com a forma paródica de gênero, sendo reservado a esses o lugar da abjeção, ou seja, o não lugar no mundo, a ininteligibilidade de gênero, a amputação do reconhecimento do ser como sujeito (BUTLER, 2015). Para a autora, o que as *drag queens* fazem ao parodiar o gênero transformando, muitas vezes, a provocação do riso em potência política, possibilita perturbar a noção de um eu primário, a noção de uma mulher legítima ou verdadeira, e, portanto, retomando a questão inicial de sua problematização, o próprio lugar dos sujeitos que reivindicam ser representados pelo feminismo.

A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é da própria ideia de um original; assim como a noção psicanalítica da identificação com o gênero é construída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma “imagem” nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual se molda o gênero é uma imitação sem origem. Para ser mais precisa, trata-se de uma produção que, com efeito – isto é, em seu efeito –, coloca-se como imitação. Esse deslocamento perpétuo constitui uma fluidez de identidades que sugere uma abertura à ressignificação e à recontextualização; a proliferação parodística priva a cultura hegemônica e seus críticos da reivindicação de identidades de gênero naturalizadas ou essencializadas. Embora os significados de gênero assumidos nesses estilos parodísticos sejam claramente parte da cultura hegemônica misógina, são todavia desnaturalizados e mobilizados por meio de sua recontextualização parodista. Como imitações que deslocam efetivamente o significado do

original, imitam o próprio mito da originalidade (BUTLER, 2015, p. 238).

Se parodiar o gênero é imitar sem haver uma referência original e gênero pode ser entendido, segundo a autora, como um fazer sem um fazedor por trás do feito – portanto, performatividade é diferente de performance¹⁶ – as noções de sujeito prévio, de gênero normal inscrito sob um corpo biológico e de naturalidade do ser existem porque tendem a fazer funcionar um sistema relacional de poder, no sentido foucaultiano, de conduzir condutas.

Com isso, Butler evidencia que em sua proposta a desconstrução da identidade não é a desconstrução da política, mas o que o seu intento foi de problematizar o feminismo como política de identidade como um lugar de representação, mas que fixa e restringe, a partir de uma ótica normativa de gênero, os próprios sujeitos que podem ser representados pelo feminismo. Em sua visão, se as identidades deixassem de ser entendidas como fixas, as formas culturais do sexo e do gênero ganhariam a capacidade de se afastarem do espectro da abjeção para se tornarem vidas inteligíveis com a habilidade de revelar a não naturalidade essencial do gênero.

2.2 - “[...] *Construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas*”¹⁷

Outro ponto importante a ser considerado são as formulações de Butler (2015) no segundo capítulo de *Problemas de Gênero*. Na parte intitulada “Proibição, psicanálise e produção da matriz heterossexual”, a autora dialoga criticamente com as teses estruturalistas e psicanalíticas sobre a formação da identidade e da sexualidade.

Butler (2015) permanece orientando seu pensamento crítico de dentro e para dentro do feminismo quando anuncia que o movimento feminista vigente na época se apropriava dos argumentos estruturalistas de Claude Lévi-Strauss para dar sustentação a

¹⁶ Em *Cuerpos que importan* (BUTLER, 2002) a autora detalha melhor essa distinção.

¹⁷ BUTLER, 2015, p. 83.

distinção sexo/gênero seguindo um panorama estrutural de classificação natureza/cultura. A partir disso, ela constrói uma longa discussão de argumentos para justificar seu posicionamento teórico contra a visão binária de sexo/gênero. Primeiramente, a autora atenta para o risco que o movimento feminista estava correndo ao direcionar suas investigações à descoberta de uma origem pré-patriarcal como uma espécie de realização de um imaginário simbólico viável de ser alcançado ou recuperado favorável às mulheres, e ao realizar esse movimento, terminar caindo em um buraco sem fundo de um universo totalizante tomado como um conceito que abrange uma infinidade de vivências de opressões diferentes. Mesmo assim, Butler não discorda completamente da aplicação do conceito de patriarcado, mas ressalta que se faz necessário contextualizá-lo e reconsiderá-lo sob uma perspectiva crítica para não se lançar a uma dupla reificação do poder masculinista perante a sociedade (BUTLER, 2015).

A filósofa então segue ao encontro do estruturalismo a partir da leitura de Lévi-Strauss, não para deslegitimá-lo diretamente, mas para problematizar o rumo que as suas teses vinham sendo incorporadas no pensamento feminista.

A antropologia estruturalista de Lévi-Strauss, inclusive a problemática distinção natureza/cultura, foi apropriada por algumas teóricas feministas para dar suporte e elucidar a distinção sexo/gênero: a suposição de haver um feminino natural ou biológico, subsequentemente transformado numa “mulher” socialmente subordinada, com a consequência de que o “sexo” está para a natureza ou a “matéria-prima” assim como o gênero está para a cultura ou o “fabricado” (BUTLER, 2015, p. 74).

Ao se opor teoricamente ao uso do estruturalismo para pensar a dinâmica relação sexo/gênero, Butler estabelece pontos de divergência em relação a Lévi-Strauss sobre a constituição e o entendimento do conceito de identidade, sobretudo, no que diz respeito às mulheres. Segundo ela, a teoria da troca de esposas presente em “Estruturas elementares de parentesco” (LÉVI-STRAUSS, 1982) como um sistema regulatório simbólico e comercial a partir da instituição do casamento exogâmico que para Lévi-Strauss caracteriza todos os sistemas de parentesco, coloca as mulheres abaixo do nível relacional com os homens, marginalizando suas identidades e as manejando como produtos de maneira totalizante. O problema no estruturalismo, para Butler, parece estar no tom universalizante de suas proposições teóricas, uma vez que é essa noção de sistema de parentesco descrita por Lévi-Strauss que vai subsidiar a identificação e permanência do tabu do incesto no estruturalismo cultural.

A lei que proíbe o incesto é o *locus* da economia de parentesco que proíbe a endogamia. Lévi-Strauss afirma que a centralidade do tabu do incesto estabelece o nexo significativo entre a antropologia estrutural e a psicanálise. Embora Lévi-Strauss reconheça o descrédito de *Totem e tabu*, de Freud, no terreno empírico, ele considera esse gesto de repúdio como uma prova paradoxal de apoio à tese de Freud (BUTLER, 2015, p. 82).

Diante disso, Butler evidencia sua contrariedade a apropriação estruturalista pelo feminismo ao recorrer implicitamente a Michel Foucault (2007) afirmando que “*o fato de a proibição existir não significa absolutamente que funcione*” (*Idem*, p. 83). Para Butler, a existência de uma proibição parece indicar a ocorrência de desejos que podem ser revertidos em práticas possivelmente geradas por consequência da produção de fantasias em torno do tabu. Além disso, Butler observa que a leitura que Lévi-Strauss faz do tabu do incesto deixa espaço para o entendimento da naturalização da heterossexualidade, uma vez que para a instituição obrigatória do casamento exogâmico existir se faz necessário a realização do tabu da homossexualidade. Isto posto, a autora considera que a noção da heterossexualidade naturalizada na sociedade e a rigidez dos papéis sociais e sexuais assentadas sob um poder masculinista “*são construções discursivas em parte alguma explicadas, mas em toda parte presumidas*” (*ibidem*, p. 83) pelo estruturalismo.

Em outro texto publicado em 2003 no Brasil, mas escrito um ano antes e direcionado à comunidade acadêmica e feminista francesa, Butler oferece comentários mais detalhados de sua visão oposta ao estruturalismo. Ela cita o estudo de Cai Hua sobre os *Na* da China como exemplo de uma refutação das teses lévi-straussianas de sistemas de parentesco patrilineares. Entretanto, o que me parece ser mais intrigante para Butler é a forma como a psicanálise tomou para si as visões estruturalistas sobre parentesco.

Meu ponto, menos que responsabilizar os pontos de vista de Lévi-Strauss pelos termos do presente debate, é indagar a que propósitos a volta desses pontos de vista servem no horizonte político contemporâneo, considerando que na antropologia, as visões lévi-straussianas promulgadas no final dos anos 40 são consideradas ultrapassadas, dado que o próprio Lévi-Strauss já não as considera da mesma forma (BUTLER, 2003b, p. 245).

O debate a que Butler se refere são as argumentações teóricas contra a união civil entre pessoas homossexuais ocorrida na França durante aquela época. Sob o fundamento de que não pode haver parentesco homossexual capaz de gerar significação cultural foram

defendidas teses citadas por Butler (2003b), como por exemplo, as proposições de Sylviane Agacinski que entendia o parentesco não heterossexual como um risco à cultura e de Françoise Héritier que afirma que nenhuma sociedade permite o parentesco homossexual. Butler se opõe a esse tipo de posicionamento por considerar, sobretudo, que não há evidências empíricas relevantes que sirvam como comprovações teóricas, e por perceber a reprodução de pressupostos filosóficos alicerçados em uma instituição naturalizada e pouco problematizada, que é a matriz heterossexual.

Butler, em *Problemas de Gênero*, realiza uma conversa imaginária entre Lévi-Strauss, Jacques Lacan, Joan Riviere e Sigmund Freud porque, ao que me parece, ela entendia que não poderia propor uma teoria no campo dos estudos de gênero e sexualidades sem passar pelo estruturalismo e pela psicanálise, ou seja, para Butler era necessário tensionar o tabu do incesto como símbolo de uma origem cultural nos indivíduos. No artigo sobre casamento gay ela afirma:

O que quero sublinhar aqui é o uso de Édipo para estabelecer uma certa concepção de cultura que tem conseqüências um tanto estreitas para a formação de gênero e de arranjos sexuais e que, implicitamente, retrata a cultura como um todo, uma unidade, que está implicada em reproduzir a si própria e sua singular totalidade através da reprodução da criança. [...] Essa importância simbólica da origem da criança na heterossexualidade é entendida como essencial à cultura pelos seguintes motivos. Se a criança ingressa na cultura pelo processo de assumir uma posição simbólica, e se essas posições simbólicas são diferenciadas em virtude do complexo de Édipo, então a criança presumivelmente assumirá um gênero quando assumir uma posição em relação às posições dos pais que lhe são proibidos como objetos sexuais. O menino se tornará um menino ao reconhecer que não pode ter sua mãe, e que deve encontrar uma mulher para substituí-la; a menina se tornará uma menina ao reconhecer que não pode ter sua mãe, substitui essa perda pela identificação com a mãe e então reconhece que não pode ter o pai e o substitui por um objeto masculino. De acordo com um esquema um tanto esquemático do complexo de Édipo, o gênero é adquirido através da satisfação do desejo heterossexual. Essa estrutura, exposta aqui muito mais rigidamente, no esforço de reconstruir o ponto de vista de Agacinski, do que em Freud – em *Os três ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* e *O Ego e o Id* – é despojada de seu status como uma fase de desenvolvimento e afirmada como a maneira pela qual se estabelece um sujeito individualizado dentro da linguagem. Tornar-se parte da cultura significa ter superado, através dos mecanismos de diferenciação de gênero, este tabu e alcançado tanto a heterossexualidade normativa como uma identidade de gênero distinta (BUTLER, 2003b, p. 246-247).

Com essa explicação fica mais fácil de entender o que Butler defendeu anteriormente em *Problemas de Gênero*. Em seu livro Butler argumenta que se o complexo de Édipo consiste na proibição do filho desejar sexualmente sua mãe, então existe uma outra proibição anterior ao tabu do incesto, que é a interdição do filho ter como primeiro objeto sexual o seu pai. Assim sendo, precedentemente ao tabu do incesto, na visão de Butler, parece que há uma outra proibição não dita, mas que está presente também simbolicamente que é o tabu da homossexualidade. Butler não detalha como ela alcançou essa proposta, porém, o que fica evidente é o tom de dúvida que a autora apresenta em suas reflexões. A autora interroga a convicção no complexo de Édipo a partir de uma acepção lógica e original sobre a própria noção de Freud. Ao problematizar Freud, Butler recorre a uma noção de que a heterossexualidade é construída de maneira melancólica, uma vez que a identificação sexual é consequência de uma proibição, ou seja, do tabu da homossexualidade.

À vista disso, Butler segue o segundo capítulo de *Problemas de Gênero* estabelecendo um diálogo crítico e ao mesmo tempo construtivo com as reflexões de Jaques Lacan, Joan Riviere e Sigmund Freud. É uma parte densa do texto que está longe dos estudos majoritários em sociologia, antropologia e ciência política, mas que pertencem muito mais ao campo da psicanálise e da filosofia. Seria muito imprudente de minha parte realizar uma análise sobre essas ponderações sem uma formação aprofundada nas teses psicanalíticas. Portanto, como o recorte da tese é investigar como Butler foi incorporada no campo das ciências sociais (sociologia, antropologia e ciência política), não me aprofundarei nesse tema, apesar de considerá-lo importante e muito útil para o debate de alguns conceitos em outras áreas.

Com isso, para justificar, inclusive, essa escolha e também todo o recorte do presente texto, apresentarei no segundo capítulo indicações de produções acadêmicas brasileiras que tiveram significativo impacto na área de ciências sociais e que utilizaram teórico-metodologicamente as considerações de Butler em sua maioria presentes no primeiro e terceiro capítulos de *Problemas de Gênero*.

2.3 - “E quanto à materialidade do corpo, Judy?”¹⁸

Poucos anos depois da publicação em inglês de *Problemas de Gênero* (*Gender Trouble*, 1990), Butler lança *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"* em 1993¹⁹, onde retoma algumas questões do seu livro anterior que teriam sido alvos de críticas e mal-entendidos. Primeiramente, Butler aborda a questão da materialidade do corpo indagando a si própria como o corpo pode ser pensado partindo da noção de corpo como algo construído. Construído por quem? Para quê? São algumas das questões iniciais propostas por Butler.

Ao se esforçar em vincular a questão da materialidade do corpo à performatividade de gênero, Butler retorna e aprofunda a discussão concebida em *Problemas de Gênero* sobre a metafísica da substância quando ela afirmou que não é só o gênero que é construído, mas o sexo também. Essa formulação pode sugerir um determinismo cultural e um poder absoluto de agência do sujeito sobre sua própria existência, porém, Butler tenta esclarecer suas colocações explicando que não era de um sujeito capaz de escolher sua expressão de gênero que ela estava se referindo.

Tudo ficou ainda pior, se não mais distante, com as questões levantadas pela noção de performatividade de gênero. Porque, se eu tivesse argumentado que os gêneros são performativos, isso poderia significar que eu pensava que uma pessoa acorda de manhã, examina o armário ou algum outro espaço mais aberto para o gênero de escolha, veste o gênero para aquele dia e, então, recoloca a peça de roupa em seu lugar à noite. Tal sujeito voluntarioso e instrumental, aquele que *decidiria seu gênero*, claramente não pertence a seu gênero desde o início e fracassa em perceber que sua existência já está previamente *decidida pelo gênero* (BUTLER, 2019, p. 10-11).

Para Butler gênero é um feito, mas que não existe um fazedor por trás, ou seja, alguém que propositalmente se construa fora do sistema regulatório das normas de gênero. Entretanto, ao acionar a imagem da *drag queen* como exemplo subversivo das ficções fundacionais da figura do ser homem ou mulher em *Problemas de Gênero*, Butler abriu brechas para o entendimento que a prática paródica da *drag queen* sugere um fazedor/construtor de gênero avulso ao sistema regulatório. O que me parece que Butler

¹⁸ BUTLER, 2019, p. 09.

¹⁹ Traduzido e publicado em espanhol como *Cuerpos que importan – sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”*, em 2002, e em português como *Corpos que importam – os limites discursivos do “sexo”*, em 2019.

tenta explicar em algumas passagens de *Corpos que importam* é que paródia no que diz respeito à performatividade de gênero não significa criar novos sistemas de normas, mas perturbar, negociar e problematizar as noções fundacionais de corpo e gênero de dentro do ideal heteronormativo vigente como uma espécie de luta pelo poder materializada pela tensão e pela resistência, caso contrário estaríamos falando da criação aleatória de dimensões de gênero causadas pela performatividade, e pelo que Butler aponta parece que não é essa a questão por ela colocada nesse momento.

Butler entende que o sexo assim como o gênero pertencem a um ideal regulatório que seguindo uma interpretação foucaultiana funciona como uma norma que se interessa em conduzir, governar e/ou controlar os indivíduos. Portanto, ela parte do entendimento do sexo como uma norma que exerce um poder produtivo sobre os sujeitos.

Em outras palavras, “sexo” é um constructo ideal forçosamente materializado ao longo do tempo. Não se trata de um simples fato ou uma condição estática do corpo, mas de um processo no qual as normas regulatórias materializam o “sexo” e alcançam essa materialização como uma reiteração forçada das normas (BUTLER, 2019, p. 16).

A conceituação que Butler (2019) faz de sexo e a veiculação da noção de performatividade de gênero e materialização do corpo parecem ser o ponto crucial de seu texto. Butler entende que o sexo é concebido dentro de um conjunto de normas que regulam os indivíduos, e que essas normas agem de maneira performativa – concretizando o abstrato em real – para materializar a noção de sexo no corpo de forma que obedeça à matriz heterossexual. Nesse sentido, Butler aprofunda a sua proposta de afastamento de que gênero é um construto cultural que quando inscrito em uma superfície material associada à natureza serve para dar sentido ao corpo obedecendo a binariedade das identidades de gênero. Para a autora, entender o sexo como uma norma faz toda a diferença porque ao realizar tal manobra analítica é possível alcançar a questão principal do livro: o que qualifica um corpo como viável, como inteligível, como um corpo que importa.

Esse é outro ponto importante na construção do pensamento de Butler. Ela entende que o sexo não é a única norma capaz de produzir processos de subjetivação, mas que os efeitos de poder na materialização dos corpos dos indivíduos são capazes, em certa medida, de fornecer meios de identificações a partir de recursos discursivos que circulam em um movimento gerador de reconhecimento e exclusão de identificações sexuadas.

Desse modo, essa matriz excludente pela qual os sujeitos são formados requer a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são “sujeitos”, mas que formam o exterior constitutivo do domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “não-vivíveis” e “inabitáveis” da vida social que, não obstante, são densamente povoadas por aqueles que não alcançam o estatuto do sujeito, mas cujo viver sob o signo do “inabitável” é necessário para circunscrever o domínio do sujeito. Essa zona de inabitabilidade vai constituir o limite que circunscreve o domínio do sujeito; ela constituirá esse lugar de pavorosa identificação contra a qual – e em virtude da qual – o domínio do sujeito circunscreverá sua própria reivindicação por autonomia de vida (BUTLER, 2019, p. 18).

Butler (2019), então, considera que a negação a determinada figura, prática ou materialização também é objeto para que o sujeito assuma algumas identificações sexuais e repudie outras por não reconhecer nelas certo grau de inteligibilidade cultural. O que acaba provocando uma mobilização política daqueles sujeitos que ambicionam por tomar posse de uma vida habitável, isto é, uma dinâmica que percorre os polos do reconhecimento de vidas vivíveis, a exclusão de vidas não-vivíveis e a luta por reconhecimento dos seres abjetos para que possam ser incluídos em um domínio de inteligibilidade de existência enquanto sujeitos a partir do reconhecimento de que experienciam a abjeção. Contudo, Butler aponta que as políticas feministas e *queer* da época parecem estar indicando um movimento em busca da desidentificação com as normas regulatórias para que a questão de quais corpos importam seja colocada em jogo, não mais a serviço do ideal heteronormativo, mas para fins da rearticulação da noção de humanidade.

Seguindo os percalços da mobilização política dos seres entendidos como abjetos, Butler (2019) também pondera sobre o significado transformador do termo *queer*, oferecido historicamente no contexto da sociedade estadunidense como um insulto, a palavra foi apropriada politicamente como significação afirmativa. Butler argumenta que as pessoas heterossexuais sempre precisaram usar da força interpelativa da ofensa *queer* para constituírem performativamente a sua própria identidade de gênero. Pensando relacionalmente é possível estabelecer semelhanças com o uso da palavra *bicha* ou *viado* no contexto brasileiro por pessoas heterossexuais que pretendiam atingir um grau de legitimação de sua expressão sexual e de gênero através do repúdio a outras identificações. Entretanto, a filósofa ao defender o uso do termo *queer* faz também uma invocação para que ganhe força criticamente uma genealogia do termo *queer* que resulte em

problematização da política *queer*. A autora repete a mesma formulação presente no primeiro capítulo de *Problemas de Gênero* sobre quais sujeitos devem ser representados pelo feminismo, mas dessa vez sobre o termo *queer*.

Por mais que se devam usar termos identitários e que se deva afirmar a “exterioridade”, é indispensável submeter essas mesmas noções a uma crítica das operações excludentes de sua própria produção: para quem a exterioridade seria uma opção historicamente disponível e acessível? Na demanda por uma “exterioridade” universal, existiria um caráter de classe dissimulado? Quem é representado e quem está excluído nos *diferentes* empregos do termo? Para quem o termo apresenta um conflito impossível entre filiação racial, étnica ou religiosa e política sexual? Que tipos de políticas permitem e que tipos de política relegam a um segundo plano ou simplesmente apagam os diferentes modos de empregar o termo? (BUTLER, 2019, p. 377).

Butler (2019) parece estar preocupada com uma possível mudança de amplitude do termo *queer*; que segundo ela, em um primeiro momento, indicou ser um local de contestação coletiva. Por assumir esse caráter de coligação e de formação de alianças entre homens, mulheres, lésbicas, gays e *queers* mais jovens é que Butler aposta em um profundo debate sobre o uso do termo, ao mesmo tempo que ela também aponta ser indispensável que as categorias de mulheres, lésbicas e gays não deixem de ser reivindicadas politicamente. Apesar de demarcar que o termo *queer* abre possibilidades para ser revisto, problematizado e até tornado obsoleto por causa das diferentes exclusões que de certa forma ainda o constituem, Butler não faz nenhuma menção explícita nesse texto sobre o tom colonizador que o emprego do termo em outros contextos (fora dos Estados Unidos) tomou ao ser usado como ampla representação política identitária e filiação teórica de pessoas gays, lésbicas, travestis e transexuais, por exemplo. Obviamente é preciso marcar que o texto data do início da década de 1990 e que não estou cobrando aqui nenhuma postura profética da autora. A própria Butler se refere a generalização temporal realizada por categorias identitárias como um erro necessário. O que indica um aparente paradoxo: como um movimento criado a partir da apropriação de uma ofensa tão flutuante como o *queer* pode assumir um lugar de representação? Butler aponta como resposta a força mobilizadora do termo em expressar uma afiliação política anti-homo/lesbo/transfóbica.

Por fim, Butler apresenta uma explicação que considero ser muito importante para o entendimento do seu pensamento sobre a questão do gênero. Para ela “*a redução da performatividade à performance seria um erro*” (BUTLER, 2019, p. 387). Não é o ato

de vestir roupas femininas que faz a mulher. Para ela, gênero é uma atribuição constituída por um processo reiterado de corporificação das normas, normas essas que seguem um ideal heteronormativo onde os sujeitos estão inseridos e coagidos a negociar, seja pela via da obediência ou da subversão, como pode ser visualizado na prática *drag* exemplificado por Butler. A autora ainda reforça que ao problematizar gênero é possível discutir teoricamente também a sexualidade como resultado da veiculação naturalizante do desejo e da regulação de gênero.

Em outro texto – *Undoing Gender* publicado originalmente em 2004 e traduzido para o espanhol sob o título de *Deshacer el género* em 2006 – Butler reforça essa visão de que o gênero é uma forma de fazer, e que a prática performativa de gênero pode ser compreendida no gerúndio, isto é, o ato de estar constantemente fazendo gênero em relação ao outro. Nesse livro que na verdade é formado por um conjunto de artigos escritos em anos anteriores²⁰, Butler enfatiza como a marca do reconhecimento da humanidade no outro é mobilizada para classificar as vidas em viáveis ou inviáveis.

Butler (2006) assume um tom mais objetivo e expõe posicionamentos políticos de forma mais contundente. Ela problematiza a noção de que a experiência de reconhecimento pode ser pensada a partir do entrecruzamento de três pontos: desejo, normas sociais e individualidade. Em outras palavras, a autora expõe que quando percebemos que as normas sociais – que moldam a nossa existência – carregam em si desejos que não são gerados em nossas individualidades, o poder de dependência exercido por estas normas sociais em nossa individualidade é desvelado. A partir disso algumas perguntas podem surgir como motivadoras: que desejo é esse? E que poder é esse? Butler (2006) baseando-se em Hegel afirma que: “*el deseo es siempre un deseo de reconocimiento y que cualquiera de nosotros se constituye como ser social viable únicamente a través de la experiencia del reconocimiento*” (BUTLER, 2006, p. 14). A autora acrescenta que é do desejo de ser reconhecido enquanto humano que ela pretende pensar, tendo em vista que na esfera do reconhecimento:

²⁰ Alguns dos capítulos de *Undoing Gender* (BUTLER, 2004) já foram, inclusive, traduzidos para o português. É o caso, por exemplo, de BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? [Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien]. *Cad. Pagu* [online], n. 21, 2003. BUTLER, Judith. Anseio de reconhecimento. [Tradução: Jainara Gomes de Oliveira; Tarsila Chiara A. S. Santana]. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 3, n. 5, p. 185-207, 31 mar. 2017b. BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. [Tradução: André Rios; Revisão: Márcia Arán]. *Physis*, vol.19, n.1, Rio de Janeiro, 2009b.

Algunos humanos son reconocidos como menos que humanos y dicha forma de reconocimiento con enmiendas no conduce a una vida viable. A algunos humanos no se les reconoce en absoluto como humanos y esto conduce a otro orden de vida inviable. Si parte de lo que busca el deseo es obtener reconocimiento, entonces el género, en la medida en que está animado por el deseo, buscará también reconocimiento (BUTLER, 2006, p. 15).

Butler (2006) faz uso das noções de vida viável e gênero inteligível para contextualizar acerca das estratégias de produção das vidas que podem ser reconhecidas como humanas, menos humanas ou não humanas. Os termos “viável” e “inteligível” têm a ver com a concordância entre as expressões identitárias com um sistema de normas sociais fundado e determinado sob o alicerce da matriz heterossexual, ou seja, o fato de não se reconhecer nem como homem nem como mulher, mas como trans, por exemplo, pode implicar numa série de experiências que findam em restrições e/ou anulações daquela vida ser considerada como humana.

Com isso, aqui retorno a segunda pergunta, “que poder é esse?”. Butler (2006) afirma que as normas sociais têm o poder de interpelar o sujeito enquanto ser social passível de reconhecimento, uma vez que o desejo de reconhecimento é uma via de mão dupla onde o “eu” não tem preferência. Afirmar “*eu desejo ser reconhecido*” é a mesma coisa que dizer “*desejo que o Outro me reconheça*”, e, nesse jogo de palavras e ações, o “Outro” exerce muito mais poder do que o indivíduo que reivindica reconhecimento. A autora coloca que “*la medida en que el deseo está implicado en las normas sociales, se encuentra ligado con la cuestión del poder y con el problema de quién reúne los requisitos de lo que se reconoce como humano y quién no*” (BUTLER, 2006, p. 15). Entretanto, vale lembrar que Butler avalia que mesmo que o sujeito seja constituído e dependente das normas sociais é possível tentar manter com elas uma relação crítica e transformadora.

Em seu texto, a autora tensiona de diferentes ângulos o Estado como uma instituição imbuída por normas sociais que pode ser vista como o grande “Outro” capaz de dar legitimidade ao desejo de reconhecimento do sujeito. Butler (2006) não faz uma teoria geral do Estado, mas o retrata como sendo aquele que por vezes detém o monopólio dos recursos de reconhecimento²¹, uma vez que, na visão da autora, muitas pessoas gays, lésbicas e trans perseguem a legitimação estatal com o intuito de ter o direito ao reconhecimento como humanas e/ou como cidadãs garantido e respeitado. A fim de exemplos práticos, Butler cita as lutas do movimento de pessoas gays, lésbicas, trans,

²¹ BUTLER, 2006, p. 166.

intersexo e *queers* pela conquista ao casamento homoafetivo, pela adoção de crianças por casais homossexuais, o movimento pela despatologização das identidades trans e a demanda das pessoas intersexo em ter o direito de decidir sobre o próprio corpo. Em todos esses casos, o Estado aparece como um dos principais reguladores das condutas e reprodutor das normas sociais baseadas sob a matriz heterossexual, tendo em vista que essas reivindicações são feitas ao Estado através de propostas de mudanças na legislação vigente de uma nação.

2.4 - Pensando os processos de humanização e desumanização

No mesmo ano da publicação de *Undoing Gender* (BUTLER, 2004), Butler também publica *Precarious Life – The Powers of Mourning and Violence* (BUTLER, 2004b)²², traduzido para o espanhol em 2006 sob o título *Vida Precaria – El poder del duelo y la violencia*²³, onde direciona seu olhar crítico para o contexto pós atentado de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos para aprofundar a sua análise sobre o ato de reconhecer o outro como humano e sobre a experiência de vulnerabilidade e precariedade da vida.

Butler (2006b) continua a problematizar o papel do Estado na garantia do reconhecimento como vidas habitáveis, apesar de expor que em sua compreensão o Estado não é o único responsável em reconhecer a humanidade nos indivíduos. A análise de Butler é contextual e envolve distintas variáveis analíticas. Por exemplo, ao falar sobre a busca de entender as razões do ataque aos Estados Unidos ela aponta a estratégia usada pelo discurso midiático de desqualificação e de acusação de não defender os interesses nacionais estadunidenses. Ao colocar em discussão a Prisão de Guantánamo como uma detenção indefinida, Butler elabora um raciocínio ao sugerir que no local em questão funcionários de um regime de governo dão conta de operações de poder soberano que

²² Um dos ensaios que compõem o livro teve uma versão traduzida para o português em 2011: BUTLER, Judith. Vida precária. [tradução de Angelo Marcelo Vasco; Revisão de Richard Miskolci]. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, 2011, n.1, p. 13-33.

²³ A tradução do livro completo foi publicada em português somente no ano de 2019 quando esse trecho da tese já estava concluído, por isso foi utilizado a versão em espanhol nas citações diretas. Para consultar a versão em português: BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

tendem a colocar o direito legal sob um efeito suspensivo, dando assim margem para que os seres humanos que estão em situação de cárcere sejam tratados como menos humanos, tendo a sua dignidade violada e seus direitos negados. Além de problematizar a violência do Estado, Butler debate sobre o luto como esfera de reconhecimento.

Algunas vidas valen la pena, otras no; la distribución diferencial del dolor que decide qué clase de sujeto merece un duelo y qué clase de sujeto no, produce y mantiene ciertas concepciones de quién es normativamente humano: ¿qué cuenta como vida vivible y muerte lamentable? (BUTLER, 2006b, p. 16-17).

Ao levar em consideração o tema do luto como elemento constituidor de reconhecimento de humanidade, Butler (2006b) se questiona o quão fácil é eliminar a vida humana. Essa parece ser a pergunta crucial para entender o que a autora argumenta em *Vida precaria*. Butler utiliza a metáfora do “rosto” em Lévinas para assinalar que o não reconhecimento do Outro como humano igual a mim causa uma atitude de negação pela via da exclusão ou da agressão. A forma como a filósofa cita o “rosto” em Lévinas indica a dinâmica de alteridade da humanidade do Outro pela identificação de um ponto original semelhante entre dois seres humanos, mas a criação cultural da figura do inimigo a ser eliminado, e portanto, não passível de ter uma morte publicamente lamentada é constituída na negação do referente de similitude.

Essa chave de interpretação merece destaque porque o não reconhecimento do Outro como humano ou como menos humano e a classificação de determinadas formas de existência como vidas inviáveis por não se encaixarem no modelo de inteligibilidade cultural vigente foi bastante apropriado em produções de outros/as autores/as – como será visto nos capítulos seguintes – para problematizar a vida das travestis, das transexuais, das pessoas intersexo e de pessoas que se identificam como não-binárias, a-gêneros ou gênero fluído em diferentes contextos regionais e sociais.

As estratégias usadas por diferentes instituições que marcam uma rede de discursos e poderes como o controle da circulação midiática da violência de Estado ou o sistema de normas sociais baseado na matriz heterossexual possibilita a discussão sobre a precariedade e vulnerabilidade da vida ao salientar que alguns rostos não entendidos como humanos podem ter suas vidas eliminadas, e ainda mais, o ato coletivo de não atribuir a outro grupo social ou outro sujeito o caráter de uma vida habitável realça os

limites etnocêntricos de um campo de visibilidade do que pode ser reconhecido como uma vida humana digna de ter uma morte publicamente lamentada.

2.5 - Butler, uma nova cartógrafa?²⁴

A forma que Judith Butler escreve seus livros é singular. A filósofa parte de uma escrita interrogativa, provocativa e difícil. *Problemas de Gênero* é um livro instigante, mas por dialogar com diversas referências como, por exemplo a literatura feminista, a antropologia estrutural de Lévi-Strauss, a psicanálise de Freud e Lacan, as noções teóricas linguísticas de John L. Austin e Jacques Derrida, e a analítica do poder de Michel Foucault é uma obra desafiadora.

Butler (2015) parece preferir muito mais ruminar teorias e conceitos desses outros autores do que simplesmente apresentá-las ou dar continuidade. A metodologia adotada pela a autora parece ser um constante exercício de dispor problemas, jogar questões, mobilizar ideias, estabelecer pontos de diálogo e crítica para então lançar propostas originais. Entretanto, Butler não faz todos esses movimentos de maneira sequencial, seguindo um modelo de escrita acadêmica rígido, mas a sua forma de filosofar parece ser tão particular quanto aleatória. O que parece ter sido um dos motivos que contribuíram, por exemplo, para a justificativa de Butler para lançar um outro livro com a intenção de responder as críticas lançadas à *Problemas de Gênero*. Em *Bodies that matter. On the Discursive Limits of "Sex"* (1993), Butler apresenta noções mais maduras de suas proposições teóricas anteriores, mas também segue um modelo de escrita que possibilita pistas para o avistamento de uma técnica metodológica de elaboração textual, isto é, um exercício de produção filosófica sem preconceito com as fontes, com os terrenos a serem explorados e problematizados em pé de igualdade com a literatura acadêmica.

Em *Corpos que Importam*²⁵ (2019), a autora dedica um capítulo inteiro partindo da análise fílmica de *Paris is Burning* (1990), um filme que retrata os bailes *drag* de Nova York na década 1980, para explicar as noções de performatividade e matriz heterossexual.

²⁴ Inspirado no título do subcapítulo do livro de Gilles Deleuze sobre Michel Foucault: “Um novo cartógrafo (Vigiar e Punir) (DELEUZE, 2006, p. 33-53).

²⁵ Publicação da tradução em 2019 para o português do livro *Bodies that matter* (1993).

Uma postura metodológica que parece combinar com as indicações de Rolnik (2011) do que poderia ser entendido como a prática de um cartógrafo:

[...] O que importa é que, para ele, teoria é sempre cartografia – e, sendo assim, ela se faz juntamente com as paisagens cuja formação ele acompanha (inclusive a teoria aqui apresentada, evidentemente). Para isso, o cartógrafo absorve matérias de qualquer procedência. Não tem o menor racismo de frequência, linguagem ou estilo. Tudo o que der língua para os movimentos do desejo, tudo o que servir para cunhar matéria de expressão e criar sentido, para ele é bem-vindo. Todas as entradas são boas, desde que as saídas sejam múltiplas. Por isso o cartógrafo serve-se de fontes as mais variadas, incluindo fontes não só escritas e nem só teóricas. Seus operadores conceituais podem surgir tanto de um filme quando de uma conversa ou de um tratado de filosofia. **O cartógrafo é um verdadeiro antropófago: vive de expropriar, se apropriar, devorar e desovar, trasvalorado**²⁶ (ROLNIK, 2011, p. 65).

O exemplo de Butler se apropriando e devorando materiais de fontes não escritas não é exclusivo de *Corpos que importam* (2019), em outras publicações a autora toma o mesmo tipo de atitude, como se pode ver em *Quadros de Guerra* (2015b) quando Butler reflete sobre a ética da fotografia ou ainda em *Corpos em aliança e a política das ruas* (2018) ao analisar os protestos de rua, como os que aconteceram na Praça Tahrir no Egito durante a *Primavera árabe* e o movimento *Occupy Wall Street* nos Estados Unidos, para propor uma teoria performativa de assembleia. Mesmo assim, essas colocações não têm a intenção de enquadrar Butler como uma cartógrafa, apesar de ser esse o título dessa subparte de capítulo. Como assinalarei no decorrer da tese, Butler não se define como sendo somente uma filósofa, muito menos como uma filósofa interessada unicamente nas teorias de gênero. Com isso, embora almeje realizar uma investigação cartográfica da recepção do pensamento de Butler e dos estudos *queer* no Brasil, e observar na autora em questão posturas metodológicas e éticas descritas como características da cartografia, não pretendo encerrá-la como uma cartógrafa, a indagação se ela é uma nova cartógrafa funciona muito mais como provocação para destacar que a percepção de semelhanças atitudinais entre a escrita teórica de Butler e a prática cartográfica podem apontar para mais uma justificativa que dá coro à abordagem da pesquisa.

²⁶ Grifos da autora no original.

2.6 - Sobre as não-rupturas

Por último, outro ponto que surge como importante é a ponderação de que não parece ser o melhor caminho enquadrar Butler como uma pensadora que possa ser separada em etapas, períodos ou partes, como alguns comentadores fizeram com o trabalho de Karl Marx e Michel Foucault, por exemplo.

Carla Rodrigues (2019) é uma das estudiosas que defendem essa ideia e argumenta que considerar que a Butler problematizadora das questões de gênero e identidade é diferente da Butler debatedora da política e democracia não é a melhor chave de resposta para entender a sua obra.

Tenho insistido em não dividir a obra da autora em duas partes, a primeira dedicada “apenas” ao gênero, a segunda mais ampla e, portanto, menos regional, o que serviria para confirmar e os problemas de gênero num lugar de saber que, embora transversal e multidisciplinar, nunca chegaria a alcançar estatuto de tema político. Todo debate sobre gênero é desde sempre político e o movimento da obra de Butler é justo o oposto disso: os problemas de gênero perpassam toda a sua filosofia, seja quando está tratando de distribuição desigual de luto público e percebe que a perda de certas vidas importa menos, o que termina por autorizar a violência contra elas; seja quando está propondo uma “aliança centrada na oposição à violência de Estado e sua capacidade de produzir, explorar e distribuir condições precárias e para fins de lucro e defesa territorial” (BUTLER, 2015, p. 55), ou quando está interrogando a estrutura colonial da dominação de Israel sobre a Palestina (BUTLER, 2017 [2012]). Some-se a isso a crescente influência do trabalho de sua companheira, Wendy Brown, nos seus textos mais recentes, e teremos em Butler uma crítica aguda do neoliberalismo e de suas formas de produzir precariedades em políticas voltadas a tornar ainda mais vulneráveis aqueles cujas vidas já são tomadas como matáveis desde o nascimento (RODRIGUES, 2019, p. 69-70).

Rodrigues (2019) prefere não dividir a autora entre “a Butler de gênero” e “a Butler da política” porque as questões de gênero também perpassam o campo da política. Parece ser, portanto, uma decisão coerente, uma vez que Butler não costuma abandonar conceitos, mas revisitá-los em sua obra e acrescentar reflexões atravessadas por diferentes fatores como contextos, acontecimentos e atos públicos, como por exemplo ela fez ao escrever *Corpos em aliança e política das ruas* (BUTLER, 2018), retornando ao debate da teoria da performatividade e adicionando reflexões sobre reuniões em assembleia em espaços públicos.

Outro estudioso brasileiro da obra de Butler que também oferece mais uma chave de resposta para examinar e compreender a contribuição da pensadora estadunidense é Felipe Demetri (2018), autor de uma dissertação de mestrado²⁷ sobre a noção de vulnerabilidade na obra de Butler. O importante trabalho de Demetri (2018) apresenta a obra de Butler como uma filósofa que, inicialmente, se interessa em investigar a questão da subversão da identidade e a materialidade do corpo, e após os atentados de 11 de setembro de 2001 nos Estados Unidos volta-se, mais manifestadamente, para a gramática da precariedade do corpo e vulnerabilidade da vida. A partir disso, Butler elabora uma série de reflexões sobre o ato de reconhecer uma vida vivível e uma vida não habitável na sociedade contemporânea. A noção de vulnerabilidade, para Demetri (2018), passa a ser central na obra da autora porque Butler propõe em diferentes momentos de seu trabalho que uma política de alianças, com base numa proposta de não-violência, tem que passar pelo reconhecimento da vulnerabilidade do outro.

O pesquisador, então, ao comentar os livros de Butler oferece a interpretação da autora para delimitar o conceito de vulnerabilidade passando por três dimensões distintas: a primeira é a vulnerabilidade enquanto resistência, já que apropriando-se de uma noção de poder foucaultiana, Butler entende que “*mesmo os esquemas normativos mais rígidos são passíveis de reapropriação*” (DEMETRI, 2018, p. 152), ou seja, mesmo que haja muita tentativa de controle por parte das normas, o sujeito ainda mantém seu poder de agência. Essa ponderação leva a segunda consideração: o reconhecimento da vulnerabilidade enquanto proposta ética de coabitação; e a terceira esfera: um aspecto de racionalidade que apresenta o sujeito como um corpo que depende do outro para ser reconhecido e, exatamente por isso, é vulnerável (DEMETRI, 2018).

Mais especificamente sobre a questão se há ou não rupturas temáticas na obra de Butler, resolvi enviar uma carta para Demetri, dentro do projeto das *Correspondências queer*, o autor gentilmente respondeu afirmando que:

O que se pode entender por "ruptura temática" é demasiadamente diverso. Talvez, em um sentido *interna corporis* à obra dela, eu diria que, seguindo os livros ao longo do tempo, em geral você observa amadurecimentos de diversas questões. Isso fala um pouco do "método" dela, que é ensaístico. Então nós sabemos que ela não está muito preocupada em, a cada livro, realizar um resgate exaustivo de conceitos e teorizações anteriores. É possível, talvez, identificar algumas rupturas: por exemplo de *Gender Trouble* pra *Bodies That Matter*, há no segundo

²⁷ A dissertação de mestrado de Felipe Demetri teve uma versão publicada em livro sob o título: *Judith Butler: filósofa da vulnerabilidade*, publicado pela Editora Devires em 2018.

livro uma recepção forte de Foucault, enquanto no primeiro há o que chamo de "distância estratégica". Há quem argumente que os livros dela pós 11 de setembro passaram por uma "virada ética", especialmente quando entra em relevância a questão da *precariedade da vida*. Não sei até que ponto concordaria com isso. Em *Notes toward a performative theory of assembly*, há um momento no primeiro capítulo, acho, em que ela faz um balanço da obra, sugerindo muito mais uma continuidade do que uma ruptura. Ela usa argumentos convincentes. Mas as referências dela mudam bastante durante os anos, então acredito que muitas das "rupturas" acontecem "por detrás dos panos" por assim dizer. Ela disse numa entrevista recente que, por exemplo, Foucault foi muito importante pra ela nos anos 90, mas que depois ele foi pra segundo plano. Quando mudam as referências, acho que isso indicam algumas rupturas de pensamento. Mas isso jamais deve ser visto como um problema, claro, e não imagino que você veja dessa forma. As crises e as rupturas são fundamentais para o avanço de algum autor. Isso que falei até agora é um sentido de ruptura temática, que não sei se corresponde ao que perguntaste. Pensando agora "ruptura temática" num sentido mais "extrínseco", em relação aos campos de estudos em que ela se situa, diria que há algumas "rupturas" ou avanços, não saberia qualificar muito bem. Talvez a questão da performatividade seja uma ruptura na área mais ampla de estudos de gênero. Talvez quando ela reconsidera Freud à luz de Foucault em *Psychic life of power* seja uma espécie de ruptura no pós-estruturalismo. São hipóteses possíveis de serem perseguidas (DEMETRI, 2020)²⁸.

A perspectiva de “rupturas que acontecem por detrás dos panos” é particularmente interessante para entender as proposições de uma pensadora que parece ter apetite em apresentar problemas teóricos, isso porque talvez seja completamente aceitável dizer que Butler promoveu rupturas temáticas ao mesmo tempo que elaborou continuidades. Nesse sentido, surge uma observação provocativa, os indícios de que Butler parece ser uma autora que tem como uma de suas características mais marcantes de seu exercício intelectual a capacidade de abrir brechas em terrenos sólidos e fazer com a sua escrita uma espécie de ato incessante de “cutucar a própria ferida aberta” com o intuito de construir e percorrer caminhos diferentes a cada passo reflexivo.

Por fim, considero que a sugestão de entendimento de chave de interpretação da obra de Butler é a questão do reconhecimento. O reconhecimento parece ser presente na composição do pensamento da autora desde sua tese de doutorado defendida na década de 1980 sobre a recepção francesa da obra do filósofo alemão Friedrich Hegel (BUTLER,

²⁸ Trecho da carta enviada por Felipe Demetri no dia 17 de setembro de 2020.

2012). A herança hegeliana em conceber que todo *reconhecimento é desejo por reconhecimento* também parece se desdobrar quando Butler (2003) debate a questão da representação do sujeito no feminismo e a noção de gênero inteligível em *Problemas de Gênero*. O reconhecimento da precariedade do corpo e vulnerabilidade da vida aplicada em diferentes enquadramentos, no que diz respeito, por exemplo, à condição precária dos palestinos, das pessoas LGBTQI+²⁹, mulheres vítimas de violência e a formação de alianças para promoção de uma política de assembleia como resistência democrática sinaliza a configuração de um fio condutor em sua obra, ou seja, se recebesse a tarefa de tentar visualizar em poucas palavras o possível legado do pensamento de Judith Butler, sentiria atração em apontar que a sua contribuição, sobretudo, parece se tornar cada vez mais fundamental na discussão teórica do reconhecimento na filosofia e nas ciências sociais da contemporaneidade.

Em suma, são esses apontamentos, conceitos e noções que constituirão o alvo da investigação sobre como tais reflexões de Butler foram recepcionadas, incorporadas, debatidas e desdobradas na produção acadêmica brasileira. O próximo capítulo apresenta o primeiro passo desse movimento, isto é, os trabalhos brasileiros que pioneiramente se utilizaram dos aportes teórico-conceituais de Butler para abordar seus problemas de pesquisa.

²⁹ A sigla indica diferentes maneiras de reconhecimento das sexualidades e identidades de gênero: lésbicas, gays, bissexuais, trans, travestis, transexuais, transgêneros, *queers*, intersexos e outras expressões representadas pelo + como, por exemplo, *crossdressers*, assexuais, não-binários, e etc., além de ser usada como forma de posicionamento político.

CAPÍTULO II

O pensamento de Butler no Brasil: múltiplas entradas

(Para ler depois de assistir ao filme “Tudo sobre Minha Mãe” de Pedro Almodóvar)³⁰.

A tarefa de escrever sobre a recepção da obra de Judith Butler no Brasil já foi precedida por outros autores que deram suas contribuições em formas de artigos, capítulos de livros, monografias, resenhas e etc. O que tentei realizar primeiramente foi seguir pistas, rastros deixados por outros detetives da academia que me fizeram desejar novos horizontes de análise. Esse processo investigativo e de construção do trabalho se deu, inicialmente, sem acompanhar muitas regras ou manuais metodológicos que ensinam da forma mais robusta e erudita possível por onde se deve começar uma pesquisa.

Parecia ser bastante nítido por tudo que aprendi quando decidi fazer ciência que o ponto inicial de uma investigação deve ser a origem do problema ou, pelo menos, a busca dessa originalidade. A maneira como as proposições de Butler foram apresentadas para mim, assemelhava-se muito imagetivamente com a forma de uma árvore. Uma árvore grande, alta, cheia de galhos com folhagem vasta, difícil de abraçar como um Baobá do Poeta³¹. Ao olhar um Baobá adulto é complicado pensá-lo como ele era quando pequeno. As suas raízes grossas, semiexpostas dão um ar de imponência e de intransponibilidade. Como conseguirei compreender o processo que fez aquela árvore se formar e se transformar? Pois bem, foi mais ou menos essa pergunta que ecoou em mim quando pensei em escrever essa tese.

Então preferi recorrer as considerações de botânicos do conhecimento, mais experientes e instruídos do que eu no assunto que tinha nome e sobrenome, Judith Butler. É uma contribuição da botânica que uma grande parcela da responsabilidade da formação das florestas deve-se a atividade dos pássaros. São os pássaros que comem os frutos e depois, literalmente, *cagam* as sementes por todas as regiões que percorrem em seus voos. Veja bem, ao longo do tempo muitas sementes já foram lançadas em diferentes terrenos,

³⁰ *Todo Sobre Mi Madre*. Direção: Pedro Almodóvar. Produção executiva: Agustín Almodóvar. Espanha, 1999. duração: 101min.

³¹ Árvore do tipo Baobá localizada em Natal-RN que conta com mais de 19 metros de altura e 6 metros de diâmetro. Alguns historiadores potiguares acreditam que Antoine de Saint-Exupéry tenha passado por Natal em 1939 quando era piloto de avião e se encantado pela árvore, inspirando-o a retratá-la posteriormente no seu livro mais famoso, “O Pequeno Príncipe”, publicado em 1943.

o que imensamente dificultaria se o meu trabalho fosse descobrir o ponto inicial de formação de uma floresta. Seria necessário, portanto, apontar a semente inaugural que deu origem a árvore-primária, e antes disso, o primeiro pássaro semeador, ou ainda, o fruto que alimentou esse pássaro, ao ponto de entrarmos em um ciclo infinito de filiações possíveis. Imaginar a disseminação da obra de uma filósofa como uma árvore é aceitável, métodos genealógicos em pesquisas na área de humanas existem e já foram aplicados com sucesso em diferentes frentes, das Ciências Sociais à História, da Filosofia à Psicologia. Mas o problema das sementes, das raízes, dos pássaros e dos galhos insistia em martelar a minha cabeça. Como conseguiria enxergar todos os pontos de filiação se alguns estão tão enraizados que se tornaram invisíveis ao olho nu; se outros pontos sequer existem mais, foram queimados ou arrancados, ou simplesmente morreram?

O modelo do livro ou da teoria como uma árvore-raiz é abordado por Gilles Deleuze & Félix Guattari (1995) em oposição a forma do rizoma. Para os autores, o primeiro modelo tenta visualizar o conhecimento seguindo uma sequência ordenada de filiação, “[...] *há sempre algo de genealógico numa árvore*” (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 15). Apesar disso, confesso que tentei, em um primeiro momento, acompanhar o modelo da árvore fazendo o que disse anteriormente, seguindo pistas.

A primeira pista não é, na verdade, apenas uma, mas são quatro, deixadas por Leandro Colling quando escreveu um artigo intitulado “*Quatro dicas preliminares para transar a genealogia do queer no Brasil*” (2015). Nesse texto, o autor desmonta como quem tira uma maquiagem depois de uma *balada*, o argumento de que a teoria *queer* encaixou em conceitos estrangeiros a realidade brasileira. Colling (2015) defende que as análises e produções artísticas realizadas no Brasil muito antes da teoria *queer* ser nomeada por Teresa de Lauretis (1991), no início da década de 1990³², já pertenciam há um agenciamento de saberes que foram capazes de provocar tensionamentos, rupturas e reflexões na sociedade brasileira.

Na produção acadêmica nacional, o autor destaca um trecho do debate promovido por Felix Guattari e Suely Rolnik³³ em 1982 com Luiz Mott, professor e ativista gay brasileiro, sobre o *devoir* e o desejo. Conceitos que se tornaram alvos de muitas análises

³² Vale lembrar que anos antes de Teresa de Lauretis (1991) apropriar-se do termo *queer* para nomear e propor uma teoria, Gloria Anzaldúa (1987) já havia escrito um livro onde utilizava a palavra *queer* como expressão política e identitária. Porém, como não é um objetivo da tese traçar uma genealogia do *queer* desde o seu primeiro lugar de origem, foquei minhas análises na recepção brasileira desse campo de estudos/ativismos.

³³ Félix Guattari & Suely Rolnik publicaram os resultados desses debates em formato de livro intitulado “*Micropolítica – cartografias do desejo* (1996).

dos estudos *queer* em décadas seguintes. Outra produção apontada por Colling (2015) que marcou o campo de estudos de gênero e sexualidades na época é “*O Negócio do Michê*” (1987) de Néstor Perlongher, um autor argentino radicado no Brasil, considerado por muitos, como por exemplo, Richard Miskolci e Larissa Pelúcio (2008), um autor vanguardista da perspectiva *queer* no país. Além de citar outros autores e trabalhos, Colling (2015) assinala na área da arte a potência criativa do grupo teatral *Dzi Croquettes* que incrivelmente, em plena ditadura militar nos 1970, fizeram um absurdo sucesso se apresentando em palcos brasileiros com performances que desafiavam a lógica binária do gênero. Homens com barba para fazer, peitos peludos, mas que vestiam roupas femininas e performavam a androginia com piadas inteligentes, sarcásticas e erotizadas³⁴.

Colling (2015), então, sugere dicas para traçar, ou em suas palavras, para transar uma resposta sobre o passado de uma concepção *queer* no Brasil. Em primeiro lugar, indica para os críticos que acusam a ocorrência de importação do corpo teórico-conceitual de um movimento estadunidense para analisar os modos de existência brasileiros que deveriam refletir se a própria ideia de nacionalidade pode ser aplicada aos estudos *queer*; visto que o *queer* enquanto teoria é fruto de uma rede de esforços críticos de autoras/es de diferentes nacionalidades. Entretanto, ele ressalta que como estudioso brasileiro almeja ver os estudos *queer* pintados de cores latino-americanas. Em segundo lugar, o autor admite que na busca por raízes *queer* no Brasil deve-se lembrar dos trabalhos pioneiros que inauguraram perspectivas fluídas de entender as nossas expressões de identidade, de gênero e sexualidades. Trabalhos esses que foram fortemente influenciados por Foucault, Deleuze e Guattari como, por exemplo, as produções de Perlongher (2008), Suely Rolnik (2011), Edward MacRae (1990), João Gilberto Noll (1997) e João Silvério Trevisan (2007).

Em seguida, Colling (2015) salienta a curiosidade que esses trabalhos pioneiros podem despertar sobre como os seus objetos de pesquisa provocaram uma amplitude na forma de mobilizar concepções teóricas em busca de criar algo diferente para um campo em expansão, e mesmo que esse movimento não tenha seguido por conta própria, seguramente deixou uma memória que merece ser resgatada. Por último, na esteira de Juan Pablo Sutherland (2009), Colling atenta que é preciso entender o desenvolvimento da perspectiva *queer* fora das fronteiras estadunidenses a partir de um prisma

³⁴ Para saber mais consulte o documentário “*Dzi Croquettes*”, dirigido por Raphael Alvarez e Tatiana Issa, 2009, duração: 1h50min.

metodológico (HALBERSTAN, 2008) que permita enxergar as ressonâncias *queer* em diferentes produções culturais como a música, o teatro e a literatura.

Leandro Colling não foi o único a buscar o passado da teoria *queer* no Brasil, Richard Miskolci (2012, 2014, 2015) em diferentes momentos também tentou identificar as raízes dessa perspectiva no país. Para isso, Miskolci tracejou seu caminho marcando as ligações diretas entre a academia brasileira, a obra de Judith Butler e a teoria *queer*.

Ainda que haja registros da recepção *queer* norte-americana entre feministas brasileiras desde meados da década de 1990 (Safiotti, 1995; Bessa, 1995), as fontes que conheço parecem indicar que o primeiro texto publicado no Brasil referindo-se explicitamente à corrente teórica como um conjunto articulado foi o “*Teoria queer: uma perspectiva pós-identitária para a educação*”, de Guacira Lopes Louro, publicado na *Revista de Estudos Feministas*, em 2001 (MISKOLCI, 2015, p. 243-244).

Miskolci (2011; 2012, 2014; 2015) considera um marco para a produção acadêmica no país o artigo de Louro (2001), ao ponto de afirmar que muito provavelmente a teoria *queer* tenha entrado no Brasil pela porta da educação. Seria essa, então, a primeira semente? O argumento de Miskolci é que Guacira Louro foi a primeira a utilizar o aporte teórico-conceitual da teoria *queer* para analisar e subverter uma área do saber e campo de atuação que é a educação brasileira, produzindo um ponto de impacto que impulsionou o avanço da perspectiva *queer* no Brasil. De fato, como apresentarei no próximo capítulo, esse artigo de Louro (2001) já ultrapassa a marca de 700 citações em outros trabalhos, sendo um dos textos mais citados na posterior produção acadêmica *queer* brasileira.

Conseguí com Miskolci (2011; 2012; 2014; 2015) alcançar, pelo menos, mais duas pistas sobre o desenvolvimento da teoria *queer* no Brasil. A primeira refere-se à indicação que ele fez sobre Heleith Safiotti (1995) e Karla Bessa (1995) de que o trabalho das duas já poderiam contar como registros do contato da teoria *queer* em terras brasileiras. Segui essa pista e mais a frente voltarei a falar sobre ela. A outra pista sugere que uma forma de compreender a origem de uma floresta é dando crédito para a sua maior árvore, para aquela planta que conseguiu crescer primeiro ou para a árvore que tenha mais ramificações, mais galhos capazes de servir de abrigo para diferentes espécies de seres vivos. Seria essa, portanto, a minha saída? Identificar e nomear as maiores árvores da floresta e assim poder dizer depois que capturei a melhor fotografia do campo?

Um outro autor provocado pelas afirmações de Miskolci (2011) resolveu explorar mais profundamente o surgimento da teoria *queer* no Brasil. Fernando José Benetti

movido por perguntas-problemas do tipo: “*como ocorreu a emergência da Teoria queer no Brasil?*” e “*será que Guacira Lopes Louro era a única teórica que tratava sobre o assunto?*” (BENETTI, 2013, p. 25), produziu um relevante trabalho monográfico sobre o tema. Utilizando variadas técnicas de pesquisa, tais como levantamento bibliográfico, entrevista com autores/as por *e-mail* e análise de bancos de dados de teses, dissertações e artigos acadêmicos, Benetti desembrolha uma genealogia seguindo o modelo metodológico de Foucault (1979) mirando os pontos quase esquecidos da história *queer* no país. A pista deixada por Miskolci em uma nota de rodapé do seu texto ao afirmar que: “*Tudo parece indicar que a recepção se inicia com a leitura de autoras como Judith Butler, na UNICAMP, no final da década de 1990*” (MISKOLCI, 2011, p. 58) também interessou Benetti, e ele descreve as contribuições que alguns nomes até então pouco citados deram à teoria *queer* no Brasil ainda nos 1990. Karla Bessa em 1995 foi a primeira a publicar uma resenha sobre o texto de Butler, escrito cinco anos antes, “*Gender Trouble: feminism and subversion of identity* (1990)”.

Bessa (1995) faz apontamentos interessantes sobre a forma de escrita de Butler. Segundo ela, “*a autora lida com alguns senso-comuns das teorias de gênero de uma maneira tal que se assemelha àqueles que transformam uma cena/paisagem banal em pura poesia*” (BESSA, 1995, p. 262). Nesse ponto, Bessa estava indicando que a leitura da obra de Butler provocou o deslocamento de velhos territórios bem consolidados do feminismo. Até aquele momento, o texto de Butler não havia sido ainda traduzido para o português, – a tradução só aconteceu oito anos depois em 2003 – a autora, então, atenta para a dificuldade de traduzir o termo “*trouble*” presente no título do livro original. Por isso, Bessa assinala que seu significado pode ser bastante aberto e capaz de ser entendido a partir das aplicações que Butler põe em funcionamento nas suas reflexões.

Não dá para fazer uma tradução literal do termo, mas ao longo do texto vamos encontrar seu significado, por sinal bastante amplo. Deslocar a estrutura binária, falocêntrica e compulsoriamente heterossexual, que figura como eixo predominante quando a questão é gênero, produz sérias **confusões** nas pessoas, nas instituições, no poder público e jurídico, nos movimentos feministas, etc. Certas formulações de gênero (como as drag queens, dress-cross, queers...) causam **encrenca, bagunçam** a estabilidade de noções, valores, atitudes que considerávamos parte da “natureza humana” como, por exemplo, a determinação sexual das pessoas (afinal, para determinar o sexo de uma criança bastava um ligeiro olhar para os seus órgãos genitais, e agora, o que caracteriza o sexo de alguém?) (BESSA, 1995, p. 263)³⁵.

³⁵ Grifos da autora.

O termo “*trouble*” foi traduzido posteriormente para o português como “*problemas*”, mas as possibilidades de tradução apresentadas por Bessa (1995) realçadas em negrito na citação acima também são válidas se compararmos aos efeitos que as provocações de Butler nesse texto provocaram em diferentes áreas das ciências humanas no Brasil. Outra indicação importante colocada pela estudiosa brasileira em uma nota de rodapé da resenha é que a motivação para a escrita do texto surgiu após a leitura do livro em inglês com colegas do Grupo de Estudos *Pagu* em São Paulo. Benetti (2013) afirma que a maneira como Bessa (1995) se referiu ao *queer* enquanto sujeitos e não enquanto teoria, indicava que nesse texto a autora não entendia e nem propunha uma entrada dos estudos *queer* como uma rede de suporte teórico-conceitual para problematizar a realidade brasileira. Porém, a minha tese atravessa a constituição da teoria *queer* no Brasil, mas foca-se na recepção e desdobramento do pensamento de Butler, e para essa tarefa o artigo de Bessa (1995) cumpre bem todos os requisitos. O nível de maturidade da leitura da obra de Butler feito por Bessa é algo que vale destacar, a autora finaliza a sua resenha afirmando que:

O entendimento que Butler tem de Gender Performance é de que não basta simplesmente acrescentar um terceiro gênero (homem, mulher, ?) aos padrões ético-morais. A autora sugere compreendermos gênero como ação, ação que se traduz tanto em identidades transitórias, quanto em matrizes discursivas e representações elaboradas durante o próprio ato de diferenciação da sexualidade. Esta prática é performática justamente porque possui um caráter dramático, volúvel (não necessariamente aleatório), e não supõe um sujeito com plena autonomia sobre si mesmo. Se o termo “dá conta do recado” ao qual foi destinado, ainda é cedo para sabermos, contudo, sua eficácia talvez resida nesta habilidade de nos mobilizar em torno deste desafio, pensar as formações de gênero e o alcance do próprio termo (BESSA, 1995, p. 267).

Além de comentar o livro de Butler, Bessa conseguiu relacioná-la com correntes palpitantes da intelectualidade brasileira da época, como por exemplo a categoria homoerotismo proposta por Jurandir Freire Costa (1992). A resenha crítica de Bessa (1995) expôs a inovação teórica que Butler dialoga com o feminismo para visibilizar outras identidades. É uma leitura introdutória, mas que pode ser interpretada como um marco da primeira aproximação possível da obra mais conhecida de Butler no Brasil.

Outra pista de Miskolci (2015) é a menção a Heleieth Safiotti (1995) que no texto “*Diferença ou indiferença: gênero, raça/etnia, classe social*”³⁶ cita o conceito de inteligibilidade de gênero de Butler. Nesse artigo, Safiotti defende que o sujeito é construído relacionalmente em um processo que além de tocar as condições de raça/etnia e classe social, perpassa, no mesmo nível de importância das outras duas condições, a constituição de gênero. Essa tripla constituição do sujeito é que garantirá, de acordo com Safiotti, o reconhecimento da multiplicidade e da diferença do sujeito, exemplificado pela autora pela referência à desconstrução da categoria Mulher com M maiúsculo no singular generalizante – que como uma lupa só enxergava patriarcado – pelo filtro microscópico das diferenças únicas das experiências de vida de cada indivíduo capazes de transformar a analítica universal em plural. Mesmo fazendo alusão a corrente feminista marxista relacional, nomeada por alguns como a segunda onda do feminismo, Safiotti defende a compreensão de um sujeito multifacetado, não fragmentado e atravessado pelas diferenças de gênero, raça/etnia e classe social. A aparente inovação para o pensamento feminista brasileiro da época era o entendimento transcrito pela autora que gênero e sexo não são coextensivos e que as diversas matrizes de gênero podem se estabelecer em competição capaz de gerar subversão. O que se pinta para mim como intrigante é que além de ser uma das primeiras a levar em consideração as noções de Butler no Brasil, e justo no momento que estou falando tanto de árvores e florestas, a socióloga termina seu texto com as palavras: “*as sementes da subversão do gênero estão germinando*” (SAFIOTTI, 1995, p. 163).

De fato, a maturidade dos comentários de Bessa (1995) e Safiotti (1995) sinalizam um momento germinal para a introdução das noções e problemáticas de Butler no Brasil³⁷. Três anos mais tarde, em 1998, a própria Karla Bessa organiza um dossiê para

³⁶ Capítulo de livro presente na coletânea: ADORNO, Sérgio (Org.). *A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade*. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

³⁷ Na minha pesquisa em busca das raízes mais profundas encontrei registros ainda mais antigos em português. Em um artigo de 1993 escrito por Ana Paula Ferreira sobre os discursos feministas, a autora menciona o livro “*Gender Trouble*” ao falar sobre novas correntes de pensamento feminista. “[...] Os Estudos do Gênero (*sic*) desenvolveram, nos últimos tempos e a par com a assimilação problematizada de teorias pós-modernistas, toda uma linha de teoria crítica que re-infunde uma noção de agência intervencionista num construtivismo discursivo acaso esquecido de responsabilidades éticas e políticas. Refiro-me às ideias adiantadas por Judith Butler (*Gender Trouble*, 1990) e Eve Sedgwick (*Epistemology of the close*, 1990), entre outras e outros, que propõem como fenômenos (*sic*) de representação dir-se-ia cênica não só o gênero mas também a própria sexualidade, e as identidades étnicas e raciais –heterogeneidades de performances deliberadas para as quais não existe propriamente uma natureza ou realidade biológica não simbolizada” (FERREIRA, 1993, p. 24). Entretanto, a autora que é professora catedrática de Estudos Portugueses na Universidade da Califórnia, em Irvine, é de origem portuguesa não tendo suas obras fácil circulação nas universidades brasileiras na época. O próprio artigo foi publicado na revista *Discursos da Universidade Aberta de Portugal*.

os *Cadernos Pagu*³⁸ que conta com a colaboração de várias/os pesquisadoras/es brasileiras/os que citam a obra de Butler em suas referências. Até mesmo Judith Butler contribuiu para o dossiê autorizando a tradução e publicação de um artigo publicado originalmente poucos meses depois do seu livro mais famoso “*Gender Trouble*” em 1990.

No mesmo ano que organiza o dossiê, Karla Bessa (1998b) publica outro artigo comentando a obra de Butler. A autora se torna, assim, a ser não só uma das primeiras a publicar “*Gender Trouble*”, mas também “*Bodies that Matter*” em terras brasileiras. No texto, Bessa (1998b) explica as noções de paródia de gênero, performance, materialidade do corpo e abjeção, e aponta que acompanhar a forma como Butler expõe suas ideias, fazendo uma mistura de concepções de diferentes autores sem tentar seguir uma linha histórica tradicional do pensamento filosófico parece ser uma aventura genealógica nos moldes de Foucault, mas com toques de originalidade em seu projeto de procurar entender o processo construtivo de inteligibilidade dos corpos inscritos em um regime regulatório do prazer. Além disso, Bessa (1998b) expõe algumas críticas à psicanálise feitas pela autora estadunidense e também aproximações que Butler realiza entre Freud e Lacan. É também muito interessante a maneira como Bessa encerra seu texto, quase como uma resposta adiantada a futuras críticas.

A quem disser que estas discussões não são pertinentes a um país como o Brasil, devido ao caráter 'básico' das emergenciais demandas políticas e sociais, eu refuto com um sim. Não tenho notícias de que algum presidente brasileiro tenha participado da abertura de um colóquio gay, como ocorreu com Bill Clinton, na "*memorable celebration*", *Gay and Lesbian Pride Celebration* (1997).

[...] No entanto, mesmo em proporção e natureza diversas, o Brasil vem sendo sensibilizado para esta problemática de várias maneiras. Algumas sutis, como na inserção de personagens atípicos em novelas de horário nobre, em algumas campanhas contra a Aids, entrevistas de figuras do mundo *fashion* em programas de televisão (*talk-shows*) e programas radiofônicos onde se debate a questão – não estou avaliando o grau de moralismo de tais 'exibições'; outras enfáticas e determinadas, como a formação de associações lésbicas e gays, a realização de encontros e congressos, a proliferação de pesquisas acadêmicas (nas ciências humanas e sociais), a publicação de periódicos especializados (como a revista *Suigeneris* - lançada em janeiro de 1995, trazendo comentários e entrevistas com personalidades públicas, nacionais e internacionais, que nos últimos tempos têm assumido sua 'identidade', ou seja, que fazem parte do "mundo dos entendidos") (BESSA, 1998b, p. 11-12).

³⁸ BESSA, Karla Adriana Martins (Org.). "Dossiê Masculinidades". *Cadernos Pagu*, v. 11, 1998.

Dessa maneira, a autora termina prevendo que esse texto pode provocar um diálogo bastante promissor sobre a formação de perspectiva identitária brasileira. Um exemplo dos efeitos da provocação causada pela importação dos conceitos de Butler parece se materializar no dossiê organizado por Bessa (1998). Nele, a autora convida diferentes estudiosos para escreverem sobre a trajetória e o uso da categoria gênero através de uma carta convite. Essa saudosa forma de falar sobre o mundo e também a resposta inspiradora obtida pela organizadora por meio do texto epistolar de Mariza Corrêa (1998), me motivaram a escrever uma carta à professora Karla Bessa dando continuidade às *Correspondências queer*. Tinha em mente o interesse de tentar reconstituir o clima da época e descobrir mais do período que marcou a entrada das palavras da pensadora-problema de minha tese. Sendo assim, não tinha a intenção de fazer um longo questionário ou marcar uma entrevista *online*, ao invés disso, preferi fazer apenas uma provocação a professora brasileira, e como sabia que um dos seus temas de pesquisas é cultura e produções audiovisuais, propus apenas, se possível, que ela descrevesse ou montasse uma cena que pudesse resumir como o encontro com a obra de Judith Butler a *afetou*³⁹ em sua forma de pensar e interpretar o mundo. A resposta veio em seguida e após comentar sobre o gosto que o retorno do dispositivo da carta lhe proporcionava, Bessa contou:

Eu entrei em contato com o texto de Butler por volta de 1990 e 1991, na época, as pessoas ao meu redor (UNICAMP) viam com certa desconfiança política os argumentos de Butler em *Gender Trouble*. Na verdade, talvez o modo como a junção que ela faz de autoras/autores de diferentes matrizes filosóficas e o modo como escapava ao mesmo tempo de uma psicanálise freud-lacaniana sem ser Deleuziana (algo mais comum no país). Havia também uma questão que hoje penso ser de ordem disciplinar, a maioria das pessoas que estudavam gênero no início da formação do *Pagu* eram ou da Antropologia, Sociologia ou História. Líamos filósofas, também outras feministas do campo dos estudos culturais, estudos de linguagem e, posteriormente, estudiosas do cinema. No entanto, não era uma leitura "fácil", pois vinha não só de um outro repertório, como de um outro modo de construção do conhecimento e de interrogações. Claro, isso é pura suposição minha, de que além do conteúdo do que Butler dizia, havia um mal estar com o modo como ela dizia. Eu confesso que gostei de imediato do livro *Gender Trouble* e só fui cautelosa porque na época não estava claro a diferença entre performance e performatividade. Algo que também Butler esclarecerá mais em *Bodies that Matter*. Livro que considero fundamental (BESSA, 2020)⁴⁰.

³⁹ Spinoza *apud* Deleuze (2002) e Deleuze & Guattari (1992; 1995).

⁴⁰ Trecho da carta enviada por Karla Bessa no dia 28 de abril de 2020.

Na carta, Bessa (2020) sugere que a cena da época poderia ser montada a partir da instalação de um cenário que passasse um certo ar de mal-estar e desconfiança em relação ao conteúdo e a forma dos argumentos de Butler. Com isso, talvez seja necessário pontuar que possivelmente a própria introdução das proposições butlerianas no Brasil tenha se dado envolto a um processo de resistência das correntes mais influentes dos estudos de gênero da época. Já foi apontado por outros autores, como Miskolci (2009, 2015), Pelúcio (2012) e Pedro Paulo Gomes Pereira (2012) que a recepção da obra de Butler e conseqüentemente da teoria *queer* no Brasil havia se dado pelo ambiente acadêmico, mas parece não ter se falado tanto sobre as conversas de corredor das universidades e do teor das disputas por hegemonias teóricas no campo naquela época no Brasil. Por fim, denota ser pelo menos interessante como aquilo que por muitas vezes não é escrito em artigos ou livros, como por exemplo, o discernimento do clima das percepções sobre um determinado assunto, tal como narrado por Bessa (2020), pode informar sobre a trajetória de um objeto em análise.

Voltando ao dossiê organizado por Bessa em 1998, foi a primeira vez que um texto de Judith Butler foi traduzido e publicado no Brasil: “*Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do pós-modernismo*” (1998) é um artigo voltado para o debate entre teoria social e política feminista que tensiona o entendimento e o emprego do termo pós-modernismo no sentido de indagar: o quê ou quem essa categoria representa? Ou como esse termo pode ser compreendido a partir da experiência e observação em diferentes contextos? Tendo em vista essas perguntas, Butler defende que na tentativa de se afastar de um movimento colonizador do pensamento, pode-se usar as estratégias anunciadas pelo pós-estruturalismo de contestação da autoridade, mobilizado por ela quando coloca a noção de universalidade do sujeito humano em pauta e propõe que o termo “*teria de ficar permanentemente aberto, permanentemente contestado, permanentemente contingente, a fim de não impedir de antemão reivindicações futuras de inclusão*” (BUTLER, 1998, p. 17). Esse texto levanta questões interessantes, mas gostaria de destacar três pontos. Em primeiro lugar, oferece uma chave de resposta político-teórica para que não se produza novas exclusões através da adoção de uma ideia totalizadora. Um segundo ponto é quando Butler fala da Guerra do Golfo, conflito entre uma coalizção internacional liderada pelos Estados Unidos contra o Iraque para a

libertação do Kuwait entre 1990 e 1991⁴¹, e atenta para o que ela chamou de violência conceitual e material de colocar o “outro”, nesse caso o árabe iraquiano, *como estando radicalmente “fora” das estruturas universais da razão e da democracia e que, portanto, se exige que seja trazido para dentro pela força*” (Idem). Por último, Butler faz menção a forma como nos relacionamos com a imagem numa guerra, algo que vai ser aprofundado por ela em outra obra publicada somente dezenove anos mais tarde⁴². O texto tem um número vasto de articulações teóricas e cruza a emergência do debate pós-colonial, interroga os fundamentos normativos da descrição da categoria mulheres e problematiza a materialidade do corpo e do sexo com a intenção de produzir um deslocamento no paradigma epistemológico sem causar, portanto, um movimento político sem corpo, o que parecia ser uma questão para o feminismo vigente na época. Butler aborda o assunto da materialidade do corpo, gênero e sexo como espaços de poder a fim de desestabilizar as premissas fundacionais de constituição e entendimento do sujeito.

Outras autoras também contribuíram para o dossiê e em alguns artigos é possível perceber a influência das proposições butlerianas em esquemas explicativos e focos de análise. É o caso, por exemplo de Sandra Azerêdo (1998) que cita a abordagem que Butler faz sobre as noções de identidade e agência ao falar sobre como a categoria gênero poderia importar para as pesquisas em psicologia, e Lia Zanotta Machado (1998) que rapidamente ao se referir sobre a diversidade teórico-epistemológica das abordagens nos estudos de gênero indica a obra “*Gender Trouble*” em uma nota de rodapé do artigo. Ainda no mesmo dossiê, Claudia de Lima Costa (1998) menciona a ruptura com a ordem binária de gênero promovida por Butler (1990) na sua reflexão da metafísica da substância, afirmando que sexo e gênero são efeitos de práticas discursivas, e também Adiana Piscitelli (1998) alude a noção de gênero como performance de Butler ao falar sobre as suas influências nos estudos de gênero. Por fim, Rosely Gomes Costa (1998) em seu artigo sobre masculinidades, paternidade e as perspectivas de gênero faz uma citação direta do livro de Butler escrito em 1990 ao considerar brevemente a noção de gênero e o conceito de coalização de Butler para apresentar uma saída a crítica às identidades fluídas inviabilizarem a luta política que estrategicamente demanda pelo reconhecimento da identidade. O dossiê, explicitamente, é fruto de uma intenção – enxergada nas palavras

⁴¹ O artigo de Butler é uma versão modificada apresentada originalmente em setembro de 1990, um mês após o início do conflito armado no Golfo Pérsico e apenas seis meses depois da publicação de “*Gender Trouble*” em março do mesmo ano.

⁴² BUTLER, Judith. *Frames of War: When is Life Grievable?*. Verso, 2009.

da organizadora na apresentação – que além de visibilizar as perspectivas de gênero e o estudo das masculinidades aponta que:

A tradução do artigo de Judith Butler é uma tentativa de difundir o pensamento de uma teórica bastante conhecida no exterior pela ousadia e envergadura epistemológica com a qual questiona o essencialismo da política identitária e a aversão aos embates teóricos de determinados grupos feministas (BESSA, 1998, p. 07).

Com efeito, parece ser a partir de 1998 que o número de publicações que citavam Judith Butler começou a aumentar no Brasil. No ano seguinte, *Os Cadernos Pagu* publicaram um dossiê organizado por Mariza Corrêa sobre “*Simone de Beauvoir e os feminismos do século XX*”, e mais artigos são escritos mobilizando as noções e conceitos de Judith Butler, como os artigos de Sandra Azerêdo (1999), Marlise Míriam de Matos Almeida (1999), Tania Navarro Swain (1999) e de Jeffrey Tobin (1999)⁴³. Benetti (2013) indica que provavelmente uma das primeiras dissertações de mestrado defendidas no país que se ocupou em comentar extensamente a obra de Butler foi a dissertação de Marko Synésio Alves Monteiro sobre masculinidades, defendida em 2000 pelo autor também filiado ao Núcleo de Estudos de Gênero *Pagu*.

Contudo, mesmo com o rastreio de todos esses enraizamentos, parece ser necessário retornar a uma questão. O que a busca por uma origem pode nos ensinar? Creio que não seja pelo fato de que Bessa (1995; 1998b) e Safiotti (1995) tenham sido as pioneiras na introdução do pensamento de Butler no Brasil que isso sinalize um caminho obrigatório de aproximação com as reflexões e provocações de Butler. Nesse sentido, talvez seja mais adequado esquecer um pouco a imagem de uma autora enquanto árvore e definir isso como um passeio de quem vai a uma livraria. Porém, não gostaria de falar sobre essas livrarias de *Shopping Centers* bem organizadas e limpinhas, mas como um sebo quase escondido em alguma rua do centro da cidade.

Imagine você entrando em um sebo coberto de livros sobre um mesmo tema, mas sem respeitar nenhuma ordem de organização. O tema poderia ser estudos de gênero e sexualidades ou estudos *queer*, e você um leitor leigo que não passou por nenhuma iniciação no assunto. Possivelmente, a pergunta que você faria ao dono do sebo ou se faria intimamente seria: “*por onde devo começar?*”. Se eu fosse o dono desse sebo, te responderia: “*por qualquer lugar, apenas escolha um livro e comece a ler*”. Essa anedota

⁴³ O artigo de Tobin (1999) apresenta explicações bastante aprofundadas sobre o conceito de performatividade em Butler dialogando com discussões da linguística e teatralidade.

serve para que eu possa justificar a minha preferência metodológica. Perceba que eu, enquanto dono do sebo, não pedi para você começar seu percurso pelo livro mais antigo ou pela obra mais famosa, mas sim por qualquer uma.

Deleuze & Guattari (1995) defendem em oposição ao modelo árvore-raiz a forma *rizoma*, um conceito roubado da botânica que permitiu aos filósofos falarem sobre a conectividade do pensamento, das teorias, dos livros, dos conceitos e dos afetos de maneira caótica.

Um tal sistema poderia ser chamado de rizoma. Um rizoma como haste subterrânea distingue-se absolutamente das raízes e radículas. Os bulbos, os tubérculos, são rizomas. Plantas com raiz ou radícula podem ser rizomórficas num outro sentido inteiramente diferente: é uma questão de saber se a botânica, em sua especificidade, não seria inteiramente rizomórfica. Até animais o são, sob sua forma matilha; ratos são rizomas. As tocas o são, com todas suas funções de hábitat, de provisão, de deslocamento, de evasão e de ruptura. O rizoma nele mesmo tem formas muito diversas, desde sua extensão superficial ramificada em todos os sentidos até suas concreções em bulbos e tubérculos. Há rizoma quando os ratos deslizam uns sobre os outros. Há o melhor e o pior no rizoma: a batata e a grama, a erva daninha. Animal e planta, a grama e o capim-pé-de-galinha (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 14).

Para explicar melhor o que poderia ser compreendido como um rizoma, os autores enumeraram algumas características. Segundo eles, no rizoma podem ser observados seis princípios. Os dois primeiros são os de *conexão e heterogeneidade* (DELEUZE & GUATTARI, 1995) que permitem que qualquer ponto possa se conectar com outros, inclusive, de naturezas distintas sem nenhum tipo de pré-requisito. Dessa forma, a imagem da árvore-raiz constituída a partir de um elemento fundamental como a semente que produz caule, galhos e folhas pode ser substituída pela visualização da grama que se espalha de maneira a acobertar um ponto original. De todos os exemplos tomados da biologia para apresentar o rizoma por Deleuze & Guattari (1995), eu prefiro o da erva daninha.

Em Natal, capital do Rio Grande do Norte, e cidade onde resido desde a infância, além do Baobá do poeta, existe um tipo de planta muito presente em toda cidade, conhecida por aqui como chanana ou “xanana”⁴⁴, um tipo de flor considera daninha pelo seu alto potencial adaptativo e invasivo em diferentes tipos de solo. De fato, é possível

⁴⁴ A flor Chanana ou “Xanana” como preferem escrever os poetas potiguares é considerada a flor símbolo da cidade do Natal. Disponível em: < <https://www.natal.rn.gov.br/semurb/paginas/ctd-741.html> > acesso em 29 mar. 2020.

encontrar a flor “xanana” em vários lugares da cidade: em canteiros, terrenos baldios, jardins e calçadas. A “xanana” está presente no centro da cidade, na periferia, nas zonas sul e norte, nos bairros ricos e pobres. Estou falando isso porque acredito que depois que comecei a pesquisa da tese, tive que mudar a imagem que tinha da pensadora-problema-objeto da minha análise. A figura do Baobá do poeta transformou-se em uma flor “xanana”. Isso ocorreu por uma questão de método. Se eu insistisse em ficar preso a um modelo de investigação baseado na árvore-raiz, seria quase impossível justificar, rastrear e abordar os pontos originais de formação e ramificação da floresta que estava entrando.

Passsei, então, a compreender que a forma como o pensamento de Butler entrou no Brasil e foi aproveitado, desdobrado, apropriado, tensionado, criticado e transformado pertence ao modelo múltiplo do rizoma. Apesar de conseguir identificar lugares embrionários da recepção de Butler no Brasil, como o Núcleo de Estudos de Gênero *Pagu* (BESSA, 2020), considero que as proposições teórico-conceituais de Butler se espalharam pelo país de maneira rizomática, e é isso um dos pontos cruciais que estou a defender.

Voltando ao exemplo já citado, uma livraria de *Shopping Center* tem capacidade de organizar seus livros em seções bem delimitadas, distinguindo-as por temas, autores/as ou ano de publicação. O sebo não! Os sebos, em sua maioria, são adeptos da máxima: “*procure e ache você mesmo*”. Se existisse um sebo dedicado somente aos estudos de gênero e sexualidade ou a teoria *queer* como imaginado inicialmente, o leitor leigo poderia encontrar e abrir um livro famoso antigo ou o manuscrito de uma tese recém-publicada que além da banca de avaliação muito possivelmente quase ninguém conhece. Mesmo assim, o livro adulto e a tese jovem poderiam estabelecer pontos diversos de conexão. O que estou querendo dizer é que a forma como o pensamento de Butler entrou no Brasil foi múltipla porque também são múltiplos os seus itinerários de acesso. De acordo com Deleuze & Guattari (1995), a *multiplicidade* é a terceira característica do rizoma.

A quarta característica do rizoma é o princípio de *ruptura a-significante* (DELEUZE & GUATTARI, 1995). A forma como o rizoma se estrutura possibilita que haja cisões que, por sua vez, são muito mais produtivos do que aniquiladores e entendidas pelos autores como linhas de fuga capazes de causar movimentos de desterritorialização e processos de reterritorialização contínuos. As obras de Butler foram lidas por estudiosos/as de diferentes áreas do conhecimento no Brasil; mais à frente será mostrado ressonâncias das contribuições de Butler na sociologia, filosofia, psicanálise, literatura e

história, por exemplo. Isso não quer dizer que as noções, conceitos e problematizações da autora não tenha passado por transformações que se deram devido aos encontros que foram promovidos em terrenos fora dos Estados Unidos. Um conceito que entra em contato com um contexto diferente daquele que foi inicialmente pensado pode se tornar predador e presa. É desterritorializado e reterritorializado pelo próprio contexto. Esse também é um traço do funcionamento do rizoma de acordo com Deleuze & Guattari (1995). Parece ser complicado procurar entender os efeitos de um livro-floresta tentando identificar todas as suas raízes, pois por ser floresta ele sugere ser muitas coisas e pode ocupar diferentes espaços ao mesmo tempo que é percebida de distintas maneiras. Talvez seja por isso que para os autores “o rizoma é uma antogenealogia” (*idem*, p. 18-19).

A quinta e sexta característica do rizoma é o princípio de *cartografia e de decalcomania* (*ibidem*) que entende o rizoma como não afeito a seguir eixos hierárquicos ou estruturas genéticas capazes de produzir imagens cristalizadas em um decalque. Para os autores, um mapa é rizoma, “um mapa tem múltiplas entradas contrariamente ao decalque que volta sempre “ao mesmo”. Um mapa é uma questão de performance, enquanto que o decalque remete sempre a uma presumida “competência” (*ibidem*, p. 21). Difícil também seria se movimentar por uma floresta usando um decalque, talvez fosse melhor e mais necessário utilizar um mapa, que assim como a floresta é aberto, tem múltiplas entradas e diversas ramificações. Deleuze & Guattari (1995) também apontam que o mapa enquanto rizoma pode estabelecer uma gama de relações com o decalque, é pertinente “religar os decalques ao mapa, relacionar as raízes ou as árvores a um rizoma” (*idem*, p. 23). Nesse exercício a foto é incluída no mapa e podem ser lidas juntas, como uma flor “xanana” que cresce aos pés de um Baobá sem precisar decidir quem pertence a quem, mas que por ora estão relacionados. Se *Problemas de gênero* (BUTLER, 2003) foi interpretada como uma obra-tronco do pensamento de Butler e se transformou em um cânone⁴⁵ da teoria *queer* no Brasil ela não deixou de ser capturada por outras raízes, contribuindo para o surgimento de novos galhos graças ao cruzamento de forças políticas e teóricas do campo.

O Brasil, em especial, tem uma relação antiga com a lógica da árvore e o funcionamento do rizoma. São poucas as famílias brasileiras que têm registradas em um

⁴⁵ Carla Rodrigues em comunicação durante a mesa-redonda “Cultura e Política” no I Seminário *Queer*, organizado pelo SESC-SP em 2015, atenta que provavelmente umas das razões que *Problemas de gênero* de Butler (2003) tenha sido reproduzida e interpretada ao longo do tempo como um cânone dos estudos *queer* no Brasil seja a falta de traduções de outras obras da autora e que textos de outros estudiosos da crítica *queer* só tenham sido incorporadas no país muitos anos depois.

decalque toda sua árvore genealógica desde os primeiros passos do sobrenome da família no Brasil. A operação de expansão consanguínea das famílias brasileiras, parece ter se dado, em sua maioria, de maneira rizomática. A título de exemplo, quando tentei reconstituir o meu passado familiar, encontrei muitas rupturas, lacunas, saltos não registrados que não conseguiram ultrapassar a marca de um século e meio, mas que não impediram o movimento familiar de seguir adiante. Não sei o que houve com as minhas raízes antes disso, mas percebo que o meu sobrenome se espalhou pelo país inteiro como uma grama sem ponto original. É um movimento semelhante que parece ter ocorrido com as teorias. Quando uma estudiosa brasileira como Karla Bessa (2020), por exemplo, encontrou com a obra de Butler entre 1990 e 1991 como foi relatado, ela e a obra de Butler já carregavam consigo a herança de muitas outras teorias. Era muito mais do que simplesmente um corpo lendo um livro, mas sim corpos fazendo rizoma com livros que existem entre si.

Oposto à árvore, o rizoma não é objeto de reprodução: nem reprodução externa como árvore-imagem, nem reprodução interna como a estrutura-árvore. O rizoma é uma antigenealogia. É uma memória curta ou uma antimemória. O rizoma procede por variação, expansão, conquista, captura, picada. Oposto ao grafismo, ao desenho ou à fotografia, oposto aos decalques, o rizoma se refere a um mapa que deve ser produzido, construído, sempre desmontável, conectável, reversível, modificável, com múltiplas entradas e saídas, com suas linhas de fuga. São os decalques que é preciso referir aos mapas e não o inverso. Contra os sistemas centrados (e mesmo policentrados), de comunicação hierárquica e ligações preestabelecidas, o rizoma é um sistema acentrado não hierárquico e não significativo, sem General, sem memória organizadora ou autômato central, unicamente definido por uma circulação de estados (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 31-32).

O rizoma, de acordo com os autores, não pertence ao domínio do enclausuramento, mas pode-se estabelecer com ele relações a partir da criação de mapas, muito mais os cartografando do que os decalcando. O rizoma pode ser composto por platôs, ou seja, *“toda multiplicidade conectável com outras hastes subterrâneas superficiais de maneira a formar e estender um rizoma”* (DELEUZE & GUATTARI, 1995, p. 32). Talvez seja essa a melhor forma que encontrei para problematizar a maneira como o pensamento de Butler se transformou em rizoma no Brasil, tentando, de alguma medida, cartografar os seus platôs.

3.1 - Cartografando platôs *queer* no Brasil

Retomando a visita imaginária a um sebo dedicado aos estudos *queer* no Brasil pode-se percorrer diversos platôs. O sebo é um rizoma e quem o acessa pode pegar um livro sem pedir licença em uma estante e jogá-lo numa outra sem se preocupar com quem virá depois, formando assim uma infinidade de paisagens a serem cartografadas. Os platôs que pretendo falar a partir de agora não quer dizer que são continuidades do trabalho de Bessa (1995) e Safiotti (1995), mas zonas de intensidade, assim como entendiam Deleuze & Guattari (1995). Creio que Bessa, Safiotti e os *Cadernos Pagu* em meados da década de 1990 constituem um platô distinto que pode se conectar com o trabalho de outras/os estudiosas/os, mas essa vinculação não precisa ser obrigatória. Assim sendo, não entendo o trabalho dessas duas autoras, por mais pioneiras que sejam, como uma raiz original da leitura de Butler no Brasil, mas como um florescimento. Outros florescimentos foram possíveis, cada um à sua maneira, constituindo outros platôs.

É o caso, por exemplo, quando se direciona o olhar para o ano de 1999 e encontra-se nomes como Mário César Lugarinho (1999) e Denílson Lopes (1999) que estabelecem alusões à perspectiva *queer* e as obras de Judith Butler em seus trabalhos também nessa época, e tiveram uma forte influência para a construção dos encontros da Associação Brasileira dos Estudos da Homocultura – ABEH, que teve sua primeira edição em 2002. Um encontro que desde o início deu espaço aos interessados na obra de Butler, na teoria *queer* e nos estudos gays. No entanto, como aponta Colling (2017), a abertura aos estudos *queer* dentro dos congressos da ABEH se deu gradativamente ao longo do tempo. O autor realizou um estudo comparativo de termos nos anais nas edições dos anais dos congressos de 2008 em São Paulo-SP e em 2014 em Rio Grande-RS. A título de exemplo, Colling (2017) constatou que os termos homoerotismo e gênero apresentavam em 2008, 91 e 524 citações respectivamente. Já na edição de 2014, o termo homoerotismo aparece apenas 16 vezes e gênero é contabilizado em 3.309 passagens textuais dos anais da ABEH daquele ano. Colling (2017) observa o aumento ou diminuição de outras palavras, como heteronormatividade, sexualidade, gay e *queer*, para afirmar que isso não indica que houve um rompimento entre os estudos de sexualidade e estudos *queer* no Brasil ou que

um campo suplantou o outro, mas para apontar que houve uma continuidade movida pelo impacto dos estudos *queer* no país.

Ainda em 1999, a introdução do livro “*Bodies that matter*”, publicado em inglês em 1993, ganhou a tradução para o português da educadora Guacira Lopes Louro sob o título, “*Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo"*”, em uma coletânea organizada pela própria Louro. O texto pode ser lido como uma continuação do raciocínio apresentado por Butler em “*Gender Trouble*”, com o intuito de esclarecer algumas questões deixadas em aberto e aprofundar a análise sobre um ideal regulatório (sob os termos foucaultianos) baseado na matriz heterossexual, capaz de qualificar um corpo como viável dentro de um regime de inteligibilidade cultural.

Posteriormente, em 2001, Louro se utiliza, de maneira inovadora, do pensamento de Butler para pôr em “questão/problema” o contexto da educação. Além de apresentar, de forma introdutória, o raciocínio de Butler sobre performatividade de gênero e o movimento *queer* assumindo papéis de luta política pós-identitária a partir da passagem para os anos 1990 graças à articulação de ativistas e intelectuais nos Estados Unidos sob uma ótica teórica pós-estruturalista, Louro (2001) propõe pensar uma pedagogia e um currículo *queer* possível de ser trabalhado na educação. Louro realiza esse movimento de apropriação do pensamento de Butler partindo de algumas questões norteadoras:

Como um movimento que se remete ao estranho e ao excêntrico pode se articular com a Educação, tradicionalmente o espaço da normalização e do ajustamento? Como uma teoria não-propositiva pode ‘falar’ a um campo que vive de projetos e de programas, de intenções, objetivos e planos de ação? Qual o espaço, nesse campo usualmente voltado ao disciplinamento e à regra, para a transgressão e para a contestação? Como romper com binarismos e pensar a sexualidade, os gêneros e os corpos de uma forma plural, múltipla e cambiante? Como traduzir a teoria *queer* para a prática pedagógica? (LOURO, 2001, p. 550).

Ao refletir como a teoria *queer* pode entrar pelas portas da Escola, Louro (2001) evidencia a sua proposta de que a educação necessita assumir um lugar que proporcione o debate plural sobre as questões de identidade, sexualidade e gênero, isto é, que permita enxergar na discussão sobre os processos que produzem a diferença, as relações de poder imbricadas que levam à concepção naturalizante dos sujeitos e o espectro da heterossexualidade como normal, superior e legítima tendo como contraste à homossexualidade, para assim desconstruir o processo que normaliza ou marginaliza os sujeitos de acordo com as suas concordâncias com as normas de gênero, “*uma pedagogia*

e um currículo conectados à teoria queer teriam de ser, portanto, tal como ela, subversivos e provocadores” (LOURO, 2001, p. 551).

Nesse sentido, torna-se visível a articulação que Louro realiza para empreender a teoria *queer* como um projeto político voltado para a educação, mesmo sendo acompanhada em seu esforço reflexivo da preocupação de como tal intenção poderia ser posta em prática, tendo em vista que até o momento, aponta a autora, a teoria *queer* não oferecia a definição dos objetivos, dos modos de agir, de transmissão de conteúdos para a concretização de tal feito no contexto educacional, e ainda reforça, por fim, que a teoria *queer* mesmo parecendo ser arriscada, exercita a potência de fazer pensar, de denunciar, de desfazer e refazer as formas com as quais os sujeitos se relacionam com os processos de normalização, e por tudo isso, pode ofertar à educação uma perspectiva inovadora, plural e não heteronormativa, sexista e/ou machista de formação do sujeito. As colocações de Louro (2001) repercutiram na academia brasileira, e talvez seja esse um dos motivos que fizeram outros estudiosos, como Miskolci (2011; 2015), nomearem esse momento como um abre-alas de como o *queer* viria a ser carnavalizado⁴⁶ no Brasil.

Alguns anos após a publicação do artigo de Louro (2001), Berenice Bento defende sua tese de doutorado no programa de Sociologia da Universidade de Brasília, em 2003. A publicação em livro da tese sai em 2006 com o título “*A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*”. Nesse livro, Bento (2006) apresenta histórias de vida de pessoas transexuais, que já realizaram ou não intervenções cirúrgicas no corpo, para desvelar como o caminho para a conquista da cirurgia da transgenitalização e para o reconhecimento das identidades de gênero reivindicadas pelos/as seus/suas colaboradores/as de pesquisa é marcado pelo controle do saber das ciências *psi* (psiquiatria, psicanálise e psicologia) e pelo saber jurídico sob as identidades. Para pensar a experiência transexual longe dos limites da patologização e dos discursos que oficializam a figura do “transexual verdadeiro”, Bento desafia a psiquiatria – responsável por classificar a transexualidade como transtorno mental – e mobiliza autores/as, articulando conceitos para promover uma interpretação sociológica despatologizada das identidades de gênero e do corpo transexual.

Dito isso, posso explicar melhor agora uma das razões que me fizeram indicar o filme “*Tudo sobre minha mãe*” de Pedro Almodóvar antes do início deste capítulo. Conheci a obra de Butler através de Berenice Bento, ela foi a minha porta de entrada; o

⁴⁶ Expressão de Mário César Lugarinho (2001).

que só constata mais uma vez que um livro ou teoria tem múltiplos acessos. Fui aluno e orientando de Bento desde a metade da minha graduação por volta dos anos de 2010 e 2011, e certa vez após assistirmos esse filme de Almodóvar durante uma ação do *Cine-Tirésias*⁴⁷, Bento declarou que na primeira vez que assistiu a trama ficou muito tocada pela personagem *Agrado*, representada como sendo uma transexual e que participava de cenas que envolviam temas como violência, humor, esperteza e lealdade, ao ponto de considerar ser essa uma das suas inspirações para estudar questões relacionadas à transexualidade. Não sei se Berenice lembra-se dessa ocasião e nem suponho quantas *Agrados* conheceu aqui no Brasil ou em Barcelona na época que realizou o seu doutorado sanduíche, mas parece ter sido aproximadamente no período em que estudou na Espanha que teve contato com a obra de Butler, “*Eu lembro que quando estava fazendo minha pesquisa de doutorado encontrei o livro Problemas de Gênero (2010). Que desespero lê-la. Entendi tão pouco. Lia, parava, relia. Eram verdadeiros duelos, lutas mentais*”⁴⁸ (PINHEIRO, 2017, p. 130). Nas palavras de Bento, chega a ser interessante como parece ficar ainda mais explícito que lutar com um livro ou deixar se afetar por uma personagem de um filme é pôr em funcionamento o rizoma, estabelecer conexões sem preconceitos de ordem ou natureza.

Benetti (2013) indica que possivelmente, Bento tenha entrado em contato com a teoria *queer* em Barcelona, pela ocasião que em 2002 publicou em espanhol o artigo “*Cuerpo, performance y género en la experiencia transexual*”, no Anuário de *Hojas de Warmi*, sendo o trabalho publicado mais antigo da autora que cita à teoria *queer*. Entretanto, como o trabalho de Benetti (2013) é voltado para a análise da emergência da teoria *queer* no Brasil, ele aponta que a autora menciona rapidamente a teoria *queer* somente em uma nota de rodapé, o que é verdade, mas Benetti não disserta sobre a forma já evidente que Bento (2002) se apegava às formulações de Butler sobre performatividade de gênero ao analisar a experiência transexual no Brasil e na Espanha. Bento, então, um ano depois defende sua tese de doutorado, uma obra que ficou marcada pelo fato que “*a articulação entre um novo corpo teórico (teoria queer) e um campo igualmente novo (transexualidade) provavelmente não havia sido percebida no âmbito das Ciências*

⁴⁷ Projeto de cinema-debate desenvolvido pelo Núcleo Interdisciplinar Tirésias-UFRN do qual fazíamos parte, eu como colaborador e Berenice como coordenadora geral.

⁴⁸ PINHEIRO, Tarcísio Dunga. Pioneirismos, ativismos e (re)invenções: entrevista com Berenice Bento. Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 4, n. 6, 22 set. 2017, p. 126-141.

Sociais e dos estudos de gênero tupiniquins em nenhum outro momento [...]” (PINHEIRO, 2017, p. 126).

Pelo visto, as zonas de intensidade movidas por Louro (2001) e Bento (2006) têm algo em comum. Como vimos anteriormente, Louro (2001) propõe fazer com que a teoria *queer* adentre, perturbe e transforme o espaço da escola e da educação no Brasil, já em Bento (2006) é possível observar como a teoria *queer* pode servir para desmontar o sentido de corpos deslocados para ocupar o espaço do hospital, lugar geralmente associado ao tratamento de pessoas doentes e a classificação dos corpos em normais ou anormais. Além disso, a autora faz uma acertada explicação e aplicação dos conceitos e ponderações de Butler que envolvem a teoria da performatividade e como tal arcabouço teórico-conceitual serve para pensar a experiência transexual sem necessitar valer-se da mistificação do “transexual verdadeiro”, e, sobretudo, como a análise do “dispositivo da transexualidade” – entendido por ela como sendo uma produção dos saberes que visam conduzir, controlar, legitimar e classificar ou não como corpos viáveis de existência os sujeitos que demandam passar pelo processo transexualizador, ou seja, um caminho mediado pelas ciências *psi* (psiquiatria, psicanálise e psicologia) –, revela um regime de formação dos discursos nutrido pelas verdades socialmente estabelecidas para os gêneros e que têm como base explicativa a defesa da heterossexualidade natural dos corpos.

O exercício do pensamento de não só fazer viajar a teoria *queer* dos Estados Unidos até o solo brasileiro, mas de oferecer possibilidades capazes de gerar a discussão sobre situações-problema específicas ao contexto local e de propor projetos de mudança de visão e atitude política sobre saberes tidos como oficiais, isto é, reconhecidos como legítimos pelo senso comum e pela sociedade científica, como é o caso da educação escolar problematizada por Louro (2001) e das ciências *psi* debatidas por Bento (2006), é o que torna possível visualizar o ponto em comum entre essas duas autoras brasileiras: a tentativa de dar um corpo, incorporar, fazer rizoma com os estudos *queer* e as ponderações de Butler, a fim de abranger os problemas inerentes ao contexto local brasileiro, buscando outros significados de existência às vidas e aos corpos encarados como inviáveis através da desconstrução das verdades socialmente estabelecidas para os gêneros e concebidas como naturais. É fato que tanto Bento (2006) nem Louro (2001) vislumbram que a teoria *queer* está reduzida a obra de Butler. As autoras realizam outros cruzamentos potencialmente criativos com outras/os autoras/es, como por exemplo, Paul B. Preciado, Teresa de Lauretis, Michel Foucault e Pierre Bourdieu.

Outra estudiosa que realiza movimento parecido é a antropóloga Larissa Pelúcio, em seu livro “*Abjeção e desejo – uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo da AIDS*” – publicado em 2009, mas que é fruto da sua tese de doutorado defendida em 2007 –, além de discutir o modelo oficial adotado pelo Estado para prevenção de DST/AIDS para travestis que se prostituem, a autora evidencia uma série de operações linguísticas e concepções de vivência das experiências de gênero e sexuais das próprias colaboradoras de pesquisa que desfazem as possibilidades de entender a figura da “travesti” sem o emprego do plural, ou seja, “travestis”. Ademais, Pelúcio faz uso de técnicas metodológicas inovadoras para aproveitar o ciberespaço como campo de pesquisa, por exemplo, ao criar uma comunidade na hoje extinta rede social *Orkut* com a intenção de se aproximar de homens que admitiam se interessar sexualmente por travestis, os chamados *T-lovers*.

O que, no momento, ambiciono destacar resumidamente no trabalho de Pelúcio (2009) é a apropriação que ela faz da teoria da performatividade de Butler para abranger não só os processos de transformações no corpo em busca da materialização de um gênero e o que tudo isso implica, mas também a idealização que as próprias travestis fazem para definir o que seria para elas um “homem de verdade”, tomando por base para realizar tal classificação a performance sexual dos seus parceiros/clientes.

Há no comércio sexual, em geral, claras demarcações das práticas sexuais: o que se pode fazer na rua, com clientes, e o que não se deve fazer, em contraste com aquelas que são reservadas aos maridos (portanto, ao espaço doméstico e dos afetos). Carol não admite “fazer papel de homem” com seus namorados. Queixa-se de um deles que insinuava querer ser penetrado, e ela nunca se permitiu satisfazê-lo nesse desejo. Resultado: ele procurou realizar sua fantasia com outras travestis. O que a ofendeu sobremaneira, pois se viu duplamente traída: não só por ele ter feito sexo com outras, mas por ele, “seu homem”, “ter feito papel de mulher”, estendendo essa desmoralização a ela, uma vez que a “passividade” dele denunciaria a pouca feminilidade dela, não no que se refere às práticas eróticas, mas à capacidade de atrair para si um “homem de verdade”. Para a maioria das travestis, “homem de verdade” é aquele que reproduz no seu comportamento valores próprios da masculinidade hegemônica (PELÚCIO, 2009, p. 78).

A autora, em seu exercício antropológico, mobiliza as próprias categorias e termos usados pelas suas colaboradoras de pesquisa para dar sentido ao que, como está exposto na citação, elas concebem como papéis de homem e de mulher. Para realizar tal tarefa, Pelúcio (2009) revela o significado para as travestis dos termos *marido*, *bofes*, *mariconas* e *vício*, e como esses termos podem ser entendidos como categorias hábeis a direcionar e

dar significado às relações afetivo-sexuais das travestis. Outro conjunto de léxico de palavras apresentado por Pelúcio (2009) para desvelar a estrutura hierarquizada de classificação identitária entre as próprias travestis, são os termos endêmicos: *mona, bicha, traveção, europeia, travesti top, ninfetas, bandidas, patricinha, bombadeira*⁴⁹, ou seja, uma diversidade de qualificações identitárias que podem indicar tanto atributos físicos como funcionalidades nas vivências das travestis colaboradoras da pesquisa.

Outro destaque que merece ser lembrado é como o conceito de abjeção trabalhado por Butler foi incorporado por Pelúcio (2009) para fins analíticos da realidade local. Pelúcio (2009) aponta que a abjeção é o espaço onde as travestis habitam ao mesmo tempo em que é o lugar de onde elas tentam fugir. Pois, ao serem lidas neste mundo como seres inviáveis de leitura é reservado a elas o habitat do não lugar, do não-ser, e mesmo que se visualize a contradição existente nesse movimento, uma vez que como alguém pode “não-ser”, sendo um corpo, uma vida que existe na realidade? Pelúcio (2009) assinala citando Butler que o abjeto “[...] não se restringe de modo algum a sexo e heteronormatividade. Relaciona-se a todo tipo de corpos cujas vidas não são consideradas 'vidas' e cuja materialidade é entendida como 'não importante' (PRINS; MEIJER, 2002, p. 161)⁵⁰, e que a abjeção atribuída às vidas das travestis ocorre pelo não reconhecimento que essas experiências de gênero e sexuais obedeçam ao ditame hegemônico social que classifica os corpos sexuados e generificados seguindo o padrão binário homem/mulher e que se baseia na linha compulsória corpo/gênero/prática sexual e desejo. Para Pelúcio (2009), as travestis perdem, parcialmente, o status de humanidade por embaralhar as normas de gênero e de sexualidade. Com isso, parece ser crucial citar o trabalho de Pelúcio (2009) como uma contribuição importante dos estudos antropológicos sobre gênero e sexualidades, e que teve como foco abordar as experiências das “travestis” através do desvelamento de uma rede polifônica de colaboradoras/es de pesquisa, realizando assim, como Pelúcio (2009) intenciona, uma etnografia travesti, e que por isso se compromete eticamente com os sujeitos da pesquisa em problematizar, a partir de uma perspectiva *queer* e das provocações de Butler, o papel do Estado, as apropriações linguísticas das travestis, as relações afetivo-sexuais, o estigma destinado à população travesti, as

⁴⁹ Vale lembrar que o uso pelas travestis de alguns desses termos apresentados por Pelúcio (2009) também foram abordados e descritos em outras etnografias, como por exemplo: Hélio Silva (1993); Don Kulick (2008) e Marcos Benedetti (2005).

⁵⁰ PRINS, Baukje; MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. Revista Estudos Feministas, vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002, pp. 155-167.

classificações hierárquicas de gênero e sexualidade e as noções de corpo e gênero como produtos de uma construção performativa.

Outro texto que vale ser mencionado é o dossiê “*Sexualidades Disparatadas*”, publicado em 2007 na revista *Cadernos Pagu*. O dossiê, organizado por Richard Miskolci e Julio Assis Simões, apresenta um conjunto de textos que se apropriam dos aportes teórico-conceituais da teoria *queer* para abordar problemas da realidade brasileira, como por exemplo: o artigo de Richard Miskolci (2007) sobre o casamento gay em que ele aborda as noções de pânico moral e formas de controle social; a reflexão de Nádia Perez Pino (2007) sobre como os intersexos podem ser lidos, a partir da perspectiva *queer*, ou seja, como uma categoria desestabilizadora de gênero, e que por isso mesmo capaz de denunciar o heterossexismo como força regulatória das normas de gênero que somente confere inteligibilidade de gênero e status de reconhecimento social às experiências que se encaixam na linguagem binária dos corpos e das subjetividades; o comentário crítico de Márcia Arán e Carlos Augusto Peixoto Júnior (2007) sobre os conceitos de identificação e sexuação na psicanálise a partir da leitura de Judith Butler⁵¹; além de apresentar, em formato de artigo, o texto de Eve Kosofsky Sedgwick sobre o “armário” como um dispositivo de regulação da vida de gays e lésbicas. O dossiê “*Sexualidades Disparatadas*” é o primeiro dedicado integralmente a trabalhos que dialogam com a proposta *queer* de pensar gênero e sexualidade no Brasil e por isso é citado aqui como um marco na implementação dos estudos *queer* no país.

Talvez seja possível sugerir que esse processo de apropriação dos estudos *queer* no Brasil culminou também na realização de eventos, como por exemplo, o *Seminário Enlaçando Sexualidades* que começou a ser realizado a partir de 2009 na Bahia, o *IV Queering Paradigms* em 2012 no Rio de Janeiro-RJ, um evento que teve sua primeira edição também em 2009 nos Estados Unidos e que tem como foco o debate sobre os estudos *queer* em âmbito internacional. No ano seguinte, em 2013, o *Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, ocorrido na Universidade Federal do Rio Grande do Norte marcou o avanço e o estabelecimento dos estudos *queer* na academia brasileira. O evento teve como tema: “*Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo*”, e foi organizado

⁵¹ As/os autoras/es usaram argumentos contidos em livros de Butler como *Problemas de Gênero* (2003) e *Subjects of desire: Hegelian reflections on twentieth-century France* (1999) e “*Bodies that Matter. On the discursive limits of “sex”*” (1993) para refletirem sobre as possibilidades de novas formas de simbolização e proliferação de subjetividades *queer*.

pelo *Núcleo Interdisciplinar Tirésias* coordenado pela professora Berenice Bento, que a propósito, comenta sobre o avanço dos estudos *queer* no Brasil ao afirmar que:

Um rápido levantamento dos trabalhos apresentados no I Seminário Internacional Desfazendo Gênero: Cidadania, Subjetividade e Transfeminismos, é suficiente para afirmar que nos dez anos que separaram a pesquisa que realizei para minha tese de doutorado e este evento, aconteceu uma radical transformação no cenário acadêmico nacional nas pesquisas que discutem os múltiplos significados para os gêneros e as interseccionalidades. Dos cerca de 500 trabalhos apresentados, uma quantidade considerável discutia dimensões múltiplas da vivência trans. Em outros eventos científicos pode-se notar o crescimento impressionante desse campo de estudo, entre outros, cito: Seminário Internacional Fazendo Gênero, Congresso da Sociedade Brasileira de Sociologia, ANPOCS, ABA e ABEH (BENTO, 2014, p. 11).

O *Seminário Internacional Desfazendo Gênero* teve uma segunda edição realizada na Universidade Federal da Bahia, organizado pelo grupo de pesquisa Cultura e Sexualidade (CUS), coordenado pelos professores Leandro Colling e Djalma Thurler, entre os dias 04 e 06 de setembro de 2015, tendo como tema: “*Ativismos das Dissidências Sexuais e de Gênero*” e contou com a apresentação de mais de 700 trabalhos que tinham como foco de análise, em sua maioria, uma perspectiva amparada pelos estudos *queer*, além de ter na sua conferência de abertura a participação de Judith Butler⁵². Uma terceira edição do evento, com 1.450 pessoas inscritas, foi organizada pelo Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais/NINETS, da Universidade Estadual da Paraíba, sob a coordenação geral da profa. Dra. Jussara Carneiro Costa e aconteceu entre os dias 10 a 13 de outubro de 2017 em Campina Grande/PB a partir do tema: “*Com a Diferença Tecer a Resistência*”, e uma quarta edição foi feita em Recife-PE durante os dias 13 a 15 de novembro de 2019, com o tema: “*Corpos dissidentes, corpos resistentes: do caos à lama*” e sob a coordenação dos professores Natanael Azevedo e Iran Melo, ambos da UFRPE.

Vale citar também a publicação do livro de Sara Salih em 2012, “*Judith Butler e a Teoria queer*” que possibilitou um acesso panorâmico da obra de Butler, algumas sequer ainda traduzidas para o português, e os efeitos das duas primeiras visitas de Judith Butler ao Brasil, a primeira em 2015 e a segunda em 2017.

⁵² O I Desfazendo Gênero teve como conferência de abertura do evento, a comunicação de Sam Bourcier. O III Desfazendo Gênero contou com a participação de Jasbir Puar, e a última edição do seminário teve sua abertura ministrada por Gracia Trujillo Barbadillo.

Na primeira vez, Butler veio ao Brasil convidada para ministrar conferências em três eventos que pretendiam discutir, a partir de uma perspectiva *queer*, trabalhos sobre experiências de gênero e sexualidade: o *II Seminário Internacional Desfazendo Gênero* (organizado pelo grupo CUS/UFBA e realizado em Salvador, Bahia); o *I Congresso Internacional Literatura e Gênero* (organizado pela UNESP/Campus de São José do Rio Preto e realizado em São José do Rio Preto, SP) e o *I Seminário Queer* (organizado pela revista Cult/SESC-SP e realizado em São Paulo, SP). Por consequência, foram lançadas no Brasil versões em português de livros da autora que abordam outros temas (não só as questões do feminismo, identidade e performatividade de gênero, destacadas em “*Problemas de Gênero*”) e apresentam novas categorias analíticas para pensar os marcos do reconhecimento entre os sujeitos.

Entre o final de 2014 e o ano de 2015 foram lançados no Brasil os livros: “*Clamor de Antígona – parentesco entre a vida e a morte*” (2014), “*Quadros de guerra – quando a vida é passível de luto?*” (2015b), “*Relatar a si mesmo: crítica da violência ética* (2015c)” e uma nova edição de “*Problemas de Gênero – feminismo e subversão da identidade* (2015)”. Sobre os efeitos dessas publicações, a primeira observação possível de ser feita diz respeito à oferta de disciplinas ministradas em programas de pós-graduação de universidades diferentes sobre, exclusivamente, a obra de Judith Butler. Por exemplo, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, a professora Carla Rodrigues ofertou disciplinas, no Programa de Pós-graduação de Filosofia, desde o primeiro semestre letivo de 2016 sobre o pensamento de Butler, a primeira delas foi “*Ética e política na filosofia de Judith Butler*”. Outro exemplo ocorreu no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, no segundo semestre de 2016, quando a professora Berenice Bento ministrou a disciplina “*Seminário temático I – Judith Butler: gênero, política e reconhecimento*”. Nas duas disciplinas foram discutidos os livros de Butler recém-lançados no Brasil na época.

Um ano depois, a professora Carla Rodrigues e a professora Magda Guadalupe dos Santos (PUC-MG) coordenaram o simpósio temático “*Para além dos problemas de gênero na filosofia de Judith Butler*” no *11º Fazendo Gênero*, realizado entre os dias 30 de julho e 04 de agosto de 2017, em Florianópolis-SC, que tinha como proposta debater trabalhos que dialogassem com temas e conceitos abordados pela autora em outros livros, como por exemplo, questões referentes ao desejo de reconhecimento, crítica a violência de Estado, a condição de precariedade, a ética e a relação com a alteridade.

Uma segunda observação possível de ser realizada é o aumento de ofertas em eventos acadêmicos de oficinas e minicursos sobre as contribuições teóricas de Butler que extrapolam as reflexões sobre gênero e também a publicação de dossiês em revistas científicas sobre o pensamento de Butler e a teoria *queer*. Na edição do *Fazendo Gênero* de 2017, por exemplo, foi oferecida a oficina⁵³: “*Escritoras pensando a guerra: diálogos entre Virginia Woolf, Susan Sontag e Judith Butler*” que tinha como intenção discutir a ligação de três obras, “*Os três Guinéus*” de Virginia Woolf; “*Diante da dor dos outros*” de Susan Sontag e “*Quadros de Guerra*” de Judith Butler, que apresentam reflexões das três autoras sobre os efeitos das guerras.

É relevante lembrar também que a antropóloga Jacqueline Moraes Teixeira tem ofertado, desde 2017, cursos de extensão sobre conceitos e temas que atravessam o pensamento de Butler, Michel Foucault e Hanna Arendt, em parceria com algumas universidades como a Universidade de São Paulo (USP)⁵⁴ e a Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO)⁵⁵, por exemplo, e disponibilizado gratuitamente às gravações na íntegra de suas aulas na plataforma *Youtube*.

Além disso, as Revistas “*Periódicus*”⁵⁶ e “*Bagoas*”⁵⁷ se dedicaram nos últimos anos a lançar números que continham trabalhos que se baseavam na perspectiva *queer* e/ou no aporte teórico-conceitual de Butler. O primeiro número da Revista *Periódicus*, lançada em 2014 e que tem como foco divulgar produções que se apropriem da perspectiva *queer* na América Latina, foi um dossiê sobre os estudos *queer* na Ibero América dando ênfase as abordagens *queer* a partir de uma perspectiva decolonial. O segundo número foi dedicado às propostas de trabalhos que dialogassem com os estudos de gênero, sexualidade e teoria *queer* com a educação. Já, o terceiro número foi, exclusivamente, direcionado a forma antropofágica de interpretar o pensamento de Butler no Brasil. Atualmente, a revista *Periódicus* já passou do seu décimo número e em todos eles podem ser encontrados discussões que têm como referência temas, conceitos e problematizações caros a proposta dos estudos *queer* e viáveis de serem dialogados com

⁵³ A oficina foi oferecida por Alexandre Nunes, professor assistente da Universidade Federal do Cariri (UFCA) e doutorando do no Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

⁵⁴ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qxPmOJW9AmQ> > acesso em 21 nov. 2020.

⁵⁵ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=BosKIV-eVtk> > acesso em 21 nov. 2020.

⁵⁶ Revista de Estudos Indisciplinares em Gêneros e Sexualidades, de publicação semestral, do Grupo de Pesquisa Cultura e Sexualidade, vinculado à Universidade Federal da Bahia. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/revistaperiodicus> > acesso em 27 nov. 2020.

⁵⁷ Revista de Estudos gays: gêneros e sexualidades, de publicação semestral, do Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: < <https://periodicos.ufrn.br/bagoas> > acesso em 27 nov. 2020.

as noções e reflexões propostas por Butler. Também a título de exemplo, a revista *Bagoas*, na sua décima sexta edição, lançou um dossiê sobre Michel Foucault e a teoria *queer*, abarcando trabalhos que mobilizaram criticamente as reflexões do filósofo francês e a perspectiva *queer* no campo dos estudos sobre gênero e sexualidades.

Ainda, uma outra revista de ampla circulação no país, a *Revista CULT*⁵⁸, dedicou algumas de suas edições para tratar sobre estudos *queer*, heteronormatividade, a obra de Judith Butler, ativismos das dissidências sexuais e de gênero, história do movimento LGBT brasileiro, etc., funcionando também como um polo de difusão das reflexões *queer* no Brasil.

Por último, dentre os inúmeros eventos realizados nos últimos anos que dialogaram de alguma forma com a perspectiva *queer* e as proposições teóricas de Judith Butler, vale ressaltar de maneira mais detalhada o *I Seminário Queer* promovido pelo SESC/São Paulo em parceria com a *Revista CULT*, tanto pelo fato de ter contado com a participação de nomes como Sam Bourcier, Larissa Pelúcio, Richard Miskolci, Jorge Leite Júnior, Pedro Paulo Gomes Pereira, Berenice Bento, Anna Paula Vencato, Carla Rodrigues, Márcia Tiburi, Vladimir Saflate, Renan Quinalha, Karla Bessa, Guacira Lopes Louro e a própria Judith Butler, quanto pela enorme repercussão que o evento teve nas redes sociais devido todas as palestras terem sido transmitidas gratuitamente pela internet. Obviamente, não me aprofundarei em todas as comunicações proferidas por questões de fôlego e de espaço no texto, por isso focarei na comunicação feita por Butler durante o seminário.

A palestra proferida por Butler, “*Rethinking vulnerability and resistance*”, em especial foi de grande interesse do público. A pensadora estadunidense começou a sua fala afirmando que “*o Brasil está no mapa da teoria queer e políticas sexuais radicais, e podemos argumentar que o Brasil vem criando e recriando este mapa há muito tempo*”⁵⁹. Considero importante destacar as palavras de Butler sobre mapas porque em sua comunicação a autora parece estar atenta a traçados teóricos e conceituais produzidos no Brasil sobre questões que afetam também outras partes do globo. Em suas palavras, a autora colocou em tensionamento a concepção de vulnerabilidade distinguindo-a de precariedade. Ao dissertar que para falar sobre vulnerabilidade é preciso também que se debata sobre infraestrutura e o que a falta ou a busca pela garantia de bens infraestruturais

⁵⁸ Para ter acesso a todas as edições da *Revista CULT*, consultar: < <https://revistacult.uol.com.br/home/edicoes/> > acesso em 27 nov. 2020.

⁵⁹ Tradução livre do autor.

que assegurem uma vida viável e que reconheça as diversas expressões de gênero e sexualidade, assim como os marcadores de raça, classe, moradia, etc., podem produzir movimentos potentes de resistência e ao mesmo provocar uma dupla queda na vulnerabilidade, uma vez que quando se está sendo violentado, os sujeitos tendem a recorrer a lei ou a virtual força protetiva da polícia, o que por vezes se apresentam muito mais como materializações do esforço de retirar o status de humanidade dos sujeitos e transformar certas vidas em descartáveis. Butler cita que a noção de vulnerabilidade, como ela está pensando, pode ser visualizada de muitas maneiras no Brasil. Para fins exemplares, a autora faz referência a vida nas favelas brasileiras, a violência contra mulher e, inclusive, menciona o trabalho da antropóloga argentina Rita Laura Segato (2008) sobre a necessidade de se criar uma tipologia para o crime de feminicídio e o conceito problematizado por Bento de transfeminicídio (2014b).

Dito isso, encerro aqui esse exercício de reflexão afirmando que o fio condutor que guiou até aqui essas problematizações foi a intenção de seguir os caminhos abertos, ou melhor, os platôs enquanto zonas de intensidade construídos no processo de introdução do pensamento de Butler no Brasil, assim como também os desdobramentos e as repercussões da contribuição teórica de Butler na produção acadêmica e nos movimentos sociais brasileiros dedicados à defesa e promoção da liberdade sexual e de gênero. No próximo capítulo, será cartografado um mapa dos estudos *queer* no Brasil pela via de um experimento rizomático (DELEUZE & GUATTARI, 1995; 2011; DELEUZE, 1992), ou seja, uma forma de dar continuidade na tarefa metaforizada de estabelecer conexões na floresta ou de conhecer a floresta a partir de suas conexões.

CAPÍTULO III

Mapa dos estudos *queer* no Brasil: um experimento rizomático

*(Antes, durante ou depois de fazer a leitura, assista ao espetáculo “Uma Flor de Dama”, do Coletivo “As Travestidas”)*⁶⁰.

A tarefa de tentar esquematizar as apropriações do corpo teórico-conceitual de Butler e o estabelecimento dos estudos *queer* no Brasil a partir da composição de um experimento rizomático pode parecer à primeira vista uma contradição. Ora, nos capítulos anteriores tenho me esforçado em defender que o pensamento de Butler é formado de maneira complexa e pode ser acessado sem a necessidade de pré-requisitos. Como posso, então, começar a dissertar agora sobre dados, gráficos, tabelas, números, etc., que tradicionalmente são associados ao campo da ordem, do pensamento linear e da organização?

Para responder essa autoprovocação preferi continuar seguindo o caminho descoberto por Deleuze & Guattari (1995, p. 23) que afirmam: “[...] *Se é verdade que o mapa ou o rizoma têm essencialmente entradas múltiplas, consideraremos que se pode entrar nelas pelo caminho dos decalques ou pela via das árvores-raízes, observando as precauções necessárias*”. Portanto, neste capítulo continuarei a falar sobre florestas, sebos e rizomas, mas de outras formas, através de informações colhidas em bancos de dados, em teses de doutorado, em artigos científicos, em anais de eventos e em ferramentas de pesquisa virtuais para tratar sobre o assentamento das proposições de Judith Butler e dos estudos *queer* no país. Antes, considero necessário, brevemente, rememorar para fins preventivos de críticas futuras que Judith Butler é a pensadora-problema-objeto da tese, mas que os estudos *queer* que reconhecidamente se conectam com uma infinidade de autores/as de diferentes nacionalidades serão abordados aqui, sobretudo, em relação à obra de Butler, constituindo, dessa maneira, o nosso recorte de pesquisa.

Assim sendo, decidi recorrer aos direcionamentos metodológicos de Antonio Carlos Gil (2008), Roberto Jarry Richardson (2012) e Marina de Andrade Marconi & Eva Maria Lakatos (2003) para tentar encontrar peças que colaborassem para o refinamento do meu trabalho de pesquisa. Com eles/as, consegui apropriar-me de técnicas que permitiram a visualização da floresta-assunto da tese através de diferentes lentes de contato.

⁶⁰ PEREIRA, Silvero. Espetáculo teatral: “Uma Flor de Dama”. Coletivo As travestidas. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ehvyi-h2o5s> > acesso em 30 abri. 2020.

Gil (2008), Marconi & Lakatos (2003) indicam que um problema de pesquisa deve ser colocado em forma de pergunta, uma questão precisa, pontual, que demande referências, mas que sugira um caminho a ser traçado, e que essa trilha aberta seja explicada de forma detalhada ao ponto de permitir que outros/as transeuntes do saber possam refazer, minimamente, os passos da pesquisa. Por isso, parece ser prudente explicitar que a pergunta norteadora dessa etapa da tese é: como o pensamento de Butler e os estudos *queer* se estabeleceram no Brasil? O verbo transitivo direto e pronominal “estabelecer”, incluído no enunciado da questão, está aí de propósito para marcar o perímetro da investigação. Se a filosofia de uma autora estadunidense e uma teoria criada no norte global viajaram léguas de distância e provocaram discussões acerca da importância que elas oferecem para entender a realidade brasileira é porque nem as considerações de Butler nem os estudos *queer* vieram fazer turismo no sul tropical como fazem a maioria dos *gringos*, mas estabelecer moradia, ou pelo menos é essa uma das insinuações que se pode apreender com o movimento das teorias e conceitos butlerianos e *queer* no Brasil. Entretanto, essa não é ainda a definição da minha hipótese. De acordo com Marconi & Lakatos (2003), a hipótese é o passo seguinte à formulação da pergunta, uma espécie de tentativa de resposta disfarçada de guia na tarefa de investigação do problema. Em vista disso, a minha sugestão para resolução da pergunta dessa etapa da pesquisa é que Judith Butler e a teoria *queer* se expandiram ao longo do tempo em diferentes áreas da produção acadêmica das ciências humanas no Brasil. Essa hipótese pode parecer simples, mas se encaixa na proposta daquilo que estou a defender como fio condutor da tese, que o pensamento de Butler e os estudos *queer* fizeram rizoma com o Brasil, que não entraram somente por uma porta, mas que foram capturados e ajudaram a construir corredores de pesquisas e campos de atuação, primeiramente, nas universidades brasileiras, e posteriormente, nos movimentos sociais de lutas em prol da população LGBTQI+.

O método científico, como os/as autores/as supracitados apresentam, é composto por etapas que têm como foco a medição de falsidade ou veracidade de uma hipótese. Obviamente, em pesquisas de cunho humanístico ou social essas etapas do pensamento científico estão envoltas à subjetividade do pesquisador e do grupo/fenômeno/costume/problema pesquisado. Até mesmo nessa tese que é, majoritariamente, de caráter bibliográfico, a forma como leio, interpreto, analiso e escrevo sobre os dados coletados não podem ser administrados como verdades científicas absolutas, portanto, assim como prescreve Richardson (2012), inculca ser importante o reconhecimento da relatividade, da

incerteza e da imprecisão como percepções capazes de permitir uma melhor classificação sobre determinada realidade.

O método científico pode ser considerado algo como um telescópio; diferentes lentes, aberturas e distâncias produzirão formas diversas de ver a natureza. O uso de apenas uma vista não oferecerá uma representação adequada do espaço total que desejamos compreender. Talvez diversas vistas parciais permitam elaborar um “mapa” tosco da totalidade procurada. Apesar de sua falta de precisão, o “mapa” ajudará a compreender o território em estudo (RICHARDSON, 2012, p 19).

Evidentemente, a citação do autor manifestando a relevância da elaboração de um mapa constituído de diversas técnicas não foi escolhida à toa. É exatamente esse caminho que será traçado para responder ao problema da tese. Na trajetória da pesquisa diferentes terrenos foram explorados e distintas máquinas-técnicas foram acionadas para arar a terra e germinar respostas. Primeiramente, a hipótese lançada que Judith Butler e os estudos *queer* se expandiram ao longo do tempo pela academia brasileira aponta para a elaboração de uma investigação que possa testar essa cláusula.

Assim, optei por escavar o *Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes*⁶¹ e procurar pelas teses de doutorado defendidas entre 1987 e 2019⁶². Resolvi, então, pesquisar pelo termo “Judith Butler” no campo de busca e aplicar o filtro “Doutorado (tese)” para refinar meus resultados⁶³. A busca gerou 646 teses de doutorado como possíveis resultados. Indico “possíveis resultados” porque nem todas as teses encontradas são sobre o pensamento de Judith Butler ou citam Butler nos seus títulos, resumos, palavras-chave ou referências disponibilizadas no banco de dados. Muitos resultados foram gerados porque o nome da autora de alguma tese é Judith ou alguma professora da banca tem o sobrenome Butler, ou a orientadora do trabalho tem o mesmo prenome da autora estadunidense, ou ainda porque a tese se debruçava sobre outra autora chamada Judith. Por isso, tive que eleger uma metodologia para tratar os resultados dessa pesquisa exploratória e preferi retomar Gil (2008) que oferece instruções de como realizar uma pesquisa bibliográfica. Não aproveitei as explicações de Gil (2008) como passos obrigatórios a serem adotados na pesquisa, mas como ferramentas que podem ser apropriadas de variadas maneiras, como um martelo que serve

⁶¹ *Banco de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Capes*. Disponível em: < <https://catalogodeteses.capes.gov.br/catalogo-teses/#/> > acesso em 02 mai. 2020.

⁶² Período de tempo disponível no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* para as teses de doutorado defendidas no Brasil.

⁶³ Posteriormente, o termo “*queer*” será analisado seguindo a mesma metodologia.

tanto para colocar um prego na parede quanto para um juiz decretar o veredito final de um julgamento.

Gil (2008) aconselha que a fase da leitura do material em uma pesquisa bibliográfica seja construída acompanhando alguns movimentos: “*Recomenda-se, primeiramente, uma leitura exploratória de todo o material selecionado*” (GIL, 2008, p. 75). Isso não quer dizer que tudo será lido integralmente, aponta o autor, mas que se deve entrar em contato com a obra para descobrir se o material corresponde com as expectativas de contribuir para a resolução do problema de pesquisa. Incorporando essa lição para a minha pesquisa, todos os dados de referência das 646 teses encontradas no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* geradas através da busca pelo termo “Judith Butler” foram lidos. A partir disso, foram identificadas e excluídas todas as teses que não citavam Judith Butler em seus títulos, resumos, palavras-chave ou referências, mas que haviam sido incluídas pelos motivos já citados anteriormente; a presença do nome “Judith” ou sobrenome “Butler” por algumas pessoas que formavam a banca, mas que o material não tinha nenhuma relação com a discussão alvo da pesquisa. Teses em áreas como, por exemplo, ciência da computação, química ou agronomia que não estabeleciam nenhum ponto de conexão com as temáticas mobilizadas por Judith Butler.

É importante ressaltar as características de funcionamento do *Banco de Teses e Dissertações da CAPES*. O catálogo foi criado em 2002 pela *Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)* e foram resgatados os dados das teses e dissertações desde 1987 em diante. Esses dados se resumiam ao nome do autor, título, instituição, nível e ano de defesa do trabalho. A partir de 2013, o sistema mudou e incluiu a disponibilidade de acesso aos resumos, palavras-chave, biblioteca, área do conhecimento, nomes dos professores/as da banca e orientador do trabalho defendido, e também, em alguns casos, ao arquivo da tese em formato eletrônico⁶⁴.

As teses defendidas antes de 2013 só possuíam uma versão básica dos dados de referência e alguns resultados gerados correspondentes a esse período não constavam em seus títulos o nome de “Judith Butler”, mas estabeleciam conexões temáticas com o pensamento da autora, como menções sobre gênero, sexualidade, política, reconhecimento, etc. Para verificar se essas teses poderiam ser incluídas como objetos da pesquisa, foi

⁶⁴ Informações disponibilizadas pela CAPES em: < https://sdi.capes.gov.br/banco-de-teses/02_bt_sobre.html > acesso em 07 mai. 2020.

utilizado dois outros buscadores virtuais, o *Google*⁶⁵ e o *Google Acadêmico*⁶⁶ na tentativa de encontrar os arquivos completos das teses indicadas.

Na maioria das vezes, quando era feita a pesquisa pelo título da tese em um dos buscadores do *Google*, os sites indicavam as páginas dos repositórios universitários onde as teses haviam sido depositadas, e o arquivo era alcançado. Entretanto, em pouquíssimos casos, apenas dois, não foram alcançados os arquivos das teses nem no banco de dados da *CAPES* nem nos buscadores do *Google*, e nem nos repositórios das universidades, por isso pesquisei também o e-mail das autoras dessas teses para tentar entrar em contato com elas e conferir se as mesmas tinham ou não trabalhado com o arcabouço teórico de Judith Butler de alguma maneira em seus trabalhos de doutoramento. Obtive resposta das duas autoras, Maura Lucia Fernandes Penna, que defendeu a tese intitulada: “*Identidade social, linguagem e discurso*”, em 1997 pelo programa de pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, respondeu que não havia trabalhado com Judith Butler em sua tese, e por isso foi excluída da lista, mas Gracia Regina Gonçalves, autora da tese: “*A clausura do corpo: representação e gênero na ficção de Lya Luft e de Margaret Laurence*”, defendida no programa de pós-graduação em Letras / Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2001, respondeu afirmativamente que tinha se baseado na teoria de gênero de Judith Butler e enviou o arquivo em formato PDF. A tese da professora Gracia Regina Gonçalves (2001)⁶⁷ será trabalhada no decorrer do capítulo.

Finalizada a leitura exploratória de todo o material selecionado no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* e excluídas aquelas que não condiziam com o critério de contribuir para a solução do problema de pesquisa, restaram 108 teses de doutorado que de alguma maneira fizeram referência às noções e conceitos de Judith Butler, seja por meio de citações breves ou apropriações teóricas de larga extensão no corpo dos textos. A partir desses dados, será desenvolvido a seguir uma demonstração das informações polidas analiticamente em gráficos e tabelas⁶⁸ que têm a intenção de expressar não só que o pensamento de Butler se estabeleceu na produção acadêmica brasileira, mas que fez isso de maneira rizomática. Os decalques-gráficos que fotografam diferentes áreas de conhecimento serão apresentados para mostrar que: “[...] *A demarcação não depende aqui de*

⁶⁵ Disponível em: < <https://www.google.com.br/> > acesso em 09 mai. 2020.

⁶⁶ Disponível em: < <https://scholar.google.com.br/?hl=pt> > acesso em 09 mai. 2020.

⁶⁷ Aproveito para agradecer publicamente à autora por disponibilizar o acesso ao texto.

⁶⁸ Os gráficos e tabelas são de minha autoria usando como referência os dados coletados no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* e na ferramenta *SciELO*.

análises teóricas que impliquem universais, mas de uma pragmática que compõe as multiplicidades ou conjuntos de intensidades (DELEUZE & GUATARRI, 1995, p. 23), ou seja, mesmo a pesquisa tendo que abordar áreas do conhecimento separadas umas das outras por fronteiras disciplinares, o rumo que a apropriação das contribuições teóricas de Butler aparenta ter tomado no Brasil insinua uma falta de respeito às linhas divisórias clássicas das estruturas curriculares das ciências humanas. Não que isso seja ruim, mas é que parece que quanto mais se tenta mapear um território assimilado como uma floresta, mais essa experiência parece estar sendo montada como se estivesse perseguindo labirintos.

4.1 - Labirinto de Butler

4.1.1 - As teses

Ainda de acordo com Gil (2008), depois da leitura exploratória o passo seguinte consiste em realizar uma leitura seletiva, isto é, uma leitura mais aprofundada dos textos escolhidos visando a identificação das partes que realmente interessam de cada tese para a pesquisa. Seguindo esse procedimento pude perceber que muitas teses citavam Butler como autora central para mobilizar as discussões sobre gênero fazendo alusão à sua teoria da performatividade de gênero. Por questões de espaço textual e de necessidade de se implementar recortes na pesquisa, não irei analisar detalhadamente todas as 108 teses catalogadas⁶⁹. A opção encontrada foi fazer a mensuração das teses com base no critério de originalidade, o que acarreta intentar medir os ineditismos, as excepcionalidades e as repercussões dessas produções acadêmicas.

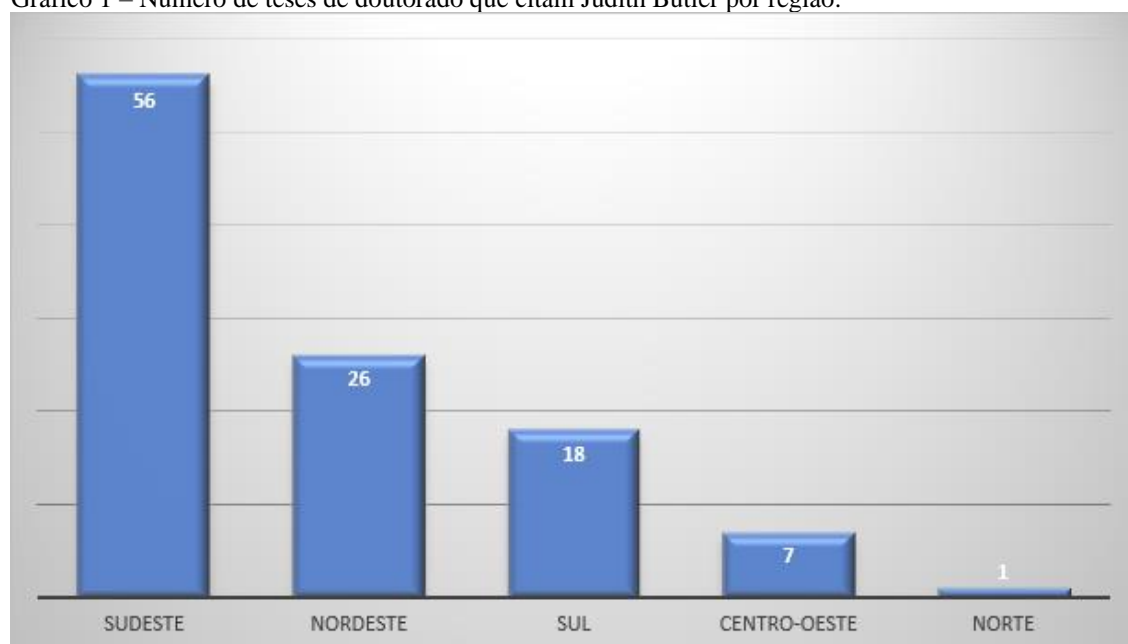
Tendo isso em vista, algumas teses foram escolhidas para serem abordadas na próxima etapa da pesquisa bibliográfica, que segundo Gil (2008) é constituída pela leitura analítica e interpretativa do material. Entretanto, antes de expor a análise das teses eleitas, considero importante tentar, primeiramente, observar esse labirinto de produções textuais a partir de um ângulo que permita enxergar o máximo possível do terreno, uma espécie de sobrevoo panorâmico respeitando um certo grau de distanciamento da análise científica. Mesmo assim, não estou afirmando que a pesquisa realizada não tem pontos cegos,

⁶⁹ Todas as referências das teses catalogadas estão disponíveis nos Anexos.

é bem possível que haja, mas a graça da ciência é buscar abrir caminhos para que outros cientistas possam percorrer as nossas trilhas, e se acharem necessário desbravarem novos horizontes descobrindo outras vias, novas passagens e construindo diferentes atalhos como se faz quando se anda por uma rota já tracejada e de repente considera mais interessante se aventurar pela mata fechada.

As 108 teses de doutorado catalogadas foram defendidas em programas de pós-graduação de 42 universidades diferentes das cinco regiões do Brasil. Em uma visão panorâmica do nosso campo em análise formado pelas teses que citam Judith Butler como referência teórica, pode-se ver, como mostra o gráfico abaixo, que a região Sudeste do Brasil corresponde a mais da metade das teses defendidas, 51,9%. O Nordeste ocupa o segundo lugar, mas tem menos da metade em comparação com o Sudeste do montante de teses defendidas em seu território, 26 teses que correspondem a 24,1% do total no país. A região Sul vem logo atrás com 18 teses defendidas representando 16,7%. No Centro-Oeste, 07 teses foram publicadas, o que equivale a 6,5%, e na região Norte, somente uma tese foi catalogada representando 0,9% do total.

Gráfico 1 – Número de teses de doutorado que citam Judith Butler por região.

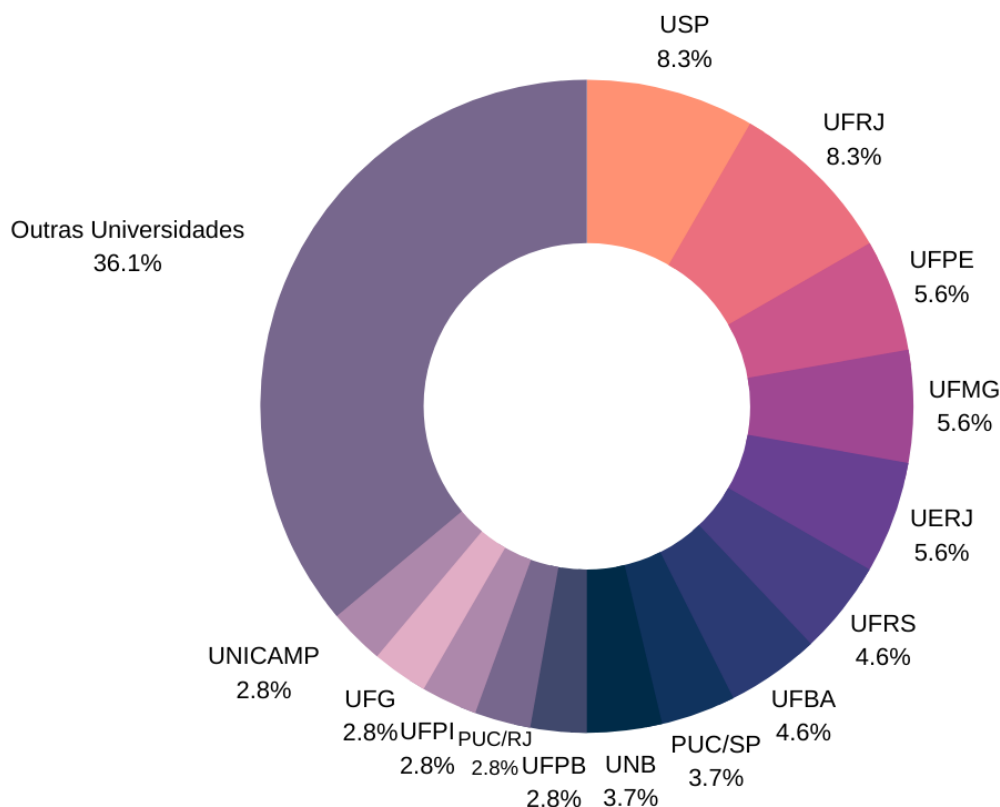


Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes (2020).

O número avantajado de teses defendidas no Sudeste se dá pelo fato dos grandes polos de produção acadêmica relacionada ao nome de Judith Butler, segundo o Banco de dados da CAPES, estarem na região. Entre as cinco universidades que lideram a quantidade de teses defendidas, quatro são do Sudeste (ver Gráfico 2). A Universidade Federal

de Pernambuco – UFPE e a Universidade Federal da Bahia – UFBA também merecem destaque na propagação do pensamento butleriano no Brasil, assim como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS que encabeça o volume de teses oriundas da porção de terra mais meridional do Brasil.

Gráfico 2 – Universidades de origem das teses defendidas que citam Judith Butler.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes (2020).

Como pode ser percebido nas informações do Gráfico 2, a região Sudeste lidera o mapa da produção de teses que citam Judith Butler no Brasil porque a Universidade de São Paulo – USP e a Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ correspondem juntas a 16,6% do total, o equivalente a 18 teses, valor igual ao encontrado nos dados de toda a região Sul. A Universidade Federal de Minas Gerais e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro produziram 06 teses de doutorado cada uma, o que garante um número maior do que a região Centro-Oeste e Norte juntas. No Nordeste, além da UFPE (com 06 teses) e da UFBA (com 05 teses) também consta no gráfico a Universidade Federal da Paraíba e a Universidade Federal do Piauí, cada uma com 03 teses defendidas. Entretanto, vale lembrar que um mapa não é um *ranking* e que um indicativo da irradiação do pensamento de Butler pelo Brasil é a própria impossibilidade de construir um gráfico que coubesse

todas as universidades citadas na pesquisa. Por isso, resolvi colocar no campo “Outras Universidades”, todas aquelas instituições que foram registradas constando duas ou somente uma tese defendida que citava Judith Butler em seu referencial teórico. Como considero imprescindível visibilizar o máximo de espaços de produção e discussão do conhecimento que envolvem a pesquisa, a tabela a seguir apresenta todas as outras universidades que produziram teses que se relacionam de alguma maneira com o pensamento da autora estadunidense.

Tabela 1 – Lista de Universidades que correspondem a 36,1% das citações à Judith Butler no Brasil.

UNIVERSIDADES COM 02 TESES DEFENDIDAS	UNIVERSIDADES COM 01 TESE DEFENDIDA
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS	UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/SJR. PRETO	UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
UFPR	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
UFC	UFPA
UFSC	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
UFCG	UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	UNIVERSIDADE FEEVALE
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	UEPB
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES	UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE - SÃO PAULO
UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/MARILIA	UFRN
UFF	UNIRIO
- X -	UNIGRANRIO
- X -	UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT/SERGIPE
- X -	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA - UEPG/PARANÁ

- X -	UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC
- X -	UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS - UFAL
- X -	UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA – UFV/MG
TOTAL: 22 TESES	TOTAL: 17 TESES
TOTAL GERAL: 39 TESES	

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes (2020).

A visualização desses dados tende a ser importante porque permite conceber que a propagação dos conceitos e noções engendradas por Butler não giram somente em um circuito fechado de produção acadêmica e que se o pensamento de Butler está se movendo pelo Brasil parece estar fazendo tal exercício em direção aos terrenos pouco explorados, uma vez que o campo “Outras Universidades” no Gráfico 2 significa a maioria absoluta. Além disso, quando a Tabela 1 é analisada pode-se perceber também o exemplo da Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP⁷⁰ que se somado o número de teses produzidas em todas as suas unidades espalhadas pelo estado de São Paulo, o resultado (06 teses) será uma unidade a menos do que toda a região Centro-Oeste. E ainda, se a soma produzida for das universidades com maior produção no Brasil representadas nominalmente no Gráfico 2, o total será de 14 universidades, porém, a Tabela 1 apresenta uma lista com 28 instituições diferentes, ou seja, o dobro. Esses números podem apontar muitas coisas se forem feitas outras comparações, mas à primeira vista possibilita sinalizar que o nome de Judith Butler furou a bolha dos grandes centros de produção acadêmica brasileira e está sendo incorporada em diferentes contextos de pesquisas no país.

Outro dado interessante é que as 108 teses selecionadas foram defendidas em 51 programas de pós-graduação diferentes⁷¹. Os programas de Educação são os que mais ofereceram teses que citavam Butler ao longo dos últimos anos, 21 teses. Letras aparece em segundo lugar com 13 teses, mas se juntarmos esse número a todas as outras teses defendidas em programas de pós-graduação em áreas afins como Linguística, Literatura,

⁷⁰ A UNESP foi analisada respeitando a divisão em unidades distintas porque entendo que o corpo docente é diferente em cada campus, o que caracteriza a diversidade de conteúdo também na formação do corpo discente.

⁷¹ Os nomes dos programas de pós-graduação citados estão disponíveis nos Anexos junto as outras referências bibliográficas das teses catalogadas.

Diante desses dados, a questão-problema dessa parte da tese parece estar parcialmente resolvida. O pensamento de Judith Butler se espalhou pelo Brasil e com base nos números, posso afirmar que as considerações teóricas da autora penetraram terrenos de distintos relevos pelo país.

Vale ressaltar também que como toda investigação de pesquisa envolve um recorte de tempo, o gráfico de registro temporal produzido aponta para uma curva, mesmo com oscilações, preponderantemente ascendente nas produções que citam Butler no Brasil.

Gráfico 3 – Curva de crescimento das teses de doutorado que citam Judith Butler no Brasil.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da Capes (2020).

Segundo os dados, o maior aumento de defesa das teses selecionadas se deu no ano de 2018 com um total de 28 defesas, o segundo maior índice registrado ocorreu em 2019 com 18 teses, e o terceiro foi em 2017 com um total de 12 defesas de tese, representando dessa maneira que 62, 64% de todas as teses que citam Judith Butler catalogadas no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* foram defendidas nos últimos três anos.

Isto posto, considero que se tornou agora possível identificar através desse sobrevoo o tipo de floresta que o trabalho de pesquisa está investigando. Como já explanado anteriormente, por motivos de espaço textual e exaustão analítica, limitei-me a abordar com mais profundidade apenas algumas teses, e seguindo os critérios também já mencionados, escolhi circunscrever a amostra analítica e interpretativa (GIL, 2008) do material selecionado em três teses de áreas diferentes: Ciências Sociais, Letras/Estudos Literários e Psicologia.

O primeiro comentário é sobre a tese de Juliana Gonzaga Jayme intitulada “*Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa*”, defendida no programa de pós-graduação em Ciências Sociais da UNICAMP em 2001. É um trabalho que parece estar à frente do seu tempo, já que na época, como aponta a autora, ainda não se falava o termo “*transgender*” no Brasil. Mesmo assim Jayme (2001) decidiu utilizar o termo para englobar todas as expressões trans abordadas em sua pesquisa, ou seja, travestis, transformistas, *drag-queens* e transexuais. A pesquisadora, que atualmente também é professora do programa de pós-graduação em Ciências Sociais da PUC/Minas Gerais, usa o aporte teórico de Judith Butler sobre performatividade de gênero como uma das colunas de sustentação de sua tese para discutir o seu tema central: a ideia de “*incorporação*”⁷³ do gênero, identidade, sexualidade e subjetividade no processo de construção e reconstrução do corpo dos sujeitos. A autora se apropria de um diverso repertório teórico para dar embasamento ao seu projeto de entender “*o corpo como um transportador de significados, mas também produtor, ou seja, o corpo como próprio sujeito da ação*” (JAYME, 2001, p. 11).

Além disso, um dado que justifica a escolha do texto de Jayme (2001) na amostragem da pesquisa é o ano de sua publicação, que aponta para um aparente ineditismo de um refinamento do pensamento de Judith Butler em um trabalho de tese de doutorado no campo das Ciências Sociais no Brasil. Porém, quando o título da tese é colocado no campo de buscas do *Google Acadêmico*, uma plataforma virtual que possibilita a visualização do número de citações de cada trabalho em outras produções acadêmicas disponibilizadas na *internet*, o número não é muito alto, 32 citações⁷⁴. A título de comparação, o livro de Berenice Bento “*A reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*” publicado em 2006, mas que é produto de sua tese de doutorado defendida em 2003 no programa de pós-graduação em Sociologia da UnB, portanto, apenas dois anos após a defesa de Jayme (2001), tem 1.077⁷⁵ citações rastreáveis em outras produções acadêmicas. Essa colocação serve para frisar que um dos objetivos específicos dessa pesquisa é também fazer um resgate histórico de produções pouco visibilizadas, mas que através do

⁷³ Segundo Jayme (2001), a noção de “*incorporação*” tomada por ela dos escritos de Eduardo Viveiros de Castro (1996) é também trabalhada por outros autores, como Miguel Vale de Almeida (1995) como “*incorporação*”.

⁷⁴ Disponível em: < https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=juliana+jayme+gonzaga&btnG= > acesso em 15 mai. 2020.

⁷⁵ Disponível em: < https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=a+reinven%C3%A7%C3%A3o+do+corpo&btnG= > acesso em 15 mai. 2020.

trabalho de garimpo no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* puderam ser descobertas.

Jayme (2001) usa o fenômeno da montagem como ponto em comum das pessoas *transgender*, e utiliza as considerações de Butler (1990) para visibilizar o aspecto performático do gênero, assim como a *incorporação* das múltiplas subjetividades englobadas pelas pessoas *transgender* em oposição à identidade dos Outros, ou seja, a pessoa *transgender* que se reconhece em relação à pessoa não *transgender*; a travesti⁷⁶ que se reconhece em relação à *drag-queen*; a transexual que se reconhece em relação à transformista, e etc.

A montagem, creio, atravessa todas essas questões, pois esta ação informa sobre gênero, identidade e incorporação. É através do que os(*sic*) *transgender* chamam de montagem que eles(*sic*) vão produzindo e reproduzindo femininos performáticos, revelando a multiplicidade do gênero, mas também explicitando – por uma (re)organização da duplicidade – que a idéia não só do gênero, mas também do sexo, como binária pode ser “alucinada” na ação, mas com limites, limites esses que são incorporados ao longo da vida. Ou seja, se a duplicidade é vivida como constituinte do reconhecimento do sexo – homem ou mulher -, travestis transformistas, transexuais e *drag-queens* mostram que a questão é mais complexa, embora, por outro lado, assumam também esse discurso (JAYME, 2001, p. 250).

A tese de doutorado de Jayme (2001) mobiliza uma discussão entre diferentes autores/as como Vale de Almeida, Anthony Giddens, Marilyn Strathern, Dona Haraway, Jack Halberstam, Stuart Hall, entre outros, e Judith Butler. Não posso afirmar que é um trabalho que pretendeu se inserir no campo emergente na época dos estudos *queer*, uma vez que a corrente teórica que a autora faz menção de forma mais proeminente em seu texto refere-se aos estudos da pós-modernidade. Contudo, a forma como a autora “*incorporou*” as contribuições de Judith Butler para pensar o seu campo de estudo, pessoas *transgender* de Belo Horizonte/Brasil e Lisboa/Portugal, pode ser considerada como mais uma porta de entrada ao labirinto que as apropriações do pensamento de Butler iriam ganhar forma no Brasil. A própria professora Juliana Jayme escreveu sobre isso quando troquei cartas com ela seguindo o projeto das *Correspondências queer*.

⁷⁶ No corpo do texto, Jayme (2001) utiliza, na maioria das vezes, o artigo “o” no masculino para referir-se às travestis, transexuais, *drag-queens* e transformistas. A professora, em carta enviada, esclareceu que a discussão política gramatical do uso dos artigos no feminino para referir-se à população trans na época não era amplamente conhecida.

Antes de entrar em Judith Butler, é importante explicitar que só comecei a pensar sobre gênero quando escrevia meu projeto para ingressar no doutorado. Se na Unicamp já existia o Pagu - Núcleo de Estudos de Gênero, e professoras que trabalhavam com o tema, entre as quais Suely Kofes (minha orientadora), Mariza Correa e Lígia Quartim de Moraes, além de uma linha de pesquisa no doutorado, que abrigava muitas pesquisadoras (não me lembro, naquela época de nenhum homem ainda!), como Adriana Piscitelli, Rosely Gomes Costa (esta última era da minha turma), para citar apenas duas, eu nunca tinha me preocupado com a temática, até que comecei, na minha pesquisa de campo para o mestrado, a conhecer travestis, transformistas e drag-queens (assim se denominavam) que faziam os chamados “shows de transformismo”. Durante alguns meses frequentei uma casa onde viviam diferentes mulheres trans (estou aqui usando trans como um termo guarda-chuva que engloba diferentes categorias tais quais travestis, transformistas, transexuais, drag-queens etc.), que me falavam com veemência e constância sobre as especificidades dessas diferentes “categorias”. Foi daí que veio uma certa curiosidade (que mais tarde se transformou em um projeto) sobre a ideia de construção de gênero.

Judith Butler surgiu com a leitura de um livro (de 1987) organizado por Seyla Benhabib e Drucilla Cornell, “Feminismo como crítica da modernidade: releituras dos pensadores contemporâneos do ponto de vista da mulher”. O capítulo de Judith Butler era “Variações Sobre Sexo e Gênero: Beauvoir, Wittig e Foucault”. Pra dizer a verdade, custei muito para entender esse e outros textos da autora e penso que só comecei a entender mesmo tempos depois da defesa da tese. Havia feito a graduação em Ciências Sociais na UFMG, tendo me formado em 1990 e não ouvi nenhuma vez o termo gênero no curso. O que não é de se espantar, porque as discussões ainda estavam no começo no Brasil. Quando cheguei na Unicamp, em 1992 para o mestrado é que ouvi a discussão pela primeira vez, mas em conversas pelos corredores e uma ou outra mesa redonda. Comecei essas leituras pouco antes de iniciar o doutorado e, quando começava a entender a ideia de gênero como construção social, me encontro com a crítica desconstrucionista de Judith Butler. Depois desse texto, apareceu *Gender Trouble* (sem tradução em português) e raros textos sobre ele. No entanto, quando li esse livro, ainda que não o tenha incorporado, de fato, percebi que ele me ajudaria na tese. Depois de *Gender Trouble*, encontrei outros textos dela que usei nas minhas referências. Terminei este parágrafo, respondendo em uma linha à sua pergunta sobre o meu encontro com o pensamento de Butler, creio que ele se deu meio “aos trancos e barrancos”, mas, ainda que com falhas teóricas, ela foi uma autora central na minha tese, por conta da ideia de performatividade (que na tese traduzo erroneamente como performance). E adoro que aquela autora, que eu achava bastante incompreensível, embora tivesse certeza de que era fundamental para as minhas discussões, hoje esteja “na boca” e nos textos de um sem número de pessoas! (JAYME, 2020)⁷⁷.

O relato de Jayme (2020) é interessante para que se permita fazer a reflexão que a obra de uma autora como Butler não foi passível de entendimento e apropriação por

⁷⁷ Trecho da carta enviada por Juliana Jayme no dia 26 de maio de 2020.

apenas uma via. As interpretações dos conceitos da autora estadunidense também foram amadurecidas no Brasil ao mesmo passo que Butler ia publicando novos textos e proferindo palestras ao redor do mundo. Como já foi exposto, um outro efeito intencional das *Correspondências queer* é a captura do clima da época, ou seja, as várias nuances e fatores que muitas vezes ainda não foram escritas em lugar nenhum. Perguntei para Jayme sobre a atmosfera do momento de pesquisa da sua tese e se ela hoje, depois de quase vinte anos, ainda se alinha ao pensamento de Butler e se ela se aproximou do que a perspectiva *queer* veio a se tornar no Brasil.

Naquela época, também não tinha noção de que Butler poderia ser pensada como uma autora dos estudos queer. Aliás, o termo me passou por um bom tempo despercebido, até que li outra Judith (hoje Jack), a/o Halberstan. Mas toda essa discussão ainda era nova no Brasil e, infelizmente, não me apropriei dela como gostaria.

Olha, sobre o clima da época da escrita de minha tese, talvez estivesse até melhor do que hoje — quando há um verdadeiro tribunal que cria termos como ideologia de gênero—, embora meu trabalho fosse tratado por muita gente como uma coisa menor, para além de discutir gênero (no lugar de classe), ainda me ocupava com as travestis e mulheres trans. No campo das Ciências Sociais havia no Brasil (que eu conhecesse) três livros: o de Hélio Silva, “Travesti: a invenção do feminino”, o de Neuza Maria de Oliveira, “Damas de Paus: o jogo aberto dos travestis no espelho da mulher” e o de Don Kullick “Travesti: sex, gender and culture among brasilian transgendered prostitutes” (que era sobre travestis de Salvador, mas ainda não tinha sido publicado aqui) e um livro de fotografia e textos, de Hugo Denizard, “Engenharia Erótica: travestis no Rio de Janeiro”. Em todos esses textos (e na minha tese), se usava o pronome masculino para se referir a travestis. Mas, por outro lado, é possível notar que algumas pesquisas com a mesma temática já estavam em curso, tanto que muito pouco tempo depois (creio que um ou dois anos) já encontramos algumas dissertações e teses sobre o assunto. Em relação à Judith Butler, *Problemas de Gênero* foi traduzido em 2003, se não me engano, portanto, dois anos depois da minha defesa) e daí não pararam mais as traduções dos seus escritos e as análises do seu pensamento também por autoras/es brasileiras/os/es. Depois desses anos todos, me alinho sim com o pensamento de Judith Butler e também com a perspectiva queer no Brasil. Depois da defesa da tese me inseri no Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da PUC Minas, cuja área de concentração é Cidades. Durante um tempo me ocupei com pesquisas sobre o espaço público e me afastei do tema da tese. Retomei a pesquisa com gênero (mas com mulheres cis) por volta de 2007. A partir de 2008 (ou 2009) comecei a pesquisar trabalhadoras sexuais na região central de Belo Horizonte (no início apenas as cis, desde os projetos de requalificação urbana na região para a Copa, também as trans e travestis) e, do meu ponto de vista, não há como dar cabo dessa discussão sem a interlocução com autoras como Judith Butler e outras/os/es que colocam em questão o binarismo de gênero e a heteronormatividade (JAYME, 2020)⁷⁸.

⁷⁸ Trecho da carta enviada por Juliana Jayme no dia 26 de maio de 2020.

Jayme (2001) termina sua tese reforçando que a noção de *incorporação* remete a um processo de fazer e refazer o corpo para se constituir enquanto pessoa, isto é, visivelmente, o estabelecimento de pontos de contato entre a obra de Viveiros de Castro (1996) e Judith Butler (1990) a partir de uma interpretação crítica das vivências *transgender*, como ela escolhe falar em 2001, ou dos modos de existência das pessoas trans, como termo guarda-chuva preferido em 2020. Assim sendo, encerro o comentário do trabalho de Jayme (2001) constatando o descobrimento de mais uma raiz da nossa floresta de análise, de mais um acesso ao labirinto de Butler. Na verdade, tudo o que estou tentando afirmar aqui pode ser resumido no reconhecimento de que as 108 teses catalogadas podem ser entendidas como corredores desse labirinto, e que não faz diferença o ato de se perder ou de se encontrar, todas as teses aqui citadas são passagens.

O segundo comentário é sobre a tese de Gracia Regina Gonçalves, “*A Clausura do Corpo: Representação e gênero na ficção de Lya Luft e de Margaret Laurence*” apresentada ao programa de pós-graduação em Letras/Estudos Literários da Universidade Federal de Minas Gerais. O corpo do texto da tese da professora Gracia, atualmente membra do corpo docente da Universidade Federal de Viçosa-MG, não consta no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES*. Como já mencionado, suspeitei pelo título que o trabalho se tratava de uma produção acadêmica que fazia referência à teoria de gênero de Butler. A autora do texto respondeu meu *e-mail* e disponibilizou cordialmente o acesso ao arquivo da tese em formato eletrônico.

Ao abrir o arquivo fui surpreendido, inicialmente, com duas constatações, a primeira referia-se que estava ali diante de meus olhos, até onde a minha pesquisa foi capaz de alcançar, o primeiro registro da obra de Butler citada em um resumo de tese de doutorado⁷⁹. A segunda constatação veio quando percebi através da leitura integral do texto que foi possível encontrar na tese não só várias citações a diferentes obras de Butler, mas uma apropriação e desdobramento das noções empreendidas pela pensadora norte-americana.

⁷⁹ Juliana Jayme também cita Butler no resumo de sua tese, defendida, como consta no texto original, no dia 09 de outubro de 2001. Sendo assim, a primeira tese em Ciências Sociais catalogada na pesquisa a realizar tal feito. Já a tese de Gracia Regina Gonçalves está datada em 21 de fevereiro de 2001, tornando-se, dessa maneira, a primeira produção registrada pela pesquisa a citar Judith Butler em um resumo de tese de doutorado na grande área das Ciências Humanas no Brasil.

Gonçalves (2001) inicia sua tese já citando Butler, o primeiro parágrafo do texto menciona a obra *Excitable Speech* (BUTLER, 1997):

Nas primeiras páginas de *Excitable Speech*, estudo sobre a violência no discurso, Judith Butler reconta uma parábola de Toni Morrison, que incita toda uma reflexão sobre o poder da linguagem. Segundo Morrison, uma cega é abordada por alguns meninos que lhe perguntam se o pássaro que trazem nas mãos está vivo ou morto. A resposta lhes é dada à altura da crueldade da pergunta: “Não sei... só o que sei é que ele está aí nas mãos de vocês...”. (Apud BUTLER, 1997: 6) (GONÇALVES, 2001, p. 12).

A intenção de Gonçalves (2001) é apresentar Butler como uma pensadora da relação da violência da linguagem à do corpo. De acordo com a autora da tese, a fábula de Morrison serviu para Butler ilustrar o poder linguístico de apreensão da vulnerabilidade. A mulher cega ao retornar a pergunta com a assertiva de que o pássaro não estava em suas mãos, mas nas mãos dos garotos impõe o exercício da reflexão da responsabilidade sobre corpos e vidas vulneráveis. A partir disso, e com a ajuda de outros/as autores/as, como por exemplo, Teresa de Lauretis (1994) e Elizabeth Badinter (1993), Gonçalves realiza uma análise interpretativa sobre a representação da linguagem da violência e das atribuições de gênero nas obras da escritora brasileira Lia Luft, e da canadense, Margaret Laurence.

O texto de Gonçalves (2001) é bastante rico em referências às escritoras alvos de análise em sua tese, entretanto, enfatizarei o movimento feito pela autora de capturar e transformar as noções e conceitos de Butler para abrir um caminho de investigação e interpretação em seu campo de estudo. Gonçalves (2001) ocupa cerca de dez páginas de sua tese para falar, especificamente, sobre a teoria de gênero de Butler de maneira aprofundada. Não transcrevi como a autora comenta a teoria da performatividade de gênero para não ser repetitivo, visto que o assunto já foi tocado anteriormente. Considero importante destacar da tese em questão, o entendimento da autora sobre a noção de *desidentificação* de Butler (1993) como uma proposta política.

Gonçalves (2001) alcançou essa leitura de Butler através do livro *Bodies that Matter* (1993), interpretado pela autora diretamente do original em inglês. No trecho escolhido por ela para ser usado como citação direta, a autora traduz livremente da seguinte maneira:

Embora os discursos políticos que mobilizam as categorias de identidade tendam a cultivar identificações a serviço de uma meta política, pode ser que a persistência na des-identificação seja igualmente crucial

na rearticulação da contestação democrática. Sem dúvida, pode ser exatamente através de práticas que sustentem a desidentificação com aquelas normas regulatórias pelas quais a diferença sexual seja materializada que a política do feminismo e a política homossexual seja mobilizada. Essas desidentificações coletivas podem facilitar um reconceptualização através da qual os corpos passem a tomar lugar, e os quais ainda emergem como lugar de questionamento (BUTLER *apud* GONÇALVES, 2001, p. 82)⁸⁰.

É importante destacar que não se pode julgar uma tradução informal, o fato da autora ter optado em traduzir “*queer politics*” por “*política homossexual*” parece indicar a tentativa de encontrar um sentido palpável em português, apesar de que hoje se sabe que a política *queer* e a estratégia de desidentificação proposta por Butler sugerem uma espécie de desvio da política identitária rígida e dos estudos gays e lésbicos.

Gonçalves (2001), então, apropria-se da noção de desidentificação de Butler para propor uma ideia semelhante: *desindexação*.

Com base na etimologia de *index*, que aponta para os sentidos de índice, “catálogo dos livros cuja leitura era proibida pela igreja”, ou para a expressão pôr no índice, “assinalar algo como perigoso”, sugere-se uma operação contrária ao que seria a de *indexação*, definida como “ato ou efeito de fazer índices para livros ou de pôr em ordem alfabética, ou outra qualquer série de palavras ou frases destinada a auxiliar a localização de informações específicas”. (HOLLANDA. Novo Dicionário da Língua Portuguesa (***198) Questionando os parâmetros que definem essa “especificidade”, propõe-se uma reavaliação paulatina e consistente dos mesmos através da *des-indexação*.

Desindexar seria, assim, uma operação de produção textual que aponta para a inserção da categoria de gênero na composição de caracteres e, ao mesmo tempo, visa re-avaliar os parâmetros que a regem, propondo uma revitalização da linguagem do corpo e da leitura que se faz dessa categoria.

Como operador que efetiva essa proposta, propõem-se manifestações de estranhamento da norma caracterizadas como manifestações do grotesco, disseminando, assim, o conceito de tipos liminares de Butler (GONÇALVES, 2001, p. 84).

A *desindexação*, para a autora, é concebida como um fator de problematização das atribuições sociais de gênero visibilizadas nas obras ficcionais de Luft e Laurence. É

⁸⁰ No original em inglês: “Although the political discourses that mobilize identity categories tend to cultivate identifications in the service of crucial a political goal, it may be that the persistence of des-identification is equally crucial to the rearticulation of democratic contestation. Indeed, it may be precisely through practices which underscore desidentification with those regulatory norms by which sexual difference is materialized that both feminist and queer politics are mobilized. Such collective disidentifications can facilitate a reconceptualization of which bodies matter, and which bodies are yet to emerge as critical matters of concern” (BUTLER, 1990 p. 04).

uma estratégia de análise inspirada nas considerações de Butler, porém, evidentemente não colonizada, isto é, ao mesmo que cita a obra da autora estadunidense transforma criativamente a proposta inicial de Butler em outra coisa que busca encontrar uma finalidade na contextualização do exercício de interpretação empreendido por Gonçalves (2001). Com isso, Juliana Jayme e Gracia Gonçalves (2001) podem ser identificadas como as raízes mais profundas e também mais escondidas da pesquisa, e servem para rascunhar uma gênese alternativa da apropriação do pensamento de Butler no âmbito das produções de teses de doutorado no Brasil.

A terceira e última tese a ser comentada, brevemente, é de Patrícia Porchat Pereira da Silva Knudsen, intitulada: “Gênero, Psicanálise e Judith Butler – do transexualismo à política”, defendida no programa de pós-graduação de Psicologia da USP em 2007. O motivo da escolha é o fato de que a tese de Porchat é a primeira produção acadêmica, atingida na pesquisa, que cita Judith Butler no título do trabalho.

A tese de Porchat (2007) é inteiramente dedicada a discutir as proposições teóricas e políticas de Judith Butler, e tem como intenção oferecer um mapa das influências e perspectivas tomadas por Butler para entender as questões de gênero.

Fiz meu recorte de Butler com a intenção mencionada, a de encontrar instrumentos para pensar a clínica dos “gêneros não-inteligíveis” e para decifrar os pressupostos relativos a gênero, embutidos em autores nos quais busco subsídios teóricos para meu trabalho. O mapa está à disposição. Obviamente outros mapas para a leitura de Butler são possíveis (PORCHAT, 2007, p. 17).

Comungo do mesmo plano de Porchat (2007) ao escrever essa parte da tese, o mapa aqui oferecido é também mais um recorte na colcha de retalhos capaz de ser produzido por meio da leitura de Butler. A autora, por sua vez, põe para funcionar um empreendimento explicativo e analítico das obras de Butler e suas ligações com a psicanálise, usando como exemplo o objeto, encarnado na transexualidade e intersexualidade. Vale ressaltar que Porchat (2007) faz referência à crítica de Butler sobre o uso do sufixo “ismo” para falar sobre transexualidade, e todas as vezes que comenta sobre o tema partindo das ideias de Butler opta pelo uso do termo transexualidade, mas por algum motivo que não consegui identificar no texto, a autora prefere mencionar o termo “transexualismo” no título, nas palavras-chave e todas as vezes que cita o trabalho do psiquiatra e psicanalista Robert Stoller. Isto posto, é importante também ressaltar que a autora apresenta um con-

siderável fôlego investigativo para abordar as questões teóricas relacionadas a Butler, indicando, de maneira explícita, que o foco basilar para entender a discussão de gênero mobilizada pela pensadora norte-americana é a questão do reconhecimento (PORCHAT, 2007).

Desse modo, termino os comentários sobre as teses que citam Butler reafirmando o posicionamento que a pesquisa exposta não tem o efeito de se admitir enquanto verdade absoluta ou retrato fiel da realidade, mas como um caminho possível de ser traçado. Assim como defende Porchat (2007), outros mapas e investigações podem ser feitos, e resultados diferentes obtidos. Assim, parto para as análises dos artigos científicos publicados em revistas brasileiras que citam Butler a fim de desenhar outras imagens, outros rabiscos de mapas e representações realizáveis.

4.1.2 - Os Artigos

Segundo Marconi & Lakatos (2003, p. 259), “*os artigos científicos são pequenos estudos, porém completos, que tratam de uma questão verdadeiramente científica, mas que não se constituem em matéria de um livro*”. Essa forma de publicização de um trabalho de pesquisa foi escolhida como objeto de investigação pelo fato de que a circulação do conhecimento científico no Brasil se dá amplamente através dessa modalidade de escrita.

Como recorte espacial da investigação, escolhi os artigos disponíveis na plataforma *SciELO*⁸¹. Assim como na tarefa das teses de doutorado, o termo buscador no campo de pesquisa da plataforma *online* foi “Judith Butler” e o único filtro selecionado para refinar a busca foi o idioma: português. Diferentemente do *Banco de Teses e Dissertação da CAPES* que no período onde essa etapa da pesquisa foi finalizada apenas disponibilizava dados até o ano de 2019, a plataforma *SciELO* já fornecia informações parciais do ano de 2020. Prefiri não selecionar nenhum filtro de recorte temporal, assim como fiz com as

⁸¹ A *SciELO (Scientific Electronic Library Online)* é uma biblioteca digital de livre acesso *online* de periódicos científicos brasileiros. Disponível em: < <https://scielo.org/> > acesso em 18 mai. 2020.

teses e trabalhar a partir dos dados gerados pela plataforma, por isso manteve o acompanhamento constante dos artigos que estavam sendo publicados no decorrer do ano de 2020⁸². Dessa maneira, foram obtidos 82 artigos como possíveis resultados.

Após seguidas as etapas de leitura do material descritas por Gil (2008), constatou-se que três desses artigos foram publicados em revistas oriundas de Portugal, como o objetivo da tese é pensar a recepção da obra de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil, esses artigos foram excluídos da lista final. Também foi verificado que quatro artigos estavam registrados na plataforma *Scielo* de forma duplicada⁸³, não sei qual por motivo isso aconteceu, mas acredito que tenha ocorrido um erro em alguma etapa do processo de cadastrar os artigos na plataforma *Scielo*, por isso, as cópias desses artigos também não foram contabilizadas. Já, os outros 75 resultados, de fato, se tratavam de menções à obra da pensadora-problema-objeto da tese⁸⁴. Alguns artigos, inclusive, são de autoria da própria Butler traduzidos para o português e publicado em revistas brasileiras. Assim, os dados panorâmicos que serão apresentados a seguir adotam a mesma lógica de exposição das teses de doutorado, porém, não será detalhado as regiões de origem de cada artigo, uma vez que a maior parte dos estudos estão divulgados em periódicos da região Sudeste do Brasil, mas que não significa que não haja trabalhos oriundos das regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste e Sul do país, haja vista que os periódicos catalogados recebem propostas de artigos de todos os estados da Federação.

Os 75 artigos obtidos como resultados da pesquisa foram publicados em 33 periódicos diferentes⁸⁵. Logo abaixo poderá ser visualizado o gráfico com o número de publicações das 13 revistas que mais publicaram no Brasil artigos referentes ao pensamento de Judith Butler e textos de autoria de Judith Butler traduzidos para o português.

⁸² A última vez que a plataforma *Scielo* foi consultada para coletar dados para a pesquisa foi no dia 06 de janeiro de 2021 com a intenção de atualizar as informações dos artigos publicados em 2020.

⁸³ BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. [Tradução: André Rios; Revisão: Márcia Arán]. *Physis*, vol.19, n.1, Rio de Janeiro, 2009b, pp. 95-126.

TONELI, Maria Juracy Filgueiras; SOUZA, Marina Gomes Coelho de; MÜLLER, Rita de C. Flores. Masculinidades e práticas de saúde: retratos da experiência de pesquisa em Florianópolis/SC. *Physis*, vol.20 no.3 Rio de Janeiro, 2010.

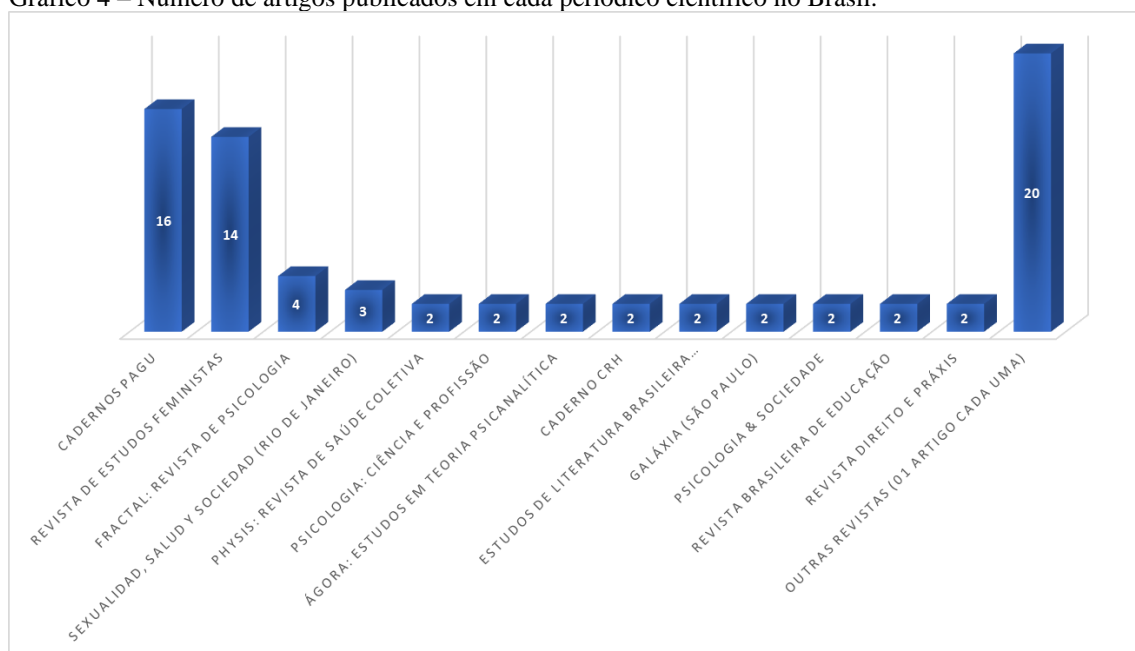
SEFFNER, Fernando; Parker, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. *Interface (Botucatu)* vol.20 no.57 Botucatu, abr./jun., 2016.

COSTA-VAL, Alexandre; GUERRA, Andréa. Corpos trans: um ensaio sobre normas, singularidades e acontecimento político. *Saúde soc.* vol.28 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2019.

⁸⁴ A lista completa de todos os artigos encontrados na pesquisa pelo termo Judith Butler na plataforma *Scielo* está disponível nos Anexos.

⁸⁵ Vale ressaltar que somente é possível encontrar artigos no banco de dados do *Scielo* de revistas indexadas.

Gráfico 4 – Número de artigos publicados em cada periódico científico no Brasil.



Fonte: Scielo

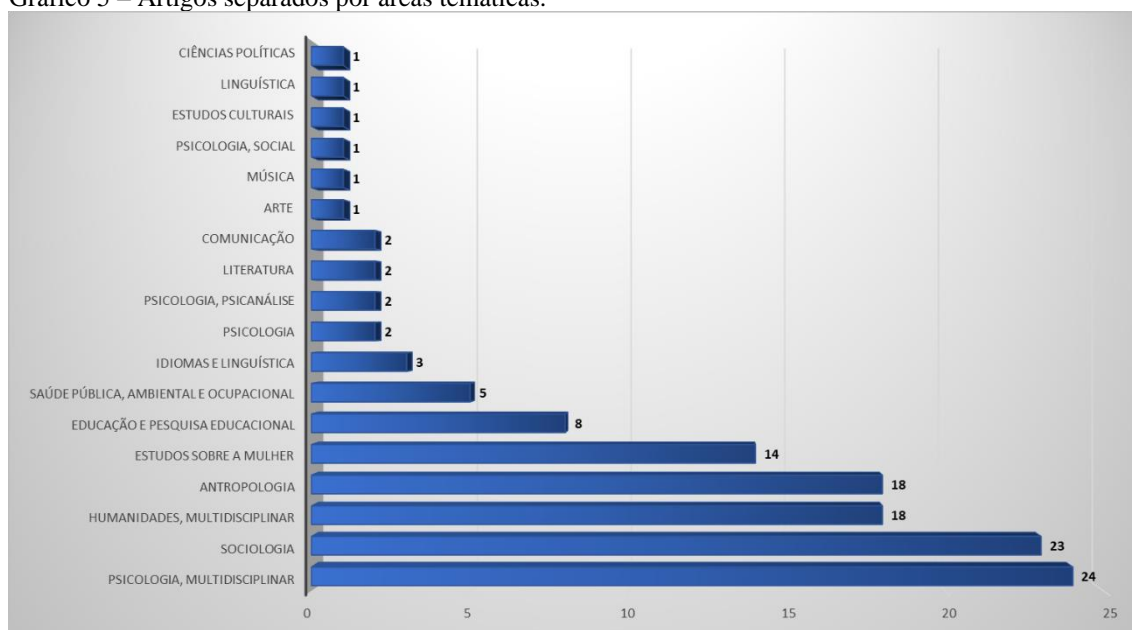
Como pode ser observado, a revista *Cadernos Pagu* concentra o maior número de publicações, 16 artigos, seguida pela *Revista de Estudos Feministas* com 14 publicações. Se somado o montante de artigos publicados nos dois periódicos, o resultado equivale a 40% do total de publicações, o restante está espalhado em outras revistas que apresentam um número baixo de artigos que citam Butler, entre 4 e 1 publicação, mas que corroboram a tese de que o pensamento da autora foi apropriado de forma multi-situada no Brasil.

Para não correr o risco de invisibilizar dados da pesquisa, é bom lembrar que a coluna representada no Gráfico 4 como representante do maior número de publicações, 20 artigos, simboliza um conjunto de 20 periódicos diferentes que publicaram um artigo cada um que se referiam à Butler, as revistas são: *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*; *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*; *Saúde e Sociedade*; *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*; *Bolema: Boletim de Educação Matemática*; *Civitas – Revista de Ciências Sociais*; *Educação & Realidade*; *Educação & Sociedade*; *Educação e Pesquisa*; *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*; *Mana*; *Novos estudos CEBRAP*; *Per Musi*; *Pro-Posições*; *Psicologia USP*; *Psicologia: Teoria e Pesquisa*; *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*; *Revista do Departamento de Psicologia-UFF*; *Revista Brasileira de Estudos da Presença*; *Sociedade e Estado*. A visualização dos nomes dessas revistas é importante para mostrar não só a amplitude de alcance

das discussões que envolvem, de alguma maneira, as noções e temas caros à escrita de Butler, mas também para indicar as principais áreas de interesse pela obra da autora, como por exemplo, na lista de periódicos supracitada as revistas da área de Psicologia aparecem cinco vezes.

Essa informação é um ponto de gatilho para o próximo gráfico, quando pode-se observar o detalhamento dos dados fragmentados por áreas temáticas.

Gráfico 5 – Artigos separados por áreas temáticas.



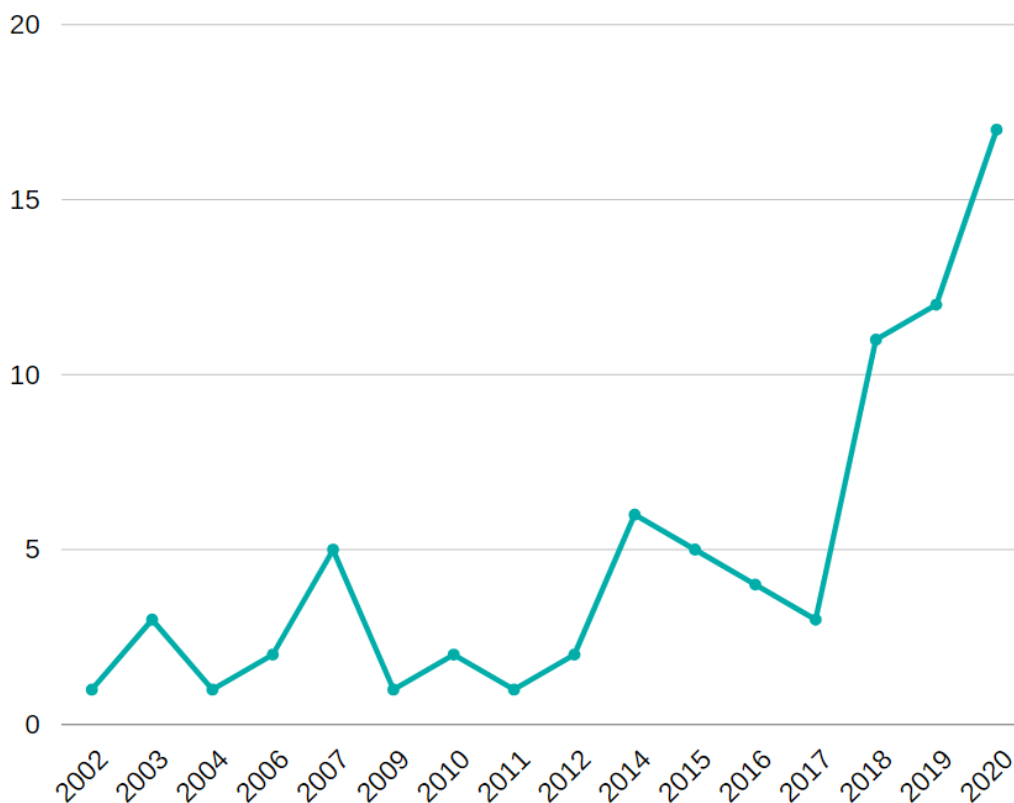
Fonte: Scielo

Os artigos catalogados em revistas indexadas como multidisciplinares apresentam um amplo número de citações, mas Psicologia (Psicanálise e Psicologia Social) e Ciências Sociais (Sociologia e Antropologia) também estão fortemente presentes, sem contar que o campo de Estudos sobre a Mulher, Humanidades, Questões Sociais e as revistas encaixadas na área temática Multidisciplinar podem apresentar ainda mais artigos oriundos da Psicologia e Ciências Sociais. Os dados expostos, dessa maneira, não têm a intenção de sugerir uma competição entre áreas diferentes, mas serve para a coleta de informações sobre em quais campos do conhecimento o debate sobre as ideias de Butler parecem estar circulando de maneira mais aprofundada ou superficial.

Por fim, o gráfico da curva de crescimento das publicações por ano permite o descortinamento, tal como foi percebido nos dados sobre as teses de doutorado, que as

produções acadêmicas que envolvem o nome de Judith Butler no Brasil estão em ascensão nos últimos anos.

Gráfico 6 - Curva de crescimento dos artigos científicos que citam Judith Butler no Brasil.



Fonte: Scielo

A curva começa a ser desenhada em 2002 quando uma entrevista com Judith Butler é publicada na *Revista Estudos Feministas*⁸⁶. Em 2003 foram publicados três artigos, dois deles sendo de autoria da própria Butler⁸⁷. Em 2004 só foi publicado um único artigo e nenhum em 2005. No ano seguinte, a série volta a registrar artigos e são publicizados dois artigos. No intervalo de 10 anos, entre 2007 e 2017 foram publicados 29 artigos,

⁸⁶ PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. *Revista Estudos Feministas*, vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002, pp. 155-167.

⁸⁷ BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? [Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien]. *Cadernos Pagu* [online], n. 21, 2003b.
RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual – entrevista de Gayle Rubin com Judith Butler. *Cadernos Pagu*, no.21 Campinas, 2003c.

sendo 2008 mais um ano sem nenhum registro. Os outros anos desse intervalo marcaram variações de no mínimo um artigo publicado, em 2009 e 2011, e de no máximo seis artigos, em 2014.

O que parece ser interessante é a indicação que os últimos anos da série histórica representam uma grande explosão de publicações, uma vez que se somados os artigos publicados em 2018, 2019 e 2020, o resultado alcançado são 40 artigos. O início dessa série crescente de trabalhos sobre Butler foi registrado em 2018, 11 artigos. Em 2019 o número subiu para 12, e em 2020, as publicações atingiram um recorde histórico chegando a 17 artigos no ano.

As 75 publicações catalogadas estão divididas em 64 artigos, 06 editoriais (entrevistas e apresentações de dossiês) e 05 resenhas de livros de Butler ou sobre a obra da autora. Alguns desses textos tratam da tentativa de estabelecer um diálogo entre Butler e outros/as pensadores, como os artigos de Vladimir Safatle (2006)⁸⁸; Olivia Guaraldo (2007)⁸⁹; Carla Rodrigues (2012; 2019b)⁹⁰; Rafael Kalaf Cossi e Christian Ingo Lenz Dunker (2017)⁹¹, por exemplo. Outras publicações apresentam uma intenção de relacionar ou introduzir a contribuição teórica de Butler com áreas temáticas do conhecimento, como é o caso, por exemplo, dos artigos de Cláudia Vianna (2012)⁹²; de Luiza Gabriela Razêra de Souza e Moisés Alves de Oliveira (2019)⁹³; e o artigo de Bruno Brulon (2020)⁹⁴.

Entre o universo da pesquisa, escolhi dois artigos para comentar rapidamente. O primeiro foi publicado em 2007 e o segundo em 2018. A decisão pelos dois textos separados por mais de uma década de distância temporal se deu para tentar ilustrar a diferença de tratamento que Butler foi apropriada nos últimos anos no Brasil. O primeiro artigo é

⁸⁸ SAFATLE, Vladimir. Sexo, simulacro e políticas da paródia. Revista do Departamento de Psicologia – UFF, vol.18 no.1 Niterói, jan./jun. 2006, pp. 39-56.

⁸⁹ GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. Revista Estudos Feministas. vol.15 no.3 Florianópolis, set./dez. 2007, pp. 663-677.

⁹⁰ RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. Sexualidad, Salud y Sociedad. (Rio J.) no.10 Rio de Janeiro, abr. 2012, pp. 140-164. Assim como o artigo: RODRIGUES, Carla. Ser e devir: Butler leitora de Beauvoir. Cadernos Pagu, no.56, Campinas, 2019b, pp. 01-21.

⁹¹ COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. Psicologia: Teoria e Pesquisa. vol. 33, Brasília, jun. 22, 2017, pp. 01-08.

⁹² VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. Pro-Posições, Campinas, v. 23, n. 2 (68), maio/ago. 2012, pp. 127-143.

⁹³ SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de; OLIVEIRA, Moisés Alves de. A Matemática Como Discurso: uma análise da relação mulher- matemática na obra O Homem Que Calculava, de Malba Tahan. Bolema, Rio Claro (SP), v. 33, n. 64, ago. 2019, pp. 871-89.

⁹⁴ BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. Anais do Museu Paulista, São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, pp. 1-30.

de autoria de Márcia Arán e Carlos Augusto Peixoto Júnior, intitulado “*Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler*” (2007)⁹⁵.

O texto de Arán e Peixoto Júnior (2007) é mais uma porta de entrada da obra de Butler no campo da psicanálise no país. Os/as autores partem do apontamento de Butler de que gênero pode ser entendido como uma norma para analisar os conceitos de identificação e sexuação, caros aos estudos psicanalíticos, e conseguem explicar as noções de Butler de “[...] *que se o gênero é uma norma, ele também pode ser fonte de resistência*” (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 135), que, por sua vez, permite indicar caminhos possíveis fora da hierarquia dos papéis sociais de gênero, do binarismo sexual e da heterossexualidade compulsória. O texto também estabelece um diálogo, pela via das comparações e relações com a o pensamento de Lévi-Strauss, Lacan e Freud acerca do simbólico e da produção de subjetividades.

Gostaria de destacar dois pontos desse texto. O primeiro ponto é a conclusão, nomeada pelos autores como “*Subjetividades queer*”, em um claro aceno de que a obra de Butler pode ser lida como forma de criar tensionamento com as considerações teóricas clássicas da filosofia e psicanálise sobre o incesto e sobre operações simbólicas que por meio da linguagem determinariam rigidamente posições sexuadas e de identificação dos sujeitos. Segundo os autores, Butler contribui para o debate psicanalítico porque, entre outras coisas, a pensadora aponta que:

A resignificação da sexualidade gay e lésbica através da abjeção e contra abjeção pôde significar uma proliferação e uma subversão do próprio simbólico, estendendo e alterando a normatividade dos seus termos. Ao introduzir as homossexualidades no terreno da simbolização, novas formas de subjetivação, assim como novas formas de sociabilidade, tornaram-se possíveis. Daí a necessidade de continuarmos a repensar os parâmetros a partir dos quais abordamos o desejo, a sexualidade e as subjetividades no mundo contemporâneo. Nesse sentido, a subversão do desejo também é uma abertura para novas possibilidades de existência até hoje consideradas impensáveis por certos autores (ARÁN; PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 145).

O segundo ponto do texto que quero frisar é, exatamente, o que está colocado implicitamente nas entrelinhas da citação acima, isto é, ainda no ano de publicação do

⁹⁵ ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cadernos *Pagu*, n. 28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, pp. 129-147.

artigo, o clima da leitura da obra de Butler denotava uma autora que estava sendo interpretada no Brasil há pouco tempo e que se vislumbrava o seu potencial teórico para provocar desdobramentos em uma área do conhecimento consolidada como é a psicanálise. Atributo bem diferente do que pode ser percebido no artigo de Pedro Paulo Gomes Pereira, “*Judith Butler e a pomba-gira*” (2018).

Publicado onze anos depois do texto de Arán e Peixoto Júnior (2007), o artigo de Pereira detecta uma temperatura elevada durante a segunda visita ao Brasil de Judith Butler. Como já apontado na introdução dessa tese, Butler foi recepcionada no local onde iria realizar uma conferência sobre democracia em meio a protestos organizados por grupos conservadores. No texto, Pereira encena o momento destacando os discursos exaltados pronunciados por manifestantes religiosos e analisa tanto a demanda histórica dos setores mais conservadores da sociedade brasileira, bem como a crescente torção religiosa provocada pela presença e protagonismo de pessoas gays, lésbicas e trans em igrejas cristãs.

Enquanto que no artigo de Arán e Peixoto Júnior (2007) o ambiente assinala uma atmosfera de receptividade, mesmo que ainda no meio acadêmico, pela incorporação das ponderações de Butler; no texto de Pereira (2018) o clima detectado é de expulsão de uma pensadora que “não deveria servir para pensar o Brasil” na opinião dos olhares mais conservadores do país. Pereira (2018) não só evidencia e problematiza a onda conservadora no Brasil como, por outro lado, propõe uma aproximação entre teoria e prática no que diz respeito às multiplicidades de existências e entrecruzamentos de marcadores sociais da diferença para *torcer* a teoria de Butler pela rosca das diferentes perspectivas contextuais possíveis de serem visualizadas.

Pensando no que provocaria tais torções, poderíamos perguntar, mesmo que a título de incentivar a nossa imaginação poética, invertendo por um instante o sentido Norte-Sul das afetações das teorias: Como seria o pensamento da Butler se experimentasse as religiões de matriz africana no Brasil? Imaginem se ela tivesse, ao lado de Foucault e Levinas, Iansã e Pomba-gira. Imaginem se ela, quando esteve em São Paulo, fosse a um terreiro – esses espaços de articulação de um modo de vida complexo, que abriga algo das espiritualidades herdadas dos povos africanos e aqui reconstruídas (Nascimento, 2017). Imaginem se Butler incorporasse uma Pomba-gira, se bolasse no santo. Ou se escutasse o pastor de uma Igreja Batista cantando com *ogans* do candomblé. Certamente, ela falaria de forma diferente e de outro modo de incorporações e corporeidades, pois seriam outros os corpos que importam e outras as materialidades (PEREIRA, 2018, p. 11).

O que Pereira (2018) sugere como prática de *torção* da teoria de Butler no país pode designar diversos percursos⁹⁶, mas sem sombra de dúvidas, indica que esse nível de debate só pode ser alcançado graças ao trabalho de uma autora que pelo que tudo aponta já está estabelecida como referência para os estudos de gênero e sexualidades no Brasil.

4.2 - Labirinto *queer*

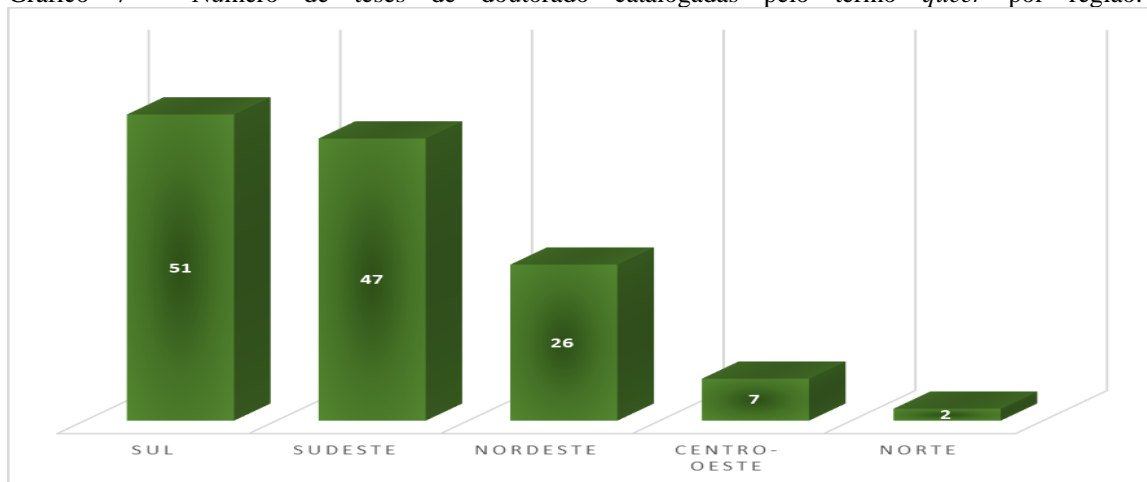
4.2.1 - As teses

Além de realizar a busca no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* pelo termo “Judith Butler”, a pesquisa também foi feita buscando o termo “*queer*”. O total de resultados alcançado foi de 608 produções acadêmicas, mas quando aplicado o filtro de “*soamente teses de doutorado*”, restaram 155 teses. Após a leitura do material de acordo com Gil (2008), foram catalogadas 146 teses que se encaixavam nos critérios da pesquisa, esse número bem próximo do total de teses de doutorado encontradas pode ser consequência do fato de que o termo *queer* é muito específico. As nove teses que foram excluídas nesse processo de refinamento apresentavam, em sua maioria, erros de digitação em seus resumos, a conjugação do verbo querer escrita com duas letras “e”, e por isso estavam na lista inicial, outras ainda eram da área da Ciência da Computação e pela leitura do resumo não estabeleciam conexões com os estudos *queer*. Entre as 146 teses catalogadas na pesquisa sobre o termo “*queer*”, treze já tinham sido elencadas quando se deu a investigação pelo termo “Judith Butler”, por essa razão preferi não trabalhar com dados repetidos e na listagem final restaram 133 teses de doutorado⁹⁷.

⁹⁶ Essa discussão será aprofundada no próximo capítulo.

⁹⁷ A lista completa das teses catalogadas está disponível nos Anexos.

Gráfico 7 – Número de teses de doutorado catalogadas pelo termo *queer* por região.

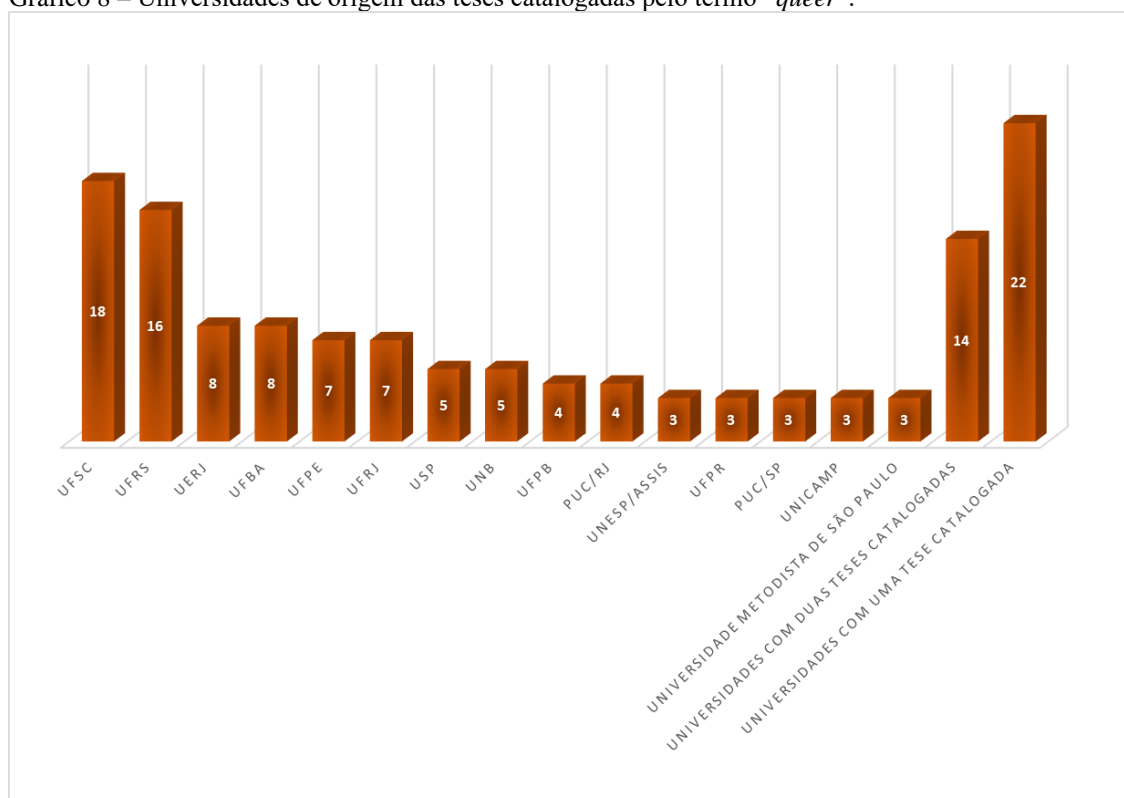


Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

As 133 teses de doutorado foram defendidas em programas de pós-graduação de 51 universidades diferentes das cinco regiões do país. Dessa vez, a região Sul apresenta uma maior porcentagem entre as produções acadêmicas catalogadas a partir do termo *queer* no Brasil, o equivalente a 38,3% do total. As teses defendidas em universidades da região Sudeste representam 35,3%; as teses oriundas da região Nordeste constituem 19,5%; as teses da região Centro-Oeste são 5,3% do total; e as teses da região Norte correspondem a 1,5%.

Entre as universidades, a Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e a Universidade Federal do Rio Grande do Sul são as maiores responsáveis pelo número elevado de produções encontradas na região Sul, foi possível listar nas universidades, 18 e 16 teses defendidas respectivamente.

Gráfico 8 – Universidades de origem das teses catalogadas pelo termo “*queer*”.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ é a instituição com maior número de produções da região Sudeste, 08 teses. Mesmo número da Universidade Federal da Bahia – UFBA, que junto com a Universidade Federal de Pernambuco – UFPE com 07 teses defendidas se apresentam como os maiores polos de divulgação científica dos estudos *queer* no Nordeste de acordo com o banco de dados da CAPES. No Centro-Oeste, a Universidade de Brasília merece destaque com 05 defesas de tese. A Universidade Federal do Tocantins – UFTO e a Universidade Federal do Pará – UFPA são as representantes da região Norte, cada universidade tem uma tese catalogada. Novamente considero importante citar todas as universidades catalogadas na pesquisa mesmo que não tenha sido possível nomeá-las separadamente no Gráfico 8, por isso as tabelas abaixo listam todas as universidades onde foram encontradas duas ou apenas uma tese a partir da investigação pelo termo buscador.

Tabela 2 – Lista de Universidades que correspondem a 10,5% das teses catalogas pelo termo “*queer*”.

UNIVERSIDADE COM DUAS TESES DEFENDIDAS	
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA	2
UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS	2
UNIRIO	2
ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA	2
UFMA	2
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ - PR	2
PUC/RS	2
TOTAL:	14

Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Tabela 3 – Lista de Universidades que correspondem a 16,5% das teses catalogas pelo termo “*queer*”.

UNIVERSIDADES COM UMA TESE DEFENDIDA	
UNIVERSIDADE DE FORTALEZA	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	1
UFPA	1
UFMG	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS	1
UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ	1
UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE - SÃO PAULO	1
UFRN	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO - UFES	1
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA - UDESC	1
FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/SP	1
UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRU-DENTE	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS	1
PUC/GO	1
UNIFESP	1
UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA - RJ	1

UFSCAR	1
UECE	1
UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI/SP	1
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	1
TOTAL:	22

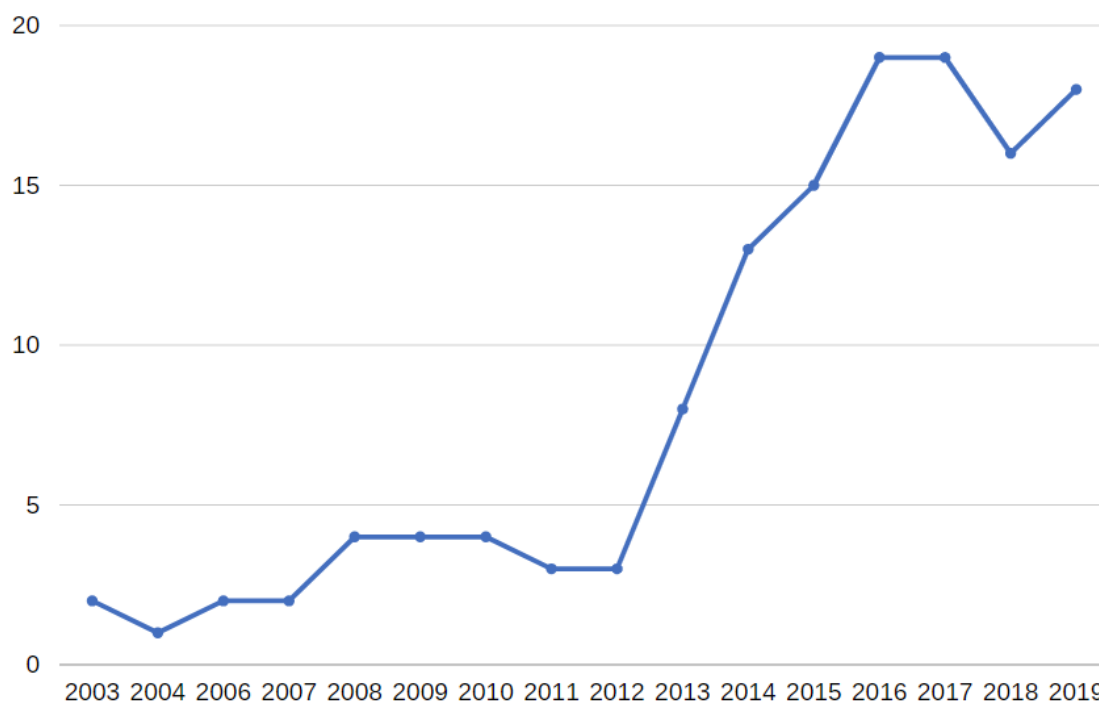
Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Se somadas as duas porcentagens das universidades que apresentaram somente uma ou duas teses defendidas, chega-se a 27% do total, ou seja, a maioria dos registros, indicando, mais uma vez, que os grandes centros de produção acadêmica, representados aqui pelas instituições nomeadas no Gráfico 8, servem para pensar em termos de referência, mas a apropriação dos estudos *queer* já rompeu grandes fronteiras.

As teses catalogadas foram defendidas em 54 programas de pós-graduação diferentes. Foi possível perceber o mesmo destaque nas áreas relacionadas anteriormente quando foi feita a pesquisa pelo termo “Judith Butler” no Banco de Dados da CAPES, a busca pelo termo “*queer*” também indicou as áreas da Educação, da Psicologia, das Ciências Sociais e Letras como principais expositoras, além disso vale destacar a presença das teses defendidas nos campos da Comunicação e da Ciências da Religião como áreas de interesse⁹⁸. A nuvem de palavras possibilitada de ser construída por meio da relação dos nomes dos programas de pós-graduação é a seguinte:

⁹⁸ Os nomes dos programas de pós-graduação citados estão disponíveis nos Anexos junto as outras referências bibliográficas das teses catalogadas.

Gráfico 9 - Curva de crescimento das teses de doutorado catalogadas pelo termo “*queer*” no Brasil.



Fonte: Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

Todas essas informações auxiliam para a reflexão sobre a forma como os estudos *queer* se desenvolveram e estão assentados no Brasil. Como pôde ser visto, o interesse em realizar pesquisas de doutorado que se apropriem do arcabouço teórico-conceitual *queer* no país vem aumentando consideravelmente pelo menos desde 2013. Sugerindo, dessa maneira, que os estudos *queer* vistos com estranhamento e desconfiança em um primeiro momento no meio acadêmico parece agora ter vindo para ficar em território brasileiro.

Para ilustrar a exposição desse panorama escolhi falar sobre três teses defendidas no campo da Sociologia, da Educação e da Teologia. Assim, o critério de escolha continua o mesmo trabalhado na etapa das teses que citavam Judith Butler, ou seja, o grau de originalidade, excentricidade e reverberação dessas produções acadêmicas.

A primeira tese já foi citada aqui em outro momento, trata-se do trabalho de Benice Bento “A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual”, defendida em 2003 e publicada em formato de livro em 2006. Bento se apropria dos estudos *queer*, e mais especificamente das ponderações de Butler (2003), para abarcar as

experiências identitárias vistas até então como conflitantes com as normas de gênero e/ou passíveis de serem classificadas como patologias, como é o caso das experiências transexuais. Com isso, Bento (2006) compreende que são os estudos *queer* o campo teórico-metodológico capaz de abranger as identidades de gênero que escapam da matriz heterossexual como uma norma social de forma despatologizada. Em sua visão, alguns dos pressupostos que podem ser interpretados como próprios à organização dos estudos *queer* como um campo de estudo e atuação política são:

A sexualidade como um dispositivo; o caráter performativo das identidades de gênero; o alcance subversivo das performances e das sexualidades fora das normas de gênero; o corpo como um biopoder, fabricado por tecnologias precisas” (BENTO, 2006, p. 81).

Decidi não escrever uma correspondência *queer* para a professora Berenice. Tomei tal atitude não por achar que as suas palavras não fossem capazes de contribuir significativamente para a pesquisa, muito pelo contrário; mas por questões éticas preferir não tomar proveito de relações pessoais e possíveis informações privilegiadas. Nesse sentido, todas as referências ao posicionamento de Bento podem ser consultadas em textos publicados pela autora. Bento (2017) em uma entrevista publicada falou sobre o clima da época de defesa de sua tese de doutorado.

O que eu tinha e sentia no período da escrita da minha tese, para ser sincera, era medo de escrever aquilo que eu estava vendo e pesquisando. Eu sabia que teria que enfrentar uma banca e eu estava articulando um corpo novo (estudos *queer*) e um campo também novo (pessoas transexuais). Não sabia como seriam as leituras da banca. Já conhecia as hierarquias de um departamento que já havia me proporcionando alguns sentimentos de desqualificação da minha pesquisa. A minha dissertação foi sobre masculinidades, e escutar feministas afirmando que aquilo que estava pesquisando não era gênero não foi uma experiência muito inspiradora. Dias antes da defesa, eu fui tomada por um medo terrível porque eu tinha muito receio de não ser aprovada. Depois, a tese se transformou em livro e as pessoas, principalmente ativistas do movimento trans, começaram a falar que se sentiam contempladas porque viam coisas inovadoras, que nunca haviam sido ditas, que nunca tinham sido pensadas. Sem dúvida, o movimento trans entendeu e passou a citar minha tese muito rapidamente e foi lá que encontrei e encontro o melhor lugar para conversar e aprender. Na academia, isso foi mais lento. Então, respondendo a sua pergunta, eu não sei em que momento isso aconteceu. E não é retórica. O que eu sempre soube, e isso está lá nas primeiras páginas do meu livro, é que eu queria fazer um texto que contribuísse para a humanização das pessoas que viviam as experiências transexuais e que o livro contribuísse para a despatologização (PINHEIRO, 2017, p. 127-128).

A justificativa para a escolha do trabalho de Bento (2006) reside no fato do aparente fator de impacto da publicação de sua tese, como já mencionado, o texto dela tem mais de mil citações rastreáveis em outros trabalhos publicados, mesmo assim, pelo que a autora conta em entrevista, a escrita do seu texto não se deu em um espaço acolhedor aos estudos *queer*. Além disso, a tese de Bento é o trabalho mais antigo possível de ser encontrado quando se busca o termo *queer* no banco de dados da CAPES.

Nesse mesmo período, apenas dois meses após a defesa de Bento⁹⁹, Ruth Francini Ramos Sabat defendeu sua tese, “Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade”, no programa de pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É o primeiro texto, registrado na pesquisa, do campo da Educação que usou como aporte teórico-conceitual os estudos *queer*. Ruth Sabat foi orientada por Guacira Lopes Louro e a sua tese tratou do processo de normalização da heterossexualidade em filmes de animação dos estúdios *Disney*, mais precisamente as produções: “A Pequena Sereia”, “Mulan”, “A Bela e a Fera” e “O Rei Leão”.

Sabat (2003) analisa esses filmes como relevantes recursos pedagógicos que têm o potencial de reproduzir na sociedade contemporânea os papéis naturalizados das normas de gênero. A autora que anunciadamente se fundamenta nos Estudos Culturais, Pós-estruturalismo, Estudos Feministas e Teoria *queer*, realiza uma extensa interpretação da linguagem cinematográfica dos filmes infantis escolhidos. A luz, a trilha sonora, os traços dos desenhos e as falas das personagens são postas sobre uma ótica microscópica de investigação para dissertar sobre quais discursos estão sendo ali mobilizados na construção da identidade, abjeção e normalização.

No decorrer do seu texto, a autora aplica a teoria da performatividade de gênero para visibilizar os enunciados performativos presentes nas produções cinematográficas contemporâneas.

Em uma das primeiras cenas do filme *A Pequena Sereia*, Úrsula, a bruxa do mar, ao lembrar do tempo em que vivia no reino de Tritão, comenta: “...olhem para mim: jogada fora como quem não vale nada... banida, exilada...”. Sebastião, um siri que é responsável pela segurança de Ariel, fala sobre Úrsula: “ela é um demônio, ela é um monstro!”. Úrsula, um polvo, usa um vestido muito justo que ressalta seus seios e suas formas arredondadas, seus cabelos brancos são fartos e desgrehados, sua maquiagem é bastante carregada – contrastando fortemente com o rosto “angelical” de Ariel. Úrsula habita uma caverna em companhia de Juca e

⁹⁹ Segundo os registros da CAPES, Bento defendeu sua tese no dia 01 de junho de 2003 e Ruth Sabat defendeu sua tese no dia 01 de agosto do mesmo ano.

Pedro (duas moréias) e de suas “flores” – pessoas que foram procurá-la para realizar desejos tais como ficar “mais magrinha” ou conseguir “uma namorada” e que não cumpriram o trato. A bruxa transformou todos em algas para seu jardim.

Ao identificar Úrsula como um ser desprezível é inevitável estabelecer uma relação entre a etimologia da palavra *grotesco* (derivada da palavra *grotta*, gruta) e o lugar que ela habita, uma caverna. Úrsula, este ser abjeto que foi banido do convívio social é, paradoxalmente, o caminho que Ariel encontra para realizar seus desejos num misto de atração e repulsa, pois, ao mesmo tempo em que a sereia teme a bruxa, é a ela que recorre para realizar seu desejo de tornar-se humana. De um ser desprezível, Úrsula passa a se constituir na única possibilidade de mudança, uma vez que Ariel, antes mesmo de conhecer o jovem Eric, já manifestava insatisfação quanto a sua vida no fundo do mar, como afirma em um trecho de uma canção: “...*para mim ainda é pouco, quero mais (...) não quero mais ser deste mar*”. Na sua busca por outra vida, a pequena sereia recorre ao seu outro para burlar as leis do reino de seu pai, o qual dizia: “*eu me considero um rei bem razoável. Decreto algumas leis e espero que elas sejam obedecidas!*”. Ariel é uma jovem adolescente, doce, sonhadora e rebelde – nesse sentido, tal como Mulan, ela foi saudada pela crítica como um exemplo de transformação no modo como a Disney vinha representando o feminino (SABAT, 2003, p. 159-160).

Sabat (2003) se apropria de Butler para explicitar que os filmes de animação ensinam ideais normativos de heterossexualidade através da representação do ser abjeto, e mesmo quando pode ser percebido tentativas de subversão dos papéis de gênero, como, por exemplo, na citação acima, essas tentativas estão carregadas da noção da constituição de si mesmo como sujeito a partir do reconhecimento da abjeção no outro (SABAT, 2003; BUTLER, 1999).

Por último, vale destacar a sensação de desafio, descrita nas palavras da autora, em se comprometer a escrever uma tese usando como referencial teórico principal os estudos *queer* “[...] *Diante de tantas incertezas decidi assumir os riscos de operar com uma teoria nova, polêmica, contestada e, talvez por tudo isso, também instigante, “boa pra pensar”*” (SABAT, 2003, p. 179). A forma como Sabat colocou sob análise produções audiovisuais tão consumidas à época pelo público brasileiro é, sem dúvidas, uma apropriação inovadora de uma teoria emergente, e naquele momento, ainda não completamente reconhecida no meio acadêmico.

Ao utilizar a Teoria *Queer* para analisar de que formas a heterossexualidade é produzida nos filmes infantis de animação, meu objetivo não foi empregar esse modo de pensar sobre o desconhecido para procurar, nestes filmes significantes de sexualidades que não a hegemônica. Em vez disso, pretendia identificar elementos – textuais, plásticos, gráficos, sonoros, imagéticos – que, a meu ver, são postos em ação, de modo performativo,

para constranger significantes que, de alguma maneira, indicam a possibilidade de viver a sexualidade de outras formas que não a hegemônica e que, simultaneamente, funcionam de modo a constituir o outro como monstro, como abjeto (SABAT, 2007, p. 179).

Sabat (2003) e Bento (2006) podem ser assim inseridas no quadro de trabalhos de teses de doutorado que se esforçaram em apresentar a teoria *queer* para áreas distintas no Brasil. Há que se ressaltar que as análises originais dessas autoras não representam as únicas facetas de acessos e apropriações dos estudos *queer* no país, como já explicado, são apenas recortes amostrais da pesquisa que permitem a visualização de exemplos da contextualização do tom crítico *queer* no Brasil, mas que tanto pelo fator de impacto de suas publicações, como é o caso do livro de Bento (2006), quanto à apresentação de um trabalho amadurecido no campo da Educação foram escolhidas como possíveis marcos históricos da introdução dos estudos *queer* na comunidade acadêmica brasileira.

Outro estudioso brasileiro que realizou o movimento de dialogar uma área dura do conhecimento com a perspectiva *queer* foi André Sidnei Musskopf, autor da tese “Via(da)gens teológicas – itinerários para uma teologia *Queer* no Brasil”, defendida no programa de doutorado em Teologia da Escola Superior de Teologia, de São Leopoldo/Rio Grande do Sul, em 2008. À primeira vista pode soar estranho uma tese defendida na área de Teologia ser citada numa busca por produções *queer* no país, mas quando se lê a íntegra do material de Musskopf (2008) fica evidente o nível de originalidade do seu trabalho em se esforçar para produzir propostas de itinerários para a construção de uma teologia *queer* no Brasil.

A tese de Musskopf (2008) provocou a recordação do meu próprio trabalho de dissertação (SILVA, 2016)¹⁰⁰ sobre lembranças, desejos e moralidades na vida familiar de travestis e transexuais em Natal-RN. Naquele momento foi muito perceptível nos relatos das colaboradoras de pesquisa, a importância que a moral religiosa exercia para determinar a continuidade ou o interrompimento das relações familiares. Os casos de expulsão de casa, de agressão física, de xingamentos no espaço doméstico, de evitação¹⁰¹ do convívio familiar foram narrados de forma muito presente na vida das pessoas trans que ajudaram a construir aquele trabalho. Musskopf (2008) aponta que nos últimos anos tem

¹⁰⁰ SILVA, Marcos Mariano Viana da. Entre lembranças, desejos e moralidades - Narrativas de travestis e suas famílias em Natal-RN. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

¹⁰¹ SCHULMAN, S. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas* - Estudos gays: gêneros e sexualidades, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012.

crescido a procura de pessoas gays, lésbicas, travestis e transexuais por um retorno ao contato religioso institucional, o que pode ser percebido pelo desenvolvimento de grupos cristãos cada vez mais inclusivos. O autor centra sua análise¹⁰² nas reverberações da Teologia da Libertação latino-americana enquanto movimento filosófico, teológico, social e político para refletir sobre os caminhos possíveis para debater questões de gênero e sexualidade sem o crivo da violência subjetiva, moralizante e contraproducente de transformação social.

Uma das minhas colaboradoras de pesquisa no período do mestrado, Sheila¹⁰³, mantinha o hábito de ir à missa todos os domingos, dizia não se importar mais com os olhares de julgamento direcionados a ela e que a sua única preocupação era a manutenção de um contato íntimo com Deus indo a celebrações eucarísticas toda semana como recomenda às Escrituras. Fico pensando como seria interessante se as problemáticas levantadas por Musskopf (2008) fossem vivenciadas e debatidas abertamente na congregação que Sheila frequentava.

Musskopf (2008) defende sua tese como quem lança uma proposta. Em sua visão a Teologia ou teologias, como o autor prefere, precisa andar por outros lugares, se comprometer na elaboração de novas viagens/viadagens teológicas. Portanto, o texto de Musskopf (2008) dialoga muito mais com a teologia do que com a teoria *queer*. A perspectiva *queer* é explicada, mas não a partir de uma extensa contextualização com os estudos feministas como pode ser percebido nos trabalhos de Bento (2006) e Sabat (2003). Entretanto, considero importante citar as problematizações teológicas levantadas por Musskopf (2008) para ilustrar como os estudos *queer* foram capazes, em um curto período de tempo, atravessar fronteiras, cavar um buraco por baixo do muro e corrompê-lo através da apresentação de novas imagens.

O panorama das teses de doutorado catalogadas pelo termo *queer* no banco de dados da CAPES e os trabalhos escolhidos como exemplos de ineditismos e fortes ecos na comunidade acadêmica brasileira são caminhos, itinerários como utiliza Musskopf

¹⁰² Para conhecer outros trabalhos que analisam perspectivas religiosas diferentes entrecruzando questões de gênero e sexualidades, sugiro os trabalhos de: LIMA, Carlos Chagas Vilela. A Verdades (Des)Construída: a inserção da homossexualidade da Comunidade Cristã Nova Esperança, em Natal. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013; e DIAS, Claudenilson; COLLING; Leandro. Resistências e rejeições nas vivências de pessoas trans no Candomblé da Bahia. *Ex aequo*, n. 38 Lisboa, dez. 2018.

¹⁰³ Nome fictício adotado na dissertação.

(2008) para “*ocupar, resistir e produzir*”¹⁰⁴ questões de gênero e sexualidades no contexto brasileiro.

4.2.2 - Os Artigos

Para continuar a investigação no mesmo rumo adotado nos passos anteriores da pesquisa, o termo “*queer*” foi colocado na busca da plataforma *Scielo*¹⁰⁵ e foram utilizados os filtros, “Idioma: português” e “Coleções: Brasil”¹⁰⁶. Os resultados alcançados foram da ordem de 127 artigos¹⁰⁷, ou seja, quase 50% a mais do resultado atingido quando a busca foi feita pelo termo “Judith Butler” na mesma plataforma. Dessa vez, adotei outra abordagem no tratamento dos dados. Mantive os artigos repetidos, isto é, aqueles que já tinham sido catalogados quando a pesquisa por “Judith Butler” foi feita porque um dos objetivos específicos da pesquisa também é visibilizar os grandes centros de produção de conhecimento *queer* no país e os periódicos podem ser assim entendidos como lugares de disseminação de problematizações escritas do que a teoria *queer* tem a oferecer ao Brasil. Dessa forma, não disponibilizarei nos Anexos uma lista dos textos repetidos nas buscas pelos dois termos, como fiz com as teses de doutorado, mas dois panoramas completos de cada pesquisa separadamente.

Inicialmente, o dado que mais saltou aos olhos foi a constatação que apenas um periódico corresponde a quase um terço do total de todas as publicações registradas sob o termo *queer* no *Scielo*, cerca de 30,8% dos artigos catalogados foram publicados na *Revista Estudos Feministas*. O que é completamente diferente do que foi encontrado na pesquisa por “Judith Butler”, quando a maioria dos artigos, 20 publicações, estavam publicadas em um conjunto de revistas diferentes que ofereciam, cada uma, somente um artigo publicado que havia sido catalogado pelo termo buscado. Naquele momento, a *Cadernos Pagu* tinha 16 textos publicados e a própria *Revista Estudos Feministas* tinha 14

¹⁰⁴ Um dos lemas do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) que Musskopf (2008) faz referência para organizar a forma de apresentação de sua tese.

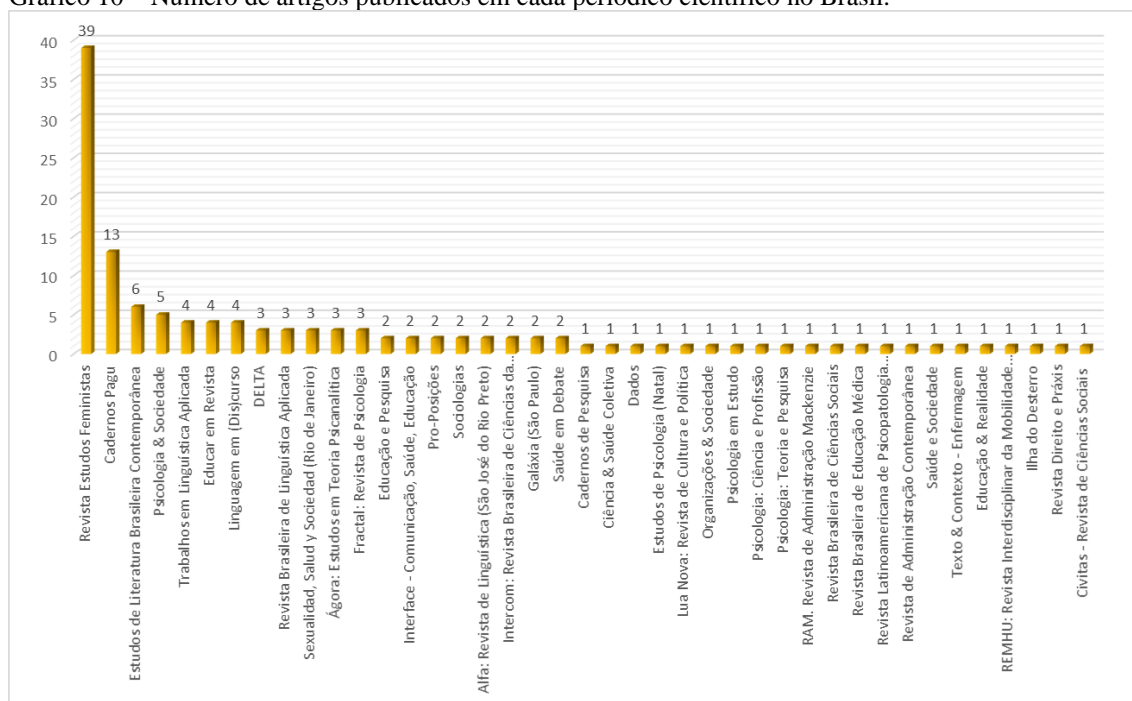
¹⁰⁵ A última vez que a plataforma *Scielo* foi consultada para coletar dados para a pesquisa foi no dia 06 de janeiro de 2021 com a intenção de atualizar as informações dos artigos publicados em 2020.

¹⁰⁶ Os filtros de “Idioma: português” e “Coleções: Brasil” foram usados para restringir a pesquisa às produções nacionais, uma vez que o termo *queer* é de origem estrangeira e poderia estender os resultados para além dos limites desejados.

¹⁰⁷ A lista completa dos artigos catalogados está disponível nos Anexos.

artigos alcançados na pesquisa. Dessa vez, o número encontrado é quase o triplo, 39 publicações da *Revista Estudos Feministas* registradas na *Scielo* sob o termo “*queer*”.

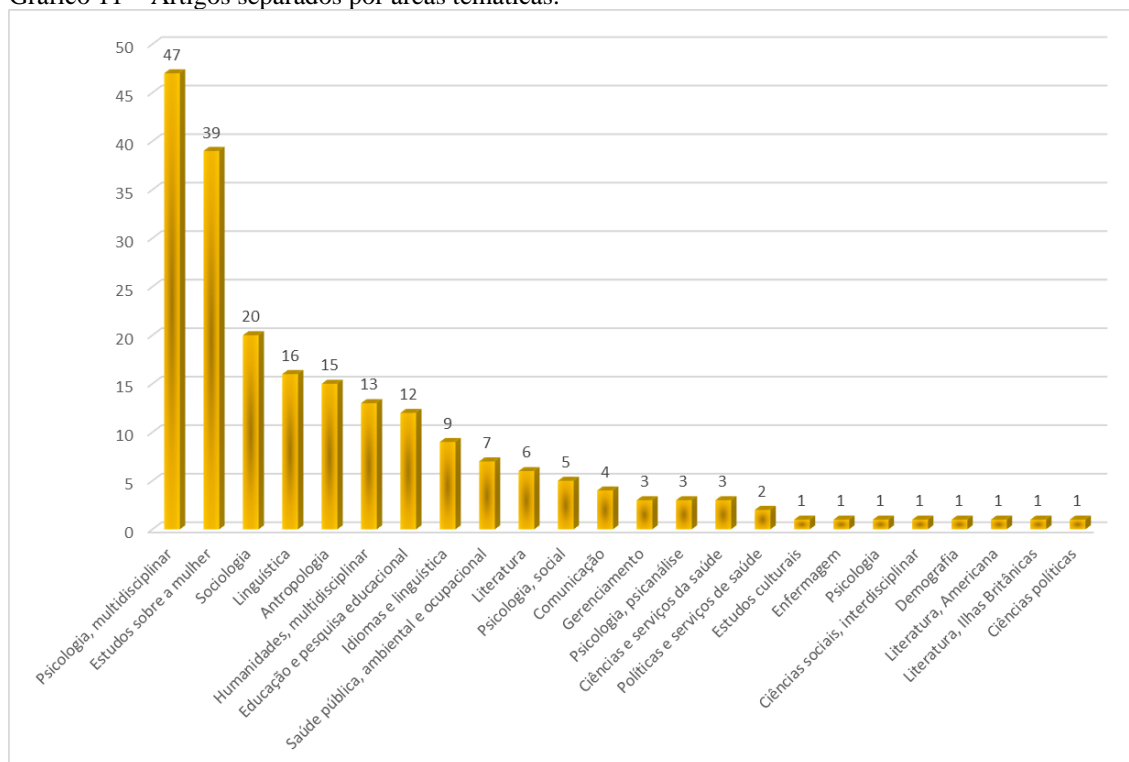
Gráfico 10 – Número de artigos publicados em cada periódico científico no Brasil.



Fonte: *Scielo*.

A *Cadernos Pagu* também apareceu destacadamente na pesquisa com a marca de 13 artigos publicados e outras 39 revistas diferentes foram mencionadas nos resultados. Como já explicitado, preferi basear o tratamento dos dados da minha investigação apenas nas informações públicas para permitir que os passos adotados na minha pesquisa possam ser refeitos, aproveitados e/ou continuados de onde parei, assumindo assim, o que acredito ser, um compromisso ético de construção da pesquisa científica e um engajamento pessoal para a colaboração do debate sobre a obra de Butler e os estudos *queer* no Brasil.

Gráfico 11 – Artigos separados por áreas temáticas.



Fonte: Scielo.

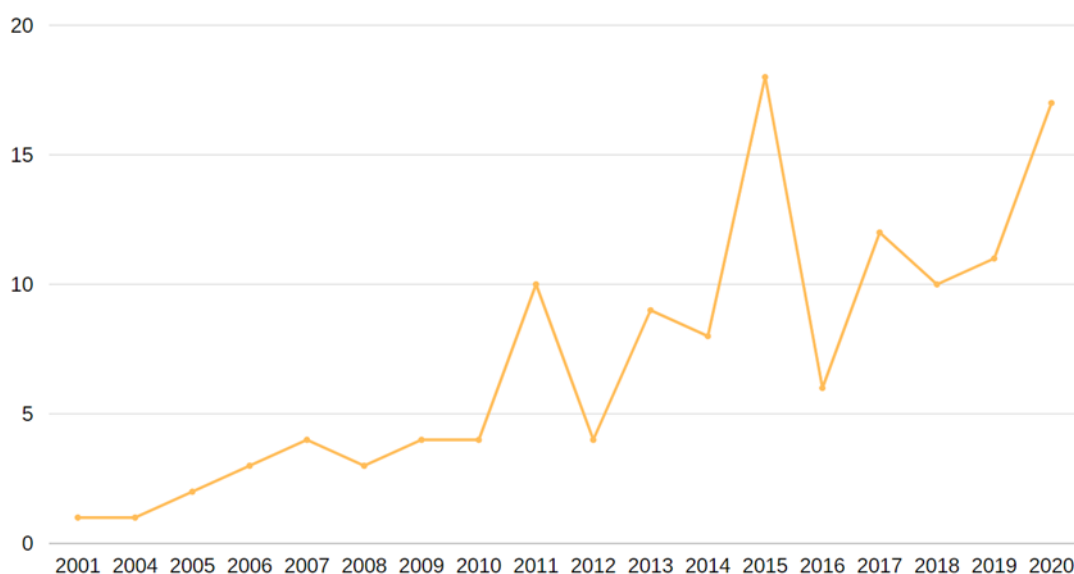
No que diz respeito à visualização dos dados por áreas temáticas é importante ressaltar que se pode interpretar “Psicologia, Multidisciplinar” e “Estudos da Mulher” como complementares. Isso se dá porque o campo de “Estudos da Mulher” corresponde aos 39 artigos da *Revista Estudos Feministas* e a área de “Psicologia, Multidisciplinar” equivale aos 39 artigos da *Revista Estudos Feministas* somados aos três artigos publicados na *Fractal: Revista de Psicologia*, e mais cinco artigos publicados nas revistas¹⁰⁸: *Estudos de Psicologia (Natal)*, *Psicologia em Estudo*, *Psicologia: Ciência e Profissão*, *Psicologia: Teoria e Pesquisa* e na *Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental*. Pelo fato de a *Revista Estudos Feministas* estar registrada pelas duas áreas temáticas, os artigos aparecem repetidos, o que poderia ser um indicativo de falso dado. Porém, considero que a avaliação não pode ser feita dessa forma porque para fins de pesquisa, a alocação dos dados da maneira que está catalogada pelo Scielo contribui para o mapeamento das áreas de interesse em produções *queer* no país. Assim como a revista *Cadernos Pagu* que tem os seus 13 artigos registrados tanto na área de “Sociologia” quanto em

¹⁰⁸ Um artigo publicado em cada uma das cinco revistas referidas.

“Antropologia”, a *Revista Estudos Feministas* não pode ter uma área de atuação invisibilizada.

Particularmente, uma área temática citada na pesquisa chamou minha atenção, “Gerenciamento”. Os três artigos¹⁰⁹ encontrados foram publicados em três revistas diferentes e põem a teoria *queer* e os estudos organizacionais para conversar abertamente. Outra informação que vale a pena ser detalhada é a curva de crescimento das publicações classificadas como *queer* pelo *Scielo*.

Gráfico 12 - Curva de crescimento dos artigos científicos por ano de publicação.



Fonte: Scielo.

O gráfico começa em 2001 com a publicação de Guacira Louro (2001) e segue oscilando entre duas, três e quatro trabalhos até atingir o primeiro pico em 2011, com 10 publicações. Estranhamente, em seguida os números se alternam entre quatro, nove e oito artigos publicados entre 2012 e 2014, e no ano de 2015 atinge o recorde de 18 produções

¹⁰⁹ POMPEU, Samira Loreto Edilberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. *Revista Organizações & Sociedade* - v. 26, n. 91, p. 645-664, out./dez. 2019.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. *RAC*, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, art. 2, pp. 308-326, mai./jun. 2017.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. *RAM, REV. ADM. MACKENZIE*, V. 11, N. 3, Edição Especial, São Paulo, SP, mai./jun. 2010, p. 46-70.

acadêmicas em formato de artigo científico. Importante observar que esse topo de publicações foi conquistado no mesmo ano da primeira visita de Judith Butler ao país, da realização do II Seminário Internacional Desfazendo Gênero em Salvador/BA e o I Seminário *Queer* em São Paulo/SP. A publicação de artigos segue oscilando entre seis, doze, dez e onze artigos entre 2016 e 2019, até alcançar a sua última subida significativa em 2020, com 17 artigos.

Entre os 115 artigos, 10 resenhas e 02 editoriais, escolhi duas publicações para apreciação mais apurada. Antes de tudo, faz-se necessário reconhecer que no quadro de referências dos artigos *queer* na *Scielo*, o nome de Guacira Lopes Louro aparece com volumoso destaque. O artigo “*Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação*” (2001) foi o mais antigo resultado encontrado na busca, e segundo a ferramenta *Google Acadêmico* tem 772¹¹⁰ citações em outros artigos publicados. Além disso, das 07 resenhas mencionadas, 04 são referentes ao livro de Louro “*Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer*” (2004; 2008). Evidentemente, o artigo de Louro (2001) se encaixaria adequadamente nos critérios de pioneirismo e influência das produções acadêmicas *queer* no Brasil. Entretanto, optei por outro texto, “*A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização*” de Richard Miskolci (2009), por apresentar também um forte teor de repercussão na produção acadêmica brasileira.

O texto de Miskolci (2009) é citado em outras 703 produções acadêmicas no Brasil¹¹¹ e apresenta um percurso histórico de surgimento da teoria *queer* no contexto norteamericano sob influência dos Estudos Culturais e do Pós-estruturalismo. Como objetivo geral, o autor tenta mostrar os possíveis pontos de conexão entre os estudos *queer* e as ciências sociais, mesmo que esses elos de conectividade sejam estabelecidos pela via do tensionamento ou crítica dos pressupostos analíticos heterossexistas da teoria social. Além de expor as ideias precursoras que influenciaram o desenvolvimento dos estudos *queer*, como a analítica do poder de Michel Foucault e a perspectiva metodológica da Desconstrução de Jacques Derrida, por exemplo, Miskolci (2009) também cita e apresenta um conjunto de autores/as e obras que serviram como motores de propulsão e bases

¹¹⁰ Disponível em: < https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=Teoria+queer%3A+uma+pol%C3%ADtica+p%C3%B3s-identit%C3%A1ria+para+a+educa%C3%A7%C3%A3o&btnG= > acesso em 25 nov. 2020.

¹¹¹ Disponível em: < https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-BR&as_sdt=0%2C5&q=A+Teoria+Queer+e+a+Sociologia%3A+o+desafio+de+uma+anal%C3%ADtica+da+normaliza%C3%A7%C3%A3o&btnG= > acesso em 25 nov. 2020.

de sustentação para a construção dos estudos *queer* como corrente teórica. Os livros, noções e problematizações de nomes como Eve K. Sedgwick, David M. Halperin, Judith Butler, Michael Warner, Teresa de Lauretis, Paul B. Preciado, Jack Halberstam e José Esteban Muñoz são citados e debatidos como importantes referências para que se entenda a proposta teórica *queer*.

O que quero destacar do artigo de Miskolci (2009) com mais entusiasmo é a observação e a crítica do autor sobre como a teoria *queer* pode ter um potencial subversivo no campo da sociologia.

A Teoria Queer, como uma crítica sem sujeito (subjectless), foca em um amplo campo de normalização (WARNER, 1993) como lócus de violência social, para as estruturas sociais hegemônicas que criam sujeitos como normais e naturais, por meio da produção de outros perversos ou patológicos. O queer mantém, portanto, sua resistência aos regimes da normalidade, mas reconhece a necessidade de uma epistemologia do abjeto, baseada em investigações interseccionais. Tais pesquisas sociológicas focariam nos processos normalizadores que resultam na criação das identidades e sujeitos subordinados. Este procedimento metodológico queer auxiliaria no rompimento com a antiga tendência sociológica de partir desses sujeitos já constituídos em pesquisas que, ao invés de colocar em xeque forças sociais, terminavam por corroborá-las (MISKOLCI, 2009, p. 173).

O que me parece estar sendo proposto por Miskolci (2009) é a incorporação dos estudos *queer* em uma área do saber que foi fundada a partir do desvelamento de que a realidade não é um dado natural, mas que ao mesmo tempo classificou os fatos sociais em normais e patológicos (DURKHEIM, 2007), assumindo uma estratégia de autopromoção como ciência que desconstruía a ordem natural das coisas, visibilizando as margens, mas se norteadando pelo centro como padrão classificatório. Como efeito excitador, os estudos *queer* tem o potencial de aplicar um beijo grego¹¹² na sociologia para contribuir, de maneira não-hegemônica, com o debate crítico aos processos de normalização social através da apropriação dos saberes subalternos e das análises atravessadas pelos marcadores sociais da diferença (gênero, sexualidade, raça, classe, geração, localidade, etc.).

Não considero que a proposta de Miskolci (2009) já tenha sido viabilizada completamente. É notória a resistência de alguns grupos de dentro e fora do meio acadêmico

¹¹² Prática sexual que consiste em acariciar com a língua o ânus do/a parceiro/a. Como atitude metodológica foi melhor explicada na minha dissertação de mestrado (SILVA, 2016).

à teoria *queer*¹¹³, mas isso faz parte do processo de incorporação, e como essa tese tenta mostrar, os estudos *queer* ultrapassaram as barreiras fronteiriças das disciplinas, isto é, está sendo cada vez mais apropriada em diferentes áreas do conhecimento científico no Brasil nos últimos anos.

O outro artigo escolhido é o de Estevão Rafael Fernandes, “*Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte*” (2015). A seleção desse texto se deu pela excepcionalidade temática na qual o autor se insere, ou seja, as questões de gênero e sexualidades das populações indígenas problematizada pela perspectiva *queer*. O autor fornece uma revisão de literatura norte-americana sobre os *Two-spirit* – índios nativos americanos que performatizam uma diversidade de papéis de gênero em suas comunidades e são identificados dessa maneira –, e suas relações teóricas com os estudos *queer*. Pela via da comparação, Fernandes (2015) demonstra que no Brasil são poucos os estudos sobre a temática da homossexualidade entre indígenas, talvez sendo essa uma das maiores provocações que o autor se deparou quando decidiu realizar sua pesquisa, a própria descrença da existência da homossexualidade entre a população indígena residente no Brasil¹¹⁴.

Fernandes (2015) aciona a teoria *queer* como janela analítica apropriada e criticada pelos movimentos homossexuais indígenas nos Estados Unidos e que pode servir também para problematizar os modos de existência homossexual no Brasil indígena. A todo o momento, o autor faz questão de ressaltar que o debate sobre essas questões no Brasil ainda está dando os primeiros passos e merece ser investigada com mais afinco. O que fica evidente no trabalho é que o movimento homossexual indígena sequer pode ser comparado, uma vez que no Brasil, como afirma Fernandes (2015), o reconhecimento da homossexualidade entre os indígenas ainda é tema de debate se é uma experiência apontada por meio da influência dos não-indígenas ou se é uma questão invisibilizada ao longo dos anos. Uma das coisas que consegui concluir com a leitura do texto, e que considero ser indispensável aludir, é que Fernandes (2015) trabalhou, problematizou e ofereceu como um resultado da pesquisa a imagem de uma população indígena em movimento e autorreflexiva.

¹¹³ A resistência à teoria *queer* será melhor abordada no próximo tópico quando contextualizarei as edições dos Seminários Internacionais Desfazendo Gênero.

¹¹⁴ Estevão Rafael Fernandes publicou em 2017 o livro: “*Existe índio gay?*”: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil, pela editora Prismas.

A existência de um movimento homossexual indígena, por exemplo, aos moldes apontados até aqui certamente vai de encontro às perspectivas que colocam os indígenas como artefatos do passado, a-históricos, da mesma forma que, dito de forma simples, também não se enquadra nos estereótipos utilizados pelos próprios movimentos indígenas visibilizarem suas demandas – como de indígenas enquanto guerreiros, por exemplo (FERNANDES, 2015, 281-282).

Com isso, creio que se pode vislumbrar um pouco da força criativa que os estudos *queer* conseguiram adquirir no Brasil. O que Fernandes (2015) indica no seu texto é que existem espaços abertos, vias de passagem por onde se pode cruzar a teoria *queer* com a realidade brasileira e produzir algo novo. A crítica que o autor faz a Antropologia brasileira por manter uma lacuna aberta sobre os estudos referentes à sexualidade indígena sugere que se haja uma reflexão, verificação e a ocorrência de um debate amplo sobre o assunto, até para que não seja reproduzidos julgamentos que possam soar injustos, tendo em vista que os estudos etnológicos são bastante vastos na academia do nosso país. De todo modo, o texto de Fernandes (2015) parece indicar uma importante contribuição para que se certifique o estabelecimento e difusão dos estudos *queer* no Brasil.

Isto posto, concluo a parte que se propôs a investigar as teses de doutorado e artigos científicos disponíveis no *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* e na *SciELO*, não com um sentimento de que está aqui entregue um mapa dos estudos *queer* e da incorporação da obra de Judith Butler sem traços faltando. Muito pelo contrário, as produções acadêmicas que não foram analisadas com um pouco mais de profundidade podem, de igual ou até superior maneira, serem capazes de oferecer detalhes singulares sobre o quadro de referências em questão. O mapa que estou tentando oferecer tem a intenção de funcionar muito mais como desafio do que como referência. Segue sendo um fato, portanto, que nem tudo pôde ser tocado quando analisei esses dois bancos de dados, por isso, o tópico a seguir corresponde a escolhas e estratégias tomadas por mim durante a pesquisa de forma mais subjetiva, ou seja, itinerários, escolhas e acessos mais íntimos que considere importantes para ter a capacidade de elaborar e ler esse meu próprio mapa em construção.

4.3 - Outros Caminhos

Resolvi, então, me arriscar livremente pelos meus próprios caminhos de pesquisa. Parecia surgir como sugestão necessária que para testar se um mapa em construção pode funcionar realmente para conhecer uma floresta seria preciso fechar os olhos e permitir que me perdesse, que pudesse sair da trilha pré-estabelecida. É disso que irei dissertar nesse tópico, ou seja, a sucessão de vezes que no meu itinerário de pesquisa me perdi e mesmo assim pude encontrar novas pistas para responder a questão-problema da tese. Não quero supervalorizar a minha trajetória de pesquisa, por isso não considero que esse trecho possa servir como um guia, mas espero que possa funcionar como mais uma abertura ou uma fonte de novos dados, uma vez que serão apresentados caminhos que foram particularmente traçados por mim como sujeito-pesquisador, mas que podem servir ainda como outros possíveis pontos de acesso ao mapa cartográfico do pensamento de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil.

O ponto de início do percurso é nos preparativos do *I Seminário Internacional Desfazendo Gênero*, na Universidade Federal do Rio Grande do Norte em Natal, no ano de 2013, organizado pelo Núcleo Interdisciplinar Tirésias da UFRN e coordenado pela profa., Berenice Bento. Eu trabalhei na organização do evento como secretário e ainda são fortes as recordações das falas da professora Berenice durante as reuniões da comissão organizadora de que estávamos trabalhando para fazer história, para visibilizar um campo de estudos ainda pouco conhecido à época na universidade. Eu já estava acostumado a participar de eventos promovidos pelo movimento trans do Rio Grande do Norte¹¹⁵, mas o *Desfazendo Gênero* foi o meu primeiro contato corpo a corpo com o campo de estudos *queer*. Já havia lido os trabalhos de alguns pesquisadores brasileiros, como Larissa Pelúcio (2009), Richard Miskolci (2009), Flávia Teixeira (2009), Jorge Leite Júnior (2008), entre outros, devido a minha pesquisa de conclusão de curso sobre relações familiares de travestis em Natal-RN, mas a programação do evento, as mesas

¹¹⁵ Encontros regionais organizados pela Associação das Travestis Reencontrando a Vida – ATREVIDA/RN; Associação de Travestis e Transexuais Potiguares na Ação pela Coerência no Rio Grande do Norte – ATRANSPARÊNCIA/RN; Associação das Travestis Encontrando a Atuação e Valorização na Saúde Santa-Cruzense – ATREVA-SE/RN.

redondas, os grupos de trabalho e as performances realizadas durante o *I Desfazendo Gênero* atuaram como um catalisador do meu interesse pelo processo de construção da área dos estudos *queer* no Brasil.

Durante o *I Seminário Internacional Desfazendo Gênero* foram apresentadas cerca de 500 comunicações orais em 39 grupos de trabalho (GTs) que dentro dos estudos sobre questões de gênero e sexualidade abarcavam, em sua imensa maioria, exposições que se baseavam teoricamente nas problematizações e conceitos promovidos pela teoria *queer*. Os GTs também abrangiam diversos temas, como por exemplo: reflexões sobre os contextos educacionais e as dissidências sexuais e de gênero; masculinidades; corpos e vidas lésbicas, gays, travestis, transexuais e intersexos em relação com diferentes atores e instituições do saber/poder; arte e política; pornografia; feminismo; áreas do conhecimento como Direito, Serviço Social, Pedagogia, Ciências “Psi” e Literatura.

As oito mesas-redondas realizadas proporcionaram espaços de encontro e discussão de distintos personagens da cena acadêmica e ativista do Brasil e do mundo, por exemplo: a mesa sobre questões relacionadas à cidadania e políticas públicas da população LGBTQI+ que contou com a participação de Rafael de la Dehesa¹¹⁶, Luma Nogueira de Andrade¹¹⁷ e Jaqueline Gomes de Jesus¹¹⁸; a mesa sobre a luta pela despatologização de gênero foi composta por Amets Suess¹¹⁹, Guilherme Almeida¹²⁰, Berenice Bento e André Lucas Guerreiro Oliveira¹²¹; a bonita exposição de narrativas com Leilane Assunção¹²², João W. Nery¹²³ e Letícia Lanz¹²⁴ sobre biografias e resistências trans; o debate sobre subjetividades *queer* compartilhado por Djalma Thürler¹²⁵, Antônio Vladimir Félix-Silva¹²⁶ e Patrícia Porchat; as discussões sobre disputas de gênero relacionadas ao feminismo e o transfeminismo realizadas Hailey Kaas¹²⁷, Larissa Pelúcio e Glória Careaga¹²⁸; e a mesa sobre a construção do campo de estudos de gênero e sexualidades no

¹¹⁶ Professor da *City University of New York* e autor de “*Queering the public sphere in Mexico and Brazil*” (2010).

¹¹⁷ Primeira doutora travesti do Brasil e atualmente professora da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira – UNILAB.

¹¹⁸ Ativista trans e negra, atualmente professora do Instituto Federal do Rio de Janeiro – IFRJ.

¹¹⁹ Ativista da campanha *Stop Trans Pathologization* – STP 2012.

¹²⁰ Homem trans, professor da Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ.

¹²¹ Autor da dissertação de mestrado: “*Somos quem podemos ser: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des)patologização da transexualidade*” (2015).

¹²² Pós-doutora em Ciências Sociais e ativista trans.

¹²³ Homem trans, escritor e ativista.

¹²⁴ Mestra em Sociologia e ativista trans.

¹²⁵ Professor da Universidade Federal da Bahia – UFBA.

¹²⁶ Atualmente professor da Universidade Federal do Piauí – UFPI/Campus Ministro Reis Velloso/Parnaíba.

¹²⁷ Ativista trans.

¹²⁸ Professora da Universidade Autônoma do México.

Brasil a partir de uma perspectiva *queer* com Leandro Colling, Richard Miskolci e Pedro Paulo Gomes Pereira.

O evento ainda contou com comunicações em outras mesas-redondas que depois se transformaram em livros¹²⁹, e também com cinco minicursos sobre temas que atravessavam a teoria *queer* e uma mostra artística com teatro¹³⁰ e cinema¹³¹. Já a conferência de abertura teve a palestra proferida por Sam Bourcier, autor de “*Queer zones: politique des identités sexuelles et des savoirs*” (2001).

Entretanto, uma das coisas que gostaria de destacar com mais intensidade é o momento anterior ao início da fala de Sam Bourcier sobre sexo e neoliberalismo. Nos minutos que antecederam a conferência houve uma apresentação teatral da peça “*Uma Flor de Dama*”, dirigida e encenada por Silvero Pereira. O texto da peça é uma versão inspirada na obra de Caio Fernando Abreu e na vida de travestis que Silvero conviveu na sua trajetória de vida e no período de sua pesquisa para a atuação. É uma peça forte, comovente, capaz de gerar risos e lágrimas em questão de segundos. Por isso, recomendei no início do capítulo que o espetáculo fosse assistido virtualmente. Minha intenção, com isso, foi mostrar que uma obra de arte também pode funcionar como uma janela de afetação para as questões de gênero e sexualidades. A título de exemplo, cito uma fala da encenação peça:

– Ah, saí de casa porque meu pai e meus irmãos me batiam muito. A minha mãe sempre soube, mas ficava no canto dela, não enchia o saco, e tinha o povo da rua também que era uooó! Tinha gente que jogava era pedra quando eu passava. Duvido que faça isso hoje que eu meto a mãozada na cara, vrraaaá! Meto sim! Quem desrespeita os outros merece é mãozada na cara que é pra ver se aprende! Não devo nada a ninguém! Tenho minha casa, meu carro, meu apartamento. Até o meu pai uma vez veio me pedir dinheiro, ‘tava’ desempregado, doido pra beber e foi bater na porta lá de casa. Eu disse que dava, mas só se eu fosse beber junto. Me montei todinha. Fomos os dois assim pra o bar bem na esquina, passamos a noite falando putaria, o velho e a montada. Quando o sol ‘tava’ nascendo, ele não aguentava beber mais nada, daí eu paguei a cerveja, chamei um táxi, paguei o táxi, levei ele pra casa, assim no meu ombro. Quando chegou em casa, ele entrou na minha frente, fechou o portão na minha cara, olhou dentro dos meus olhos e disse: “Eu tenho nojo de você!”¹³².

¹²⁹ Coletânea de três livros do *Desfazendo Gênero*, organizados por Berenice Bento e Antônio Vladimir Félix-Silva (2015).

¹³⁰ O evento contou com o apoio e participação do Grupo artístico CRUOR, vinculado ao departamento de Artes da UFRN.

¹³¹ Durante os três dias de evento foram exibidas 18 produções audiovisuais, entre filmes e documentários.

¹³² Trecho transcrito pelo autor livremente de uma cena do espetáculo “*Uma Flor de Dama*” (2015).

Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ehvyi-h2o5s> > acesso em 30 de abri. 2020.

Gisele Almodóvar, a personagem travesti interpretada por Silvero Pereira que é ficcionalmente filha da modelo Gisele Bündchen e do cineasta Pedro Almodóvar, junto a tantas outras travestis e transexuais da vida real que conheci durante as minhas pesquisas anteriores ofereceram, em muitas ocasiões, uma potência teórica e capacidade de problematizar a existência humana muito maior do que qualquer livro de Judith Butler ou outro/a teórico/a *queer*.

Outro assunto que considero importante ser mencionado sobre o *I Desfazendo Gênero* é a posição política de resistência e lançamento de uma alternativa para que se debata os estudos *queer* fora do eixo Sul-Sudeste. Um dos encaminhamentos do evento foi que as próximas edições deveriam acontecer nas regiões Norte ou Nordeste, o que acabou acontecendo posteriormente. Mesmo que não tenha sido proferida com todas as palavras, me parece ser implícito a crítica, pelo menos, a um grande evento organizado pelo movimento social e acadêmico feminista que a cerca de 20 anos acontece no mesmo lugar, no sul do país e tem o título muito semelhante, o *Fazendo Gênero* realizado na Universidade Federal de Santa Catarina¹³³.

Por último, durante a primeira edição do *Desfazendo Gênero*, um grupo de estudantes aproveitou o clima de efervescência *queer* na Universidade Federal do Rio Grande do Norte para realizarem uma ocupação em um banheiro da instituição entre os dias 14 de agosto de 2013 até o dia 02 de setembro do mesmo ano. No manifesto publicado no *blog* oficial da ocupação, o grupo anuncia:

O banheiro dos homens foi ocupado. E não como de costume, por seus corpos castrados de cu, sua inteligência de self-made man, sua racionalidade a toda prova, suas políticas viris e todas essas mijadas-em-pé do macho hétero ocidentalóide. O banheiro dos homens está, desta vez, ocupado por uma horda de homens fracassados, sapatânicas assassinas, bichas anômalas, translésbichas extra-terrestres; gente do fora, gentália, gente que não fala a língua da normalidade e que, por isso, procria dialetos estrangeiros; gente que estrangeiriza o de casa, porque não tem casinha, caixa, etiqueta, padrão de fábrica. O banheiro dos homens foi

¹³³ É preciso deixar registrado que consegui encontrar duas versões sobre a escolha do nome do evento por *Desfazendo Gênero*. Segundo Colling (2016), se deu inspirado no título de um livro de Judith Butler “*Undoing Gender*” (2004). Já, Berenice Bento durante sua comunicação na cerimônia de abertura do *I Desfazendo Gênero*, narrou que a escolha foi feita durante um jantar entre ela, Larissa Pelúcio, Richard Miskolci, Pedro Paulo Gomes Pereira e Leandro Colling após a participação do grupo em um evento acadêmico, onde ocorreu o compromisso em organizar um seminário mais alinhado à perspectiva *queer* e, portanto, assumindo uma postura crítica às teorias feministas trans excludentes. No entanto, durante a defesa da presente tese, Leandro Colling confirmou que a decisão foi tomada no jantar citado por Berenice Bento depois da conferência de Miguel Vale de Almeida, que defendeu que a teoria *queer* só servia para fazer análise de cultura.

ocupado por gente que resiste a viver com medo de não ser homem, gente que desfaz o homem, implode-o em submasculinidades, femininos excessivos e seis mil outros gêneros não catalogados (MANIFESTO MEDO DE GLITTER, 2013, p. s/n)¹³⁴.

A ocupação rendeu matérias jornalísticas na imprensa local e nacional por alguns dias¹³⁵, e era realizada coletivamente de maneira aberta, apesar de não ter nenhuma relação com a programação do *Desfazendo Gênero*, várias pessoas inscritas no evento passaram por lá e a própria Sam Bourcier concedeu uma entrevista ao coletivo¹³⁶ onde compartilhava o seu entusiasmo com a ação e a suspeita que provavelmente teria consequências políticas. O que de fato aconteceu, após um debate aberto entre membros da comunidade acadêmica¹³⁷, integrantes do coletivo e representantes da imprensa local, a ocupação foi encerrada com a promessa de que o banheiro seria reformado pela administração do setor a fim de se tornar um banheiro a-gênero. Algum tempo depois, o banheiro a-gênero foi entregue e até o tempo presente da escrita dessa tese continua a funcionar na instituição. Eu não participei ativamente da ocupação, mas nas visitas que fiz ao banheiro-protesto pude perceber que também é possível acessar e atuar sobre as pautas político-identitárias e de não violência aos corpos abjetos pela via da arquitetura, de uma pichação na parede, da reação a uma matéria de jornal, de uma palavra de ordem ou desordem.

Dois anos depois, em 2015, a segunda edição do *Desfazendo Gênero* desembarcou em Salvador-Bahia. Como já mencionado no capítulo anterior, a organização ficou por conta do Grupo de Pesquisa em Cultura e Sexualidades (CUS), coordenado pelos professores Leandro Colling e Djalma Thürler, e a conferência de abertura foi ministrada por Judith Butler. A expectativa da primeira visita de Butler ao Brasil provocou a tradução de algumas de suas obras para o português e o aumento significativo de menções às obras da autora e aos estudos *queer*, como também foi indicado no tópico anterior quando se analisou a curva de crescimento das produções acadêmicas no Brasil.

¹³⁴ MANIFESTO Medo de Glitter. Afetadx, Natal, 15 out. 2013. Disponível em: < <http://afetadx.blogspot.com/?zx=791b9d5951b0c677> > acesso em 01 jun. 2020.

¹³⁵ Disponível em: <http://www.cartapotiguar.com.br/2013/08/24/a-intervencao-nos-banheiros-masculinos-da-ufrn%E2%80%8F/> ; <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/08/queremos-negociar-diz-diretor-apos-vandalismo-em-banheiros-da-ufrn.html> ; <http://g1.globo.com/rn/rio-grande-do-norte/noticia/2013/08/banheiros-da-ufrn-sao-alvos-de-vandalismo-durante-ocupacao.html> ; <https://www.blogdobg.com.br/banheiro-do-setor-ii-da-ufrn-vira-zona-em-ato-de-vandalismo-polemico/> > acesso em 01 jun. 2020.

¹³⁶ Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=gt5FG-LE1vM> > acesso em 01 jun. 2020.

¹³⁷ Na ocasião, a professora Berenice Bento proferiu uma palestra que depois foi transformada em texto e publicada numa edição da Revista Periódicus: BENTO, Berenice. Universidade, gênero e movimentos sociais (Decálogo). REVISTA PERIÓDICUS, v. 1, p. 340-353, 2017.

O evento, com o tema “Ativismos das dissidências sexuais e de gênero”, contou com a participação de cerca de 1.500 pessoas pesquisadoras e/ou ativistas do Brasil e do exterior. Nos quatro dias ocorreram seis mesas-redondas, 71 simpósios temáticos, nos quais foram apresentados 759 trabalhos. Além disso, foram realizados 25 minicursos, 25 oficinas e exibidos 50 pôsteres. Performances impactantes (fotos de algumas delas provocaram a ira dos preconceituosos que conseguiram retirar do ar a página do evento no Facebook), shows, teatro e o lançamento de 39 livros também estavam na programação. Mas não foram só os números que impressionaram quem esteve no evento. A qualidade dos debates, os intercâmbios realizados, as redes construídas, os afetos, as festas e a multidão de diferentes que ocupou o campus da universidade, as ruas e bares de Salvador são características que marcaram as pessoas que viveram o II Desfazendo Gênero. Foi um evento ousado, estranho, pouco comportado, inesquecível (COLLING, 2016, p. 09).

Foi durante o *II Desfazendo Gênero* que decidi realizar essa pesquisa. Na época ainda estava cursando o mestrado e pensava no que poderia fazer no futuro em termos de investigação para o doutorado. Essa edição funcionou para provocar reflexões sobre o campo. Como descrito por Colling (2016), foi perceptível a multidão de diferentes em Salvador, tanto por razões históricas quanto pela momentaneidade da realização do evento. Os activismos das dissidências sexuais se fizeram presente de muitas maneiras, através da arte, de um show de Susy Shock¹³⁸, da exposição “*Cu é lindo*” de Kleper Reis¹³⁹, de um ‘pancadão’ feminista do PaguFunk¹⁴⁰ ou das apresentações performáticas de Solange Tô Aberta¹⁴¹ e K-trinha Erratik¹⁴².

A conferência proferida por Butler, posteriormente traduzida por viviane v. e publicada numa coletânea de artigos frutos do *II Desfazendo Gênero*¹⁴³, também foi capaz de permitir a reflexão sobre teoria e campo. Butler (2016), ao atravessar a sua análise nas violências de gênero, feminicídio e questões sobre a vivência de gênero e sexualidades dissidentes, traçou um fio condutor evidenciando que o debate sobre precariedade já estava presente quando ela dissertava sobre performatividade de gênero, mas que agora a

¹³⁸ Artista trans *sudaca*, de origem argentina, performer, cantora e poeta.

¹³⁹ Para saber mais, visite: < <https://cuelindo.wordpress.com/tag/kleper-reis/> > acesso em 02 de junho de 2020.

¹⁴⁰ Para ouvir algumas músicas de PaguFunk, visite: < <https://soundcloud.com/pagufunk> > acesso em 02 de junho de 2020.

¹⁴¹ Canal de Solange Tô Aberta no *youtube*: < <https://www.youtube.com/user/solangetoaberta> > acesso em 02 de junho de 2020.

¹⁴² Para conhecer um pouco mais do trabalho de K-trinha Erratik, visite: < <https://www.last.fm/pt/music/k-trinha+erratik/> /[Eu+sou+passiva,+mas+meto+bala](https://www.last.fm/pt/music/k-trinha+erratik/) > acesso em 02 de junho de 2020.

¹⁴³ COLLING, Leandro (Org.). Dissidências sexuais e de gênero. – Salvador, EDUFBA, 2016.

noção de precariedade pode ser compreendida e aplicada de forma mais branda, permitindo os entrecruzamentos dos vários marcadores sociais da diferença para problematizar as vidas das mulheres, pessoas trans, minorias raciais, pobres, apátridas e adeptos de religiões minoritárias desprotegidas como pessoas precárias e como corpos que ainda importam. Para dissertar sobre isso, a autora fez uma ponderação que considerarei importante para ser tomada de assalto nessa tese.

Minha perspectiva é de que a vida é certamente mais vivível quando nós não estamos confinadas, enquanto pessoas, a categorias que não funcionam para nós. A tarefa do feminismo, a tarefa da teoria e do ativismo *queer*, a tarefa da teoria e do ativismo trans, é seguramente a de fazer com que respirar seja mais fácil, com que andar pelas ruas seja mais fácil, com que encontrar uma vida vivível seja mais fácil, obter reconhecimento quando necessitamos tê-lo, uma vida que possamos afirmar com prazer e alegria, mesmo em meio a dificuldades (BUTLER, 2016, p. 24).

Uma das intenções dessa pesquisa de tese é proporcionar que o encontro da teoria com o campo seja capaz de provocar alianças. Como já apontado na introdução, sou um homem branco, cisgênero e heterossexual que aprendeu com os/as outros/as a ser um pesquisador, mas que, sobretudo, foi-me oferecido, ao longo do percurso, refletir sobre a minha própria relação com as questões de gênero e sexualidade. Retomo esse ponto porque não considero que nenhum estudante ou pesquisador/a seja imune a se afetar pelo campo, uma vez que toda pesquisa é uma troca, seja de experiências diretas entre seres humanos ou não-humanos, como são os livros e textos aqui analisados. Talvez nenhuma ciência seja moralmente neutra, e as construções teóricas e engajamentos políticos refletidos em vidas de pessoas que demandam reconhecimento por direitos básicos é um poderoso indicativo dessa posição.

A questão da moral parece ter sido um dos temas que mais envolveram a terceira edição do *Desfazendo Gênero* em 2017, organizado pelo Núcleo de Investigações e Intervenções em Tecnologias Sociais/NINETS, da Universidade Estadual da Paraíba, coordenado pela professora Jussara Carneiro Costa. O tema do evento “Com a Diferença Teecer a Resistência” funcionou como uma convocatória para que os movimentos sociais ocupassem um espaço que são deles por direito, o de serem reconhecidos amplamente no espaço acadêmico como produtores de conhecimento. Além das várias performances e mais de mil trabalhos inscritos, o seminário contou ainda com o oferecimento de 32 minicursos e 27 oficinas sobre diferentes temas: gênero e sexualidades, estudos e ativismos

queer, feminismos, debates sobre raça, violência, religiosidades, cultura e subalternidades. Em uma carta aberta as pessoas participantes do *III Desfazendo Gênero*¹⁴⁴, o NINETS denunciou a sequência de violações institucionais e midiáticas sofridas antes, durante e depois da realização do seminário. Na carta assinada pelo Profa., Jussara Costa são narradas vários episódios de intransigência burocrática por parte da Universidade Estadual de Campina Grande/PB, e o fato de após o evento o site do *Desfazendo Gênero* ter saído do ar.

O que me parece ter ficado evidente com toda a repercussão causada por um seminário que abraçava e visibilizava as minorias sociais realizado no agreste paraibano, foi o sentimento que os estudos *queer* já estavam capilarizados pelo Brasil, e que a própria teoria *queer* já tinha tomado novos contornos devido ao encontro com os contextos locais, ou seja, o *queer* pouco compreendido inicialmente no Brasil por falta de tradução já havia escapado e estava sendo transposto na esfera política e social pelas plurais performatividades de gênero possíveis de serem vivenciadas por jovens de Campina Grande, Natal, Salvador, São Paulo, Macapá, Brasília, e tantos outros lugares do Brasil, com um potencial significativo de auto-reflexividade de seus próprios modos de existir e ocupar os seus corpos no mundo, numa ideia que pode ser resumida pela sugestão da equação: eu me reconheço, eu existo, eu me teorizo, eu resisto.

O quarto e último *Desfazendo Gênero* foi realizado em 2019, em Recife-PE, coordenado pelos professores Iran Ferreira de Melo e Natanael Duarte de Azevedo da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Por questões pessoais não pude comparecer ao seminário, mas pelas informações disponíveis sobre o evento¹⁴⁵, o IV Desfazendo Gênero contou com a participação de Gracia Trujillo Barbadillo, da Universidad Complutense de Madrid/Espanha na conferência de abertura; 06 mesas redondas com professores/as, pesquisadores/as e ativistas; a conferência de encerramento ministrada por Pablo Navarro, da Universidade de Coimbra/Portugal; e a proposição de 24 simpósios temáticos que dialogavam sobre diferentes contextos no que diz respeito a visibilização das dissidências sexuais e de gênero, como por exemplo, questões sobre corpo, gênero e sexualidades nos contextos interioranos e rurais, estudos sobre a cisgeneridade, perspectivas decoloniais e saúde LGBTQI+. Por tudo isso parece ter sido um evento produtivo.

¹⁴⁴ Para ter acesso a carta, os Anais completos e outras informações sobre o evento, como fotografias e vídeos, visite: < <https://www.facebook.com/3desfazendogenero/> > acesso em 03 jun. de 2020.

¹⁴⁵ Disponível em: < <http://desfazendogenero.com.br/index.php> > acesso em 03 jun. 2020.

Uma das coisas que mais fiquei interessado no IV *Desfazendo Gênero* foram as palestras que foram proferidas por Sara Wagner York¹⁴⁶ e Amiel Vieira¹⁴⁷. Amiel é um importante ativista da causa intersexo no Brasil, uma questão que cada vez mais demanda visibilidade e que tem sido mobilizada analítica e politicamente por diferentes estudiosos e ativistas nos últimos anos no Brasil¹⁴⁸. Já Sara York, entre outras coisas, é ativista trans, mestra em Educação e uma das organizadoras na rede social *Facebook* do grupo *Judith Butler e a Teoria queer*¹⁴⁹, um espaço virtual de troca de conhecimento, livros, artigos, vídeos e sugestões sobre os estudos *queer* e a obra de Butler no Brasil que conta com mais de 20 mil e 500 membros. Alguns participantes desse grande grupo no *Facebook*, aproximadamente 200 pessoas, mantêm um contato diário também através do aplicativo de mensagens *Whatsapp*, por meio do grupo nomeado, momentaneamente por causa da pandemia de Covid-19 em curso, como “*Queerentena! Em casa*”¹⁵⁰.

Vale ressaltar também o trabalho de explicitação e divulgação dos estudos *queer* realizado pela escritora ativista trans Helena Vieira que nos últimos meses tem ofertado cursos *online* sobre a teoria *queer*, feminismo decolonial e história da sexualidade. Alguns cursos tiveram a participação de mais de 200 pessoas simultaneamente, e os grupos no *Whatsapp*: “*Queer Brasil*” e “*Decolonial Brasil*”, frutos dos cursos de Helena Vieira, contam, respectivamente, com cerca de 250 e 190 participantes de várias regiões do Brasil¹⁵¹.

Esses espaços de debate, troca de experiências e aprendizados que podem ser mantidos com muito mais frequência do que um seminário realizado a cada dois anos, escancara, ao meu ver, o aspecto rizomático (DELEUZE & GUATTARI, 1995) dos estudos *queer* no Brasil. Isto é, o que tentei montar e oferecer nesse capítulo como um todo foi a visualização de um mapa, mas que foi composto por diferentes materiais. As teses, os

¹⁴⁶ Na mesa-redonda: “Decolonialidades em estudos sobre gênero e sexualidade: por um pensamento dissidente”, que contou também com a participação da profa., Jussara Costa (UEPB) e Viviane Vergueiro (UFBA).

¹⁴⁷ Na mesa-redonda: “Dissidências de desejo, gênero e sexualidade como políticas do corpo”, junto à Mauro Brigeiro (Instituto Oswaldo Cruz) e Akuenda Translebiga (UFRPE).

¹⁴⁸ Para saber mais sobre intersexualidade, pesquise as falas, documentários, textos e entrevistas de Amiel Vieira, Dionne Freitas e Thaís Emília. Assim como as teses de doutorado: MACHADO, Paula Sandrine. O sexo dos anjos: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade. Tese de Doutorado, Programa de Pós graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2008; MONTEIRO DE LIMA, Shirley Acioly. Intersexo e identidade: história de um corpo reconstruído. Dissertação de Mestrado. Psicologia Social, PUC SP, 2007; SILVA, Mikelly Gomes da. O que dá humanidade ao corpo? Desdobramentos do sexo-gênero para o reconhecimento da intersexualidade. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

¹⁴⁹ Disponível em: < <https://www.facebook.com/groups/judithbutler/> > acesso em 04 jun. 2020.

¹⁵⁰ Título do grupo no *Whatsapp* no dia 04 de junho de 2020.

¹⁵¹ Números referentes aos participantes dos grupos no dia 05 de junho de 2020.

artigos, os eventos, as obras de arte, os espaços virtuais, tudo serve para tentar cartografar o mapa dos estudos *queer*. Um mapa sempre esboçado, mas nunca finalizado. Por exemplo, eu escolhi não analisar as dissertações de mestrado no Banco de Teses e Dissertações da CAPES, quando buscados no banco de dados os termos “*queer*” e “*Judith Butler*” oferecem, se somados, mais de 2 mil resultados brutos a serem verificados e analisados. Outro caso é a possibilidade de investigar por assunto na plataforma *Lattes* quantos pesquisadores brasileiros estão filiados à teoria *queer*, uma busca simples pelo termo “*queer*” na plataforma apresenta 1327 currículos *lattes* de doutores brasileiros, e mais 1778 currículos de demais pesquisadores (mestres, graduados, estudantes, técnicos, etc.)¹⁵².

Assim, voltando à metáfora que vem sendo construída desde o capítulo anterior e será finalizada aqui, o mapa apresentado não é totalitário, é alternativa. Não é um retrato completo da floresta, é um rio que corre pela floresta, e como rio está sempre em movimento, passa por muitos lugares, cai em cachoeiras, ajuda a abrir ribanceiras até ir parar em um manguezal, ponto limite com o oceano. Eu espero que a tentativa de realizar um experimento rizomático para analisar o estabelecimento da apropriação da obra de Butler e dos estudos *queer* no Brasil tenha sido compreendida. A partir do próximo capítulo, a pergunta-problema sofrerá uma pequena, mas imponente alteração, a investigação sobre o assentamento e propagação dos estudos butlerianos e *queer* no Brasil dará lugar a questão sobre como a obra da autora e os estudos *queer* foram transformados e puderam ser ressignificados.

¹⁵² Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do> > acesso em 05 jun. 2020.

CAPÍTULO IV

Judith Butler no Pelourinho e o banquete antropofágico *queer* tupiniquim

(Para ler ouvindo Axé music).

Durante a primeira visita de Judith Butler ao Brasil em 2015 para participar do *II Seminário Internacional Desfazendo Gênero* em Salvador-Bahia, eu e um grupo de amigos/as aproveitamos uma folga na programação do evento para fazermos um passeio pelos pontos turísticos mais conhecidos da capital baiana. Fomos até o Pelourinho¹⁵³ e entre visitas as lojas de artesanato, monumentos, lugares históricos, abordagem de ambulantes tentando vender uma infinidade de produtos e apresentações artísticas de grupos de percussão e capoeiristas, nos deparamos com a presença de Butler em uma das ruas estreitas do bairro.

Para mim foi uma cena interessante, Butler que em alguns textos e entrevistas já afirmou que se autodefine através dos múltiplos agenciamentos pontuais de diferentes contextos como mulher, lésbica, branca, judia, norte-americana, etc., estava ali a poucos metros de distância em meio a um círculo de pessoas conversando animadamente em um local carregado de histórias de perseguições, de violências, de religiosidades, de racismos, de tambores, de arte, de cultura, de política e de música. Por coincidência em um bar próximo a nós tocava uma canção de *axé* popularmente conhecida no Brasil desde o fim da década de 1980. A música intitulada “A roda”, de autoria de Sarajane em 1987, tinha como refrão a seguinte letra: “*vamos abrir a roda, enlarguecer, vamos abrir a roda, enlarguecer. Tá ficando apertadinha, por favor, abra a rodinha, por favor, abra a rodinha, por favor, abra a rodinha*”. No momento exato que esse refrão era cantado, eu olhei para Butler e a vi mexendo o corpo tentando acompanhar a música. Longe de ser um rebolado no estilo brasileiro, mas sem dúvidas, foi a visualização da autora vibrando ressonâncias do Brasil com seu próprio corpo.

Foi pensando nesse encontro que tive a ideia de escrever esse capítulo. A intenção aqui é tentar responder quais foram as outras canções-teorias-encontros que provocaram vibrações na forma como se experimentou a teoria *queer* e as noções butlerianas no Bra-

¹⁵³ Bairro localizado no centro histórico de Salvador.

sil. Butler e os estudos *queer* foram transformados, repensados, remodelados, antropofagiados no país? Por quem? E como? São essas as questões norteadoras desse capítulo. Novamente parece ser importante destacar que as escolhas dos/as autores/as e correntes teóricas que serão abordadas logo mais, tentam abranger o máximo possível de amplitude da apropriação reflexiva butleriana e *queer* no Brasil, mas que não pode ser vendido como a totalidade das interpretações, uma vez que já foi apontado de que o trabalho pretendido não é uma tentativa de elaboração de um retrato verídico de todas as possibilidades de ramificação do pensamento de Butler e dos estudos *queer* em território brasileiro, mas um caminho aberto entre as contingências e continuidades.

Portanto, como podemos pensar o *queer* no Brasil? As pessoas que não se encaixam na linha compulsória do desejo/sexo/gênero, como, por exemplo, os homossexuais, as lésbicas, as travestis, mulheres transexuais, homens trans, intersexos, *drag queens*, *drag kings*, *cross-dressing* que vivem no Brasil será que entenderam/entendem, em sua maioria, o *queer* como um insulto, assim como os anglo-saxões? A não tradução do termo *queer* para o português pode ser percebida como uma prática que contribuiu para a colonização da produção do poder/saber do conhecimento?

O termo *queer* nos Estados Unidos, como assinala Miskolci (2009), tem um significado entendido como um insulto e que foi usado pelo movimento de gays e lésbicas no final dos anos de 1980 como uma estratégia de empoderamento, portanto, de posicionamento político diante de um sistema heteronormativo opressor das dissidências sexuais e de gênero. Entretanto, no Brasil não se percebeu esse mesmo tipo de movimento em relação ao termo *queer*, ou seja, a incorporação do termo *queer* não partiu do movimento em direção às universidades como nos Estados Unidos, mas ao contrário, das universidades em direção aos movimentos LGBTQI+ (PELÚCIO, 2014).

Para pensar as propostas de tradução e torção da teoria *queer* no Brasil parece ser preciso antes fazer referência à perspectiva decolonial da produção do saber/poder que evidencia a relação de exploração e dominação do conhecimento do centro em relação à periferia, ou seja, como por décadas foi invisibilizada a voz e os saberes subalternos latino-americanos como produtores do conhecimento em comparação com o intelectualismo europeu e norte-americano (QUIJANO, 2000). A crítica da colonialidade do poder de Aníbal Quijano (2000; 2007) e a virada decolonial empreendida também por autores

como, por exemplo, Ramón Grosfoguel (2006), Walter D. Mignolo (2005; 2008), Ochy Curiel (2007) e María Lugones (2008) têm lançado um olhar subversivo sobre as práticas de circulação do conhecimento acadêmico no mundo¹⁵⁴.

[...] a modernidade e a racionalidade foram imaginadas como experiências e produtos exclusivamente europeus. Desse ponto de vista, as relações intersubjetivas e culturais entre a Europa, ou, melhor dizendo, a Europa Ocidental, e o restante do mundo, foram codificadas num jogo inteiro de novas categorias: Oriente-Occidente, primitivo-civilizado, mágico/mítico-científico, irracional-razional, tradicional-moderno. Em suma, Europa e não-Europa. Mesmo assim, a única categoria com a devida honra de ser reconhecida como o Outro da Europa ou “Occidente”, foi “Oriente”. Não os “índios” da América, tampouco os “negros” da África. Estes eram simplesmente “primitivos”. Sob essa codificação das relações entre europeu/não-europeu, raça é, sem dúvida, a categoria básica. Essa perspectiva binária, dualista, de conhecimento, peculiar ao eurocentrismo, impôs-se como mundialmente hegemônica no mesmo fluxo da expansão do domínio colonial da Europa sobre o mundo. Não seria possível explicar de outro modo, satisfatoriamente em todo caso, a elaboração do eurocentrismo como perspectiva hegemônica de conhecimento, da versão eurocêntrica da modernidade e seus dois principais mitos fundacionais: um, a ideia-imagem da história da civilização humana como uma trajetória que parte de um estado de natureza e culmina na Europa. E dois, outorgar sentido às diferenças entre Europa e não-Europa como diferenças de natureza (racial) e não de história do poder. Ambos os mitos podem ser reconhecidos, inequivocamente, no fundamento do evolucionismo e do dualismo, dois dos elementos nucleares do eurocentrismo (QUIJANO, 2005, p. 122).

A forma como Quijano (2005) realiza sua crítica a versão eurocêntrica de modernidade é também uma denúncia de formas de racismos e de classificações do Outro não-europeu fora do eixo do reconhecimento de humanidade, visto que a máxima cartesiana “*penso, logo existo*” parecia ser somente legitimada se fosse pronunciada por um corpo branco, europeu, dentro das normas de gênero heteronormativas, representante do então chamado “primeiro mundo”. O imperialismo do conhecimento eurocentrado sugere ser, portanto, uma máquina de guerra etnocêntrica que captura as subjetividades estrangeiras pelos artifícios da violência colonial não só do poder, mas também do saber, do ser, da natureza e do gênero (LANDER, 2000; MALDONADO-TORRES, 2007; ALIMONDA, 2011; LUGONES, 2008; CURIEL, 2007). Assim, poderia ser, a partir do ponto de vista da crítica promovida pelos estudos decoloniais que as propostas de tradução e torção dos

¹⁵⁴ O artigo de Pablo Quintero, Patricia Figueira e Paz Concha Elizalde (2019) intitulado “*Uma breve história dos estudos decoloniais*” apresenta uma interessante forma de introdução ao assunto e cita outros autores/as importantes afinados/as à perspectiva decolonial.

estudos *queer* e butlerianos no Brasil fossem abordadas, mas prefiro, pelo menos por enquanto, retomar uma discussão apresentada na introdução da tese como proposta metodológica para propor um debate sobre a noção de antropofagia (ANDRADE, 1972) como postura política na arte, na cultura e nos modos de subjetivação dos/as brasileiros/as como até mais antiga e, no mínimo, igualmente potente em comparação com a proposta do giro decolonial.

5.1 - *Tupi, or not tupi that is the question*¹⁵⁵

Bem antes dos estudos decoloniais surgirem como tendência crítica ao modo eurocentrado de fazer ciência na América Latina, o Movimento Modernista brasileiro tinha expressado através de obras-protesto a sua crítica à importação de valores, formas e saberes europeus em contextos locais já na década de 1920. Todavia, é pertinente destacar que a Semana de Arte Moderna, ocorrida em São Paulo em 1922, foi, sobretudo, um movimento artístico que teve muitas reverberações na cultura brasileira nas décadas seguintes¹⁵⁶, mas que não representou na ciência brasileira ou latino-americana, uma corrente teórica de atuação acadêmica e política coletiva nas universidades como pode ser percebido quando se vislumbra a perspectiva decolonial. No entanto, o *Manifesto da Poesia Pau-Brasil* e o *Manifesto Antropófago* escritos por Oswald de Andrade respectivamente em 1924 e 1928, podem ser interpretados como símbolos da herança e valorização histórica genuinamente brasileira.

Andrade, em 1924, parecia não se dirigir somente a classe artística nacional, mas o tom de convocação empregado em suas palavras e a pluralidade de assuntos abordados em seu Manifesto da Poesia Pau-Brasil indica a sugestão de uma mudança de paradigma da maneira como o/a brasileiro/a pode se enxergar como produtor/a de conhecimento no mundo.

Não há luta na terra de vocações acadêmicas. Há só fardas. Os futuristas e os outros.

¹⁵⁵ ANDRADE, 1972, p. 13.

¹⁵⁶ Exemplos disso foram os movimentos culturais da *Bossa Nova* e *Tropicália* que eclodiram no Brasil no fim da década 1950 e 1960 respectivamente, portanto, aproximadamente quatro décadas após as manifestações do movimento modernista brasileiro.

Uma única luta – a luta pelo caminho. Dividamos: Poesia de importação. E a poesia Pau-Brasil, de exportação ANDRADE, 1972, p. 6-7).

Por que não, então, também imaginar esse exercício de divisão agora? Entre uma teoria *queer* de importação e teoria *queer* brasileira, de exportação? Acredito que quando a discussão é colocada nesses termos fica ainda mais evidente o caráter colonizador que o *queer* parece ter estabelecido no contexto local brasileiro. Quando até as tentativas de traçar linhas de fuga não conseguem escapar da não tradução de um termo estrangeiro que nada significa na língua portuguesa, isso representa o extremo da captura? Se desde o início se sabia que o *queer* não fazia sentido político em português, por qual motivo, inicialmente, parece ter sido preferido ser cativado do que cativar, ser seduzido do que seduzir, ser capturado do que capturar, ser devorado do que devorar? Essas questões servem muito mais como provocações do que como indagações diretas que podem ser realmente respondidas. Porém, pode-se resgatar no tempo algumas tentativas de saídas para o encaixe sem filtro da teoria *queer* sob a realidade brasileira.

Mário César Lugarinho, em 2001, ou seja, ainda quando os estudos *queer* engatinhavam no Brasil, escreveu o artigo: “*Como traduzir a teoria queer para a língua portuguesa*”. O autor contextualiza as contribuições do pós-estruturalismo, sobretudo, as provocações de Michel Foucault, Jacques Derrida e Gayatri Spivak, como um campo que facilitou as condições de desabrochamento da teoria *queer* nos Estados Unidos como uma alternativa crítica a fixação das identidades compreendida pelos estudos gays e lésbicos da época.

[...] a teoria *queer* tenta dar conta nitidamente do excêntrico em termos de gêneros à medida que parte do princípio de que a orientação sexual difere da identidade sexual e da própria sexualidade biológica. A teoria *queer* aprofunda as relações possíveis entre as identidades gays e lésbicas e a cultura construída em torno de conceitos como natural e normal – isto é, problematiza e desconstrói os conceitos de identidade, a partir da constituição de um sujeito *queer*, definido através de sua etnia, classe social, ideologia política, religião etc. Em vista disso, a tônica de sua análise reside no fato de congregar toda uma comunidade que se opõe, de diferentes maneiras, à identidade heterossexual dominante na cultura (LUGARINHO, 2001, p. 40-41).

Nesse sentido, o autor apresenta como tema de interesse da teoria *queer* o sujeito que é entendido como dissidente sexual e de gênero, mas que não pode ser definido e observado apenas por esse viés analítico, mas pelas múltiplas facetas sociais que o atra-

vessam, o formam e servem para localizá-lo em oposição à cultura heterocêntrica. Lugarinho (2001) reconhece que o *queer* foi ressignificado pelos anglo-saxões e não tem só um sentido, mas uma história singular na cultura americana. Em vista disso, ele afirma que: “*Os tradutores dizem que queer é intraduzível para a língua portuguesa. Assim, a experiência de tradução deve se comportar como a proposta por Derrida: reinterpretar, reelaborar, desconstruir* (LUGARINHO, 2001, p. 42). Ele aponta isso depois de assinalar em uma nota de rodapé que o *queer* em inglês era uma interpelação pejorativa destinada ao homossexual, algo que poderia ser visualizado no Brasil como o insulto “*bicha*” ou “*veado*”, mas que o fato de ser tão difícil traduzir o termo para o português se dá porque o *queer* passou a representar um movimento de contestação à heterossexualidade dominante, uma consciência política que para Lugarinho (2001) parece ainda não ter tomado forma na época, de maneira equivalente a americana, no emaranhado subjetivo do povo brasileiro.

Lugarinho (2001), portanto, defendia que para reinterpretar, reelaborar e desconstruir a teoria *queer* no Brasil era necessário considerar as diferenças de contextos, de roteiros e de apropriações culturais. Em primeiro lugar, Lugarinho (2001) retoma o *Manifesto Antropófago* escrito por Oswald de Andrade em 1928 para lembrar que no Brasil “*nunca fomos catequizados. Fizemos foi Carnaval*” (ANDRADE, 1972, p. 16), e reforça que o Brasil muitas vezes executou experiências de resistência disfarçada de passividade e aceitação. Para Lugarinho (2001) parecia ser pujante que as condições de incorporação da teoria *queer* fossem possibilitadas pela via do ideal antropofágico tupiniquim.

A inspiração da noção de antropofagia vem da prática dos índios tupis que consistia em devorar seus inimigos, mas não qualquer um, apenas os bravos guerreiros. Ritualizava-se assim uma certa relação com a alteridade: selecionar seus outros em função da potência vital que sua proximidade intensificaria; deixar-se afetar por estes outros desejados a ponto de absorvê-los no corpo, para que partículas de sua virtude se integrassem à química da alma e promovessem seu refinamento (ROLNIK, 1998, p. 02).

A antropofagia, também fonte de inspiração para os trabalhos de Suely Rolnik (1996; 1998; 2007; 2011), é vista por Lugarinho (2001) como potência criativa e de consciência política encravada e camuflada como natural nas formas que os brasileiros subjetivaram as suas experiências cotidianas culturais, linguísticas, imagéticas, artísticas, religiosas, raciais, e etc. O anúncio: “*Só a antropofagia nos une. Socialmente. Economicamente. Filosoficamente*” (ANDRADE, 1972, p. 13) que abre o *Manifesto Antropófago*

parece carregar consigo não só uma constatação da nossa história híbrida, mas uma convocação à reflexão crítica de nossa própria experiência e lugar no mundo.

E Lugarinho (2001) não estava sozinho em sua época no esforço de não deixar que se perca de vista o ideal antropofágico no pensamento brasileiro, Rolnik (1996; 1998) e Boaventura de Sousa Santos (1992) que, inclusive é citado por Lugarinho (2001), evidenciam e valorizam a herança antropofágica da cultura brasileira. Assim, nada melhor quando se propõe a falar sobre um banquete canibal do que tentar visualizar algumas cenas e a partir disso seguir em busca de sentido e ressignificação.

Cena 1. Os índios Caeté dançam ao redor de um caldeirão onde, sobre um fogo crepitante, cozinham o corpo despedaçado de Sardinha, primeiro bispo do Brasil. Este naufragara ao chegar à terra recentemente conquistada, para onde viera com a missão de dar início à catequese da população nativa em nome da Igreja portuguesa. Os índios o devoram junto com os noventa membros da tripulação que o acompanhavam. Este é o episódio fundador da história da catequese no Brasil, empreendimento que visou estabelecer as bases subjetivas e culturais para a colonização do país.

Cena 2. Hans Staden, um aventureiro alemão, se vê capturado pelos índios Tupinambás, os quais o mantêm prisioneiro para matá-lo e devorá-lo num banquete ritual coletivo. Mas, chegado o momento, os nativos decidem renunciar ao festim: sentem que falta àquela carne os sabores da valentia. A evidente covardia deste estrangeiro teria afastado o desejo de saboreá-lo e, desta vez, o apetite antropofágico não será saciado. A narrativa desta aventura, contada pelo próprio Staden, funda a literatura de viagens do Brasil colonial (ROLNIK, 2007, p. 01).

Rolnik (2007) narra essas duas cenas de banquetes antropofágicos na história do Brasil para restaurar o ritual antropofágico não como uma representação elementar do povo brasileiro, tendo em vista que se a antropofagia consiste numa prática de devoração do outro a fim de incorporar as suas qualidades e apropriar-se substancialmente dos atributos estrangeiros, a subjetividade antropofágica não pode ser reduzida a uma imagem identitária, mas a uma infinidade de “outros dentro de mim” que se formam através de agenciamentos e conexões heterogêneas (ROLNIK, 1996).

Esse ponto parece ser bastante interessante e potente porque acredito que se a noção de antropofagia fosse assumida como postura teórica-política para se pensar a chegada da teoria *queer* no Brasil, teria que se imaginar a cena de um banquete antropofágico onde estivesse sendo colocado no caldeirão com água fervente e temperos diversos o corpo e as ideias de Judith Butler, Eve K. Sedgwick, Paul B. Preciado, Sam Bourcier, David M. Halperin e Michel Warner, por exemplo. Não que esse cozido não tenha sido

feito posteriormente no Brasil, mas parece que em um primeiro momento essa festa foi renunciada, assim como fizeram os nativos com Hans Staden, não porque se perdeu o apetite, mas pelo fato de que a provável fonte de refeição provocou um encantamento de tal maneira que parece ter-se ficado com pena de devorar a comida.

Por motivos já anunciados pela corrente dos estudos decoloniais (QUIJANO, 2000; MIGNOLO, 2005; GROSGOUEL, 2006), se considera muito difícil um termo transformado em um campo teórico que fosse cunhado no sul periférico do mundo pudesse ter sido recepcionado, incorporado e reproduzido sem sofrer alterações linguísticas. Por que, então, se insistiu por anos em tentar explicar o que o termo *queer* denotava no contexto estadunidense ao invés de traduzir e propor um sentido significativo no contexto brasileiro? Por que não falamos desde o início de uma teoria *bicha*¹⁵⁷? O termo que aqui também serviu como insulto que designa tanto uma falta de humanidade quanto uma inferiorização do feminino - visto que bicho não é homem e bicha é o feminino desse ser não humano - e que foi ressignificada como força política na expressão: “*sou bicha, e daí?*”¹⁵⁸, e que atualmente ganhou até amplitude na boca das *bichas sapa* e *bichas trava*. Talvez, com isso, teríamos escrito uma outra história dos estudos *queer* no Brasil, onde o termo *queer* seria só uma referência genealógica e não um centro analítico. Assim, eu preferiria ter substituído no título da tese e em todos os outros momentos que citei o *queer*, o que acabei de argumentar como viabilidade contextual dos estudos *bicha*, mas não tenho reconhecido amadurecimento na área dos estudos de gênero e sexualidades no Brasil e nem apresento uma representação política que me confira lugar de fala para fazer tal proposição. Mesmo assim, esse ponto de vista foi exposto antes de tratar sobre as tentativas de tradução da teoria *queer* no Brasil mais detalhadamente porque considere que seria uma atitude responsável uma colocação ética enquanto sujeito-pesquisador e também porque suponho que o ideal antropofágico não perdeu completamente a sua oportunidade temporal de contribuir para o assunto em questão.

¹⁵⁷ Consultar: VIDARTE, Paco. *Ética Bixa: Proclamações libertárias para uma militância LGBT*. São Paulo: n-1 edições, 2019.

¹⁵⁸ PARENTE, Marlon. *Bichas - o documentário*. Duração: 39min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU> > acesso em 16 jun. de 2020.

5.2 - Tropicalismo *queer*

Conforme apontei no capítulo anterior, a cena hipotética de Judith Butler incorporando a *pomba-gira* (PEREIRA, 2018) voltará ser a problematizada mais profundamente agora. Para isso, Pedro Paulo Gomes Pereira (2012; 2015; 2018) parece ser uma das vozes mais eloquentes no Brasil para pensar a emergência de uma crítica à teoria *queer* feita nos trópicos. Em diferentes textos, o autor expõe seu ponto de vista sobre como traçar um *queer* decolonial.

Pereira (2012; 2015) analisa o tom universalizante na teoria de autores estrangeiros como Paul B. Preciado e Giorgio Agamben sobre a forma como se referem ao ocidente sem dar o devido destaque ao provável caráter colonial de suas proposições conceituais e indaga se a incorporação do *queer* no Brasil não seria mais um exemplo de uma teoria feita no centro para as periferias. Pereira (2012; 2015) então, convoca algumas personagens das suas pesquisas de campo para a seleção de nomes a serem tratados como pensadoras e produtoras de conhecimento legítimo. Como por exemplo: Cida e Cilene, que são duas travestis que Pereira teve contato em algum momento de sua trajetória que parece ter o afetado na sua forma de refletir sobre o mundo. Pereira, portanto, faz menção a elas, aparentemente, no mesmo nível de tratamento destinado a autores/as famosos da filosofia e sociologia europeia.

Cida desde cedo percebeu ser diferente dos outros meninos, sentindo o preconceito e a violência originados do desconforto com suas opções e ações. Deixou transparecer nos nossos encontros que sua vida foi um processo de autoconhecimento: aprendera na infância a observar e a imitar as mulheres que admirava, tentando trabalhar seu corpo, de forma a fazê-lo atuar com seu desejo. Várias vezes contou-me detalhes de tecidos, vestidos e festas, em narrativas que transitavam entre admiração, desejo e inadequação. No meio de um turbilhão de informações, narrou também a história de um médico de confiança de sua família. Esse médico percebeu que aquele “menino era diferente” e passou a efetuar práticas que mudaram o corpo de Cida. Segundo ela, “*Ele [o médico] começou a me bolinar. Ficava sozinho comigo e começava a fazer as coisas. Foi me dando remédio e meus peitinhos começaram a crescer. Eu tinha doze anos quando fiz amor com ele.*” A partir daí seu corpo foi se alterando a tal ponto que se viu obrigada a mudar do interior de Minas, dirigindo-se, inicialmente, para Belo Horizonte. Ali se descobriu travesti: “*Virei travesti. Eu era linda! Depois eu saí e fui ganhar a vida. Trabalhei muito tempo nas ruas de Belo Horizonte, na Itália, na Espanha*”. O “menino diferente”, que fabricou seu corpo, transformou-

se numa travesti linda que “ganhava a vida” fora do Brasil, “no exterior!”. E foi lá que iniciou um drama de envolvimento com drogas pesadas e também ali se contaminou com HIV (PEREIRA, 2012, 379-380).

Primeiro, com Cida, Pereira (2012) vislumbra uma série de cruzamentos temáticos que vão ao encontro, na memória do autor, das palavras de Paul B. Preciado em *Testo Yonqui* (2008), onde a noção de transitar por diferentes culturas e línguas é valorizado em algumas passagens da obra. Cida que morava em um abrigo para portadores de HIV/AIDS após habitar em diferentes cidades no Brasil e no exterior, relatou para Pereira (2012) que era adepta de Umbanda e filha de Iansã, e que em algumas noites “fugia do refúgio” em que morava para se “refugiar” no *terreiro* de Umbanda na periferia de Brasília onde encontrava acolhimento e liberdade para incorporar a *pomba-gira*.

Posteriormente, Pereira (2012) também foi apresentado a outras histórias de travestis que eram adeptas de religiões afro-brasileiras em Santa Maria no Rio Grande do Sul, e que tinham função social e prestígio nas *casas de santo* que frequentavam. O autor cita todas essas histórias que envolvem travestis, modificações corporais, religiosidades, referências míticas (quando se atravessa a mitologia dos *orixás* que guiam essas pessoas) e violências para falar de contextos e de “*Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros. Roteiros*” (ANDRADE, 1972, p. 15). O que pode ser compreendido como uma sugestão que é através da contextualização, roteirização e reconhecimento que a realidade é experimentada de diferentes maneiras é que se poderá “*ver com olhos livres*” (ANDRADE, 1972, p. 09) e aproveitar a teoria *queer* não para procurar uma gaveta onde o contexto local possa ser classificado e guardado sob a etiqueta do “[...] *nunca admitimos o nascimento da lógica entre nós*” (ANDRADE, 1972, p. 15), mas para referir-se ao *queer* enquanto teoria sempre seguida de reticências.

De maneira que podemos concluir que: 1) O gesto político *queer* parece ser diverso da agência dos adeptos das religiões afro-brasileiras. 2) As travestis de Santa Maria buscam novas gramáticas para se expressar. 3) Não há como pensar esses corpos descontextualizados dos intrincados contextos que os produziram; 4) Não há também como simplesmente aplicar teorias alhures formuladas porque as formas de subjetivação aqui são outras. 5) Descontextualizar esses corpos e almas seria proceder um tipo de violência epistemológica que atua retirando aquilo que é mais caro para os sujeitos envolvidos, desprezando suas invenções e formas de agir. O que nos conduz de volta às perguntas formuladas no início deste texto, sobre a potencialidade e adequabilidade do *queer* nos trópicos (PEREIRA, 2012, p. 388-389).

Uma outra história que faz o autor pensar não só nos corpos modificados pelas cirurgias estéticas, processos de hormonização e implante de silicone industrial, mas também pelos corpos “*trabalhados no batuque*” (PEREIRA, 2015, p. 425) é a da travesti Cilene, marcada pelas violências de quem vivencia a dissidência de gênero e pela rotina de funcionária de rodoviária responsável por limpar os banheiros do estabelecimento. Cilene mobiliza uma outra maneira de pensar a abjeção encarnada por ela quando é classificada como aberração e acaba reivindicando também a formulação de uma outra teoria, que aos olhos de Pereira (2015) pode até ter suas referências nos estudos *queer* ou decoloniais, mas que se propõe ser muito mais uma postura de abertura do que encaixe. Inclusive, a forma “encaixe” de manejar uma teoria estrangeira é criticada pelo autor nesse texto quando ele se refere aos conceitos e noções produzidos de maneira generalizante por Giorgio Agamben.

Por outro lado, a discussão levantada por Pereira (2012; 2015; 2018) me fez recordar da pergunta que Deleuze & Guattari (2003) iniciam a reflexão que fazem da obra de Franz Kafka: “*Como é que se entra na obra de Kafka?*”, seguida da afirmação: “*É um rizoma, uma toca, esta obra*” (DELEUZE; GUATTARI, 2003, p. 19). Parece ser, para mim, esse mesmo tipo de questionamento que Pereira (2012; 2015; 2018), Cida e Cilene provocam na teoria *queer*. Como é que a teoria *queer* quer analisar o contexto brasileiro? É um rizoma, uma toca, esta realidade. Contudo, após apresentar as suas reflexões e propostas, Pereira sugere:

A questão talvez não seja mostrar como a história de Cilene corrobora uma crítica decolonial ou assinalar como se adequa à teoria *queer*, mas sobretudo explorar como essas teorias-outras podem afetar, no forte sentido do termo – com suas novas formas de agência, suas reinvenções do corpo –, o *queer* decolonial. Um *queer* decolonial não é, então, uma aplicação de categorias externas, formuladas à revelia de histórias como a de Cilene, mas movimentos de aproximação e de abertura a teorias e experiências, que possibilitam que esses saberes possam afetar e transformar. Qualquer pretensão de um *queer* decolonial implica abertura a essas teorias-outras. Abrir-se de tal forma e com tal intensidade que, no final da viagem, algo novo possa ser produzido (PEREIRA, 2015, p. 427).

Algo novo que reforce a ideia de que a teoria *queer* produzida no Brasil possa ser uma toca de múltiplas entradas e saídas, pois parece que “[...] *foi porque nunca tivemos gramáticas, nem coleções de velhos vegetais. E nunca soubemos o que era urbano, su-*

burbanco, fronteiroço e continental” (ANDRADE, 1972, p. 14) que nos tornamos antropófagos. A citação de Pereira (2015), ao meu ver, sugere a devoração dos contextos temperados pelos gostos e desgostos tropicais, que tem como intenção e precaução epistemológica colocar em pé e em prótese de igualdade, por exemplo, as teóricas *queer* europeias/estadunidenses com as travestis latino-americanas, brasileiras, periféricas, racialmente marcadas, religiosamente desveladas e contextualmente localizadas. Dessa maneira, a teoria *queer* não será apenas traduzida ou torcida, mas completamente reinventada.

5.3 - No “*cu*” do mundo¹⁵⁹

Outra estudiosa das temáticas de gênero e sexualidades afinada com a teoria *queer* que invoca com ainda mais força a perspectiva antropofágica para pensar sobre o processo de dominação e exploração do conhecimento do norte global em relação ao sul periférico é Larissa Pelúcio (2012; 2014; 2014b; 2016). A autora defende que podemos nos imaginar como localizados e pertencentes ao “*cu do mundo*” na anatomia geográfica do planeta, onde a cabeça pensante está bem longe e acima de nós, na Europa e Estados Unidos (PELÚCIO, 2012).

Em seus escritos, Pelúcio apresenta e mobiliza três áreas do conhecimento e da política: feminismos, teoria *queer* e estudos pós-coloniais, e faz referência a um conjunto de autores, por exemplo, Edward Said, Franz Fanon, Homi Bhabha e Gayatri Spivak, que elaboraram e fortaleceram uma crítica localizada e racializada aos meios de produção e reprodução de conhecimento acadêmico. A autora assinala que o *queer* enquanto insulto dotado de significado no contexto estadunidense não precisa ser literalmente traduzido, mas o *queer* enquanto campo teórico e de atuação política pode ser ressignificado, reinventado a partir de um processo de deslocalização que permita “*loca-lizar*” o debate¹⁶⁰.

¹⁵⁹ Expressão popular brasileira que designa distanciamento geográfico de um lugar periférico/interior em relação ao centro/grandes cidades. Larissa Pelúcio se apropria desse ditado para operar uma crítica epistemológica (PELÚCIO, 2012; 2014; 2014b; 2016).

¹⁶⁰ PELÚCIO (2012) cita o jogo de palavras que a antropóloga Marcia Ochoa faz com a palavra “*localizar*” em espanhol, uma vez que o termo “*loca*” pode se referir a “*bicha louca*”.

Na geografia anatomizada do mundo, nós nos referimos muitas vezes ao nosso lugar de origem como sendo “cu do mundo”, ou a fomos sistematicamente localizando nesses confins periféricos e, de certa forma, acabamos reconhecendo essa geografia como legítima. E se o mundo tem cu é porque tem também uma cabeça. Uma cabeça pensante, que fica acima, ao norte, como convêm às cabeças. Essa metáfora morfológica desenha uma ordem política que assinala onde se produz conhecimento e onde se produz os espaços de experimentação daquelas teorias. Por isso, mesmo admitindo o meu encanto com a literatura produzida nos Estados Unidos e na Europa, como creio ficou patente ao longo deste artigo, penso, enquanto devoro tupinambarmente aqueles textos, é que essa relação ainda é bastante desigual. Que esse contato não resultou até o momento em diálogo, em trocas mais horizontais. Nas palavras de Ramón Grosfoguel, o que temos, ainda, é um monólogo vertical (Grosfoguel, 2006: 40) (PELÚCIO, 2012, p. 412-413).

Parece ser uma fuga a esse monólogo vertical o que Pelúcio almeja realizar pela via da antropofagia. Como já insinuado em outro momento, o rito antropofágico não nega as contribuições que o corpo estrangeiro pode oferecer, muito pelo contrário, tende a valorizá-lo através de sua devoração. Portanto, Pelúcio, e também diversos/as outros autores/as latino-americanos/as afetados/as pelo giro pós-colonial/decolonial, não sugerem a defesa de um refundamento filosófico no estilo: “*a.C/d.C.*”, ou seja, tudo que veio antes da crítica pós-colonial/decolonial deve ser negado ou deslegitimado, mas que se pode continuar consumindo as teorias produzidas no hemisfério norte só que agora lendo tudo em voz alta para que os sotaques sejam sentidos e pronunciados ao invés de serem atropelados e desvalorizados, e que os contextos nacionais da periferia do mundo não sirva apenas como laboratórios de aplicação e testagem de teorias escritas nos grandes centros. Assim, poderá se criar condições mais equilibradas na maquinaria orgânica do saber translocalizado.

Pelúcio, com isso, atenta que o processo de importação de um termo, originalmente pensado para incomodar quando fosse dito em público, sem maiores problematizações sobre seu sentido quase impossível de ser traduzido pode gerar a higienização de uma teoria, uma vez que falar *queer* (cuir) não causa nenhuma perturbação quando comparada ao estranhamento causado pela menção a uma teoria *rarita*, *marica*, transviada, cucaracha¹⁶¹. A autora, então, propõe a sua própria forma de crítica, mas que não pode ser confundida com uma simples tradução, pois segundo ela tem muito mais ligação com um processo político de criação de alianças de saberes subalternizados ao longo do tempo.

¹⁶¹ San Martín (2011); Córdoba, Sáez, Vidarte (org.) (2005); Bento (2014c); Pelúcio (2016).

Diferentemente do que se passou nos Estados Unidos, os estudos *queer* entraram no Brasil pela porta das universidades e não como expressão política vinda do movimento social. Evidentemente, esse percurso tem a ver com questões históricas, políticas e culturais que singularizam os saberes localmente. Estas marcas precisam ser apresentadas, uma vez que muito mais do que propor uma vertente teórica nacional específica, nomeada de “teoria cu”, meu objetivo neste artigo é justamente problematizar as formas como temos localmente absorvido, discutido e ressignificado as contribuições de teóricas e teóricos queer. Neste exercício não pude deixar de notar que, apesar das singularidades locais, nossa tendência inicial foi, sobretudo, de procurar aplicar os achados teóricos e conceituais *queer*, mais do que tencioná-los e, assim, produzir nossas próprias teorias (ainda que em diálogo com o que estava sendo produzido em outros países). Postura que tem mudado durante o próprio exercício de pesquisa e produção intelectual brasileira no campo do gênero e da sexualidade. Mas o fato é que ainda nos mantemos bastante reverentes a produções teóricas europeias e norte-americanas, enquanto guardamos relativa ignorância a respeito das contribuições de nossos vizinhos continentais, com os quais compartilhamos, muitas vezes, cenários sociais, políticos, econômicos e culturais bastante próximos. Sintomaticamente, dialogamos muito pouco com o resto da América Latina. É como se a língua portuguesa tivesse nos ilhado nesse mar volumoso do idioma espanhol. Tão próximos e tão apartados. De fato, nos conhecemos pouco. Lemo-nos menos ainda (PELÚCIO, 2014, p. s/n).

No meu ponto de vista, as palavras de Pelúcio indicam uma experiência latino-americana que lembra a narrativa de José Saramago em *Jangada de Pedra* (1980), quando de forma inusitada e surpreendente a Península Ibérica se desloca do continente europeu e fica à deriva no oceano Atlântico. Só que no nosso caso, cada país da América Latina à sua maneira foi isolado por um vasto e profundo processo de violência e desqualificação epistêmica e o Brasil, especificamente, parece ser a ilha mais distante. Boaventura de Sousa Santos, autor de *Epistemologias do Sul* (SANTOS; MENESES, 2017), que é português, portanto, oriundo de um dos países que representa na visão de Saramago a dupla de *patinhos feios* na fábula da produção capitalista europeia¹⁶², também conclama o amadurecimento de uma ecologia dos saberes que ao mesmo tempo que denuncia o aspecto colonial do conhecimento científico europeu-estadunidense pretende valorizar aquilo que é/foi produzido localmente longe das grandes esferas do poder. Uma espécie de reconhecimento do nosso lugar de fala terceiro mundista habitante das margens do reconhecimento político global.

Assumir que falamos a partir das margens, das beiras pouco assépticas, dos orifícios e dos interditos fica muito mais constrangedor quando, ao invés de usarmos o polidamente sonoro *queer*, nos assumimos como

¹⁶² Portugal e Espanha.

teóricas e teóricos cu. Eu não estou fazendo um exercício de tradução dessa vertente do pensamento contemporâneo para nosso clima. Falar em uma teoria cu é acima de tudo um exercício antropofágico, de se nutrir dessas contribuições tão impressionantes de pensadoras e pensadores do chamado norte, de pensar com elas, mas também de localizar nosso lugar nessa “tradição”, porque acredito que estamos sim contribuindo para gestar esse conjunto farto de conhecimentos sobre corpos, sexualidades, desejos, biopolíticas e geopolíticas também (PELÚCIO, 2014, p. s/n).

Para Pelúcio (2014), a teoria cu serve para confrontar as máximas teóricas generalizantes quando, por exemplo, alguém como Paul B. Preciado (2008) sugere a universalidade de uma era farmacopornográfica. Para isso, Pelúcio chega a sugerir ao autor “multinacional” trocar saberes menos tecnológicos e europeus, como é a testosterona em gel utilizada por Preciado (2008), por experiências subalternas e subversivas do sul global, como tomar chá de *ayuasca* ou participar e ser afetado por um rito do Candomblé ou Umbanda no Brasil. Ao meu ver, a autora assinala que para praticar uma teoria cu é preciso interpelar os/as teóricos/as *queer* estrangeiros e reconhecer que:

Nossa *drag*, por exemplo, não é a mesma do capítulo 3 do Problemas de Gênero de Judith Butler (2003), nem temos exatamente as *drag king* das oficinas de montaria de Beatriz Preciado (*sic*), ou sequer podemos falar de uma história da homossexualidade do mesmo modo de David M. Halperin, ou da Aids como o fez Michel Warner. Nosso armário não tem o mesmo “formato” daquele discutido por Eve K. Sedgwick. Cito aqui o quinteto fantástico do *queer*. Ainda que entre nós alguns nomes sejam mais familiares que outros, foi essa a bibliografia que chegou com mais força até nós a partir do território *queer* euro-americano (PELÚCIO, 2012, p. 413).

Interpelar, deste modo, tem muito mais a ver com o sentido tomado por Butler (2017) quando interpreta e debate com Louis Althusser, ou seja, interpelar o outro refere-se a um processo de marcar o lugar desse outro, um processo que não é exclusivo do Estado, mas que evidencia o ato de subordinação do sujeito à norma. No caso analisado aqui, interpelar um teórico ou uma teórica *queer* é apontar que tipo de sujeição teórica está sendo negociada no instante da proposição de conceitos.

Outras propostas e autores serão abordados ao longo do capítulo, mas gostaria de destacar, por último, que o ideal antropofágico que compõe o projeto de uma teoria cu e uma epistemologia cucaracha (PELÚCIO, 2016) para a América Latina parece ser um dos mais potentes estimulantes para a devoração e ruminação dos estudos decoloniais e da teoria *queer* no Brasil.

5.4 - Estudos/ativismos transviades¹⁶³: do heteroterrorismo ao transfeminicídio

Berenice Bento é mais uma estudiosa que propôs uma tradução e uma torção dos estudos *queer* no Brasil. Diferente dos/as autores/as já citados/as, Bento (2017) até faz referências pontuais à perspectiva decolonial em alguns de seus textos, mas para ressignificar a teoria *queer* no Brasil, ela parece preferir seguir por outro caminho. Para isso, ela afirma: “*nos meus textos, eu começo falando de estudos/ativismos transviados, abro aspas e digo ‘tradução cultural (idiossincrática) para teoria queer’ e sigo*” (BENTO, 2017b, p. 131). Falar *queer* no Brasil, segundo a autora, não faz sentido, não provoca incômodo nenhum, portanto, não tem o mesmo potencial de evocar histórias de violências homo/lesbo/bi/transfóbicas na subjetividade da população brasileira e subverter à ordem da mesma forma que quando se diz estudos/ativismos transviades.

Assim, Bento (2017b) defende a ideia de que a sua produção acadêmica é também atuação política, e parece tentar pôr em prática no campo da sociologia, a máxima de Deleuze & Guattari que indicava: “[...] *a filosofia, mais rigorosamente, é a disciplina que consiste em criar conceitos* (DELUZE & GUATTARI, 1992, p. 13). Bento, então, nomeia estudos/ativismos transviades como forma de captura antropofágica do *queer* no Brasil, mas sem ater-se exaustivamente a discussão ontológica do termo ou sugerir uma corrente teórica a ser exportada para toda a América Latina. Parece ser mais uma preferência particular e uma proposta, e a preocupação ou intenção da autora se o termo transviades será ou não, de fato, incorporado pela rede de estudos/ativismos como uma tradução do *queer* no Brasil e no exterior parece não ser tão presente.

Como proposta também, Bento sugere conceitos para pensar a realidade, as experiências e as opressões impactadas pelas normas de gênero no Brasil. Após a defesa de sua tese de doutorado em 2003, que tem como ponto forte, a meu ver, a proposição e discussão sobre o dispositivo da transexualidade (BENTO, 2006), a autora seguiu escrevendo textos sobre as questões de gênero e sexualidades e se aprofundando ainda mais

¹⁶³ Berenice Bento publicou o livro intitulado: “*Transviad@s - gênero, sexualidade e direitos humanos*” (2017b), o uso do “@” foi usado por um período no Brasil como símbolo que indicava a leitura não-binária de gênero na língua portuguesa, porém, o próprio movimento formado que se identificam como não-binárias e por pessoas trans tem recomendado nos últimos anos a troca das letras “a” ou “o” por “e” nas palavras generificadas, permitindo, dessa maneira, tanto a não marcação da binariedade de gênero quanto a inclusão das pessoas cegas, surdas, dislexias, por exemplo, usuárias de softwares de leitura que não conseguem reconhecer as palavras escritas com “@” ou “x” (CASSIANO, 2019; CAÊ, 2020). Por isso, resolvi me referir ao conceito de Bento (2017b) por “transviades”.

no debate sobre a despatologização das identidades trans. Assim, acabou fazendo sugestões de conceitos novos. É pensando nisso que gostaria de destacar algumas proposições conceituais que considero capazes de permitir a visualização, mesmo que recortada, de aspectos importantes das ideias de Bento.

A primeira proposta é a sua reflexão sobre o conceito de heteroterrorismo (BENTO, 2011). A socióloga debate o conceito ao narrar o processo de socialização das crianças e adolescentes, e evidencia que a escola é um espaço onde as normas de gênero são reproduzidas e vigiadas. Mesmo não citando Louis Althusser (1999) no seu artigo¹⁶⁴, Bento (2011) pode ser lida, no meu ponto de vista, como um acréscimo à concepção do filósofo de que a escola representa um aparelho de reprodução ideológica do Estado. Na visão crítica de Althusser (1999), a escola no Estado capitalista funciona para impor seus valores sobre a população que não tem a maturidade ainda de discernir que está sendo operada por bisturis ideológicos, e assim acaba incorporando esses valores como naturais. Althusser (1999) não fala sobre questões de gênero, violência contra pessoas gays, lésbicas e trans na escola, nem sobre a heteronormatividade presente nas instituições educacionais. É nesse ponto, creio eu, que Bento (2011) apresenta uma perspectiva original para pensar o processo educativo das pessoas que são dissidentes sexuais e de gênero.

Existe uma ideologia das normas de gênero nas escolas, que não é a mesma forjada pelos conservadores brasileiros que gritam nos últimos anos¹⁶⁵ que há um projeto nas escolas de sexualizar crianças e impor a homossexualidade, muito pelo contrário, a ideologia nas escolas tão bem evidenciada por Bento (2011) pertence a ordem da reprodução das normas de gênero heterossexuais, e segundo a autora, isso é realizado pela prática do heteroterrorismo, que por sua vez não é exclusivo do espaço escolar, começa no momento do anúncio do sexo da criança e permeia, primeiramente, toda a educação familiar, da instalação dos quartos em cor de rosa ou azul, das brincadeiras somente permitidas se a criança for de um determinado gênero até a enunciados do tipo: “isso é coisa de menina” ou “meninos não choram”. Todas essas práticas heteroterroristas desembocam na escola. Crianças, adolescentes e jovens que durante vários anos letivos foram golpeadas pelo discurso heteronormativo sem nenhum filtro de tratamento e que ao se depararem com a diferença, com o corpo abjeto, com o desejo dissidente, com um trejeito fora dos padrões

¹⁶⁴ BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença. Estudos Feministas, Florianópolis, maio-agosto/2011.

¹⁶⁵ Para saber mais sobre a discussão de ideologia de gênero como pânico moral conservador no Brasil, conferir Miskolci & Campana (2017).

aprendidos, se organizam em torno da exposição, do constrangimento e da violência. A heterossexualidade vista como natural funciona como uma máquina de guerra do Estado heteronormativo e a sua maior arma, de acordo com a concepção de Bento (2011), é o heteroterrorismo.

Em outros textos, Bento (2014; 2016; 2017) esquadrinha sua análise sobre as violências sofridas por travestis, mulheres trans e mulheres transexuais¹⁶⁶ brasileiras ao ressignificar o conceito de feminicídio, cunhado, originalmente, a partir da reflexão sobre os assassinatos sistemáticos de mulheres não trans no México, e propõe o conceito de transfeminicídio. Para a autora, o transfeminicídio é um crime praticado contra os corpos que performatizam o feminino de alguma maneira. Nesse sentido, Bento (2016) aponta, inclusive, que segundo os relatórios que registram as violências praticadas contra a população LGBTQI+ no Brasil, pode-se perceber que os gays femininos são alvos mais frequentes de algum tipo de agressão em comparação com os gays não femininos, indicando assim, uma violência destinada, sobretudo, contra toda atribuição que culturalmente foi ao longo da história desvalorizada, desqualificada e posta em segundo plano, isto é, aquilo que socialmente foi entendida como expressão de feminilidade. Em minha percepção sobre a obra de Bento, o conceito de heteroterrorismo e transfeminicídio estão intrinsecamente relacionados, uma vez que um pode ser visualizado e analisado pelo outro. O transfeminicídio é a sentença de morte do heteroterrorismo, e é também o crime exemplar que transmite uma mensagem do tipo: “é isso que pode acontecer com você se for uma travesti, mulher trans ou mulher transexual no Brasil” (BENTO, 2011; 2016).

De acordo com Bento (2014b), o heteroterrorismo como arma do Estado também causa a experiência de uma cidadania precária para as pessoas trans. O Estado brasileiro que nunca editou uma lei de identidade de gênero com efeito para garantir a humanidade, a cidadania e os direitos da população trans, costuma ao longo da história oferecer gambiarras legais. Uma das últimas dessas gambiarras, por exemplo, foi o reconhecimento pelo Supremo Tribunal Federal da LGBTfobia como crime de racismo em 2019, o que é uma conquista importante, mas que ao mesmo tempo evidencia a marginalidade que o legislativo e o executivo brasileiro tratam o tema. Bento (2016; 2017), inclusive, assinala a força que a bancada conservadora tem se organizado para barrar as reivindicações por direitos dos grupos minoritários no Brasil nas últimas décadas. Os registros de violências,

¹⁶⁶ Bento (2016), em seu texto, prefere não usar termos “guarda-chuva” como “trans” ou “transgênero”, ao invés disso opta em referir-se às travestis, mulheres trans e mulheres transexuais.

as narrativas de violação aos direitos humanos e as tipificações dos assassinatos das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais brasileiras descritas por Bento (2014; 2014b; 2016; 2017b) parecem corroborar com a sugestão de Butler (2006) de que o Estado detém o monopólio dos recursos legais de reconhecimento. Ou seja, as estruturas do Estado Brasileiro que foram historicamente construídas sob alicerces heteroterroristas explicitam os movimentos dos agentes institucionais que decidem quais crimes de assassinato valem a pena ser investigados ou quais vidas podem ser vividas com a plena garantia dos direitos assegurados pela Constituição Federal.

Com isso, Bento (2018) carregando toda a sua bagagem de reflexões sobre as experiências das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais no Brasil, defende que o Estado administra uma distribuição diferencial de reconhecimento de humanidade. Ela interpreta, se apropria e, ao mesmo tempo, se distancia de autores/as que também já pensaram o gerenciamento da vida, como por exemplo, Michel Foucault (1999), Achille Mbembe (2014) e Giorgio Agamben (2013). É nesse ponto que gostaria de chegar para destacar que não considero Bento como uma autora inscrita no campo dos estudos decoloniais, ela é, ao que me parece, muito mais antropofágica.

Bento (2018) devora esses autores, os cruza com o feminismo subversivo e as considerações sobre desejo e reconhecimento de Butler (2003) e dos estudos transviados, com a história e a realidade brasileira marcada particularmente por violências de classe, raça, gênero e religião, e oferece a noção de necrobiopoder estabelecendo diferenças singulares em relação aos conceitos de biopoder (FOUCAULT, 1999) como técnica de governo que tem como objetivo “*fazer viver, deixar morrer*” e de necropolítica como política da morte dirigida pelo Estado (MBEMBE, 2014), para afirmar que “[...] *na história brasileira do Estado, “dar a vida e dar a morte” não podem ser pensados separadamente*” (BENTO, 2018, p. 03). Bento resgata exemplos históricos como a Lei do Ventre Livre de 1861 que libertou os/as filhos/as das mulheres pretas escravizadas no Brasil, mas manteve a condição de escravidão das mães, confrontando assim duas formas de governo que existiram simultaneamente, uma que tinha o poder soberano sobre os corpos da população ainda escravizada e outra que deveria, pelo menos em teoria, administrar e garantir a cidadania dos/as filhos/as livres. Digo em teoria porque Bento (2018) argumenta que o necrobiopoder se sustenta na política estatal de promoção da morte disfarçada de cuidado, como ela exemplifica quando menciona também a situação dos/as presidiários/as brasileiros/as que vivem, em muitas ocasiões, um estado de detenção indefinida

(BUTLER, 2006b), e a prática policial conhecida como auto de resistência no Brasil. Segundo a própria autora, o conceito de necrobiopoder ainda está em construção, mas já nos serve para visualizar aqui um caso de antropofagia teórica a fim de ruminar novos conceitos que possam analisar e dialogar mais diretamente com a realidade brasileira.

Dessa forma, considero ser possível encontrar certo sentido em afirmar, com base nas ponderações de Bento, que o transfeminicídio é um ato heteroterrorista praticado por diferentes agentes que encontram respaldo no Estado fundamentalmente sustentado por estratégias necrobiopolíticas, ou que o heteroterrorismo é a ideologia capaz de produzir a ocorrência de casos de transfeminicídio a fim de exemplificar quais vidas podem habitar o Estado-Nação sob o regime do necrobiopoder. Entretanto, me parece que a reflexão sobre necrobiopoder de Bento (2018) intenta ser mais abrangente do que as questões que envolvem as experiências de vida e de morte das travestis, mulheres trans e mulheres transexuais, incluindo outros marcadores como raça, classe e nacionalidade. Bento, ao longo da sua trajetória acadêmica/ativista ofereceu um corpo teórico *sui generis* para pensar diversos assuntos caros ao Brasil, mesmo não se preocupando tanto em debater os problemas de tradução do termo *queer*, ela parece ser uma autora que se arrisca em teorizar “sociologizando” o mundo em que vive e observa através da criação de novos conceitos.

5.5 - Entre flertes, transas e as perfechatividades de gênero

Leandro Colling (2015b), já mencionado no capítulo II como um dos autores que ofereceram pistas para serem “transadas” acerca da genealogia da teoria *queer* no Brasil, fez também uma pesquisa relevante sobre as relações entre o movimento LGBT¹⁶⁷ e os ativismos *queer* fora do país. Em sua pesquisa de pós-doutorado, ele realizou um estudo sobre as cenas LGBT e os ativismos *queer* ou de dissidência sexual e de gênero na Argentina, Chile, Espanha e Portugal. Entre flertes e transas teóricas, o autor conversou com diversas pessoas – ativistas, autores/as, artistas, militantes, etc. – a fim de mapear as ações

¹⁶⁷ Usarei nesse tópico a sigla LGBT, assim como Colling (2015b) utiliza em seu texto original, para fazer referência ao movimento institucionalizado organizado por pessoas gays, lésbicas, bissexuais e trans, e também para marcar a diferença com os ativismos *queer* ou de dissidência sexual e de gênero.

desses grupos institucionalizados e dos sujeitos comprometidos politicamente com o debate sobre questões de gênero e sexualidades nesses países.

O livro é bastante rico em informações e parece ser capaz de nos fazer viajar para lugares onde algumas preocupações aqui já apontadas por Gomes Pereira (2012), Pelúcio (2012) e Bento (2009) também são comuns, como as propostas de tradução e subversão do termo *queer* nesses lugares vizinhos, mas estrangeiros, assinaladas, por exemplo, por Felipe Rivas San Martin (2011) quando propõe falar *queer* “*con la lengua afuera*” e pronunciar “*cuir*”, ou os teóricos/ativistas espanhóis David Córdoba, Javier Saez e Paco Vidarte (2007) que falam de políticas *bolleras*, *maricas*, *trans* e *mestizas*. Em seu texto, Colling (2015b) consegue apontar pontos em que o movimento LGBT e os ativismo *queer* estabelecem tensões, diferenças, mas também conexões e afinidades, e muitas vezes, o autor observou que tais agentes marcharam lado a lado na defesa de algumas pautas como a legalização do aborto no Chile e a ampliação de direitos civis para pessoas LGBT em Portugal.

A forma como Colling (2015b) investiga as redes de atuação política LGBT nesses países possibilita a reflexão, pela via da comparação, sobre as dinâmicas que ocorrem aqui no Brasil entre o movimento LGBT e os ativismos *queer*. O autor pontua, por exemplo, que a Igreja Católica ainda exerce um forte poder de influência na consciência coletiva dos/as chilenos/as, argentinos/as, portugueses e espanhóis/espanholas, o que não caracteriza da mesma maneira o cenário brasileiro, tendo em vista que as igrejas evangélicas neopentecostais têm entoado vozes muito potentes na defesa das causas conservadoras no Brasil. Colling (2015b) também indica que percebeu diferenças mais sinuosas entre o movimento LGBT e os ativismos *queer* nesses países que podem ser aqui brevemente resumidas pela citação do esforço do movimento LGBT em se concentrar na luta e conquista de marcos legais, como leis de garantia à cidadania e antidiscriminação, e da aposta que a cultura de preconceito social pode ser transformada através da aprovação e execução efetiva de políticas públicas que favoreçam a população LGBT, além de possuir uma estrutura de organização assentada sobre um modelo institucionalizado de gestão, como as associações e as federações. Já, os ativismos *queer* miram e praticam performances políticas que causem impacto e debate sobre a cultura heteronormativa; expõem uma defesa das identidades fluídas, portanto, não necessariamente o/a ativista *queer* se sente representado/a em uma das letras LGBT a todo momento; numa crítica que objetiva de maneira cada vez mais emergente o atravessamento das questões raciais, étnicas, de capacitismo e trabalhadores/as precarizados/as para manobrar um discurso anticapitalista.

Entretanto, o autor reconhece as correspondências políticas entre os dois conjuntos de coletivos políticos analisados e afirma, por exemplo, que a visualização da incorporação das noções adotadas pelos estudos *queer* e pelos movimentos LGBT desses países está cada vez mais presente através da percepção de gênero não associado à justificativas genéticas e o conceito de heteronormatividade. Além disso, Colling (2015b) faz ponderações sobre o debate em torno do conceito de cisgeneridade que giram em torno do reconhecimento do quanto o conceito é importante para despatologizar as identidades trans, uma vez que, como a corrente teórica transfeminista¹⁶⁸ defende, a adoção do termo cis possibilita não utilizar mais as expressões: mulher normal, mulher biológica, mulher natural em oposição às travestis, mulheres transexuais e pessoas trans, por exemplo. Ainda assim, o autor indaga se seria possível fugir de uma dicotomia entre cis *versus* trans, tendo em vista a subversão de gênero visualizada, exemplarmente, em um corpo gay afeminado, que, portanto, teoricamente é um homem cis, mas parece não ter uma vivência tão confortável quando se compara com outros homens cis, ou seja, o autor incita o questionamento se pode falar ou não sobre a existência da diversidade na própria concepção e entendimento do conceito de cisgeneridade.

Colling (2019), escreveu outro texto junto a Murilo Souza Arruda e Murilo Nascimento Nonato direcionando um olhar mais voltado para questões nacionais, operando sínteses e interpretações sobre como os estudos/ativismos *queer* podem ser ressignificados a partir da problematização do conceito de performatividade de gênero de Butler (2003; 1999). A proposta apresentada pelos autores não parece ser, na minha visão, um desvio ou uma simples aplicação do que Colling (2015b) já havia dito sobre a potência política das performances dos/as ativistas *queer* chilenos, argentinos e da península ibérica, mas uma interpretação original da performance de gays fechativos ou afeminados em Salvador/Bahia.

Após resumir e analisar as críticas que alguns autores, como Paul B. Preciado, realizaram contra as teorizações de Butler e também expor algumas das tentativas da filósofa estadunidense de explicar que a sua proposta não diz respeito a uma perspectiva voluntarista do gênero e nem que gênero é conceito meramente abstrato, visto que para debater a materialidade dos corpos é preciso abordar os ideais regulatórios que dão sentido a esses corpos no mundo, os autores citam os trabalhos anteriores de Murilo Arruda

¹⁶⁸ O Transfeminismo será abordado com mais afinco no próximo tópico.

(2017) e Murilo Nonato (2017) para problematizarem as normas e as subversões de gênero de pessoas gays que performaticamente são fechativas.

Para Colling, Arruda e Nonato (2019), as gays fechativas são pessoas que performam o feminino de maneira intensa no seu cotidiano e estão mais sujeitas ao constrangimento, aos olhares moralizantes e a expressões que me fazem lembrar de comentários homofóbicos do tipo: “pode até ser gay, mas acho que não precisa se ‘amostrar’”. No entanto, segundo os autores, as gays fechativas têm um poder de manipular seus próprios graus de feminilidade a ser encenada dependendo dos ambientes e contextos nos quais estão inseridas, quando precisam encarnar o que as colaboradoras de Arruda e Nonato chamaram de uma versão mais “durinha” das suas performances de gênero, isto é, abrem mão de algumas camadas paródicas de feminilidade para não serem constrangidas ou desqualificadas no ambiente de trabalho, ou violentadas no contexto familiar, ou até mesmo agredidas em diferentes espaços públicos. O que os autores apresentam, então, parece ser o embaralhamento daquilo que Butler dedicou tantos anos e textos para responder, a diferença entre performance e performatividade. A gay fechativa mistura tudo de novo, e por isso Colling, Arruda e Nonato (2019) sugerem a proposta de uma teoria da perfechatividade de gênero, que pode ser apreendida nas palavras dos autores da seguinte maneira:

Ao propor a noção de perfechatividade, ao invés de justapor os termos performance e performatividade, borrando as fronteiras entre dois conceitos, preferimos injetar a noção de fechação no núcleo da performatividade. Dessa forma, a perfechatividade pretende superar os limites conceituais de uma terminologia que não auxilia a compreender a experiência das bichas afeminadas e fechativas que, como vimos, em situações limites, apropriam-se voluntariamente de seus movimentos corporais, acentuando ou diluindo expressividades anexadas pelo transcurso temporal e espacial de repetições performativas de gênero. Talvez essa seja a razão principal de propormos a noção de perfechatividade e não somente fechação. A fechação pura e simples remete a uma ação voluntária momentânea, que tem o intuito de “causar”, de “lacrar”, de exagerar. Já a performatividade de gênero, como vimos, tem como princípio a repetição, ou melhor, a persistência de uma repetição que, ao final, se naturaliza nos corpos. A perfechatividade quer olhar para o que fica entre esses dois extremos: a fechação que existe na performatividade e a performatividade que existe na fechação (COLLING; ARRUDA; NONATO; 2019, p. 30-31).

A perfechatividade de gênero enquanto problemática conceitual parece ser mais uma forma de antropofagiar a teoria *queer*. Parafraseando os autores, a proposta da perfechatividade seria como um encontro entre uma gay fechativa brasileira e Judith Butler,

que ao encontrar a autora *queer* tão prestigiada globalmente, inicia um ritual de cumprimento quase que teatral em que encena expressões de dor; alegria; medo; rodopia, chama Butler para dançar e finaliza a abraçando com uma interpelação: “vinhaaadooo”!¹⁶⁹. Esses encontros realizados imaginativamente são interessantes para ilustrar como uma teórica ou um conceito pode ser afetado, torcido, rompido, pirateado, ressignificado para colocar em evidência questões pontuais e gerais sobre a pluralidade das vivências das dissidências sexuais e de gênero em contextos diversos dos grandes centros hegemônicos da produção do conhecimento acadêmico.

5.6 - Sobre o Transfeminismo e as guerrilheiras do pensamento

Nos últimos anos, o transfeminismo tem aparecido em produções acadêmicas, rodas de conversas, discussões em redes sociais¹⁷⁰, blogs na internet¹⁷¹ e em eventos¹⁷² que reúnem acadêmicos/as e militantes de causas em prol da população trans*¹⁷³ como um tema emergente, porém, já visto como indispensável para ser debatido nos estudos de gênero e sexualidade, no movimento LGBT*QI e na pauta feminista brasileira.

¹⁶⁹ A citação original refere-se à descrição de um encontro entre duas gays fechativas presenciada por um dos autores: “Nonato (2017) narra que Andreas chegou ao local do primeiro encontro uma hora atrasado, apressado, pedindo desculpas e culpando o complicado trânsito de final de tarde em Salvador. Antes mesmo de terminar seu pedido de desculpas, avistou um amigx e, de repente, se levantou. Ambos pararam a alguns metros de distância um do outro por alguns segundos para, logo depois, iniciarem um ritual quase que teatral em que reproduziam expressões de dor; alegria; medo; rodopiavam e dançavam para finalizar se abraçando com uma interpelação: “vinhaaadooo”!” (COLLING, ARRUDA; NONATO; 2019, p. 28-28).

¹⁷⁰ Na rede social *Facebook* existe uma página intitulada “Transfeminismo”, onde são postadas matérias, vídeos, campanhas, etc., relacionadas às pessoas trans*. Disponível em: < <https://www.facebook.com/Transfem/> > Acesso em: 16 jan. 2018.

¹⁷¹ O blog “Transfeminismo” é uma referência na internet na discussão sobre temas e pautas de interesse à população trans*. Disponível em: < <https://transfeminismo.com/> > Acesso em 16 jan. 2018.

¹⁷² Um exemplo da discussão do transfeminismo em eventos universitários foi o tema do I Seminário Internacional Desfazendo Gênero, realizado em Natal, em 2013: “Subjetividade, Cidadania e Transfeminismo.

¹⁷³ No blog “*Transfeminismo*” o uso do asterisco no termo trans é explicado e defendido da seguinte maneira: “O termo trans pode ser a abreviação de várias palavras que expressam diferentes identidades, como transexual ou transgênero, ou até mesmo travesti. Por isso, para evitar classificações que correm o risco de serem excludentes o asterisco é adicionado ao final da palavra transformando o termo trans em um termo guarda-chuva [umbrella term] – um termo englobador que estaria incluindo qualquer identidade trans “embaixo do guarda-chuva”. O uso do asterisco como um termo englobador, a meu ver, é menos estigmatizador e mais fluido, de modo que elimina classificações excludentes e abre também a possibilidade da pessoa se identificar como quiser. É importante ressaltar que a identidade é soberana e as pessoas trans* tem a palavra final quanto a sua própria identificação”. Disponível em: <<https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/>> acesso em 16 jan. 2018.

Em vista disso, durante o processo de pesquisa da tese algumas questões afluíram como intrigantes ao mesmo tempo em que são motivadoras, por exemplo: o transfeminismo pode ser entendido como um desdobramento dos estudos *queer*? Quais são os pontos em que os estudos *queer* e o transfeminismo convergem e/ou divergem? A obra de Judith Butler importa para o transfeminismo? Tentei me lançar em buscas de respostas a partir de algumas pistas e rastros de pensadoras transfeministas no contexto brasileiro, como por exemplo: viviane v. (2015)¹⁷⁴, Jacqueline Gomes de Jesus (2012; 2014); Hailey Kaas (2015) e Thiago Coacci (2014; 2018); além de textos publicados no blog “Transfeminismo”.

Jacqueline Gomes de Jesus define o transfeminismo como sendo:

Também denominado feminismo transgênero. Linha de pensamento e movimento de cunho feminista que reconhece o direito à autodeterminação das identidades de gênero das pessoas transgênero e cisgênero, o poder exclusivo dos indivíduos sobre os seus próprios corpos e a interseção entre as variadas identificações dos sujeitos.

Por meio do pensamento transfeminista se entende que o gênero é uma categoria distinta da de sexo, e mais importante do que esta para se compreender os corpos e as relações sociais entre homens e mulheres. A prática do transfeminismo com relação à mulheres, em particular, corresponde à constatação de que a liberação das mulheres trans está intrinsecamente ligada à liberação de todas as mulheres (JESUS, 2012. p. 31).

Nesse sentido, podemos vislumbrar alguns pontos em comum abordados por Butler (2003) em “*Problemas de Gênero*”, como a reflexão inicial que a autora faz para pensar a questão da representação das mulheres como sujeitos do feminismo – tema já tratado no primeiro capítulo da tese – onde a filósofa propõe a não vinculação do sexo como uma essência biológica entendida como destino, ou seja, o corpo como entidade fixa e receptáculo à construção de gênero que somente adquire inteligibilidade social se está de acordo com as normas de gênero hegemônicas baseadas na matriz heterossexual. O transfeminismo parece ser, portanto, um exercício teórico posto em ação, que tem como principal alvo o debate sobre a ampliação do conceito de mulher e a inclusão das pessoas trans* nas pautas e lutas feministas.

Thiago Coacci (2014) apresenta um mapeamento sobre a corrente transfeminista no Brasil. O autor aponta que foi no 10º Encontro Feminista Latino-americano e do Caribe

¹⁷⁴ viviane v. refere-se a Viviane Vergueiro Simakawa e será citada na grafia em minúsculo por ser uma reivindicação da própria autora.

(10º EFLAC), ocorrido entre os dias 09 e 12 de outubro de 2005 no Brasil, em Serra Negra (SP), que a participação de transexuais e travestis em eventos feministas foi debatida, oficialmente, pela primeira vez por meio de uma votação na plenária final do encontro que elegeu o México como sede do 11º EFLAC e a transexualidade e lesbianidade como tema central do evento. Entretanto, Coacci (2014) assinala que a aceitação das transexuais e travestis como sujeitos do feminismo ainda não é total e que algumas discussões sobre o tema marcaram encontros posteriores da rede feminista, como no VI Seminário Nacional de Lésbicas (SENALE) que a militante transexual Bárbara Graner foi convidada para falar em uma mesa-redonda, mas impedida de permanecer no restante do evento.

Coacci (2014) também expõe um rastreamento de publicações teóricas que viabilizaram a introdução do transfeminismo na América Latina como proposta teórico-política dentro do movimento feminista.

O termo transfeminismo ganhou visibilidade nos países de língua espanhola e portuguesa inicialmente a partir de Kim Perez Fígares, com seu texto de 2004 “*¿Mujer o Trans? La inserción de las transexuales en el movimiento feminista*”, e após com a filósofa e ativista queer Beatriz Preciado que em 2009 publicou o texto *Transfeminismo y Micropolíticas Del género en la era farmacopornográfica*. Mas é a partir do final daquele ano, por meio do manifesto da Rede *PutabolloNegraTransFeminista* produzido na Jornadas Feministas Estatais do Estado Espanhol, ocorrida em Granada, que o termo ganha maior notoriedade, sendo possível encontrar cópias desse manifesto em diversas páginas da internet e em diversas línguas, inclusive o português. Desde 2011 há no Brasil um coletivo que se auto intitula Transfeminismo, esse coletivo mantém a página já mencionada e um grupo de discussões no Facebook que serve como um misto de espaço de sociabilidade e solidariedade e também como um espaço de autoformação e discussão sobre pautas transfeministas. viviane v. é uma das moderadoras da comunidade e contribui para postagens no blog, juntamente com Hailey Alves e outrxs, além de manter um blog, no qual posta experiências pessoais, resenhas de textos acadêmicos e algumas discussões transfeministas (COACCI, 2014, p. 151).

O transfeminismo como proposta teórico-política sugere revelar um movimento de disputa da noção do que é ser mulher com uma corrente do feminismo, denominado por algumas transfeministas como feminismo radical trans-excludente¹⁷⁵, que se prende a uma perspectiva bioessencialista do sexo, como aponta Haley Kaas (2015):

Dessa forma, havia e ainda há uma disputa pelo conceito de mulher – ou melhor, pelo conceito de “ser mulher”. As teorias bioessencialistas

¹⁷⁵ Ver < <https://transfeminismo.com/tag/feminismo-radical-trans-excludente/> > acesso em 16 jan.2018.

designam a biologia como o destino, ou seja, que uma pessoa que “nascesse como mulher ou homem” não poderia mudar seu destino biológico e seria para sempre como tal, mesmo que lançasse mão de alterações corporais/sociais posteriores. Esse pensamento coloca as pessoas trans* como imitações baratas dos “gêneros reais”, ou seja, das pessoas não trans*, chamadas aqui de cisgêneras. Nesse sentido, o transfeminismo bebeu bastante da teoria queer, especificamente de Butler com sua teoria da performatividade, que foi muito útil para desconstruir certas ideias deterministas. Para Butler, somos todxs cópias de cópias de cópias, não havendo gênero/sexo “real” – porque o comportamento cria o gênero. É importante ressaltar aqui, que os termos sexo e gênero são usados como sinônimos, ainda segundo a ideia de Butler de que o sexo não pode ser tomado como uma categoria pré-discursiva; ou seja, ele não pode ser considerado uma verdade que antecede a linguagem, pois é a própria linguagem que cria a noção de sexo. Por isso, não se deve tomar o sexo como uma categoria mais ou menos verdadeira do que o gênero ou mais ou menos socialmente construída do que o gênero, pois decorre que sexo sempre foi o gênero desde o início (BUTLER, 2003). (KAAS, 2015, s/n).

Além de evidenciar a influência das considerações de Butler (2003) na elaboração da proposta transfeminista, Kaas (2015) argumenta que o transfeminismo se volta para a denúncia do cissexismo, que nas palavras da autora pode ser entendido como uma forma de opressão que as pessoas não-trans (ou cisgêneras) exercem sobre as pessoas trans* ao deslocar as experiências das pessoas trans* para o espaço da abjeção, da não-humanidade, do não reconhecimento social como vidas viáveis. Nesse sentido, Kaas (2015) aponta que toda forma perceptível de deslegitimação das experiências das pessoas trans* pode ser apreendida como efeito do cissexismo como uma norma. Algo que Viviane v. (2015) também resalta ao problematizar as noções de “cistema”, “cisnormatividade”, “cisgeneridade” como categorias analíticas para pensar a diversidade das expressões de sexualidades e gênero.

Outra guerrilheira do pensamento que estudou, dentre outras coisas, o “cistema” é Sara Wagner York (2020) que costuma se apresentar como sendo professora, travesti, pai, avó e pesquisadora, e defendeu uma dissertação intitulada: “TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os "cistemas" de Pós-Graduação”, no Programa de Pós-graduação em Educação da UERJ. No texto, a autora além de mapear a produção de cotas para pessoas nas instituições de ensino superior do Brasil e problematizar a ocupação das vidas trans no espaço educacional¹⁷⁶ apresenta algumas propostas

¹⁷⁶ Emilly Mel Fernandes (2019) escreveu uma dissertação de mestrado com tema semelhante: “(Trans)passando os muros do preconceito e adentrando a universidade: uma análise das políticas para pessoas trans* dentro das instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Norte”, defendida no Programa de Pós-graduação de Psicologia da UFRN. A autora também parte do conceito de “cistema” para

conceituais para refletir sobre o sistema cisheteronormativo. Escolhi duas noções oferecidas por York (2020) em seu trabalho: *prolepCis* e *paralaxe trans*.

ProlepCis, de acordo com a autora diz respeito a uma série de atitudes e estratégias tomadas conscientemente ou não para existir no mundo dentro dos padrões heteronormativos.

Então, percebo em *prolepCIS*, uma trans ou travesti, que tem sua vida inteira por exemplo, performando um homem cis-hétero ou cis-gay para sentir-se pertencente (consciente ou não) aos aspectos que lhe afastem de possível demérito, vergonha ou ônus.

[...] Quanto mais exposto socialmente e lido dentro das coordenadas e normas cisgêneras do mundo, maior será o poder de acesso aos vários campos sociais; quanto mais exposto enquanto marca identitária de cunho gendrado, menos acesso aos poços do cis-mundo. Estar em *prolepCIS*, significa estar aderido à identidade estabelecida pela cisnorma, não é passar por, mas fazer uso de (YORK, 2020, p. 45).

Já o conceito de *paralaxe trans* parece ter sido a opção criativa que York (2020) encontrou para visibilizar o campo de trajetórias e de lutas na memória coletiva dos grupos sociais unidos por demandas de representatividade, como é o caso da população trans* brasileira.

Paralaxe trans denota as fronteiras da representatividade e da exclusão. A indexabilidade aponta que o sentido de uma ação ou expressão que só pode ser apreendido a partir do seu contexto além da ótica da utilização. Desta forma, o que é visto por um prisma como representação para um grupo, pode não fazer qualquer sentido ao ser visto por outro grupo, ainda que de mesmo teor ou recorrência. Assim, explica-se que alguns corpos não sofrerão a dura exclusão, em razão dos primeiros ativistas nesta linha de frente. Falávamos em Claudia Wonder nos anos 1980, enquanto, hoje, a memória trans nacional é revista e apresenta a longínqua, e tão contemporânea, Xica Manicongo, ao lado do corpo que sofre outras demandas (até) dizimatórias quando questões de classe e raça são acionadas. Xica Manicongo, natural do Congo e escravizada, registrada oficialmente como Francisco, ficou conhecida atualmente como a primeira travesti da História do Brasil, considerando os registros de sua existência, derivados os arquivos da Primeira Visitação da Inquisição. Xica, segundo JESUS (2019), é responsável pela construção de memória coletiva, tendo seu papel relevante na protagonização de identidades grupais, particularmente daquelas identificadas no âmbito

analisar as políticas de acesso e permanência de pessoas trans na Universidade. A autora argumenta que as pessoas trans apresentam demandas diferenciadas de ordem corpórea, material, financeira e psicológica, e que as instituições públicas de ensino superior no país ainda não conseguem oferecer soluções capazes de resolver as consequências desse “cistema” moralizante e agressivo no âmbito acadêmico da vida das pessoas trans, apesar de também reconhecer que nos últimos anos tem se percebido um avanço significativo na formulação e execução de políticas inclusivas.

das identidades de gênero trans, tendo em vista sua apropriação simbólica e ressignificação na contemporaneidade (YORK, 2020, p. 46).

Nesse sentido, a noção de paralaxe trans apresentada por York (2020) parece indicar uma valorização da memória enquanto arcabouço político de representação capaz de contribuir para a construção de espaços de fala e reconhecimento de conquistas alcançadas por lutas anteriores. A autora exemplifica:

Deste modo, e sempre a partir de uma cena, quando uma travesti/trans sofre transfobia em um shopping center e, no dia seguinte, lhe é dado espaço televisivo, mesmo sem conhecer histórias pregressas de militantes e ativistas que lhe precederam, mas tem a oportunidade de falar em nome de uma classe cuja história é marcada com sangue, este privilégio é uma paralaxe trans (YORK, 2020, p. 47).

Motivado por essas considerações da autora, resolvi entrar em contato por meio das *Correspondências queer* para buscar respostas e opiniões sobre o avanço dos estudos *queer* no Brasil nas últimas décadas¹⁷⁷. Indaguei a Sara York qual era sua percepção sobre as maiores diferenças entre a relação academia/universidade e pessoas/ativistas/movimento trans desde a década de 1990 quando os estudos *queer* começaram a ser introduzidos no Brasil e o nosso contexto atual?

Qual que é a maior diferença que eu percebo? Eu acho que é a possibilidade do diálogo menos vertical. Eu acho que existe um diálogo mais horizontalizado que consegue ouvir um pouco melhor os movimentos sociais dado à interação que acontece de políticas públicas educacionais, sobretudo, na emergência dos anos 2000 com as cotas para população preta. Naquele momento, a UERJ, sobretudo, aqui no Rio de Janeiro, ela possibilita que outras formas de contar as mesmas histórias, mas a partir de outras narrativas modificam essas estruturas que até então eram excludentes, né? Nós temos na década de 90 a emergência dos estudos *queer*, mas nós temos também o início de uma produção que talvez fosse uma produção de conferências dentro do campo dos direitos humanos que vão fomentar algumas possibilidades vivenciadas ainda hoje trinta anos depois (YORK, 2020)¹⁷⁸.

Ao apontar que na década de 1990 a universidade e o movimento trans estavam distantes e mantinham um diálogo verticalizado, a fala de Sara York trouxe a recordação

¹⁷⁷ Sara York enviou sua resposta por mensagem de áudio via *Whatsapp* devido a problemas de saúde.

¹⁷⁸ Trecho da transcrição da mensagem de áudio enviada por Sara York no dia 29 de setembro de 2020.

das pesquisas clássicas no campo de gênero e sexualidades no Brasil na referida década, como os trabalhos de Hélio R. S. Silva (1993) e Don Kulick (2008)¹⁷⁹, por exemplo.

Resolvi então escrever também para Keila Simpson¹⁸⁰, a principal colaboradora de pesquisa de Don Kulick na década de 1990 e atualmente importante liderança do movimento trans brasileiro.

Para Keila Simpson perguntei algo parecido: “O que você percebeu como maiores diferenças entre a relação academia/universidade e pessoas/movimento trans desde a época que Don Kulick dedicou o livro dele para você e o nosso contexto atual?”. Keila fez uma série de observações interessantes para pensar a relação academia/universidade e pessoas trans/movimentos trans.

Tem uma grande mudança do período que o Don esteve aqui, que faz a pesquisa em comparação com agora. Naquele período não tinha essa estrutura de pessoas que tem hoje, esses pesquisadores e pesquisadoras que a academia ganha ao longo desse período são bastantes significativas e completamente novas e inovadoras. Saímos desse processo em que pessoas cis escreviam sobre às vivências trans e entramos no processo em que as pessoas trans estão escrevendo, estão produzindo, estão produzindo e muito bem agora para a academia.

[...] Também no período que o Don esteve aqui, se você observar na parte inicial do livro, ele explica, de fato, que o movimento hoje quando ele vem lançar o livro em 2008, ele reconhece que o movimento trans ganha uma significação especial, o movimento tem uma possibilidade de ampliar as ações, o movimento que quase não existia quando ele aqui esteve toma uma forma importante de organização política, de mobilização. Obviamente que já tínhamos um movimento constituído porque o movimento trans data de 1992, 1993, mas no período da pesquisa do Don aqui em Salvador, esse movimento ainda estava muito embrionário. Então quando ele vem lançar a tradução do livro em 2008, ele já chama a atenção para essa condição de que o movimento está estruturado. É um movimento que tem uma capilaridade importante e ele destacou isso já compreendendo que provavelmente ao ler o livro dele, a tradução e comparar-se com o movimento atual que a gente vivia em 2008, já ia notar uma diferença enorme nesse contexto, imaginemos nós agora em 2020, doze anos depois do lançamento do livro, da edição em português, o que que a gente não acumulou até aqui (SIMPSON, 2020).¹⁸¹

Kulick (2008) descreve Keila Simpson como a “*pessoa mais importante por trás desse livro, a única sem a qual ele nunca teria sido escrito, minha parceira de trabalho, professora e amiga*” (KULICK, 2008, p. 13). Keila, por sua vez, reconhece essa parceria

¹⁷⁹ A pesquisa de Don Kulick foi publicada no Brasil em 2008, mas sua pesquisa de campo em Salvador/BA foi entre 1996 e 1997, e o livro foi publicado originalmente em inglês em 1998.

¹⁸⁰ Keila Simpson também preferiu enviar sua resposta por mensagem de áudio via *Whatsapp*.

¹⁸¹ Trecho da transcrição da mensagem de áudio enviada por Keila Simpson no dia 05 de agosto de 2020.

e lembra de outro trabalho recente em que participou também não como simples informante de pesquisa, mas como autora: o filme *Atentado Violento ao Pudor*, dirigido por Gilson Goulart e pela própria Keila Simpson¹⁸² sobre a história de vida de Keila relacionando com o desenvolvimento do movimento trans brasileiro. A partir disso, Keila Simpson comenta sobre o ato de realizar pesquisas acadêmicas por pessoas trans e a sua visão sobre a relação de aliança com as pessoas cisgêneras.

[...] A gente sai de um processo que não tínhamos nada, que era basicamente todas as coisas que nós sabíamos, ouvíamos ou líamos sobre travestis, mulheres transexuais, pouquíssimo sobre homens trans no Brasil era de alguém que estava escrevendo, essa pessoa era cisgênera, por assim dizer, não era uma pessoa trans. Aí a gente tem uma chegada da população trans na academia, na pesquisa, desenvolvendo teorias que vão trazer então esse debate mais amplo sobre identidade de gênero, sobretudo, nessas coisas que aparecem nesse contexto, é importantíssimo porque aí você tem, de fato, pessoas que são viventes desse processo escrevendo sobre, sem desmerecer e é muito bom deixar isso nítido, sem desmerecer os que já passaram antes e que também já escreveram. O que se reivindica agora não é que trans escreva sobre trans, não é isso. O que se espera dessas produções é que cada vez mais outras pessoas trans almejem esse lugar da pesquisa, almejem o ensino superior, almejem adentrar nessa cadeira de produções acadêmicas para que a gente possa também apresentar para a sociedade brasileira, para o Brasil e para o mundo que essas pessoas, que pessoas trans, que travestis, mulheres transexuais, homens trans também detenham possibilidade de pesquisar, de apresentar, de produzir textos teóricos, pesquisas acadêmicas falando desse seu lugar de fala especial e também observando outras populações, tanto as populações que são iguais a elas como populações diversas, não é dizendo que a população trans que adentra o ensino superior e que vai estar nesse espaço, ela vai ter um expertise enorme sobre a população trans e não vai ter essa mesma expertise sobre outras possibilidades de pesquisa. Eu acredito que é só tirar também esse véu que tem na maioria das pessoas de achar que pessoas trans só sabem falar sobre transexualidades, sobre travestilidades, o que não é verdade, mas é que quando uma pessoa se dedica a pesquisar, e ela está no processo acadêmico, ela também tem *N* possibilidades de pesquisar diversos setores (SIMPSON, 2020)¹⁸³.

De acordo com Simpson, o espaço acadêmico para as pessoas trans é um espaço de resistência, de abertura e de possibilidades. A forma como ela trabalhou com Don Kulick e Gilson Goulart parecem exemplificar formas de estabelecer alianças teóricas e práticas para uma conjunção analítica política e social sobre os modos de vida e existências trans. A própria Keila Simpson em outra passagem da sua correspondência pondera

¹⁸² GOULART, Gilson; SIMPSON, Keila. *Atentado violento ao pudor*. Duração: 90min. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=idrUxKJ5Izi>> acesso em 10 ago. 2020.

¹⁸³ Trecho da transcrição da mensagem de áudio enviada por Keila Simpson em 05 ago. 2020.

sobre a importância da corrente teórica transfeminista em oposição estratégica ao feminismo radical (*Radfem*): “[...] o transfeminismo vem para isso, ele vem exatamente para colocar nessa cadeia de possibilidades a reivindicação das populações trans por esse feminismo, por essa condição mais ampla de você pensar igualdade de gênero”¹⁸⁴.

Com isso, o transfeminismo parece ser, portanto, uma corrente teórica e de luta política que até dialoga com os estudos *queer* e com o pensamento de Butler, mas parece ser, sobretudo, uma maneira constante de guerrilha do pensamento, ou seja, de fazer política ocupando lugares e debates de produção teórica com a intenção de abrir brechas no sistema heteronormativo para que as vivências trans/travestis sejam lidas como inteligíveis e como vidas dignas de serem vividas com pleno exercício da cidadania.

¹⁸⁴ Trecho da transcrição da mensagem de áudio enviada por Keila Simpson no dia 05 de agosto de 2020.

CAPÍTULO V

Butler des-re-territorializada

(Para ler após realizar uma caminhada, uma viagem de avião, uma travessia de ônibus ou um passeio em algum lugar público.)

As duas visitas de Judith Butler ao Brasil – em 2015 e 2017 – serviram também para ampliar o número de livros traduzidos da autora para o português. Diversas matérias jornalísticas circularam no país e o nome de Butler movimentou as redes sociais brasileiras, sobretudo, após a confusão protagonizada na entrada do Sesc/Pompéia por grupos conservadores e religiosos que queimaram a figura de Butler representada como uma bruxa responsabilizando-a pela criação da suposta “ideologia de gênero”, e o episódio que a autora foi agredida por manifestantes no aeroporto de São Paulo quando estava prestes a deixar o país.

Esses atos, como já melhor descritos na introdução, parecem ser profundamente simbólicos por apresentarem uma espécie de disputa por territórios. Territórios políticos, uma vez que o debate foi distorcido pelos grupos conservadores brasileiros em volta do argumento da liberdade contra uma imaginada doutrinação ideológica de gênero direcionada às crianças brasileiras, isto é, a reprodução de expressões do tipo: “*meus filhos, minhas regras*”¹⁸⁵. Manifestações dessa ordem deixaram transparecer que o nome de Butler não estava mais apenas reservado ao espaço acadêmico, mas que vinha sendo interpretado, mesmo que de maneira equivocada, em outras camadas da sociedade civil. Antes, durante e depois do seminário, Butler foi classificada e demonizada como a responsável histórica de um projeto político que tinha como objetivo desconstruir as normas de gênero baseadas na matriz heterossexual.

Bernardo P. Küster, ativista e blogueiro conservador, apontado por um inquérito determinado pelo Ministro do Supremo Tribunal Federal Alexandre de Moraes como integrante de uma rede de disseminação de *fake News* em favor do Presidente da República Federativa do Brasil, Jair Bolsonaro, publicou um vídeo cerca de doze dias antes da visita da autora ao país intitulado: “*#FORABUTLER A criadora da ideologia de gênero vem ao*

¹⁸⁵ Frase estampada em um cartaz no dia da manifestação contra a presença de Judith Butler no Brasil. Para ver mais fotos, consulte: < <https://medium.com/@ummarcelogarcia/ignor%C3%A2ncia-e-inimigos-imagin%C3%A1rios-c15f20686212> > acesso em 30 jul. 2020.

*Brasil*¹⁸⁶. O vídeo teve mais de duzentas mil visualizações e era constituído por um chamamento ao público conservador brasileiro para protestar contra a presença de Butler no país. Küster, ao final do vídeo, chega a afirmar que “[...] *se nós estamos tendo problemas com gênero hoje, com a ideologia nas escolas, nos livros, não é um desenvolvimento espontâneo da sociedade, é por causa de um plano político da senhora Judith Butler*”. Além de ser uma falácia com o intuito de manipular a população conservadora brasileira, o conteúdo do vídeo parece supervalorizar a contribuição de Butler para os estudos de gênero e sexualidades, creditando somente a ela a gênese da discussão subversiva da identidade nas pautas feministas.

Dois dias depois da publicação de Küster, Filipe G. Martins publicou o texto: “*Caso Judith Butler: a prova de que Bolsonaro faz mais pela liberdade do que você*”¹⁸⁷, onde descrevia Butler “*como uma das mentes por trás da ideologia de gênero e uma das responsáveis maiores pelo genocídio cultural do Ocidente*”¹⁸⁸. Martins na época era um analista político ligado ao ideólogo Olavo de Carvalho, mas na presidência de Jair Bolsonaro passa a ocupar o cargo de assessor chefe da Assessoria de Assuntos Internacionais do governo. O tom do seu texto é também de uma suposta defesa da liberdade contra o que ele entende ser uma guerra assimétrica protagonizada pela agenda política da esquerda ocidental. Os dois exemplos, de Küster e Martins, reforçam o argumento que “[...] *No Brasil de nossos dias, a democracia está ameaçada pelo poder de uma interpretação da realidade que opera por meio da criação de inimigos* (MISKOLCI; PEREIRA, 2018, p. 02). Com isso, Butler, até então recebida como pensadora influente, filósofa feminista, teórica *queer* e defensora dos direitos humanos, passa a ser interpretada como uma inimiga do Brasil, tendo seu próprio corpo agredido em um aeroporto, lugar simbólico de chegadas e partidas a tantos territórios.

Portanto, este capítulo é constituído de questões-problemas, que assim como Butler adota na maioria dos seus livros, essa parte opta por um tom provocativo. As questões são aqui entendidas como supostamente capazes de visualizar diferentes caminhos além da linha do horizonte previamente delimitada. Para fins explicativos e de justificativa do texto, inicialmente será realizada uma análise do caráter nômade da obra de Butler e dos estudos *queer*. Na sequência será oferecida uma discussão sobre as traduções das obras

¹⁸⁶ Disponível em: < https://www.youtube.com/watch?v=71348rFI7_o&feature=emb_title > acesso em 30 jul. 2020.

¹⁸⁷ Disponível em: < <https://sensoincomum.org/2017/10/28/judith-butler-bolsonaro-liberdade/> > acesso em 30 jul. 2020.

¹⁸⁸ *Idem*.

de Butler, e após o capítulo, no excurso, os efeitos da pandemia de coronavírus no Brasil serão contextualmente analisados à luz da obra da autora com o intuito de demonstrar uma breve sugestão de aplicação de suas reflexões teóricas.

6.1 - Territórios de reconhecimento

Diante disso, parece ser importante frisar que essa tese é sobre territórios, isto é, a explanação de uma geografia do pensamento *queer* no Brasil. Nesse sentido, Deleuze, Guattari e Suely Rolnik são alguns pensadores que permanecem como aportes teóricos de análise, já que em suas obras abordaram o território e os processos de subjetivação como chaves de interpretação da realidade.

O território é sinônimo de apropriação, de subjetivação fechada sobre si mesma. Ele é o conjunto dos projetos e das representações nos quais vai desembocar, pragmaticamente, toda uma série de comportamentos, de investimentos, nos tempos e nos espaços sociais, culturais, estéticos, cognitivos. (GUATTARI & ROLNIK, 1996, p. 323).

A própria Judith Butler¹⁸⁹ afirma habitar muitos territórios: mulher, lésbica, judia, americana, cidadã, filósofa. Em sua concepção não há somente uma identidade, mas sim a operação de viagens entre uma identidade e outra. Durante sua carreira, essa opinião parece ter se concretizado em suas obras. Butler escreveu uma tese de doutorado na década de 1980 sobre a recepção do pensamento de Friedrich Hegel na filosofia francesa, no que diz respeito à dialética do senhor e do escravo em *A Fenomenologia do Espírito*. Na primeira metade da década de 1990, a sua crítica volta-se para as teorias feministas, as questões de gênero e a temática *queer*, com a publicação de *Gender Trouble* (1990), *Bodies that matter* (1993) e *Contingent Foundations* (1995). Na segunda metade da década, quando publicou *Excitable speech* (1997), *The psychic life of power* (1997b) e *Antigone's claim kinship between life and death* (2000) abordou temas da filosofia política e ética através de um ponto de vista analítico da teoria da performatividade, o que continuou a fazer nos anos seguintes à virada do milênio com *Precarious life* (2004b), *Undoing*

¹⁸⁹ ZADJERMANN, Paule. *Judith Butler, Filósofa en todo Género*. Arte France, 2006. Duração: 52min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KkB8O7-jGoM&feature=youtu.be> > acesso em 31 jul. 2020.

gender (2004), *Giving an account of oneself* (2005), *Who sings the nation-state?* (2007)¹⁹⁰, *Frames of war: When is life grievable?* (2009), isto é, apesar de ser um comentário aparentemente reducionista, a explicitação de que a autora não se importa muito com filiações teóricas nem com apegos temáticos, e o que parece ser uma constante em seus escritos é o desdobramento da noção de Hegel de que todo desejo é desejo por reconhecimento.

No primeiro e último capítulo de *Gender trouble*, Butler (1990) tensiona fortemente a ideia de representação, subvertendo e introduzindo novos problemas temáticos na lógica do reconhecimento, como por exemplo, a noção de inteligibilidade de gênero. E é isso que ela continua a fazer em *Bodies that matter* (1993) quando aprofunda o conceito de abjeção. Ou em *Precarious life* (2004B) e *Undoing Gender* (2004), ao evidenciar os limites do reconhecimento de corpos e vidas vulneráveis que demandam reconhecimento como sujeitos que precisam ter a sua humanidade e cidadania garantidas, como são os casos das pessoas intersexos e dos detentos indefinidos de Guantánamo.

Butler continua a problematizar a questão do reconhecimento nos seus escritos mais recentes, como em *Frames of war: When is life grievable?* (2009). Segundo a autora, uma vida para ser chorada e enlutada precisa ser reconhecida enquanto vida, e parece ser a partir disso que ela elabora a sua crítica em diferentes textos sobre os inimigos de guerra americanos e sobre a condição dos palestinos em decorrência da atividade colonial do Estado de Israel, como é possível perceber em sua obra *Parting ways: Jewishness and the critique of Zionism* (2012). Nos seus últimos livros, por exemplo, *Notes toward a performative theory of assembly* (2015d) e *The force of nonviolence* (2020), Butler alcança uma noção de representação corpórea plural e performativa através da formação de alianças em diferentes espaços: nas ruas, numa praça ocupada, em ambientes virtuais *online*, etc., que indicam ter como foco a reclamação e transformação política democrática pela via da luta por garantia e efetividade de direitos que possibilitem a viabilidade da vida dos corpos e sujeitos pertencentes às minorias historicamente oprimidas, como a população preta, mulheres, LGBTQI+, indígenas, refugiados/as e pobres, ou seja, sujeitos que demandam habitar territórios de reconhecimento.

Para Deleuze & Guattari (1997), o livro pode ser entendido como território. Nesse caso, pode ser possível tomar como exemplo as obras de Butler e os estudos *queer* como territórios que foram agenciados nos últimos anos no Brasil, ou seja, *Problemas de gênero*

¹⁹⁰ BUTLER; SPIVAK (2007).

(2003) e os estudos *queer* enquanto agenciamentos – que por definição são territoriais de acordo com Deleuze & Guattari (1997) – foram operados, transportados, transformados, ressignificados. Talvez possa ser dito que as ideias de Butler e o insulto contido na expressão *queer* no contexto norte-americano chegaram até ao Brasil através do procedimento da desterritorialização, “o movimento pelo qual “se abandona o território. É a operação da linha de fuga” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p 224). Segundo os autores, o território é tensionado para se desterritorializar por distintos problemas ou fatores que surgem na trajetória da experiência. *Gender Trouble* foi lido e interpretado a partir da década de 1990 como uma linha de fuga entre uma corrente feminista ainda marcada pelo essencialismo corporal de gênero e os estudos gays e lésbicos que não abrangiam a pluralidade das experiências identitárias dissidentes da norma heterossexual; ao mesmo tempo que a obra foi lançada e introduzida em territórios estrangeiros – que pouco compreendiam o que significava o *queer* – como o livro fundamental para entender a própria teoria *queer*. Esse aspecto, inclusive, serve para reforçar o apelo colonizador do pensamento que o *queer* exerceu no Brasil. Em outro momento, Guattari e Rolnik (1996, p. 323) explicam que “o território pode se desterritorializar, isto é, abrir-se, engajar-se em linhas de fuga e até sair de seu curso e se destruir”. É quase certo que a teoria *queer* tenha sofrido uma abertura, em relação à forma como foi concebida originalmente devido aos encontros que a viabilizaram em contextos fora dos Estados Unidos, mas depois de trinta anos de atuação, devoração e críticas pelo mundo, será que já não chegou a hora da teoria *queer* se autodestruir?

Pode-se encontrar diferentes exemplos da amplitude geográfica dos estudos *queer* como são os casos da *Queer African Reader*¹⁹¹, *Europe Queer*¹⁹² e ‘*Queer*’ *Ásia*¹⁹³, redes de ativistas, estudiosos/as, acadêmicos/as, performers e/ou artistas que mobilizam de alguma maneira a perspectiva *queer* em seus continentes. Parece ser comum em todas esses arranjos o interesse em problematizar contextualmente o *queer*, isto é, não o aceitar como uma espécie de teoria industrial encaixante de dissidências sexuais e de gênero locais de cada região, mas como uma força produtiva capaz de levantar questões, além da demanda gay e lésbica, nas lutas feministas, na agenda pública e na reivindicação por garantia dos direitos humanos das minorias sexuais e de gênero. A inserção e ressignificação da teoria *queer* nesses territórios estrangeiros talvez tenha permitido o encontro de maneira não-

¹⁹¹ REA; PARADIS; AMANCIO (orgs.), 2018.

¹⁹² Disponível em: < <https://www.queereurope.com/> > acesso em 05 ago. 2020.

¹⁹³ Disponível em: < <https://queerasia.com/> > acesso em 05 ago. 2020.

hierárquica e, portanto, bastante efetiva do corpo abjeto reconhecido como *queer*, ou seja, que está nas fronteiras ou além dos limites da inteligibilidade de gênero com o corpo negro africano e o corpo asiático, por exemplo, que são atravessados por outras marcas: de classe, religiosas, territoriais, etc. Possibilitando assim, tanto uma mudança daquilo que se pode compreender como sendo teoria *queer* quanto uma transformação nas tensões sociais locais derivadas de novas produções filosóficas capazes de dar um sentido para o *queer* nesses outros territórios.

Foram traduzidos e publicados no Brasil livros de Butler (2015, 2015b, 2017) que apresentam ideias que escapam do marcador de gênero e alcançam a política, a ética, a vida e o sujeito. Ela continuou a ser lida e consumida vorazmente em nosso território, possibilitando, inclusive, a dilatação temática de problemáticas em pesquisas dos estudos *queer* brasileiros que se baseiam em sua obra. Por isso, Butler parece ser uma autora que se movimenta e o Brasil, por outro lado, em algumas ocasiões aparenta estar situado distante na tarefa de acompanhar sua obra, uma vez que parte dos livros de Butler só foram traduzidos para o português décadas após a publicação original, como é o caso, por exemplo, de “*A vida psíquica do poder: teorias da sujeição*”, publicado originalmente em 1997 no Estados Unidos e no Brasil somente em 2017¹⁹⁴. Possivelmente, não compreendemos Butler do mesmo modo dos/as leitores/as estadunidenses/as porque não lemos a mesma Butler, afinal não se pode afirmar que todos que se interessam pelo pensamento da autora leram os seus livros no original em inglês. Não que isso seja negativo, os movimentos e significados importados é que são diferentes porque o referencial temporal é outro.

Com isso, retomando Deleuze & Guattari (1997), vale lembrar que segundo os autores, a desterritorialização pode ser recoberta com a reterritorialização, “*a reterritorialização pode ser feita sobre um ser, sobre um objeto, sobre um livro, sobre um aparelho ou sistema...*” (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 224). Assim, as questões principais deste ponto talvez sejam: as propostas teórico-conceituais de Butler foram reterritorializados no Brasil? E esse mesmo movimento também ocorreu com os estudos *queer* no país?

¹⁹⁴ Consultar a análise de Carla Rodrigues (2019) sobre o espaço temporal das publicações no original e as traduções em português.

6.2 - O *queer* nômade

Possivelmente o *queer* tenha assumido uma movimentação nômade em sua forma de transitar pelo mundo devido a um anseio antropofágicos, como já foi dito anteriormente, dos territórios estrangeiros (fora dos Estados Unidos e Europa) em encontrar sentido e dar significado teórico-político as variadas experiências de gênero e sexualidades em seus contextos locais, e a consequente característica que o *queer* pareceu introjetar: estar sempre de passagem. Ou seja, o *queer* é oriundo dos Estados Unidos e lá ele tem um significado específico. Ao sair de seu território, no entanto, o *queer* assemelha-se a um produto importado, mas não bem embalado. Ao longo dos últimos anos, ele sofreu alterações no momento de sua travessia, recepção e distribuição em território estrangeiro, e pode ainda estar envolvido em constante exercício de interpretação, contestação e tentativas de ressignificação. Assim, o *queer* parece ser nômade, no sentido ofertado por Deleuze & Guattari:

O nômade não é de modo algum o migrante, pois o migrante vai principalmente de um ponto a outro, ainda que este outro ponto seja incerto, imprevisto ou mal localizado. Mas o nômade só vai de um ponto a outro por consequência e necessidade de fato; em princípio, os pontos são para ele alternâncias num trajeto (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 51).

Provavelmente, com isso, surja a pergunta: “mas a teoria *queer* não migrou para o Brasil e aqui se reterritorializou?”. A resposta talvez possa ser “sim” e “não”. A teoria *queer* transitou para o Brasil, mas aqui encontrou resistências e amparos. Parece ter sido também agente motora de subversão, ao mesmo tempo que se submeteu às interpretações e propostas de novos/as leitores/as e ativistas. Porém, a teoria *queer* continuou caminhando, isto é, não se apegando a nenhum território a tal ponto de ser possível realizar uma crítica *queer* latino-americana aos estudos *queer* estadunidenses usando como referência os escritos *queer* africanos, por exemplo. O *queer* não pertence mais aos Estados Unidos porque aparenta ser um nômade.

É nesse sentido que o nômade não tem pontos, trajetos, nem terra, embora evidentemente ele os tenha. Se o nômade pode ser chamado de o Desterritorializado por excelência, é justamente porque a reterritorialização não se faz *depois*, como no migrante, nem em *outra coisa*, como no sedentário (com efeito, a relação do sedentário com a terra está mediada por outra coisa, regime de propriedade, aparelho de Estado...).

Para o nômade, ao contrário, é desterritorialização que constitui sua relação com a terra, por isso ele se reterritorializa na própria desterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1997, p. 53)¹⁹⁵.

Os estudos *queer* brasileiros compartilham os mesmos marcadores de significantes, de experiências de vida, de processos de subjetivação com a teoria *queer* estadunidense? A resposta mais prudente parece ser um não, mas as duas correntes teóricas não se entendem e são entendidas como *queer*?

Devido a essas indagações é que interpreto o *queer* como um saber nômade, um campo desterritorializado, não pertencente naturalmente a parte alguma, mas fazendo rizoma em diferentes partes do mundo. No Brasil parece não ser diferente. A teoria *queer* aqui abrange ao mesmo tempo tanto um espaço de produção e discussão intelectual sobre como pensar e realizar o *queer* dos trópicos (PEREIRA, 2012), por exemplo, quanto um debate sobre as tensões Sul-Sul, ou seja, não somente aquilo que é importado dos EUA e Europa, mas o que se é elaborado e consumido nacionalmente, a exemplo das questões levantadas por autoras transfeministas conforme destacadas no capítulo anterior. O *queer* se permite ser mexido para todos os lados, mas por acaso ou força de vontade prefere não ficar permanentemente imóvel em lugar nenhum. Nesse ponto, o *queer* enquanto embaralhamento teórico-político capaz de gerar ressonâncias na sociedade em geral pode apresentar pitadas características ao capitalismo contemporâneo.

Luc Boltanski e Ève Chiapello (2009) no livro “*O novo espírito do capitalismo*” analisam a forma como o capitalismo incorporou algumas críticas feitas ao próprio sistema capitalista, ao ponderarem sobre a cooptação que o capitalismo realizou sobre a demanda por autenticidade, utilizam como exemplo o caso dos produtos ecológicos que em um primeiro momento são ofertados como operações quase clandestinas de fuga de um sistema opressor, que busca a massificação padronizada das relações sociais e não preocupado com o meio ambiente, mas que em um segundo momento tem as suas críticas capturadas e transformadas em produtos pelo próprio capitalismo através do que os autores chamaram de “mercandização da diferença”. Talvez, inspirado por essas colocações, seja possível afirmar que as discussões sobre identidade de gênero e liberdade sexual posta em prática por diferentes agentes, indivíduos e instituições, foram influenciadas, direta ou indiretamente, pelo arcabouço teórico e conceitual *queer* no Brasil. Esses debates foram movidos no espaço privado e público brasileiro, por exemplo, quando a novela

¹⁹⁵ Grifos dos autores.

“*A força do querer*”, escrita por Glória Perez, foi sucesso de audiência no horário nobre do Brasil em 2017 retratando entre outras coisas, a transição de gênero da personagem Ivana/Ivan¹⁹⁶. Assim como, desde 2017, uma das cantoras mais famosas da cena musical brasileira é a *drag queen* Pablllo Vittar. Alguns exemplos da mercandização da diferença de gênero e sexual são até anteriores temporalmente: um ano antes, em 2016, a C&A, grande loja varejista de roupas já havia lançado em todo Brasil uma coleção sem gênero. Esse mesmo movimento também pôde ser observado em campanha para o dia dos namorados da marca de perfumes *O Boticário* em 2015 com casais heterossexuais e homossexuais.

O *queer* enquanto território parece ser afeito a se desterritorializar e mesmo quando é capturado pelo sistema capitalista torna-se capaz de gerar uma nova crítica sobre os efeitos da mercandização da diferença, como pode ser observado, por exemplo, nos estudos de Marcio Monteiro Dias (2018)¹⁹⁷, Otto Stenke Sinigaglia e Marcelo Ricardo Prata (2020)¹⁹⁸ sobre *Pink Money*, ou seja, apropriação das demandas da população LGBTQI+ para fins comerciais visando o lucro. O *queer* que ainda é visto com estranhamento por quem não está acostumado a aceitar o argumento do “termo sem tradução” parece já ter passado pelo Brasil, assim como faz um nômade, permanecendo por um espaço de tempo, mas sem a intenção de estabelecer morada por uma série de motivos: por considerar o terreno hostil; por tirar da terra ocupada o máximo de proveito e depois partir; e por ter arado tanto o terreno que colaborou para o aparecimento de novas linhagens teóricas e políticas capazes de questionar as suas próprias origens. Muito provavelmente o cerne da hostilidade ao *queer* no Brasil se deu pelos motivos já comentados anteriormente, a crítica pós-colonial e decolonial, o engajamento político de sujeitos e instituições em não apagar identidades localmente dotadas de sentido singular, como as travestis brasileiras que preferem se reconhecer como tais ao invés de adotarem os termos transgêneros ou transexuais, mais comuns no Norte global, e colaborarem para a aplicação de uma postura epistemológica de contestação à colonização do pensamento e das práticas locais. Com isso, o *queer* indica um movimento de constante passagem, mas capaz de causar ruídos, abalos, lutas e resistências em diferentes tipos de solo.

¹⁹⁶ Interpretada pela atriz Carol Duarte, Ivan era uma personagem homem trans gay.

¹⁹⁷ MONTEIRO DIAS, Marcio. *Pink Money e comunicação: análise de narrativas publicitárias e das interações em pontos de vendas no consumo LGBTI na cidade de Belém*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, UFPA, 2019.

¹⁹⁸ SINIGAGLIA, Otto Stenke; PRATA, Marcelo Ricardo. *Das carnes mais baratas: indagações sobre a travestilidade e o Pink Money*. Revista Humanidades em Perspectivas | v. 2, n. 3 | jan/jun – 2020.

6.3 - Traduzindo a travessia

Quando se tem a tarefa de traduzir a obra de uma autora estrangeira, as palavras e o sentido que elas tomam ao serem lidas em outro idioma pode se tornar um obstáculo. Isso parece ter acontecido em obras diferentes de Butler (2009; 2015; 2018) ao serem interpretadas no Brasil. Como sinaliza Alice Gabriel (2020), pensar o ato de “*traduzir*” um texto é também a reflexão sobre a possibilidade de “*trair*” o texto, visto que é muito difícil que uma tradução seja totalmente fiel ao original, pelo fato de algumas palavras não encontrarem significados idênticos quando interpretados em outros idiomas.

É o que aconteceu com a palavra *queer* situada compreensivelmente no contexto estadunidense e tão estranha e de difícil entendimento para os brasileiros. O *queer* era um insulto, que foi agenciado como ferramenta teórico-política de contestação às normas de gênero, que defendia a desidentificação, mas que com o passar dos anos algumas pessoas passaram a se identificarem como *queers*. Entretanto, a crítica decolonial emergente na América Latina, parece ter impulsionado uma mudança de atitude perante conceitos e noções teóricas advindas do Norte global e cada vez mais propostas de tradução ao *queer* surgiram no Brasil e nos países vizinhos, inclusive, como forma de denunciar o espaço subalternizado que latino-americanos/as ocupam na construção e legitimação do saber/poder mundial. Nesse sentido, destaco algumas questões epistemológicas: o *queer* enquanto reivindicação da não-identificação fixa de gênero foi capaz de contribuir para a nossa conscientização identitária enquanto sujeitos colonizados pelo saber euro-estadunidense centrado devido a sua dificuldade em ser traduzido? Podemos entender a dificuldade em traduzir um termo estrangeiro como proposta de colonização do pensamento? O que traduções erradas de termos podem causar para o desenvolvimento de uma teoria em território estrangeiro?

Essa última questão assumiu um viés singular no Brasil. Alice Gabriel (2020) executou um exercício de leitura no original do livro *Gender Trouble* (1990) e comparou com a versão publicada em português no Brasil em 2003 pela Civilização Brasileira e traduzida por Renato Aguiar. A autora alertou para vários erros de tradução, dos mais sutis aos mais grosseiros, e que serão citados como exemplos a seguir.

a) GENDERED - um dos conceitos centrais para o pensamento expresso no livro é expresso pelo termo *gendered*; ele expressa o processo de “tornar-se um gênero”, um *gendered body* é um corpo já submetido às normas de gênero, e funcionando de acordo com elas, é um corpo que adquiriu (ou melhor adquire, porque esse processo é dinâmico e constante) inteligibilidade, inserindo-se no esquema hegemônico de significação (e “humanizando” o sujeito). O tradutor traduz esse termo de formas bem diferentes como: “gênero”, “categoria de gênero”, “traços de gênero”, “tomada em seu gênero”, “cujo gênero”, “de gênero”, “características de gênero”, “seu gênero”, “marcas de gênero” (essa última representando na página 27 também a expressão “mark of their gender”. Aliás isso pode querer dizer que ela é uma boa tradução, ou a melhor dentre as escolhidas por Renato Aguiar), nenhuma das quais consegue abarcar o que o termo quer dizer, me parece que o termo pressupõe uma construção, movimento, o que o tradutor não conseguiu captar (GABRIEL, 2020, s/n)¹⁹⁹.

Como aponta Gabriel (2020), esse conceito é central no livro da autora, porém foi traduzido de formas diferentes ao longo da obra por motivos não explicados. Gabriel chega a propor em um exercício reflexivo o termo “generadx” como alternativa para tradução, pontuando que o uso do termo, caso fosse adotado numa nova edição, deveria aparecer acompanhado de uma nota explicativa. A autora também assinalou diversos outros erros de tradução, como o encontrado no livro de Butler (2003) em português, em uma citação que ficou famosa: “*Nesse sentido, o gênero é sempre um feito, ainda que não seja obra de um sujeito preexistente a obra*” (BUTLER, 2003, p. 48). De acordo com Gabriel (2020), uma tradução mais exata aos termos usados por Butler e a sua perspectiva teórica seria algo como: *Nesse sentido, o gênero é sempre um fazer, ainda que não seja um fazer de um sujeito preexistente a obra (ou ao feito)*²⁰⁰. Em outros momentos, o tradutor chega a trocar algumas palavras aparentemente por falta de atenção a algumas letras, por exemplo:

- Na página 68, logo após a nota 4: “A ponte, o dote” > **quando o correto seria** “a noiva, o dote” [do inglês *bride* e não *bridge*]. Claramente demonstra falta de atenção.
- Na página 71 temos uma situação parecida: “o que aconteceria se ‘os deuses se juntassem’” > **o correto seria** “se as mercadorias se juntassem” [do inglês *goods*, e não *gods*]

¹⁹⁹ GABRIEL, Alice. *Translation troubles: revendo a tradução para o português do Gender Trouble de Judith Butler*, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/27727400/translation_troubles_revendo_a_tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_portugu%C3%AAs_do_Gender_Trouble_de_Judith_Butler> acesso em: 17 set. 2020.

²⁰⁰ Grifos do autor.

[..] - Na página 148 temos um erro muito grosseiro: “reprodução da matriz homossexual do desejo” deveria ser “matriz heterossexual do desejo” (GABRIEL, 2020, s/n)²⁰¹.

A troca dos termos heterossexual por homossexual no que diz respeito à reprodução da matriz do desejo, poderia ter motivado um erro em bola de neve da interpretação do pensamento de Butler no Brasil. Algo semelhante também aconteceu com a tradução de “*Bodies that matter*” para o português em 2019 pela *n-1 edições*. Yuri Bataglia Espósito (2020) escreveu um artigo²⁰² comentando o seu espanto ao ler a recente tradução do livro em português e encontrar na página 214 o subcapítulo “*Travestismo ambivalente*”, e ao comparar com a versão em inglês percebeu que se tratava de “*Ambivalent drag*” (BUTLER, 1993, p. 124). De fato, o termo como está redigido não se aplica ao contexto brasileiro, uma vez que nesse subcapítulo em seu texto original Butler faz diversas vezes referências a expressão *drag* e não ao que entendemos no Brasil como travestis. Porém, uma pista para que isso tenha acontecido é que na edição em língua espanhola, o trecho está intitulado como “*El travestismo ambivalente*” (BUTLER, 2002, p. 183), portanto, pode ser um indício de que os/as tradutores/as brasileiros/as possam ter usado a versão em espanhol como referência para traduzirem essa parte da obra.

Há ainda mais uma questão de tradução que considero relevante e requer ser comentada, diz respeito as diferentes versões que o conceito de precariedade de Butler (2015b) foi traduzido em português e em espanhol. Pelo o que parece houve uma confusão entre os significados dos termos precariedade e condição precária explicados no livro da autora “*Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?*” (2015b). A equipe técnica e de tradução da versão brasileira interpretou um trecho da introdução da obra onde Butler (2015b) explica as diferenças entre os conceitos da seguinte maneira:

Este trabalho procura reorientar as políticas de esquerda no sentido de considerar a condição precária como uma condição existente e promissora para mudanças em coligações. Para que as populações se tornem lamentáveis, não é necessário conhecer a singularidade de cada pessoa que está em risco ou que, na realidade, já foi submetida ao risco. Na verdade quer dizer que a política precisa compreender a precariedade, como uma condição compartilhada, e a condição precária como a condição politicamente induzida que negaria uma igual exposição através

²⁰¹ Grifos da autora no original.

²⁰² ESPÓSITO, Yuri Bataglia. Sobre A Tradução Equivocada De “Drag” Na Edição Brasileira De *Corpos Que Importam*, De Judith Butler. 2020. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-a-traducao-equivocada-de-drag-na-edicao-brasileira-de-corpos-que-importam-de-judith-butler/> > acesso em 18 set. 2020.

da distribuição radicalmente desigual da riqueza e das maneiras diferenciais de expor determinadas populações, conceitualizadas de um ponto de vista racial e nacional, a uma maior violência (BUTLER, 2015b, p. 50).

Na versão original em inglês, Butler usa os termos “*precariousness*” e “*precarity*”, que em português podem ser traduzidos igualmente como precariedade, porém ela usa as duas palavras para significar coisas diferentes: “*Rather, it means that policy needs to understand **precariousness** as a shared condition*” (BUTLER, 2009, p. 28)²⁰³. Aqui Butler (2009) está pontuando que a política necessita entender a precariedade como uma condição compartilhada (ou comum) aos seres humanos, mas na frase seguinte, a autora utiliza o termo “*precarity*” para afirmar que:

[...] and **precarity** as the politically induced condition that would deny equal exposure through the radically unequal distribution of wealth and the differential ways of exposing certain populations, racially and nationally conceptualized, to greater violence (BUTLER, 2009, p. 28)²⁰⁴.

A tradução em espanhol resolveu traduzir esses termos, respectivamente, por “*precariedade*” e “*precaridad*”. Um outro termo usado por Butler é “*precarious*”, mas tem um sentido de adjetivo, ou seja, Butler utiliza-o em várias passagens do livro quando se refere às vidas precárias²⁰⁵. O sufixo “*ness*” em inglês geralmente aparece quando se objetiva transformar um adjetivo em substantivo abstrato, a exemplo da palavra “*happy*” que quer dizer feliz, ao ser acrescentada o sufixo em questão forma a palavra “*happyness*” que significa felicidade. Nesse sentido, pode-se entender que a melhor tradução para *precariousness* seja mesmo precariedade. Já, o sufixo “*Y*” em inglês quando adicionado a um substantivo pode gerar um adjetivo, por exemplo: *cloud* (nuvem), *cloudy* (nublado); *rain* (chuva), *rainy* (chuvoso); *luck* (sorte), *lucky* (sortudo); isto é, “*precarity*” poderia ser traduzido também como precário ou talvez até como precarizado, entretanto, a tradução de “*precarity*” para condição precária parece conseguir abranger a intenção original da palavra. Ainda assim, é intrigante o fato de Butler usar poucas vezes o termo “*precarity*” ao longo de *Frames of War* (2009), “*precarity*” aparece apenas na introdução e no primeiro parágrafo do primeiro capítulo. Apesar de que em alguns momentos do início do

²⁰³ Grifos do autor.

²⁰⁴ Grifos do autor.

²⁰⁵ *Precarious Life: The Power of Mourning and Violence* é um título de livro de Butler publicado originalmente em 2004 e traduzido para o português em 2019 sob o título *Vida Precária: os poderes do luto e da violência*.

texto, Butler associar a precariedade à condição precária, explicitando, por exemplo, que: [...] “A concepção mais ou menos existencial da “precariedade” está, assim, ligada à noção mais especificamente política de “condição precária”” (BUTLER, 2015b, p. 16), e também quando revela que:

A condição precária designa a condição politicamente induzida na qual certas populações sofrem com redes sociais e econômicas de apoio deficientes e ficam expostas de forma diferenciada às violações, à violência e à morte. Essas populações estão mais expostas a doenças, pobreza, fome, deslocamentos e violência sem nenhuma proteção. A condição precária também caracteriza a condição politicamente induzida de maximização da precariedade para populações expostas à violência arbitrária do Estado que com frequência não têm opção a não ser recorrer ao próprio Estado contra o qual precisam de proteção (BUTLER, 2015b, p. 46-47).

No restante do livro, que vale lembrar são ensaios escritos entre 2004 e 2008, a autora prefere o termo precariedade para se referir ao caráter precário da existência dos sujeitos em vários contextos diferentes e para denunciar o uso político-midiático que certos agentes, governos, instituições e discursos fazem sobre as vidas que não são reconhecidas como precárias e que, portanto, são tomadas como não merecedoras de proteção²⁰⁶.

Porém, mesmo assim, uma questão ainda ficará entreaberta. A revisora técnica de *Quadros de Guerra* (2015b), Carla Rodrigues incluiu uma nota explicativa na publicação de *Corpos em aliança e política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia* (2018), cuja revisão técnica também ficou sob sua responsabilidade que declara:

Ao publicar *Precarious Life*, em 2003, Judith Butler se referia à “vida precária” ou à “precariedade” com as palavras “*precarious*”/“*precariousness*”. Seis anos depois, em *Frames of War* (Quadros de guerra), a autora se dedicou a distinguir “*precarious*”/“*precariousness*” e “*precarity*”; na edição brasileira, trabalhamos com “condição precária”, para referir uma condição universal de todo vivente, e “precariedade”, para tratar daquilo que se dá de forma induzida, por violência a grupos vulneráveis ou ausência de políticas protetivas. Neste livro, assim como em 2003, a distinção de termos deixa de ser importante. Optamos, assim, por usar “precariedade”, recorrendo a “condição precária” apenas quando a autora se referiu a uma condição universal de todo vivente, estar exposto à morte (RODRIGUES apud BUTLER, 2018, p. 06).

²⁰⁶ Em *Frames of War* (2009), Butler usa o termo “*precarity*” quinze vezes ao longo do livro, já o termo “*precariousness*” aparece setenta e uma vezes.

Essa nota, aparentemente, vai de encontro a tudo que havia comentado acima sobre a noção de precariedade e condição precária, no entanto, não posso deixar de citá-la, mesmo reconhecendo a minha não compreensão dos argumentos que fizeram Carla Rodrigues referir-se agora à condição precária como condição universal dos seres vivos e precariedade a uma forma de violência ou falta de políticas de proteção às populações vulneráveis, ou seja, trocando a concepção dos conceitos originalmente usada por Butler em *Frames of War* (2009) e revisados por ela mesma na versão brasileira. Talvez um dos motivos dessa confusão seja o fato que em *Notes toward a performative theory of assembly* (2015d), Butler faz diferente do que em *Frames of War* (2009) e utiliza muito mais o termo “precarity” do que “precariousness”²⁰⁷. Apesar disso, ela repete a definição formulada em *Frames of War* (2009):

"Precarity" designates that politically induced condition in which certain populations suffer from failing social and economic networks of support more than others, and become differentially exposed to injury, violence, and death. As I mentioned earlier, precarity is thus the differential distribution of precariousness. Populations that are differentially exposed suffer heightened risk of disease, poverty, starvation, displacement, and vulnerability to violence without adequate protection or redress" (BUTLER, 2015d, p. 33).

Mesmo assim, a tradução em português da versão brasileira traduziu esse trecho da seguinte maneira:

A “precariedade” designa a situação politicamente induzida na qual determinadas populações sofrem as consequências da deterioração de redes de apoio sociais e econômicas mais do que outras, e ficam diferencialmente expostas ao dano, à violência e à morte. Como mencionei antes, a precariedade é, portanto, a distribuição diferencial da condição precária (BUTLER, 2018, p. 40).

Basta comparar as duas versões e tomar por base o que a própria autora definiu conceitualmente em *Frames of War* (2009) / *Quadros de Guerra* (2015b) para perceber que a versão brasileira trocou os conceitos. O que aparenta ser mais preocupante é que pela nota de Carla Rodrigues (2018) parece que a equipe de tradução e revisão técnica desses dois livros de Butler entendem que essa distinção de termos não é tão importante,

²⁰⁷ Em *Notes toward a performative theory of assembly* (2015d), Butler faz o inverso do que realizou em *Frames of War* (2009), usa o termo “precariousness” apenas quatro vezes, e escreve o termo “precarity” em cento e quarenta e cinco ocasiões ao longo da obra.

inclusive, em várias passagens de *Corpos em aliança e a política das ruas* (2018), o termo “*precarity*” não foi traduzido como condição precária, mas sim como precariedade. Opto por entendê-los não mais como termos, mas como conceitos distintos que foram amadurecidos por Butler no decorrer de seus escritos, e que têm significados diferentes como aqui foram assinalados. Contudo, a intenção não é a deslegitimação da revisão técnica, uma vez que foi indicado o acerto da tradução no livro *Quadros de Guerra* (2015b).

O que se tentou mostrar ao longo desse capítulo, além das reflexões sobre o nomadismo *queer* e os movimentos de desterritorialização e reterritorialização do pensamento de Butler no Brasil, foram os problemas de tradução quando um livro, os conceitos de uma autora e/ou as noções de uma corrente teórica realizam uma travessia territorial que também demanda e causa uma série de atravessamentos, encontros, desencontros e encruzilhadas de palavras.

EXCURSO²⁰⁸

Luto, reconhecimento e vulnerabilidade em tempos de pandemia.

(Entre um parágrafo e outro, conheça um nome e um pouco da história de uma das milhares de vítimas do Covid-19 no Brasil através do Memorial Inumeráveis²⁰⁹).

O ano de 2020, provavelmente, ficará marcado na história como o período da grande pandemia de Covid-19 e os seus efeitos devastadores para a vida de milhões de pessoas que experimentaram a dor, o luto e o sofrimento físico, psicológico, econômico e social causado pela doença. Uma época em que a precariedade da vida foi destacada em rostos mascarados em busca de mínima proteção contra o vírus, e que a condição precária das comunidades periféricas, pobres e marginalizadas foi sentida em filas de espera para doentes em estado grave terem acesso a um leito de Unidade de Terapia Intensiva (UTI) nos hospitais públicos de boa parte do território brasileiro. O Brasil, à luz dos conceitos de Butler e do momento em questão, pode ser entendido como um país precário?

O Brasil registrou mais de 200 mil vítimas decorrentes do novo coronavírus²¹⁰, mas quantas dessas mortes tiveram seu processo de luto respeitado? Quantas vidas tiveram que ser classificadas como não vivíveis para poder dar lugar a um novo paciente que demandava ser entubado, ter acesso a um respirador e entendido como tendo mais chances de sobreviver? A forma como esse excuroso foi iniciado e será concluído tem como objetivo problematizar politicamente as “vidas não vividas” no Brasil em consequência da pandemia de covid-19, da falta de estrutura dos serviços de saúde oferecidos pelo Estado brasileiro e o descaso com algo tão simbólico e tão importante: o luto.

Butler teorizou sobre esses temas em diferentes obras: *Antigone's claim kinship between life and death* (2000); *Precarious life* (2004) e *Frames of war: When is life grievable?* (2009), por exemplo. Em todos esses escritos parece ser comum a intenção de expor a experiência de luto como um processo de reconhecimento. Não se chora por uma vida que não se reconhece enquanto vida (BUTLER, 2009). Talvez a intenção do *Memorial Inumeráveis* seja propor reconhecer a vida de milhares de pessoas retratadas todos os

²⁰⁸ Como já explicitado na introdução, o excuroso pode ser entendido como uma digressão temática e será desenvolvido nesse ponto do texto como uma breve excursão ou jornada entre alguns aspectos da realidade brasileira, no que se refere à pandemia de covid-19, em diálogo com noções conceituais propostas por Butler.

²⁰⁹ INUMERÁVEIS. Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Disponível em: < <https://inumeraveis.com.br/> > acesso em 30 jul. 2020.

²¹⁰ A marca de 200 mil vidas perdidas em decorrência do Covid-19 foi atingida no dia 07 de janeiro de 2021. Disponível em: < <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-55581800> > acesso em 11 jan. 2021.

dias em dados de secretarias estaduais de saúde, boletins do Ministério de Saúde e reportagens de jornais em diferentes veículos de comunicação como números.

Butler (2009) afirmou que a fotografia em diários de guerra pode ter uma função humanizadora do inimigo. O que o *Memorial Inumeráveis* parece tentar realizar é reconhecer as vítimas da pandemia no Brasil não em dados estatísticos, mas informando o nome, descrevendo resumidamente a história pessoal da vítima e ajudando os parentes e amigos/as a viverem o luto. Ainda mais quando se sabe que as vítimas de coronavírus são proibidas por decreto de terem um velório e um enterro tradicional, ou seja, quase que repetindo diariamente uma versão modificada para a contemporaneidade do mito de Antígona²¹¹, uma vez que os decretos estaduais e municipais no Brasil determinam que as vítimas fatais de covid-19 não podem ter velório e devem ser enterradas em caixões fechados, com um número bastante reduzido de familiares podendo acompanhar a cerimônia de enterro.

Abdon Albuquerque Cavalcante

1937 - 2020

Colocava apelido em todos, era o imitador e o contador de histórias mais engraçado da família.

“Oi, Arigó!”

Era assim que o Senhor Abdon cumprimentava todos. Alguns recebiam apelidos engraçados dele. Ele gostava mesmo era de fazer palhaçadas, caretas e imitações de artistas e parentes, e de contar histórias da família.

Às vezes, ele podia ser rude. Mas era passageiro. Do seu jeito, era amoroso. Seu coração era gigante e sua relação com a família era de amor profundo e lealdade a cada parente. “Lutou para dar o melhor para nós”, conta a neta Cristiane.

Ainda de manhã, pouco antes do almoço, gostava de ir até o barzinho perto de casa beber duas cervejinhas. Em casa, balançava-se na rede, olhava para o céu e contemplava a natureza e os pássaros. “Como Deus é perfeito”, dizia. Não dispensava uma oportunidade de conversar com parentes e amigos quando iam visitá-lo. Manias? De guardar palito de dente na caixa de sapato e de “usar óculos escuros até pra ir à esquina de casa”, diz a neta.

No trabalho, Abdon foi um grande exemplo de profissional. Orgulhava-se por nunca ter faltado um só dia no trabalho, cumprindo com

²¹¹ Na história original, Antígona reclamava à Creonte, seu tio e Rei de Tebas, o direito de enterrar seu irmão Polinices, morto em combate com seu outro irmão, Eteócles, mas que foi sepultado com todas as honrarias previstas (BUTLER, 2014).

responsabilidade suas funções como auditor-fiscal na Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará.

“Ele será sempre nosso herói”, diz Cristiane.

Abdon nasceu em Quixadá (CE) e faleceu [em Fortaleza \(CE\)](#), aos 82 anos, vítima do novo coronavírus.

Testemunho enviado pela neta de Abdon, Cristiane Cavalcante. Este tributo foi apurado por Lígia Franzin, editado por Ticiane Werneck, revisado por Lígia Franzin e moderado por Rayane Urani em 9 de agosto de 2020. (INUMERÁVEIS, 2020)²¹².

O senhor Abdon pode representar aqui milhares de vítimas do novo coronavírus espalhadas pelo Brasil. São vidas, nomes, histórias até então desconhecidas, mas que pela via da homenagem pública pretendem ser reconhecidas. Como argumentou Butler, “*O vírus não discrimina. [...] o vírus demonstra que a comunidade humana é igualmente precária*” (BUTLER, 2020)²¹³. A autora elaborou essa reflexão pondo em destaque a corrida presidencial americana e as intenções do Presidente Donald Trump de conseguir exclusividade na compra em lotes de vacinas para o novo coronavírus ainda em fases de testes. No entanto, parece ser possível utilizar algumas ponderações de Butler sobre o assunto para problematizar o contexto de desigualdade social radical também vivenciado no Brasil.

Um país distinto dos Estados Unidos, tendo em vista que aqui no Brasil se tem um Sistema Único de Saúde (SUS), público e gratuito, mas que não é oferecido nem acessado em condições de igualdade por todos os/as cidadãos/as brasileiros/as por questões econômicas, estruturais, territoriais e administrativas das diversas unidades do SUS distribuídas pelo Brasil²¹⁴. Portanto, parece ser um indicativo que as falhas do sistema de saúde brasileiro durante a pandemia de covid-19, como por exemplo, a falta de estoque de aparelhos de ventilação mecânica, os leitos de UTI indisponíveis provocando longas filas de espera nos hospitais públicos e a incapacidade do Estado de prover testes de verificação de contaminação de covid-19 para a maioria da população também margeiam a conclusão

²¹² Disponível em: < <https://inumeraveis.com.br/abdon-albuquerque-cavalcante/> > 03 nov. 2020.

²¹³ BUTLER, Judith. Judith Butler sobre a Covid-19: O capitalismo tem seus limites. Blog da Boitempo. São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: < <https://blogdaboitempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/> > acesso em 07 nov. 2020.

²¹⁴ Consultar: COSTA, Luciana Assis; NEVES, Jorge Alexandre Barbosa. Burocracia e inserção social: um estudo sobre o Ministério da Saúde na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS). Revista Saúde e Sociedade, 2013, pp. 1117-1131. / ALMEIDA, Nemésio Dario. A saúde no Brasil, impasses e desafios enfrentados pelo Sistema Único de Saúde – SUS. Revista Psicologia e Saúde, 2013, pp. 01-09. / BAHIA, Lígia. Trinta anos de Sistema Único de Saúde (SUS): uma transição necessária, mas insuficiente, Cadernos de Saúde Pública, 2018, pp. 01-16.

de que o vírus expôs não só a precariedade dos nossos corpos de maneira igualitária, mas também a experiência brasileira de movimentar uma distribuição desigual das redes de proteção aos/as cidadãos/as que os/as amparassem de uma vivência devastadora da condição precária.

Butler (2020) ao comentar sobre os efeitos da pandemia de coronavírus no mundo, e mais especificamente nos Estados Unidos, chama a atenção para o caráter compartilhado da vulnerabilidade. Ao aplicar a noção de vulnerabilidade também como um conceito que serve para problematizar a sociedade atual, parece se sobressair a compreensão de que a forma como a autora trabalha com o conceito de vulnerabilidade pode ser um corolário das noções de precariedade e condição precária.

Por um lado, a pandemia expõe uma vulnerabilidade global. Todos são vulneráveis ao vírus porque, sem imunidade, todos são vulneráveis à infecção viral proveniente de superfícies ou de outros seres humanos. Vulnerabilidade não é apenas a condição de ser potencialmente prejudicado por outro. Nomeia o caráter poroso e interdependente de nossas vidas corporais e sociais. Somos entregues desde o início a um mundo de outros que nunca escolhemos para nos tornarmos seres mais ou menos singulares. Essa dependência não termina precisamente na idade adulta. Para sobreviver, absorvemos algo. Somos afetados pelo meio ambiente, pelos mundos sociais e pelo contato íntimo. Essa suscetibilidade e porosidade definem nossas vidas sociais corporificadas.

[...] Por outro lado, a resposta do público à pandemia foi identificar “grupos vulneráveis” - aqueles com maior probabilidade de sofrer o vírus como uma doença devastadora e como uma ameaça à vida - e contrastá-los com aqueles que têm menor risco de perder suas vidas a partir do patógeno.

Os vulneráveis incluem comunidades negras e pardas privadas de cuidados de saúde adequados ao longo da vida e ao longo da história desta nação. Os vulneráveis também incluem pessoas pobres, migrantes, encarcerados, pessoas com deficiência, pessoas trans e *queer* que lutam para obter direitos à assistência médica e todos aqueles com doenças anteriores e problemas médicos duradouros. A pandemia expõe a vulnerabilidade ampliada à doença de todos aqueles que não têm acesso ou não podem pagar pelos cuidados de saúde (YANCI, 2020)²¹⁵.

Para Butler, a pandemia de covid-19 e os seus efeitos sociais, econômicos e estruturais na vida de milhões de pessoas dentro e fora dos Estados Unidos permitiu a visualização em diferentes enquadramentos da desigualdade social e econômica radical. Uma

²¹⁵ YANCI, George. Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades (Entrevista). Carta Maior. Brasil, 04 mai. 2020. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390>> acesso em 10 nov. 2020.

dessas lentes analíticas de enquadramentos parece ser, para a autora, a percepção e a vivência do luto. Butler (YANCI, 2020) se pergunta: “*como guardar luto pelas mortes em massa?*”²¹⁶, e responde afirmando que o luto é um ato político em meio à pandemia.

O luto é, portanto, de acordo com Butler, um ato de reconhecimento do sujeito que teve sua vida interrompida. Nesse sentido, a lembrança trazida pelas interpretações de *Clamor de Antígona* (BUTLER, 2014) parecem se tornarem ainda mais úteis para pensar as declarações do presidente da República do Brasil, Jair Bolsonaro, como por exemplo na ocasião que ao ser confrontado por jornalistas no dia que o país atingiu a marca de 5 mil mortes por coronavírus: “*E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê? Sou Messias*²¹⁷, *mas não faço milagre*²¹⁸, e ainda antes quando o país registrou pouco mais de 2 mil mortes causadas pelo vírus, o Presidente Bolsonaro também respondeu que não era coveiro. Um argumento que recorda a manifestação de Creonte ao negar o enterro do seu sobrinho Polinices na mitologia grega. O Estado enquanto instituição talvez tenha simbolizada na figura do Presidente da República a sua representação humana, porém nesse caso, parece ser o próprio Presidente o agente simbólico desumanizador das vidas dos/as cidadãos/as brasileiros/as. Em que momento o Estado brasileiro chorará a morte de milhares de pessoas? Em qual instante essas vidas perdidas serão reconhecidas enquanto vidas e não apenas números? Essas podem ser algumas perguntas feitas ao contexto brasileiro à luz das ponderações teóricas de Butler no que diz respeito as circunstâncias que a pandemia de covid-19 impôs ao Brasil.

Seguindo o caminho dessas perguntas, isto é, a reflexão sobre a lamentação de perdas de vidas humanas por parte do Estado, pode-se chegar a um outro ponto no contexto sociocultural brasileiro que também parece merecer ser comentado e que foi tema de debate popular ao longo dos últimos meses pandêmicos no país: a dicotomia imposta pelos sujeitos quando são interpelados por agentes representantes da lei estatal e reagem tentando inverter o eixo da sujeição e percepção da vulnerabilidade. Em outras palavras, como determinados sujeitos no Brasil se relacionam com a força do Estado de ser um aparelho produtor de recursos de reconhecimento através do ato da interpelação?

²¹⁶ *Idem.*

²¹⁷ O nome completo do Presidente da República é Jair Messias Bolsonaro.

²¹⁸ Disponível em: < <https://g1.globo.com/politica/noticia/2020/04/28/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-mortes-por-coronavirus-no-brasil.ghtml> > acesso em 11 nov. 2020.

7.1 - A virada interpelativa e as estratégias de dessubjetivação crítica no Brasil

Butler (2017), a partir da obra de Louis Althusser, realiza uma interpretação acerca do ato de interpelar como forma de subjetivação do indivíduo através do processo de tomar conhecimento de si, pela via da lei e da linguagem, no momento em que é interpelado pelo Outro que pode deter simbolicamente ou oficialmente um certo nível de autoridade social. O exemplo de Althusser recuperado por Butler é a cena do policial chamando o indivíduo: “Ei você!”, e o indivíduo, por sua vez, virando-se para o agente da lei. De acordo com Butler (2017) é esse ato de virar-se para o policial quando é chamado que introduz o indivíduo no processo de sujeição.

Quem se vira para atender ao chamado não atende a uma exigência para se virar. A virada é um ato que está, por assim dizer, condicionado tanto pela “voz” da lei quanto pela responsividade de quem é chamado pela lei. A “virada” é um tipo estranho de meio-termo (que se dá, talvez, numa espécie estranha de “voz média”), determinado tanto pela lei quanto pelo interpelado, mas não de forma unilateral ou exaustiva. A virada não se daria sem o chamado, tampouco, se daria sem a disposição para se virar.

[...] A virada na direção da lei é, portanto, uma volta contra si mesmo, uma volta sobre si mesmo que constitui o movimento da consciência. Mas como o reflexo da consciência paralisa o questionamento crítico da lei como condição da subjetivação? O interpelado é obrigado a se virar para a lei antes de qualquer possibilidade de fazer uma série de perguntas críticas: Quem está falando? Por que eu deveria me virar? Por que eu deveria aceitar os termos pelos quais sou chamado? (BUTLER, 2017, p. 114-115).

A autora ao indagar as condições de subjetivação da doutrina da interpelação de Althusser recorre as suas próprias noções da teoria da performatividade para investigar os efeitos da ideologia enquanto “voz” fundadora dos sujeitos, como, por exemplo, ela menciona a cerimônia religiosa do batismo enquanto ritual linguístico constituinte ideológico dos sujeitos (BUTLER, 2017). Butler lembra tanto o exemplo do agente da lei que chama o transeunte através da interpelação: “Ei, você!”, quanto o relato de Althusser quando narra o suposto assassinato de sua esposa, onde na ocasião o assassino (o próprio Althusser) saiu correndo pelas ruas chamando a polícia para se entregar à lei, exemplificando assim o chamado inverso da ideologia, ou seja, o indivíduo tomando consciência de sua culpa invoca a lei.

Butler (2017), nesse caso, indica que o sujeito procura a ideologia por consequência da reprodução das relações sociais, que é aprendida pela via da linguagem e da educação, porém é executada de maneira performativa, isto é, não é algo inteiramente consciente nem completamente involuntário, mas incorporado subjetivamente através da construção de crenças e rituais. No entanto, Butler não aponta uma monopolização da lei como elemento delimitador da identidade, ao invés disso provoca uma série de questionamentos abrindo ainda mais o campo de respostas possíveis:

Sob quais condições uma lei monopoliza os termos da existência de maneira tão completa? Ou se trata de uma fantasia teológica da lei? Existe a possibilidade de sermos em outro lugar ou de outra maneira sem negar nossa cumplicidade com a lei à qual nos opomos? Tal possibilidade exigiria um tipo diferente de virada, uma virada que, com a permissão da lei, afaste-se dela e resista ao seu engodo de identidade, uma capacidade de ação que supere as condições de seu surgimento e se oponha a elas. Essa virada exigiria uma disposição de *não* ser – uma dessubjetivação crítica – com a finalidade de expor a lei como menos poderosa do que parece (BUTLER, 2017, p. 138-139).

Nesses termos, impulsionado sobre o que poderia ser exemplificado como “des-subjetivação crítica”, proponho a visualização superficial de duas cenas, chamando uma de negativa e outra de afirmativa, no que diz respeito às formas linguísticas adotadas pelos indivíduos para responderem ao chamado da lei e assim se assumirem enquanto sujeitos. O primeiro exemplo parte das considerações de Roberto da Matta (1997) sobre o uso no contexto brasileiro da expressão “*you know who you are talking to?*”²¹⁹ quando interpellado por um agente da lei, e o segundo exemplo traça apropriações da “*Epistemologia do barraco*” propostas por Leilane Assunção e Emilly Mel Fernandes Souza (2017) sobre os casos das travestis que não são reconhecidas enquanto sujeitos de direitos²²⁰.

²¹⁹ Para ver uma análise crítica da interpretação de Da Matta, consultar: SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2001, vol.16, n.45, p.47-67.

²²⁰ Vale lembrar que a noção do barraco enquanto prática epistemológica foi primeiro apontado por Berenice Bento em uma “Carta-desabafo” publicada originalmente em 2012 e compilada em seu livro “*Transviad@s*” (2017) sobre uma reunião convocada pelo Ministério da Saúde para discutir a reformulação da Portaria n.º 457, de 19 de agosto de 2008, que estabelecia diretrizes para o processo transexualizador no SUS. Na ocasião, Bento ao pontuar a falta de tempo para debate e a desorganização do evento, sinaliza que as identidades trans continuariam a ser patologizadas pelo Estado Brasileiro. Com isso, ela pondera: “Ao longo de minha vida, aprendi uma coisa muito simples com o feminismo: a visibilidade nos protege. É como essa visibilidade acontece nas vivências trans? Se me negam a palavra, eu faço barraco. É o bafão! [...] Aqui, o barraco é ressignificado como mecanismo de sobrevivência. Trata-se de uma epistemologia singular daqueles que se negam a morrer. Precisamos de mais gente adepta à epistemologia/práxis do barraco. Já passou da hora das equipes biomédicas e o Estado entenderem que os(as) “seus(suas) pacientes” são sujeito” (BENTO, 2017, p. 195).

A cena negativa pode ser exemplificada tomando como referência o estudo realizado por Da Matta (1997) na década de 1990 com cerca de uma centena de pessoas sobre os usos contextuais da expressão “*você sabe com quem está falando?*” no Brasil. Aqui, o autor não fala especificamente sobre o sujeito se reconhecer enquanto sujeito localizado em um processo de sujeição por meio de um chamado interpelativo, mas a uma “virada” que tem como objetivo aparente se distanciar, tomar vantagem ou se sobressair da lei estabelecida. Nos exemplos ilustrados por Da Matta (1997), o indivíduo “nega” o chamado interpelativo fazendo uso de uma colocação interrogativa ameaçadora. Nas citações do autor, a expressão geralmente é usada para revelar a posição social dos sujeitos envolvidos na ação, algo como o policial descrito por Althusser e recuperado por Butler chamar: “*Ei, você aí!*”, e ouvir como resposta: “*você sabe com quem está falando?*”. A situação vista desse modo pode indicar duas coisas, a primeira relaciona-se com aquilo que Butler (2017) aponta, isto é, que uma proposta de dessubjetivação crítica exigiria uma disposição para que a lei fosse entendida como menos poderosa do que ela é. Assim, o sujeito se reconheceria como acima da lei, portanto, capaz de promover uma reviravolta no chamado interpelativo forçando o agente da lei a refletir sobre a sua própria posição social. Essa reviravolta, segundo Da Matta (1997) só é possível no Brasil graças a um longo processo de história patrimonialista e relações sociais personalistas que, de acordo com o autor, são elementos característicos da cultura e sociedade brasileira.

Durante a pandemia de covid-19 no país alguns casos foram noticiados pela grande mídia e podem ser discutidos aqui como exemplos simbólicos do que estou propondo nomear de “dessubjetivação crítica negativa”.

O primeiro caso ocorreu no dia 06 de julho de 2020 quando um homem e uma mulher ao se depararem com agentes da prefeitura da cidade do Rio de Janeiro (RJ) tentando dissipar aglomerações e ouvirem o fiscal chamar o homem de “cidadão”, a mulher reage afirmando: “*Cidadão não! Engenheiro civil, formado. Melhor do que você*”²²¹.

O outro caso aconteceu dias depois, na tarde de 18 de julho de 2020 quando um homem foi flagrado pela Guarda Municipal de Santos (SP) caminhando na praia sem máscara, o que segundo os decretos da cidade era passível de multa. Ao ser abordado pelos agentes, o homem se recusa a colocar a máscara e avisa que se a multa for lavrada ele a amassará e jogará no rosto do guarda municipal. O agente então insiste e começa a

²²¹ Disponível em: < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/07/06/mulher-flagrada-humilhando-fiscal-em-reportagem-do-fantastico-e-demitida.ghtml> > acesso em 12 nov. 2020.

realizar a multa, nesse instante, o homem liga para o secretário de segurança do município, se identifica como sendo desembargador de justiça, chama o agente de analfabeto, tenta passar o telefone para o guarda falar com o secretário de segurança e após a recusa do agente, a multa é feita. O desembargador recebe a multa, amassa o papel, rasga, joga no chão, vira-se e sai andando tranquilamente²²².

Como pôde ser visto, em nenhum desses exemplos ocorre uma total indiferença ao chamado da lei. Nesse ponto é bom lembrar de Butler (2017) ao assinalar que por mais que alguém se recuse ao chamado interpelativo, a recusa se dará depois que esse alguém se virar para o chamado. Nos exemplos apresentados, o que parece acontecer é uma resistência a submissão da lei por se considerar superior ao representante do Estado, provavelmente por motivos oriundos de estrutura social hierárquica. A “dessubjetivação crítica negativa”, portanto, poderia ser compreendida nesses termos e efeitos devido a um processo de resistência em ser sujeitado expondo o Outro (aqui exemplificado pelo agente da lei) a um alternativo processo de sujeição.

O exemplo da “dessubjetivação crítica afirmativa” pode ser retirado das reflexões de Leilane Assunção e Emilly Mel Fernandes Souza (2017) sobre a *Epistemologia do barraco*. Segundo as autoras, o “barraco” que é capaz de ser entendido como uma reclamação em espaço público, uma confusão propositalmente provocada e/ou alterar a voz para conseguir algo, é utilizado estrategicamente pelas travestis e transexuais no Brasil para terem seus marcadores básicos de cidadania e dignidade respeitados em consonância com a lei estatal vigente no Brasil e os direitos humanos universais.

Assunção e Souza (2017) narram um caso de uma travesti que ao entrar em um banheiro feminino de um supermercado em Natal/RN se deparou com a tentativa do segurança do estabelecimento em impedir a sua entrada. O segurança afirmou que aquele banheiro era para mulheres, a travesti, por sua vez, respondeu afirmando que na placa na porta do banheiro estava escrito “banheiro feminino” e não banheiro só para mulheres (leia-se mulheres cis), e como se considerava feminina, na sua concepção estava correta em utilizar aquele banheiro²²³. Com isso, pode-se imaginar uma cena interpelativa onde um suposto agente da lei, encarnado aqui como segurança do supermercado, chama a

²²² Disponível em: < <https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2020/07/19/desembargador-humilha-guarda-apos-multa-por-nao-usar-mascara-em-sp-analfabeto.ghtml> > acesso em 12 nov. 2020.

²²³ O relato original do acontecimento foi citado pelas autoras a partir do trabalho: SERAFIM, Cássio Eduardo Rodrigues; SILVA, Marluce Pereira. A inserção da travesti no cotidiano social: o uso do banheiro público. In: SEMINÁRIO FAZENDO GÊNERO – Gênero e preconceitos, 7., 2006, Florianópolis. Anais...Florianópolis: UFSC, 2006.

atenção da travesti no intuito de sujeitá-la dentro dos parâmetros heteronormativos, logo um ato que pode ser assimilado como uma interpelação que pretende determinar o reconhecimento da não existência de um ser.

A partir daí acontece uma virada, a travesti se volta para o segurança e se ampara em uma concepção filosófica das normas de gênero para confrontar a perspectiva da lei que a ela está sendo imposta. Portanto, não é o mesmo movimento do exemplo anterior que o indivíduo se coloca acima da lei para sujeitar o agente que o interpela. Pelo contrário, estou propondo chamar de “desubjetivação crítica afirmativa” justamente porque o indivíduo, isto é, a travesti no caso citado, se apega a própria semântica da lei para se afirmar enquanto feminina e ser reconhecida como sujeito de direitos para habitar aquele espaço. Dizem as autoras:

“[...] afirmaríamos que o barraco é o grande paradigma, negativo e positivo ao mesmo tempo, para as trans: negativo como estereótipo que nos imputaram, positivo como atitude que nós mesmas utilizamos como estratégia de sobrevivência (ASSUNÇÃO e SOUZA, 2017, p. 188).

O “barraco” enquanto “virada” estratégica pode ser compreendido como um processo de resistência à sujeição. Uma atitude, já apontada como engenhosa, para afirmar-se enquanto sujeito digno de existência, uma vez que as autoras alegam que o barraco ocorre quando as instituições, práticas sociais e/ou os agentes representantes da lei não oferecem um tratamento em que a existência da travesti ou pessoa trans é reconhecida enquanto uma vida humana, garantida pelos princípios da cidadania, como um sujeito de direitos ou um corpo que importa para o Estado e para a sociedade, e como uma vida que merece ser vivida.

Dessa forma, as proposições teóricas de Butler servem para fazer funcionar um esboço analítico peculiar da realidade brasileira, mas não almejo afirmar com isso que as reflexões sobre luto, reconhecimento, vulnerabilidade e a doutrina da interpelação promovidas pela pensadora estadunidense tenham que ser encaradas, mais uma vez, como propostas colonizadoras apenas pelo fato de Butler estar situada no Norte global e ser uma filósofa de reconhecido destaque internacional. O que se tentou assumir como proposta desse fragmento expedicionário de texto e também de toda a tese foi uma postura interpretativa não subserviente a uma corrente teórica ou a uma determinada autora apenas pelo reconhecimento de suas grandezas e influências, mas, sobretudo, um posicionamento crítico sobre o que foi possível construir no Brasil, no que diz respeito às elaborações originais brasileiras de outras referências teóricas e conceituais, que mesmo podendo

ter sido impulsionadas pela teoria *queer* originada nos Estados Unidos ou inspiradas pelas obras de Butler, não admitem ser enclausuradas como sendo delas dependentes.

8 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto, procurei apresentar um caminho, uma via de acesso à contribuição filosófica de Judith Butler e aos desdobramentos dos estudos *queer* no Brasil. A trilha de investigação foi aberta através da adoção de uma postura cartográfica em relação ao ato de pesquisar e devorar as informações de interesse para a pesquisa. A questão central da tese não era descobrir as raízes primárias da incorporação do pensamento de Butler e dos estudos *queer* no país, mas analisar como os estudos *queer* e a obra de Judith Butler produziram rupturas e desdobramentos nos estudos de gênero e sexualidades no Brasil. Ou seja, o fio condutor da tese são as aberturas, as possibilidades, as rupturas, as continuidades e as ressignificações que esses corpos teóricos e conceituais provocaram quando entraram em contato com o contexto brasileiro.

No primeiro capítulo, busquei responder à questão: por que Butler importa? Quais foram as principais noções tocadas por ela que instigaram o debate na área dos estudos de gênero e sexualidades? O texto, então, se concentrou em demonstrar como Butler conseguiu romper com as interpretações essencialistas sobre a identidade de gênero e como ela mobilizou diferentes autores/as para propor uma teoria que pensa o gênero enquanto política e discute representação e reconhecimento a partir de um ângulo que intenciona escapar das classificações dos sujeitos baseadas na matriz heterossexual. Por isso, abordei as ponderações conceituais de Butler sobre performatividade de gênero, materialidade do corpo e precariedade, além de fazer apontamentos metodológicos sobre como a escrita filosófica da autora pode dialogar com a perspectiva cartográfica, sem, no entanto, enquadrá-la dentro de uma caixa rígida de filiação teórica ou metodológica. Além disso, expus a observação que o pensamento de Butler como problematizadora de temáticas variadas que abrangem o debate sobre gênero, violência, luto e política, não deve ser dividido em etapas, mas que o cerne de sua contribuição filosófica está atravessado pela questão do reconhecimento.

O segundo capítulo foi inteiramente dedicado a perseguição de rastros com o intuito de sinalizar possíveis pontos de entrada da obra de Butler e dos estudos *queer* no Brasil. Vale destacar que mesmo que a pesquisa tenha se debruçado sobre escavações, descobertas de arquivos, reconstituições de filiações e acessos de leituras, não tentei tratar essa etapa da investigação como uma arqueologia ou genealogia, mas como uma trajetória sobre a cartografia de um mapa rizomático. A partir das considerações de Deleuze &

Guattari (1995), o modelo do rizoma foi apropriado na pesquisa objetivando evidenciar a multiplicidade de entradas e trajetos possíveis de serem realizados quando se busca percorrer a floresta de produções teóricas e não-teóricas que se relacionaram com a obra de Butler e os estudos *queer* no Brasil.

No terceiro capítulo, o mapa rizomático ganhou forma e foi apresentado através dos dados das teses e artigos publicados no Brasil esquematizados em gráficos e tabelas, além das análises de algumas dessas produções acadêmicas que movimentaram certos graus de excepcionalidade, ineditismo e repercussão no que se refere à forma como se relacionaram com os estudos *queer* e as ponderações de Butler em diferentes áreas do conhecimento. As informações, os gráficos, tabelas e comentários das teses e artigos mesmo obedecendo a indicações rigorosas de determinadas técnicas de pesquisa foram oferecidas como pertencentes a labirintos de contribuições científicas, ou seja, os passos desse estágio da pesquisa foram descritos detalhadamente para explicitar os caminhos adotados e para possibilitar que outros/as pesquisadores/as possam ter condições de remontar, verificar e dar continuidade ao projeto de cartografar a recepção e desdobramento da obra de Butler e dos estudos *queer* no país. Entendo, dessa maneira, que o projeto não corresponde de maneira totalitária a um retrato do campo *queer* no Brasil ou das apropriações brasileiras do pensamento de Butler, muitas outras interpretações são possíveis através do cruzamento de diferentes vias de análise. Com isso, o mapa rizomático proporcionado na presente pesquisa almejou funcionar como uma alternativa.

No quarto capítulo tratei dos desdobramentos, das apropriações e ressignificações do corpo teórico e conceitual butleriano e *queer* no Brasil. O ideal antropofágico foi resgatado como postura ética que alguns/algumas pesquisadores/as brasileiros/as adotaram para propor traduções e torções na perspectiva *queer* ao sul da linha do Equador. Fazendo alusão ao giro decolonial, procurei demonstrar diferentes abordagens *queer* originadas no Brasil. As proposições sobre um *queer* dos trópicos (PEREIRA, 2012), uma teoria cu (PELÚCIO, 2012), estudos transviades (BENTO, 2017b) e uma teoria da perfechatividade de gênero (COLLING; ARRUDA; NONATO, 2019) foram descritas como devorações antropofágicas do *queer*, e que podem ser lidas como exemplos capazes de causar reviravoltas no jogo de poder do conhecimento entre os saberes produzidos no centro e na periferia. A corrente teórica-política do transfeminismo também foi abordada com o intuito de perceber possíveis pontos de diálogo entre o pensamento de Butler e os estudos *queer*, a partir disso, foi verificado que a guerrilha do pensamento empreendida pelo transfeminismo no debate da concepção do que é ser homem e mulher e a discussão dos

efeitos do preconceito, da violência e da desumanização na vida das pessoas interpretadas como dissidentes sexuais e de gênero estabelecem conexões, operam desdobramentos e problematizações que podem combinar, em um viés analítico, com as proposições teóricas e conceituais butlerianas e *queer*.

O quinto capítulo é uma continuidade temática do capítulo anterior, isto é, ao analisar a obra de Butler e os estudos *queer* em suas travessias para territórios estrangeiros (fora do Norte global), procurei expor problemas inerentes aos seus desdobramentos, interpretações e traduções em outros contextos. O *queer* foi abordado como uma teoria nômade que realiza movimentos de reterritorialização na sua própria desterritorialização (DELEUZE & GUATTARI, 1997) e as obras de Butler foram analisadas através da problematização de suas traduções para o português, e que indicaram tanto uma distância temporal na atividade de acompanhar o desenvolvimento do pensamento da autora, quanto algumas confusões no exercício de tradução de seus livros que podem causar, inclusive, equívocos no entendimento dos/as leitores/as brasileiros interessados/as nas proposições teóricas e conceituais de Butler.

Por fim, o excuro foi lançado como uma expedição temática que visou esboçar uma análise de alguns aspectos da realidade brasileira em tempos de pandemia à luz das noções movidas por Butler. Dessa maneira, a questão do luto, da precariedade, da vulnerabilidade e dos processos de sujeição foram discutidos pondo em destaque alguns episódios contextuais ocorridos no Brasil. Com isso, visei demonstrar que Butler é uma autora atualizada com a sua época e ainda oferece reflexões e ponderações inovadoras para pensar a realidade social. Talvez tenha sido essa a grande questão-desafio de escrever uma tese sobre uma autora que ainda está em plena atividade laboral do pensamento, e sobre um campo de estudo que não é estático, uma vez que o *queer* no Brasil parece estar em constante movimento.

O que tentei, portanto, oferecer foram possibilidades de experimentar um campo ainda em construção. Butler (2018), por exemplo, tem direcionado suas últimas análises e proposições sobre o tema da democracia fazendo apontamentos reflexivos sobre episódios de greves, de vigílias, protestos de rua e reuniões em assembleia, dando, inclusive, um novo viés de interpretação da teoria da performatividade de gênero.

A performatividade de gênero não caracteriza apenas o que fazemos, mas como o discurso e o poder institucional nos afetam, nos restringindo e nos movendo em relação ao que passamos a chamar de a nossa “própria” ação. Para entender que os nomes pelos quais somos chamados são tão importantes para a performatividade quantos os nomes pelos

quais nos chamamos, temos que identificar as convenções que operam um amplo conjunto de estratégias de designação de gênero. Então podemos ver como o ato da fala nos afeta e nos anima de uma maneira corporificada – o campo da suscetibilidade e do afeto já é uma questão de um registro corpóreo de algum tipo. De fato, a corporificação implicada pelo gênero e pela performance é dependente das estruturas institucionais e dos mundos sociais mais amplos. Não podemos falar sobre um corpo sem saber o que sustenta esse corpo, e qual pode ser a sua relação com esse apoio – ou falta de apoio. Desse modo, o corpo é menos uma entidade do que um conjunto vivo de relações; o corpo não pode ser completamente dissociado das condições ambientais e de infraestrutura da sua vida e da sua ação. Sua ação é sempre uma ação condicionada, que é um sentido do caráter histórico do corpo. Além disso, humanos e outras criaturas dependem do apoio de infraestruturas, de maneira que isso expõe uma vulnerabilidade específica que temos quando ficamos sem apoio, quando as condições de infraestrutura começam a se decompor, ou quando nos encontramos radicalmente sem apoio em condições de precariedade. Agir em nome desse suporte sem esse suporte é o paradoxo da ação performativa plural em condições de precariedade (BUTLER, 2018, p. 71-72).

Para a autora, essa “*ação performativa plural em condições de precariedade*” é o que reforça o entendimento do *queer* enquanto proposta de aliança e não de identidade. Uma aliança que tem como eixo central a luta por justiça social, política e econômica. Nesse sentido, a teoria da performatividade, como indica Butler (2018), reflete um tipo de ação política dentro de um sistema capitalista que trata os indivíduos seguindo padrões diferenciais de reconhecimento. Essas referências sobre performatividade estão sendo reorientadas por Butler devido às afetações dos protestos de rua, como o *Occupy Wall Street*, *Primavera árabe* e *Black lives matter*.

O reconhecimento que tanto o pensamento de Butler quanto os estudos *queer* estão ainda passando por aberturas capazes de possibilitar reformulações, retomadas e continuidades impulsionou a adoção de uma postura cartográfica como estratégia metodológica de pesquisa. Diante disso, o que se apresenta como conclusão à resposta da questão central da pesquisa é que o conjunto da obra de Butler e os estudos *queer* produziram rupturas e desdobramentos no campo dos estudos de gênero e sexualidades no Brasil através de movimentos rizomáticos de incorporação, apropriação e ramificação. O rizoma butleriano e *queer* brasileiro não tem um início nem um fim, mas múltiplas entradas e saídas. Essa tese, portanto, ao elaborar um mapa cartográfico teve a finalidade oferecer mais uma via de aproximação, interpretação e uma experiência de passagem sobre as contribuições teóricas, conceituais e metodológicas provocadas, de alguma maneira, pelo pensamento de Butler e pelos os estudos *queer* no Brasil.

Assim, a tese sendo entendida como uma passagem, deixa rastros para que temas sejam perseguidos em pesquisas futuras. Por exemplo, o *Banco de Teses e Dissertações da CAPES* foi apenas parcialmente explorado, tendo em vista que não empreendi uma investigação sobre os trabalhos de dissertação de mestrado disponíveis. Outra abertura possível é a investigação dos mais de 3 mil currículos de doutores/as, mestres/as, graduados/as e estudantes de graduação gerados como resultados alcançados quando se é colocado no campo de busca da plataforma *Lattes*²²⁴ o termo “*queer*”. Além disso, a recepção e apropriação de outros pensadores *queer* estrangeiros no Brasil, como, por exemplo, Paul B. Preciado e Sam Bourcier²²⁵, pode ser alvo de novas investigações cartográficas. Pensando em recortes mais específicos, pode-se também vislumbrar as repercussões das considerações butlerianas sobre democracia e representação política nos estudos do campo da ciência política brasileira.

Em suma, a tese com seus atravessamentos teóricos, fazendo uso de estratégias de coleta de dados diferentes e singulares, como as *Correspondências queer*, e destacando o caráter antropofágico da academia brasileira em tratar as considerações de Butler e dos estudos *queer*, dedica-se a contribuir para o estudo de teorias e abordagens emergentes nas ciências sociais do Brasil, ou seja, a formulação que se pode alcançar o entendimento de que Judith Butler é uma autora que merece ser consolidada como uma pensadora importante para a sociologia, antropologia e ciência política, uma vez que, como dito anteriormente, ela extrapola as reflexões sobre gênero e corpo. Já, os estudos *queer* mesmo se rejeitando enquanto proposta teórica-política-metodológica a obedecer a fronteiras, também pode ser interpretado por essas disciplinas como uma área de interesse para a constituição de um novo campo de pesquisa no Brasil: o das diferenças e dissidências sexuais e de gênero, uma vez que como defende esse trabalho, os estudos *queer* no Brasil, sob a influência de Butler, transformou todo um campo de pesquisa ao mesmo tempo que, diminuindo o abismo entre estudos de gênero *versus* estudos de sexualidade, criou um nova área de investigação, isto é, com a contribuição teórica e conceitual dos estudos *queer*, os trabalhos sobre sexualidade, como os estudos gays, por exemplo, passaram a

²²⁴ Disponível em: < <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do> > acesso em 12 jan. 2021.

²²⁵ Quando a tese já estava em fase de conclusão, Rafael Leopoldo publicou o livro: “*Cartografia do pensamento queer*”, pela Editora Devires (2020). O autor apresenta um panorama bastante interessante da teoria *queer* e dos seus vários entrecruzamentos, partindo tanto do diálogo entre áreas temáticas, como a psicanálise, o feminismo negro, o transfeminismo e o direito dos animais, quanto de algumas/alguns autoras/autores, como por exemplo, Gloria Anzaldúa, Sam Bourcier, Paul B. Preciado, Donna Haraway, além da própria Judith Butler. Leopoldo (2020) tece suas ponderações de forma mais abrangente e não foca suas análises sobre a recepção no Brasil da teoria *queer*, mas promete que será esse o tema da continuação do seu livro no futuro.

tratar de teoria feminista e de gênero, assim como os estudos sobre a mulher e gênero também passaram a abordar sexualidade.

Escrever e cartografar sobre a recepção do pensamento de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil foi um trabalho encarado como uma jornada desafiante. Ao comentar sobre o desenvolvimento desse campo de estudos no país, recorri a muitos dados, números, gráficos e tabelas, mesmo achando essa tarefa um pouco contraditória, uma vez que os dados quantitativos têm a capacidade, em algumas ocasiões, de invisibilizar a subjetividade das produções humanas, e a perspectiva *queer*, de outro modo, almeja reconhecer a humanidade dos sujeitos.

As metáforas que compuseram essa tese são estratégias de dar corpo, voz, memória e afeto a um texto que pretendeu evidenciar essa humanidade das produções acadêmicas *queer* e butlerianas brasileiras. Por isso, quero encerrar retomando a metáfora principal desse trabalho: a entrada, a incorporação, os desdobramentos e a antropofagização das contribuições de Judith Butler e dos estudos *queer* no Brasil fazem *rizoma*, são grama, erva daninha, flor de “xanana” crescendo ao pé de um Baobá.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **Homo sacer: o poder soberano e a vida nua I**. Belo Horizonte, Humanitas-UFMG, 2013.

ALMEIDA, Nemésio Dario. A saúde no Brasil, impasses e desafios enfrentados pelo Sistema Único de Saúde – SUS. **Revista Psicologia e Saúde**, 2013, pp. 01-09.

ALIMONDA, Héctor (org.). **La naturaleza colonizada**. Ecología política y minería en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2011.

ALMEIDA, Marlise Miriam de Matos. Simone de Beauvoir: uma luz em nosso caminho. **Cadernos Pagu**, Campinas, 1999, pp. 145-156.

ANDRADE, Oswald. **Obras Completas – 6**. Do Pau-Brasil à antropofagia e às utopias. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1972.

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands / La Frontera: The new Mestiza**. Aunt Lute Books. San Francisco, California, 1987.

ARAN, Márcia; PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cadernos Pagu**, n. 28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, pp. 129-147.

ARRUDA, Murilo Souza. **O corpo e o gênero fechativo pelas ruas de Salvador**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

ASSUNÇÃO, Leilane; SOUZA, Emilly Mel Fernandes de. A epistemologia do barraco: uma breve história do movimento LGBTI em geral. **Revista Inter-Legere**, v. 1, n. 21, 21 fev. 2018, p. 106-121.

AZERÊDO, Sandra. Gênero e a diferença que ele faz na pesquisa em psicologia. **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998, pp. 55-66.

AZERÊDO, Sandra. Notas sobre a "subversão da identidade": Em homenagem a Simone de Beauvoir, nos 50 anos d'O Segundo Sexo. **Cadernos Pagu**, Campinas, 1999, pp. 121-143.

BADINTER, Elisabeth. **XY: sobre a identidade masculina**. Trad. Maria Ignez Duque

- Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BAHIA, Ligia. Trinta anos de Sistema Único de Saúde (SUS): uma transição necessária, mas insuficiente, **Cadernos de Saúde Pública**, 2018, pp. 01-16.
- BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita**: o corpo e o gênero das travestis. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.
- BENETTI, Fernando José. **A bicha louca está fervendo**: uma reflexão sobre a emergência da Teoria Queer no Brasil (1980-2013). Florianópolis: UDESC. Monografia de Conclusão do Curso de História, 2013.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BENTO, Berenice. Na escola se aprende que a diferença. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, maio-agosto/2011.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 2ª edição – Natal: EDUFRN, 2014.
- BENTO, Berenice. Brasil: o país do transfeminicídio. In: **Centro latino-americano em sexualidade e direitos humanos**, 2014b. Disponível em http://www.clam.org.br/uploads/arquivo/Transfeminicidio_Berenice_Bento.pdf. Acesso em 13 jun. 2020.
- BENTO, Berenice. *Queer* o quê? Ativismo e estudos transviados. **CULT – Revista de Cultura Brasileira**, nº 193, agosto/2014c, pp. 42-45.
- BENTO, Berenice. Transfeminicídio: violência de gênero e o gênero da violência. In: COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 43-68.
- BENTO, Berenice. Universidade, gênero e movimentos sociais (Decálogo). **Revista Periódicus**, v. 1, 2017, pp. 340-353.
- BENTO, Berenice. **Transviad@s**: gênero, sexualidade e direitos humanos. Salvador: EDUFBA, 2017b.
- BENTO, Berenice. Necrobiopoder: quem pode habitar o Estado-nação? **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018, pp. 01-16.
- BERGER, PETER & LUCKMAN, Thomas. **A Construção Social da Realidade**. Tratado de Sociologia do Conhecimento. Petrópolis, Ed. Vozes, 1987.

- BESSA, Karla. Gender trouble: outra perspectiva de compreensão do gênero. Campinas: *Cadernos Pagu* – UNICAMP, n. 4, 1995, pp. 261-267.
- BESSA, Karla. (Org.). "Dossiê Trajetórias do gênero, masculinidades...". *Cadernos Pagu*, v. 11, 1998.
- BESSA, Karla. Posições de sujeito, atuações de gênero. *Revista Estudos Feministas*. n° 1, 1998, pp. 34-45.
- BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. **O novo espírito do capitalismo**. São Paulo: Ed.WMF Martins Fontes, 2009.
- BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, Nova Série, vol. 28, 2020, pp. 1-30.
- BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2003.
- BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? [Tradução: Valter Arcanjo da Ponte; Revisão: Plínio Dentzien]. *Cadernos Pagu* [online], n. 21, 2003b.
- RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual – entrevista de Gayle Rubin com Judith Butler. *Cadernos Pagu*, no.21 Campinas, 2003c.
- BUTLER, Judith. **Gender Trouble: feminism and the subversion of identity**. NewYork/London: routledge, 1990.
- BUTLER, Judith. **Bodies that matter: on the discursive limits of sex**. NewYork/London: routledge, 1993.
- BUTLER, Judith. Fundamentos contingentes: o feminismo e a questão do “pós-modernismo”. *Cadernos Pagu*, v. 11, 1998, pp. 11-42.
- BUTLER, Judith. **Excitable Speech**. New York: Routledge, 1997.
- BUTLER, Judith. **Undoing Gender**. NewYork/London: routledge, 2004.
- BUTLER, Judith. **Precarious Life – The Powers of Mourning and Violence**. Verso, London/New York, 2004b.
- BUTLER, Judith. *Giving an account of oneself*. New York: Fordham University Press, 2005.

BUTLER, Judith. **Parting Ways: Jewishness and the Critique of Zionism**. New York: Columbia University Press, 2012.

BUTLER, Judith; SPIVAK, Gayatri C. **Who Sings the Nation-State?** Language, Politics, Belonging. Seagull Books. Murray, (2007).

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro: 2015.

BUTLER, Judith. **Quadros de Guerra: Quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015b.

BUTLER, Judith: **Antigone's Claim**. Kinship between life and death. New York: Columbia University Press, 2000.

BUTLER, Judith. *The psychic life of power: theories in subjection*. Stanford: Stanford University Press, 1997b.

BUTLER, Judith. Contingent Foundations. In: BENHABIB, Seyla; BUTLER, Judith; CORNELL, Drucilla, FRASER, Nancy & NICHOLSON, Linda: **Feminist Contentions**. A Philosophical Exchange. New York and London: Routledge, 1995, pp. 35-58.

BUTLER, Judith. **Notes Towards a Performative Theory of the Assembly**. Cambridge (MA): Harvard University Press, 2015d.

BUTLER, Judith. **Cuerpos que importan: sobre los límites materiales y discursivos del "sexo"** – 1º ed. - Buenos Aires – Paidós, 2002.

BUTLER, Judith. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

BUTLER, Judith. **Vida precaria: el poder del duelo y la violencia** – 1 ed. - Buenos Aires: Paidós, 2006b.

BUTLER, Judith. **A vida psíquica do poder: teorias da sujeição; tradução Rogério Bettoni**. – 1. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

BUTLER, Judith. Vida precária. [tradução de Angelo Marcelo Vasco; Revisão de Richard Miskolci]. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, Departamento e Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFSCar, n.1, 2011, p. 13-33.

BUTLER, Judith. **Frames of War: When is Life Grievable?**. Verso, 2009.

BUTLER, Judith. **Sujetos del deseo**. Reflexiones hegelianas en la Francia del siglo XX. Buenos Aires: Amorrortu, 2012.

BUTLER, Judith. **O clamor de Antígona**: parentesco entre a vida e a morte. Florianópolis: Editora da UFSC, 2014.

BUTLER, Judith. **Relatar a si mesmo**: crítica da violência ética. Belo Horizonte: Autêntica, 2015c.

BUTLER, Judith. Anseio de reconhecimento. [Tradução: Jainara Gomes de Oliveira; Tarsila Chiara A. S. Santana]. **Equatorial** – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, v. 3, n. 5, 31 mar. 2017b, p. 185-207.

BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. [Tradução: André Rios; Revisão: Márcia Arán]. **Physis**, vol.19, n.1, Rio de Janeiro, 2009b, pp. 95-126.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. Tradução Fernanda Siqueira Miguens; Revisão técnica Carla Rodrigues. – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. **Corpos que importam**. São Paulo: n-1 Edições; Crocodilo Edições, 2019.

BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica, 2019b.

BUTLER, Judith. Corpos que ainda importam. In: COLLING, Leandro (org). **Dissidências sexuais e de gênero**. – Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 19-42.

BUTLER, Judith. **The Force of Non-Violence**. London/New York, Verso, 2020.

CÂE, Gioni. Manual para o uso da linguagem neutra em Língua Portuguesa. Disponível: <https://www.researchgate.net/publication/341736329_Manual_para_o_uso_da_linguagem_neutra_em_Lingua_Portuguesa> acesso em 18 out. 2020.

CASSIANO, Ophelia. “Guia para “Linguagem Neutra” (PT-BR). Disponível em: <<https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b>> acesso em 18 out. 2020.

COACCI, Thiago. Encontrando o transfeminismo brasileiro: um mapeamento preliminar de uma corrente em ascensão. **Revista História Ágora**, nº 15, 2015.

COACCI, Thiago. **Conhecimento precário e conhecimento contra-público: a coprodução dos conhecimentos e dos movimentos sociais de pessoas trans no Brasil.** Tese (Doutorado em Ciência Política) - Programa de Pós-Graduação em Ciência Política. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

COLLING, Leandro. Quatro dicas preliminares para transar a genealogia *queer* no Brasil. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (orgs.). **Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo.** – Natal, RN: EDUFRN, 2015. pp. 223-242.

COLLING, Leandro. **Que os outros sejam o normal: tensões entre o movimento LGBT e ativismo queer.** Salvador: Edufba, 2015b.

COLLING, Leandro. Impactos e tretas dos estudos *queer*. In: FERRARI, Anderson; CASTRO, Roney Polato de (Orgs.). **Diversidades sexuais e de gêneros: Desafios e potencialidades de um campo de pesquisa e conhecimento.** – Campinas, SP: Pontes Editores, 2017, pp. 33-50.

COLLING, Leandro; ARRUDA Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 57, 2019, pp. 01-34.

COLLING, Leandro. Introdução - caras que desfazem gêneros. In: COLLING, Leandro (org). **Dissidências sexuais e de gênero.** – Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 07-18

CÓRDOBA, David; SÁEZ, Javier; VIDARTE, Paco. (Org.). **Teoría Queer: políticas bolleras, maricas, trans, mestizas.** 2ª ed. Barcelona: EGALES, 2005.

CORRÊA, Mariza. Uma pequena voz pessoal. **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998, pp. 47-54.

CORRÊA, MARIZA. Dossiê Simone de Beauvoir & Os Feminismos do Século XX. **Cadernos Pagu**, Campinas, 1999.

COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psicologia: Teoria e Pesquisa.** vol. 33, Brasília, jun. 22, 2017, pp. 01-08.

COSTA, Claudia De Lima. O tráfico do gênero. In: BESSA, Karla. (Org.). **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998, pp. 127-140.

COSTA, Jurandir Freire. Impasses da ética naturalista. Gide e o homoerotismo. In: NOVAES, A. (org.). **Ética**. São Paulo: Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

COSTA, Luciana Assis; NEVES, Jorge Alexandre Barbosa. Burocracia e inserção social: um estudo sobre o Ministério da Saúde na gestão do Sistema Único de Saúde (SUS). **Revista Saúde e Sociedade**, 2013, pp. 1117-1131.

COSTA, Rosely Gomes. De clonagens e de paternidades: as encruzilhadas do gênero. **Cadernos Pagu**, v. 11, 1998, pp. 157-199.

CURIEL, Ochy. “Crítica poscolonial desde las prácticas políticas del feminismo antirracista”. **Nó-madas**, n.26, 2007, pp. 92-101.

DA MATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma Sociologia do Dilema Brasileiro**. – 6ª edição, Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 1 / Tradução de Aurélio Guerra Neto e Célia Pinto Costa. —Rio de Janeiro: Ed. 34, 1995.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs - capitalismo e esquizofrenia**, vol. 5 / Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Caiafa. — São Paulo: Ed. 34, 1997.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O que é a Filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **O Anti-Édipo**. São Paulo, SP: Ed. 34, 2011.

DELEUZE, Gilles.; GUATTARI, Félix. **Kafka: por uma literatura menor**. Assírio & Alvim, Lisboa, 2003.

DELEUZE, Gilles. Foucault. Trad. Claudia Sant’Anna Martins; revisão da tradução Renato Ribeiro. – São Paulo: Brasiliense, 2006.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa: filosofia prática**. Trad. Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 1992.

DEMETRI, Felipe. **Judith Butler: Filósofa da Vulnerabilidade**. Salvador: Editora Devires, 2018.

DEMETRI, Felipe. **Corpos despossuídos: vulnerabilidade em Judith Butler**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, UFSC, 2018.

DIAS, Claudenilson; COLLING; Leandro. Resistências e rejeições nas vivências de pessoas trans no Candomblé da Bahia. *Ex aequo*, n. 38 Lisboa, dez. 2018.

DURKHEIM, Émile. *As Regras do Método Sociológico*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ESPÓSITO, Yuri Bataglia. **Sobre A Tradução Equivocada De “Drag” Na Edição Brasileira De *Corpos Que Importam*, De Judith Butler**. 2020. Disponível em: <https://transfeminismo.com/sobre-a-traducao-equivocada-de-drag-na-edicao-brasileira-de-corpos-que-importam-de-judith-butler/> > acesso em 18 set. 2020.

FEMENÍAS, María Luisa. **Judith Butler**: introducción a su lectura. Buenos Aires: Catálogos, 2003.

FERNANDES, Estevão Rafael. Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, vol. 58, no 1, 2015, pp. 257-294.

FERNANDES, Estevão Rafael. **“Existe índio gay?”**: a colonização das sexualidades indígenas no Brasil. Curitiba: Editora Prismas, 2017.

FERREIRA, Ana Paula. Discursos femininos, teoria crítica feminista: para uma resposta que não é. **Revista Discursos**, Portugal, Universidade Aberta, n. 5, 1993, pp. 13-27.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**, vol. 1 – A vontade de saber. 18ª edição, Rio de Janeiro, Graal, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins Fontes, 1999.

GABRIEL, Alice. **Translation troubles**: revendo a tradução para o português do Gender Trouble de Judith Butler, 2020. Disponível em: < https://www.academia.edu/27727400/translation_troubles_revendo_a_tradu%C3%A7%C3%A3o_para_o_portugu%C3%AAs_do_Gender_Trouble_de_Judith_Butler > acesso em: 17 set. 2020.

GONÇALVES, Gracia Regina. **A clausura do corpo: representação e gênero na ficção de Lya Luft e de Margaret Laurence**. Tese de Doutorado em Estudos Literários, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Biblioteca da FALE/UFMG e Biblioteca Universitária da UFMG, 2001.

- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª ed. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2008.
- GROSGOUEL, Ramón. “La descolonización de la economía política y los estudios postcoloniales: transmodernidad, pensamiento fronterizo y colonialidad global”. **Tabula Rasa**, n.4, 2006, pp.17-48.
- GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. **Revista Estudos Feministas**. vol.15 no.3 Florianópolis, set./dez. 2007, pp. 663-677.
- GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. Micropolítica – Cartografias do desejo. Editora: Vozes, 4ª edição, Petrópolis, 1996.
- HALBERSTAM, J. Masculinidad feminina. Trad. Javier Sáez. Barcelona-Madrid: E. Egales, 2008.
- JAYME, Juliana Gonzaga. Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa. Tese de Doutorado em Ciências Sociais, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, IFCH/UNICAMP, 2001.
- JESUS, Jaqueline Gomes de. **Orientações sobre identidade de gênero**: conceitos e termos. Publicação *online*. Brasília, 2012.
- JESUS, Jaqueline Gomes (Org.). **Transfeminismo**: teorias e práticas. Rio de Janeiro: Metanóia, 2014.
- KAAS, Hailey. **O que é Transfeminismo? Uma Breve Introdução**. 2ª Versão, Hailey Kass, 2015.
- KULICK, Don. **Travesti** – prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO, 2000.
- LAURETIS, Teresa de. “Queer Theory: Lesbian and Gay Sexualities”, *Differences: A Journal of Feminist Cultural Studies*, 3(2), 1991, pp. 03-18.
- LAURETIS, Teresa de. **A tecnologia do gênero**. Trad. Susana Funck. In:

- HOLLANDA, Heloísa Buarque de (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LEITE JÚNIOR, Jorge. “**Nossos corpos também mudam**”. Sexo, gênero, e a invenção das categorias “travesti” e “transexual” no discurso científico. Tese de doutorado (Ciências Sociais). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.
- LEÓN, Adriano de. Os labirintos do desejo: desenhando uma metodologia anarco-queer. **Política & Trabalho** – Revista de Ciências Sociais, n. 36 - abril de 2012 - pp.219-235.
- LEOPOLDO, Rafael. **Cartografia do pensamento queer**. 1ª ed./Salvador-BA. Editora Devires, 2020.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **As estruturas elementares de parentesco**. Petrópolis, Vozes, 1982.
- LIMA, Carlos Chagas Vilela. A Verdades (Des)Construída: a inserção da homossexualidade da Comunidade Cristã Nova Esperança, em Natal. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.
- LOPES, Denílson. Estudos gays: panorâmica e proposta. **Lugar Comum**: estudos de mídia, cultura e democracia. Rio de Janeiro, nº. 13-14, 1999, p. 125- 130.
- LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado** - Pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. In: **Revista Estudos Feministas**. V.9 n.2 Florianópolis: IFCH, 2001, pp.541-553.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e teoria *queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- LOURO, Guacira Lopes. *Um corpo estranho*: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- LUGARINHO, Mário. Como traduzir a teoria *queer* para a língua portuguesa. **Gênero**. Niterói, v. 1, n. 2, 2001, pp. 33-40.
- LUGONES, María. “Colonialidad y género: hacia un feminismo descolonial”. In: Walter Mignolo (org.). **Género y descolonialidad**. Buenos Aires: Del Signo, 2008, pp.13-54.

- MACRAE, Edward. **A construção da igualdade**: a identidade sexual e a política no Brasil da abertura. Campinas: Unicamp, 1990.
- MACHADO, Lia Zanotta. Gênero, um novo paradigma?. *Cadernos Pagu*, v. 11, 1998, pp. 107-125.
- MACHADO, Paula Sandrine. **O sexo dos anjos**: representações e práticas em torno do gerenciamento sociomédico e cotidiano da intersexualidade. Tese de Doutorado, Programa de Pós graduação em Antropologia Social, UFRGS, 2008.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. “Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto”. In: Santiago CASTRO -GÓMEZ; Ramón GROSGOQUEL (orgs.). **El giro Decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana–Siglo del Hombre, 2007, pp.127-67.
- MBEMBE, Achille. **Crítica da razão negra**. Portugal, Antígona, 2014.
- MIGNOLO, Walter. “Cambiando las éticas y las políticas del conocimiento: lógicas de la colonialidad y poscolonialidad imperial”. **Tabula Rasa**, n.3, 2005, pp. 47-72.
- MIGNOLO, Walter D. Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, nº 34, p. 287-324, 2008.
- MISKOLCI, Richard; Simões, Júlio Assis (Orgs). Dossiê Sexualidades Disparatadas – **Cadernos Pagu**, n. 28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007.
- MISKOLCI, Richard. Pânicos morais e controle social – reflexões sobre o casamento gay. **Cadernos Pagu**, n. 28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, pp. 101-128.
- MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun., p. 150-182, 2009.
- MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Aquele não mais obscuro negócio do desejo. In: PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.

- MISKOLCI, Richard. Não ao sexo rei: da estética da existência foucaultiana à política. In: Souza, Luiz Antonio Francisco de; Sabatine, Thiago Teixeira; Magalhães, Boris Ribeiro de. (org.). **Michel Foucault: sexualidade, corpo e direito**. São Paulo: Oficina Universitária/Cultura Acadêmica, 2011.
- MISKOLCI, Richard. Nem sempre fomos *queer*, nunca fomos parte da nação. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (orgs.). **Desfazendo gênero: subjetividade, cidadania, transfeminismo**. – Natal, RN: EDUFRN, 2015, pp. 243-260.
- MISKOLCI, Richard. Estranhando as Ciências Sociais: notas introdutórias sobre Teoria Queer. **Revista Florestan Fernandes**. Dossiê Teoria Queer. v. 1 n. 2, pp. 8-25, 2014.
- MISKOLCI, Richard. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. Belo Horizonte, Autêntica, 2012.
- MISKOLCI, Richard; CAMPANA, Maximiliano. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Revista Sociedade e Estado** – Volume 32, Número 3, set./dez., 2017, pp. 725-747.
- MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 53, 2018, pp. 01-04.
- MONTEIRO DE LIMA, Shirley Acioly. **Intersexo e identidade: história de um corpo reconstruído**. Dissertação de Mestrado. Psicologia Social, PUC SP, 2007.
- MONTEIRO DIAS, Marcio. **Pink Money e comunicação: análise de narrativas publicitárias e das interações em pontos de vendas no consumo LGBTI na cidade de Belém**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação Comunicação, Cultura e Amazônia, UFPA, 2019.
- MONTEIRO, Marko Synésio Alves. Masculinidade em revista: um estudo da *VIP*, *Exame*, *Sui Generis* e *Homens*. Dissertação de Mestrado. UNICAMP, Campinas. 2000.
- MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas – itinerários para uma teologia Queer no Brasil**. Tese de Doutorado em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2008.
- NOLL, João Gilberto. **A fúria do corpo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

NONATO, Murillo. **Problemas de gênero de um gay afeminado**. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2017.

PAIVA, André Luiz dos Santos; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir. Produção Protética dos corpos: experiências trans e Políticas de saúde. **Revista Ártemis**, Vol. XVIII nº 1; jul-dez, 2014. pp. 251-263.

PARNET, C. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Entrevista por Claire Parnet, direção de Pierre-André Boutang. 1994. (Texto digitado). Disponível em: < <https://escolanomade.org/wp-content/downloads/deleuze-o-abecedario.pdf> > acesso em 20 mai. 2020.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de AIDS**. São Paulo: Annablume, 2009.

PELÚCIO, Larissa. Subalterno quem, cara-pálida? Apontamentos às margens sobre pós-colonialismos, feminismos e estudos *queer*. **Contemporânea** – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 2, pp., 2012, pp. 395-418.

PELÚCIO, Larissa. Traduções e torções ou o que se quer dizer quando dizemos queer no Brasil. **Periodicus**, v.1, n.1, Salvador, 2014.

PELÚCIO, Larissa. Breve história afetiva de uma teoria deslocada. **Revista Florestan**, São Carlos, ano 1, n. 2, nov. 2014b, pp. 26-45.

PELÚCIO, Larissa. O cu (de) Preciado – estratégias cucarachas para não higienizar o queer no Brasil. **Iberic@I: Revue D'études Ibériques et Ibéro-américaines**, Paris, n. 9, 2016, pp. 123-136.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer nos trópicos. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 2, 2012, pp. 371-394.

PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Queer decolonial: quando as teorias viajam. **Contemporânea: Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 5, n. 2, jul.-dez. 2015, pp. 411-437.

- PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Judith Butler e a Pomba Gira. *Cadernos Pagu* (53), Campinas, SP, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu-Unicamp, 2018, pp. 01-14.
- PERLONGHER, Néstor. **O negócio do michê**: a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Fundação Editora Perseu Abramo, 2008.
- PINHEIRO, Tarcísio Dunga. Pioneirismos, ativismos e (re)invenções: entrevista com Benenice Bento. *Equatorial – Revista do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social*, v. 4, n. 6, 22 set. 2017, p. 126-141.
- PINO, Nádía Perez. A teoria *queer* e os *intersex*: experiências invisíveis de corpos *desfeitos*. *Cadernos Pagu*, n. 28, v. 1. Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, pp. 149-174.
- PISCITELLI, Adriana. Gênero em perspectiva. *Cadernos Pagu*, v. 11, 1998, pp.141-155.
- POMPEU, Samira Loreto Edilberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. **Revista Organizações & Sociedade** - v. 26, n. 91, p. 645-664, out./dez. 2019.
- PORCHAT, Patrícia. Gênero, psicanálise e Judith Butler – Do transexualismo à política. Tese de Doutorado em Psicologia Clínica, Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, 2007.
- PRECIADO, Paul B. Cartografias *queer*: o flâneur perverso, a lésbica topofóbica e a puta multicartográfica, ou como fazer uma cartografia “zorra” com annie sprinkle. **Revista Performatus**, Inhumas, ano 5, n. 17, jan. 2017, pp. 01-32.
- PRECIADO, Paul B. *Testo Yonqui*. Espanha, Espasa, 2008.
- PRINS, Baukje; MEIJER, IRENE COSTERA. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Revista Estudos Feministas**, vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002, pp. 155-167.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder, eurocentrismo y América Latina”. In: LANDER, Edgardo (org.). **La colonialidad del saber**: eurocentrismo y ciencias sociales. Perspectivas latinoamericanas. Buenos Aires: CLACSO. 2000, pp. 203-241.

QUIJANO, Aníbal. “Colonialidad del poder y clasificación social”. In: CASTRO -GÓMEZ, Santiago; GROSGOUEL, Ramón (orgs.). **El giro Decolonial**. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Pontificia Universidad Javeriana / Siglo del Hombre, 2007, pp. 93-126.

QUINTERO, Pablo; FIGUEIRA, Patricia; ELIZALDE, Paz Concha. Uma breve história dos estudos decoloniais. **MASP Afterall**, Arte e descolonização: n.3. São Paulo, 2019.

REA, Caterina; PARADIS, Clarisse Goulart; AMANCIO, Izzie Madalena Santos (orgs.). **Traduzindo a África Queer**. Salvador: Editora Devires, 2018.

RICHARDSON, Roberto Jarry. **Pesquisa social: métodos e técnicas** / colaboradores José Augusto de Souza Peres... (et al.). - 3. ed. - 14. reimpr. - São Paulo, Atlas, 2012.

RODRIGUES, Carla. Entrevista: Judith Butler – A performatividade de gênero e do político. **Revista CULT**. São Paulo-SP, set. 2015, pp. 20-26,

RODRIGUES, Carla. Para além do gênero: anotações sobre a recepção da obra de Butler no Brasil. **Em Construção**: arquivos de epistemologia histórica e estudos de ciência. número 5 / 2019, pp. 59-72.

RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sexualidad, Salud y Sociedad**. (Rio J.) no.10 Rio de Janeiro, abr. 2012, pp. 140-164.

RODRIGUES, Carla. Ser e devir: Butler leitora de Beauvoir. **Cadernos Pagu**, no.56, Campinas, 2019b, pp. 01-21.

ROLNIK, S. “Subjetividade Antropofágica”. In: **Arte Contemporânea brasileira**. Um e/ entre Outro/s, São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 1998.

ROLNIK, Suely. Esquizoanálise e antropofagia. **Cadernos da Subjetividade**, São Paulo, v.4,1.; 2. sem. 1996. pp. 83-94.

ROLNIK, Suely. **Antropofagia zombie**. Brumaria8: Arte y Revolución. Sobre historia(s) del arte, Documenta 12 Magazine Project, 2007.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. – Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

SABAT, RUTH FRANCINI RAMOS. **Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade**. Tese de Doutorado em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto, 2003.

SAFIOTTI, Heleith. Diferença ou Indiferença: gênero, raça/etnia e classe social. In: ADORNO, Sérgio (Org.). **A Sociologia entre a Modernidade e a Contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 1995.

SAFATLE, Vladimir. Sexo, simulacro e políticas da paródia. **Revista do Departamento de Psicologia – UFF**, vol.18 no.1 Niterói, jan./jun. 2006, pp. 39-56.

SALIH, Sara. **Judith Butler e a Teoria Queer**. Tradução e notas: Guacira Lopes Louro. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.

SAN Martín, Rivas. Diga “queer” con la lengua afuera: Sobre las confusiones del debate latinoamericano. In: **Por un feminismo sin mujeres**. Santiago de Chile, CUDS, 2011. pp. 59-75.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. Porto: Afrontamento, 1992.

SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula. (Orgs.) **Epistemologias do Sul**. São Paulo; Editora Cortez, 2010.

SARAMAGO, José. **A Jangada de Pedra**. Editora Record, Rio de Janeiro / São Paulo, 1980.

SCHULMAN, Sarah. Homofobia familiar: uma experiência em busca de reconhecimento. *Bagoas - Estudos gays: gêneros e sexualidades*, v. 4, n. 05, 27 nov. 2012, pp. 67-78.

SEDGWICK, Eve Kosofsky. A Epistemologia do Armário. **Cadernos Pagu**, n. 28, v. 1. Tradução de Plínio Dentzien. Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, 2007, pp. 19-54.

SEGATO, Rita Laura. “¿Que és un feminicídio? Notas para un debate emergente”. In: **Fronteras, violencia, justicia: nuevos discursos**. PUEG/UNIFEM: Cidade do México, 2008.

SILVA, Hélio R. S. **Travesti: a invenção do feminino**. Rio de Janeiro: Relume- Dumará/ISER, 1993.

SILVA, Marcos Mariano Viana da. **Entre lembranças, desejos e moralidades - Narrativas de travestis e suas famílias em Natal-RN**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

SILVA, Mikelly Gomes da. **O que dá humanidade ao corpo?** Desdobramentos do sexo-gênero para o reconhecimento da intersexualidade. Tese de Doutorado em Ciências Sociais. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SINIGAGLIA, Otto Stenke; PRATA, Marcelo Ricardo. Das carnes mais baratas: indagações sobre a travestilidade e o Pink Money. **Revista Humanidades em Perspectivas**, v. 2, n. 3, jan/jun – 2020, pp. 95-108.

SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **RAC**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, art. 2, pp. 308-326, mai./jun. 2017.

SOUZA, Eloisio Moulin de; CARRIERI, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM, REV. ADM. MACKENZIE**, V. 11, N. 3, Edição Especial, São Paulo, SP, mai./jun. 2010, p. 46-70.

SOUZA, Emilly Mel Fernandes de. **(Trans)passando os muros do preconceito e adentrando a universidade: uma análise das políticas para pessoas trans* dentro das instituições públicas de ensino superior do Rio Grande do Norte**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SOUZA, Jessé. A sociologia dual de Roberto Da Matta: descobrindo nossos mistérios ou sistematizando nossos auto-enganos?. *Revista brasileira de Ciências Sociais* [online]. 2001, vol.16, n.45, p.47-67.

SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de; OLIVEIRA, Moisés Alves de. A Matemática Como Discurso: uma análise da relação mulher- matemática na obra O Homem Que Calculava, de Malba Tahan. **Bolema**, Rio Claro (SP), v. 33, n. 64, ago. 2019, pp. 871-89.

SUTHERLAND, Juan Pablo. **Nación marica**. Prácticas culturales y crítica activista. Santiago: Ripio Ediciones, 2009.

SWAIN, Tania Navarro. Feminismo e lesbianismo: a identidade em questão. **Cadernos Pagu**, Campinas, 1999, pp. 109-120.

TEIXEIRA, Flávia do Bonsucesso. **Vidas que desafiam corpos e sonhos**: uma etnografia do construir-se outro no gênero e na sexualidade. Tese de Doutorado. Campinas: IFCH – UNICAMP, 2009.

TOBIN, Jeffrey. A performance da masculinidade portenha no churrasco. **Cadernos Pagu**, Campinas, 1999, pp. 301-329.

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso**. 7 ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Record, 2007.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Corpo presente: antropologia do corpo e da incorporação. In: VALE DE ALMEIDA, Miguel (org.). **Corpo presente**, Oeiras, Celta Editora, 1996.

VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. *Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 2 (68), maio/ago. 2012, pp. 127-143.

VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes**: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. 2015. 254 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências., Salvador, 2015.

VIDARTE, Paco. **Ética Bixa**: Proclamações libertárias para uma militância LGBT. São Paulo: n-1 edições, 2019.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Os pronomes cosmológicos e o perspectivismo ameríndio. In: **Mana: estudos de antropologia social**, vol. 2, nº 2, RJ, Contra Capa, 1996.

YORK, Sara Wagner. **TIA, VOCÊ É HOMEM? Trans da/na educação: Des(a)fiando e ocupando os " sistemas" de Pós-Graduação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2020.

Fontes eletrônicas:

BUTLER, Judith. Judith Butler escreve sobre sua teoria de gênero e o ataque sofrido no Brasil. Folha de São Paulo, 19 nov. 2017. Disponível em: <

<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/11/1936103-judith-butler-escreve-sobre-o-fantasma-do-genero-e-o-ataque-sofrido-no-brasil.shtml> > acesso em 17 jan. 2018.

JUDITH Butler é agredida ao embarcar no Aeroporto de Congonhas. CartaCapital, São Paulo, 10 nov. 2017. Disponível em: < <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/judith-butler-e-agredida-ao-embarcar-no-aeroporto-de-congonhas> > acesso em 17 jan. 2018.

BUTLER, Judith. Judith Butler sobre a Covid-19: O capitalismo tem seus limites. Blog da Boitempo. São Paulo, 20 mar. 2020. Disponível em: < <https://blogdaboi-tempo.com.br/2020/03/20/judith-butler-sobre-o-covid-19-o-capitalismo-tem-seus-limites/> > acesso em 07 nov. 2020.

CANCELAMENTO da Palestra de Judith Butler no SESC/Pompeia. CitizenGo, Madrid/Espanha, 26 out. 2017. Disponível em: < <http://www.citizengo.org/pt-pt/node/108060?> > acesso em 17 jan. 2018.

GARCIA, Janaina. Manifestantes protestam contra e a favor de filósofa americana Judith Butler em São Paulo. UOL, São Paulo, 07 nov. 2017. Disponível em: < <https://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2017/11/07/manifestantes-protestam-contra-filosofa-americana-judith-butler-em-sao-paulo.htm> > acesso em 17 jan. 2018.

INUMERÁVEIS. Memorial dedicado à história de cada uma das vítimas do coronavírus no Brasil. Disponível em: < <https://inumeraveis.com.br/> > acesso em 30 jul. 2020.

MANIFESTANTES pró e contra Judith Butler protestam no Sesc Pompeia. Folha de São Paulo, São Paulo, 04 nov. 2017. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/11/1933437-manifestantes-pro-e-contra-judith-butler-protestam-no-sesc-pompeia.shtml> > acesso em 17 jan. 2018.

MANIFESTO Medo de Glitter. Afetadx, Natal, 15 out. 2013. Disponível em: < <http://afetadx.blogspot.com/?zx=791b9d5951b0c677> > acesso em 01 jun. 2020.

TRANS* como termo guarda-chuva. Transfeminismo – feminismo interseccional relacionado às questões trans*. Brasil, fev. 2013. Disponível em: < <https://transfeminismo.com/trans-umbrella-term/> > acesso em 16 jan. 2018.

YANCI, George. Judith Butler: O luto é um ato político em meio à pandemia e suas disparidades (Entrevista). Carta Maior. Brasil, 04 mai. 2020. Disponível em: < <https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Pelo-Mundo/Judith-Butler-O-luto-e-um-ato-politico-em-meio-a-pandemia-e-suas-disparidades/6/47390> > acesso em 10 nov. 2020.

Audiovisuais:

GOULART, Gilson; SIMPSON, Keila. *Atentado violento ao pudor*. Duração: 90min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=idrUxKJ5IzI> > acesso em 10 ago. 2020.

PARENTE, Marlon. *Bichas – o documentário*. Duração: 39min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=0cik7j-0cVU> > acesso em 16 jun. de 2020.

PEREIRA, Silvero. Espetáculo teatral: “Uma Flor de Dama”. Coletivo As travestidas. 2015. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=Ehvyi-h2o5s> > acesso em 30 abri. 2020.

ZADJERMANN, Paule. *Judith Butler, Filósofa em todo Género*. Arte France, 2006. Duração: 52min. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=KkB8O7-jGoM&feature=youtu.be> > acesso em 31 jul. 2020.

LIVINGSTON, Jennie. *Paris Is Burning*. Burbank: Miramax Home Entertainment, 2005.
RIGGS, Marlon. *Tongs Untied*. Documentário, 55m, EUA, 1990.

ANEXOS

LISTA DE TESES DE DOUTORADO CATALOGADAS NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES
TERMO BUSCADOR: Judith Butler
RECORTE TEMPORAL ALCANÇADO: 1998 – 2019
REFERÊNCIAS: Nome do/a autor/a; título da tese; ano de defesa; nome do programa de doutorado; nome da instituição; nome da biblioteca depositária.

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS ENTRE: 1998 - 2007

KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. **Gênero, psicanálise e Judith Butler: do transexualismo à política'** 01/08/2007 153 f. Doutorado em PSICOLOGIA CLÍNICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

BENTO, Carlos Henrique. **O gênero atuante: a performance de gênero em “The Passion of New Eve” e “Goodnight Desdemona (Good Morning Juliet)”** 01/03/2007 199 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E BIBLIOTECA DA FALE – UFMG.

GONÇALVES, GRACIA REGINA. **A clausura do corpo: representação e gênero na ficção de Lya Luft e de Margaret Laurence'** 01/02/2001 245 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: Biblioteca da FALE/UFMG e Biblioteca Universitária da UFMG

MENDES, MARY ALVES. **Mulheres chefes de família em áreas ZEIS: Gênero, poder e trabalho'** 01/09/2005 311 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

TAVARES, Carla Rosane da Silva. **A perspectiva da mulher como resistência às configurações ideológicas do ditador latino-americano: o romance'** 01/12/2007 230 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: BSCH

PINTO, Joana Plaza. **Estilizações de Gênero em Discurso sobre Linguagem.'** 01/03/2002 237 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

CASTRO, Regina Aurea Leão de. **Salas de Bate-Papo da Internet: Espaço onde as mulheres tecem suas identidades através da linguagem.'** 01/07/2006 258 f. Doutorado em ESTUDOS LINGÜÍSTICOS E LITERÁRIOS EM INGLÊS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Biblioteca Florestan Fernandes

JAYME, Juliana Gonzaga. **Travestis, Transformistas, Drag-queens, Transexuais: Personagens e Máscaras no Cotidiano de Belo Horizonte e Lisboa'** 01/10/2001 269 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: IFCH/UNICAMP

GARCIA, Olga Regina Zigelli. **Sexualidades Femininas e Prazer Sexual: uma abordagem de gênero.'** 01/11/2007 253 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFSC.

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS ENTRE: 2008 - 2011

CHAMBOULEYRON, Ingrid Cyfer. **A Tensão entre Modernidade e Pós-Modernidade na Crítica à Exclusão no Feminismo'''** 01/09/2009 140 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciência Humanas.

SANTOS, Maria de Fátima Lima. **A Construção do Dispositivo da Transexualidade: saberes, tessituras e singularidades nas experiências trans.'** 01/04/2010 148 f. Doutorado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: CBC

ROCHA, Patrícia Carvalho. **A estética da dissonância nas obras de Charlotte Brontë'** 01/06/2008 230 f. Doutorado em ESTUDOS LITERÁRIOS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, BELO HORIZONTE Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA E BIBLIOTECA DA FALE – UFMG

BALESTRIN, PATRICIA ABEL. **O Corpo Rifado'** 01/12/2011 173 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial de Educação

SUREK, Cristina Luiza Czerwonka. **As Mulheres de Roça Velha - Araucária - PR: As do Lugar e as que chegaram.'** 01/11/2011 192 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: UFPR

BATISTA, Stephanie Dahn. **O CORPO FALANTE: AS INSCRIÇÕES DISCURSIVAS DO CORPO NA PINTURA ACADÊMICA BRASILEIRA DO SÉCULO XIX'** 01/08/2011 287 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, CURITIBA Biblioteca Depositária: SIB-UFPR

LIMA, Ana Cecília Acioli. **As (Re)Configurações do Corpo Sexuado na Ficção de Jeanette Winterson'** 01/06/2008 139 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: PG LETRAS

PAULA, Rogéria Costa de. **"NÃO QUERO SER BRANCA NÃO. SÓ QUERO UM CABELO BOM, CABELO BONITO!" - Performances de corpos/cabelos de adolescentes negras em práticas informais de letramento'** 01/12/2010 309 f. Doutorado em

LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, CAMPINAS Biblioteca Depositária: Biblioteca Central

BORGES, Dulcina Tereza Bonati. **A CULTURA ESPETACULAR DAS TELENVELAS: Recepção, Sexualidades e Subjetividades em “Paraíso Tropical – 2007”** 01/03/2011 265 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA, UBERLÂNDIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Campus Santa Mônica da UFU

FERRAZ, Márcia Maria Severo. **CURVAS PERIGOSAS: A REPRESENTAÇÃO DA SUBJETIVIDADE NOS CARTUNS DE MAITENA** 01/09/2009 160 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, SANTA MARIA Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da Universidade Federal de Santa Maria

ORNAT, MARCIO JOSÉ. **Território Descontínuo e Multiterritorialidade na Prostituição Travesti através do Sul do Brasil** 01/09/2011 278 f. Doutorado em GEOGRAFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: PPG

ADRIÃO, Karla Galvão. **Encontros do Feminismo. Uma Análise do campo feminista brasileiro a partir das esferas do movimento, do governo e da academia** 01/03/2008 325 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca Depositária: biblioteca Central da UFSC

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS ENTRE: 2012 - 2014

FILHO, Ismar Inácio dos Santos. **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MASCULINIDADES BISSEXUAIS: UM ESTUDO EM LINGÜÍSTICA QUEER** 01/03/2012 248 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE

GONCALVES, LETICIA DE SOUZA. **A (DES)CONSTRUÇÃO DA NOÇÃO DE GÊNERO NOS CONTOS DE KATHERINE MANSFIELD** 09/12/2014 190 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST. PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis Biblioteca Depositária: FCL Assis

CARVALHO, PRISCILA TEIXEIRA DE. **QUEM É O SUJEITO DA JUSTIÇA SOCIAL? POR UMA CONCEPÇÃO MORAL/POLÍTICA EMANCIPATÓRIA** 14/04/2014 158 f. Doutorado em FILOSOFIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: IFCS/UFRJ

SANTOS, SIMONE GANEM ASSMAR. **MAPEANDO OS CORPOS FEMININOS NA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: DIÁLOGOS E REPRESENTAÇÕES** 21/10/2014 362 f. Doutorado em FAMÍLIA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca da Federação

JUSTINO, KATIUCE LOPES. **CONVERSA DE SENHORAS: A PERFORMANCE DO FEMININO EM ANA CRISTINA CESAR'** 21/02/2014 103 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/SJR. PRETO, São José do Rio Preto Biblioteca Depositária: IBILCE/Campus de São José do Rio Preto

BRAGA, DENISE DA SILVA. **Heteronormatividade e sexualidade LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não-normativas'** 01/02/2012 180 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH-A

OLIVEIRA, LUCIANA MARIA RIBEIRO DE. **Crime é "coisa de mulher": Identidades de gênero e identificações com a prática de crimes em posição de liderança entre mulheres jovens na cidade de Recife-PE.'** 01/05/2012 197 f. Doutorado em ANTHROPOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE Biblioteca Depositária: CENTRAL UFPE

MACIEL, PATRICIA DANIELA. **LÉSBICAS E PROFESSORAS: MODOS DE VIVER O GÊNERO NA DOCÊNCIA'** 28/03/2014 189 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Capão do Leão Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do Campus das Ciências Sociais

CAVALCANTI, SILEDE LEILA OLIVEIRA. **Corpos tristes, Velhices alegres: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos'** 28/02/2013 257 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE

ROCHA, LUCIANA LINS. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização'** 19/08/2013 255 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca

MATTOS, CARLA DOS SANTOS. **Viver nas margens: gênero, crime e regulação de conflitos.'** 12/02/2014 198 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: IFCH/UERJ

PEREIRA, GERMANA DA CRUZ. **As representações do gênero feminino no seriado televisivo A Grande Família: uma análise crítica do discurso'** 03/12/2014 153 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza Biblioteca Depositária: Ciências Humanas – UFC

SILVA, Edjane Esmerina Dias da. **A (des)construção social de identidades de mulheres criminosas: estigmas, negociações e diferenças'** 01/11/2012 295 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande Biblioteca Depositária: Biblioteca central e biblioteca da pós-graduação

JUNIOR, PAULO MELGACO DA SILVA. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar'** 22/08/2014 236 f.

Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH

DIB, ALINE PROVEDEL. **“A ENFERMAGEM POR TODOS”:** **CONSTRUÇÃO INTERATIVA DAS IDENTIDADES DE GÊNERO, SEXUALIDADE E PROFISSÃO EM UM CURSO MÉDIO/TÉCNICO DE ENFERMAGEM**' 20/08/2014 238 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DO GRAGOATÁ

ALMEIDA, FABIO SAMPAIO DE. **Uma docente em prova de seleção: entextualizações de performances corpóreo-discursivas**' 02/06/2014 254 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca

SILVA, VANUZA SOUZA. **O ENTRE DA LIBERDADE, AS PRISÕES: Os feminismos que emancipam, prendem? Uma história do gênero feminino na Penitenciária Regional Feminina de Campina Grande (1970-2000)**' 19/02/2014 300 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE

DANTAS, MARIA DA CONCEICAO CARVALHO. **Cada um sabe a dor e a delícia de ser o que é: o performativo curricular- na análise de torpedo um vídeo do kit escola em homofobia**' 21/02/2014 169 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Anísio Teixeira- FACED

MOTTA, JOSE INACIO JARDIM. **ENTRE IDENTIDADES E DIFERENÇAS, ENTRE CONTEXTOS DE ABJEÇÃO E ALTERIDADE: REFLETINDO UMA PERSPECTIVA QUEER PARA OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO NO ÂMBITO DA SAÚDE**' 13/10/2014 187 f. Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca de Recursos Instrucionais - BRI/NUTES

PAZ, CLAUDIA DENIS ALVES DA. **"Eu tenho esse preconceito, mas eu sempre procurei respeitar os meus alunos": desafios da formação continuada em gênero e sexualidade**' 05/05/2014 221 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE UnB

AVELAR, REZENDE BRUNO DE. **Políticas Públicas de segurança no brasil: para pensar os direitos humanos de LGBT**' 12/12/2014. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia Biblioteca

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS ENTRE: 2015 - 2017

SILVA, LUCIANA LEITAO DA. **Letramentos queer e trajetórias de socialização na “sala de aula de inglês” no Ensino Fundamental I**' 31/08/2015 280 f. Doutorado em

INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca

GONZALEZ, CAROLINA GONCALVES. **IDENTIDADE DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DISCURSIVAS PARA SUPERAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE'** 08/12/2017 323 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB – BCE

DUARTE, FRANCISCO EDNARDO BARROSO. **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE SEXUALIDADE LGBT SOBRE SEUS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES EM SEUS PROJETOS DE VIDA'** 12/08/2015. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca

LEITE, FERNANDA CAPIBARIBE. **NARRATIVAS DE GÊNERO, CENÁRIOS EM TRÂNSITO: PELO DE VIR FEMINISTA EM AUDIOVISUAIS CONTEMPORÂNEOS'** 29/07/2015 256 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE

AMORIM, APARECIDA. **RELAÇÕES DE GÊNERO E PODER A vivência de mulheres e homens sob o impacto da migração internacional.'** 04/02/2015 362 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/MARÍLIA, Marília Biblioteca Depositária: Campus de Marília

MARINHO, MARCIA CRISTINA GRACA. **“Fiz para me sentir mulher outra vez”: corpo, construção de gênero e cirurgia plástica estética entre mulheres de Salvador-Bahia.'** 17/02/2017 236 f. Doutorado em SAÚDE COLETIVA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca Depositária: Biblioteca Universitária de Saúde

COSSI, RAFAEL KALAF. **A DIFERENÇA DOS SEXOS: LACAN E O FEMINISMO'** 03/02/2017 276 f. Doutorado em PSICOLOGIA CLÍNICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA DANTE MOREIRA

FERNANDES, CARLOS EDUARDO ALBUQUERQUE. **Um Percurso pelas Configurações do Corpo de Personagens Travestis em narrativas brasileiras do século XX: (1960-1980)'** 28/11/2016 180 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca

MACHADO, RAIMUNDA NONATA DA SILVA. **Gênero e raça na educação a distância: há outras epistemologias na prática educativa de formação docente?'** 19/06/2015 242 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA SETORIAL DO CCE – UFPI

OLIVEIRA, POLIANNE DELMONDEZ. **CARTOGRAFIA DAS PRÁTICAS DE SUBJETIVAÇÃO EM EXPERIÊNCIAS TRANS'** 16/03/2017 145 f. Doutorado em Programa de Pós graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BCE – UNB

OLIVEIRA, ROMILTON BATISTA DE. **TRAUMA NA LITERATURA: ANTÔNIO LOBO ANTUNES E A EXPERIÊNCIA NA ESCRITA** ' 05/10/2017 386 f. Doutorado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador Biblioteca

BERNARDES, MARCIA. **TODA NUDEZ SERÁ CASTIGADA? SENTIDOS CONSTRUÍDOS A PARTIR DO USO DO CORPO NU DA MULHER EM PERFORMANCES ATIVISTAS** ' 13/01/2017 137 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo Biblioteca Depositária: Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS

LAURENTINO, MARIA DA CRUZ SOARES DA CUNHA. **RELAÇÕES DE GÊNERO EM PRÁTICAS EDUCATIVAS NO ENSINO MÉDIO: CONTRIBUIÇÕES PARA UMA CULTURA DE PAZ** ' 27/06/2017 204 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina Biblioteca Depositária: Biblioteca Setorial do CCE/UFPI

FREITAS, ELIR FERRARI DE. **"Isso era trabalho de mulher": mídia e memória discursiva de masculinidade em trabalho do lar** ' 23/10/2017 149 f. Doutorado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá (BCG)

DOLIVEIRA, MARIANE CAMARGO. **INSTITUCIONALIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA INTRAGÊNERO NO PROCESSO DE ENCARCERAMENTO FEMININO: DESVELANDO AS RELAÇÕES ASSIMÉTRICAS DE PODER** ' 20/02/2017 275 f. Doutorado em Diversidade Cultural e Inclusão Social Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEEVALE, Novo Hamburgo Biblioteca Depositária: Biblioteca Paulo Sérgio Gusmão

FILHO, EMANOEL RAIFF GOMES DA NOBREGA. **HISTÓRIA DAS MULTIPLICIDADES TRAVESTIS EM MURIEL TOTAL, DE LAERTE COUTINHO: cartografias discursivas da estética de si por um devir transgênero** ' 06/05/2016 245 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa Biblioteca Depositária: UFPB

DINIZ, ROZEANE PORTO. **DO “AMOR” QUE DIZEM O NOME: AS REPRESENTAÇÕES DAS LESBIANIDADES NO CORDEL** ' 14/12/2017 243 f. Doutorado em LITERATURA E INTERCULTURALIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAIBA, Campina Grande Biblioteca

PASCHOAL, CLAUDIA LUCIA LESSA. **Lembrança e esquecimento em narrativas de si: uma bricolagem de fragmentos de vidas de pessoas cegas** ' 25/08/2017 349 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca

VIANA, KARINA MENDES NUNES. **REPRESENTAÇÕES LINGÜÍSTICO-DISCURSIVAS DE MULHERES GESTANTES EM SITUAÇÃO PRISIONAL: UMA ANÁLISE DE DISCURSO CRÍTICA** ' 19/10/2016 390 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília

CASTRO, FABIANA SOUZA VALADAO DE. **CAROLINA MARIA DE JESUS E CLARICE LISPECTOR: REPRESENTAÇÕES DO FEMININO NA LITERA-**

TURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA' 08/11/2017 137 f. Doutorado em LETRAS E LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia

SILVA, SANDRA MARIA CERQUEIRA DA. **Tetos de vitrais: gênero e raça na contabilidade no Brasil'** 20/05/2016 230 f. Doutorado em CONTROLADORIA E CONTABILIDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca Depositária: Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2018

TOSOLD, LEA. **Autodeterminação em três movimentos: a politização de diferenças sob a perspectiva da (des)naturalização da violência'** 31/07/2018 310 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

BALTHAZAR, GREGORY DA SILVA. **Corpos que ardem: ética e feminismos nas artes visuais'** 18/07/2018 198 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

SANTOS, ADRIANE ROBERTA RIBEIRO DOS. **ANÁLISE DA PERSONAGEM LÉSBICA NO CINEMA NACIONAL 1970 – 2016'** 03/10/2018 263 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba

CANASSA, ROSANGELA DONIZETE. **AS MULHERES NO CINEMA DE PEDRO ALMODÓVAR CABALLERO E A REINVENÇÃO DO MELODRAMA HOLLYWOODIANO'** 30/01/2018 135 f. Doutorado em EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo

FALCHI, CINTHIA ALVES. **CRÍTICA AO PARADIGMA DA DIFERENÇA IDENTITÁRIA DOS CORPOS: TRANSGRESSÃO DE GÊNERO COMO RUPTURA ÉTICA.'** 29/03/2018 170 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (MARÍLIA), Marília Biblioteca

VALE, ANTONIO PETERSON NOGUEIRA DO. **“Fazendo a egípcia”: a transexualidade e o duplo em Do fundo do poço se vê a lua'** 06/07/2018 undefined f. Doutorado em ESTUDOS DA LINGUAGEM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal

CAMARGO, PAULO ROBERTO FERREIRA DE. **CRISES PERFORMÁTICAS: REPRESENTAÇÕES DE MASCULINIDADES NO CINEMA DE BETO BRANT'** 12/12/2018 138 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba

GARCIA, JULIANE CAMILA CHATAGNIER. **Feminilidades e masculinidades: resignificação e criação de novas identidades em romances contemporâneos'**

16/02/2018 197 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (SÃO JOSÉ DO RIO PRETO), São José do Rio Preto

GARCIA, REGIS DE AZEVEDO. **VIOLANDO IDENTIDADES: UM ESTUDO DAS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM RELAÇÃO AO INDÍGENA NO ROMANCE CONTEMPORÂNEO DO BRASIL E DO CANADÁ** Rio Grande 2018' 27/08/2018. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Rio Grande

SOUZA, LUIZ CARLOS DE. **PRECISAMOS CONVERSAR SOBRE O ALFRED: A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER NOS FILMES DE HITCHCOCK'** 19/09/2018 255 f. Doutorado em LITERATURA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

RODRIGUES, REJANE LOPES. **A Escrita de si nos Sujeitos Generificados: O Corpo Enquanto Lugar de Memória, Subjetividade e Criação'** 28/03/2018 161 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

BRITO, LEANDRO TEOFILO DE. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer'** 22/02/2018 228 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

FILHA, TATIANA MARQUES DA SILVA PARENTI. **EM BUSCA DO “MATCH PERFEITO”, AFETIVIDADE, SEXUALIDADE E GÊNERO NO TINDER: uma análise a partir dos Estudos Culturais em Educação'** 30/11/2018 233 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

PASSOS, JACEGUARA DANTAS DA SILVA. **A violência de gênero contra a mulher sob a perspectiva étnico-racial: a relevância do papel do Ministério Público'** 07/02/2018 277 f. Doutorado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

SOUZA, FREDERICO DA CRUZ VIEIRA DE. **Pensar a imagem outramente: à escaleta ética do rosto e o por vir da política'** 27/03/2018 329 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte

MOTA, SAULO TAVARES DA. **Usos e desusos da noção de vulnerabilidade na saúde pública no Brasil'** 27/11/2018 undefined f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

PAULINO, SIMONE CAMPOS. **TECENDO E DESTECENDO: AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS NOS CONTOS DE FADAS DA TRADIÇÃO E DE MARINA COLASANTI'** 25/05/2018 240 f. Doutorado em Humanidades, Culturas e Artes Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO GRANDE RIO - PROF JOSE DE SOUZA HERDY, Duque de Caxias

SANTOS, ALDENISE CORDEIRO. **MULHERES NAS MARGENS DO TRIUNFO: COMPOSIÇÕES DE PROFESSORAS NA ESCOLA'** 11/06/2018 163 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TIRADENTES, Aracaju

ALBUQUERQUE, BARTIRA DIAS DE. **PERFORMANCE, ARTE E MERCADOS DE DIFERENÇAS: PROCESSOS DE APRENDIZAGENS SOBRE O GÊNERO, RAÇA E CLASSE COM O GRUPO TAMBORES DE SAFO'** 20/09/2018 200 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, Fortaleza

MACHADO, SANDRA MARIA. **DITOS, NÃO DITOS, JUVENTUDES, VIOLÊNCIAS, INDISCIPLINAS: TENTÁCULOS DO CAPITALISMO ESTÉTICO? RACISMOS INVISÍVEIS?'** 29/01/2018 242 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória

CRUZ, MARCIA MARIA DA. **Política das ruas e das redes: autoexposição e anonimato nas multidões de Junho de 2013'** 28/02/2018 231 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte

CHAVES, RAMON SILVA. **A paratopia do estigma: identidade e relato de si no discurso Recordações do escritor Isaiás Caminha, de Lima Barreto'** 05/09/2018 214 f. Doutorado em LÍNGUA PORTUGUESA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo Biblioteca

PORTO, MARIA CECILIA COSTACURTA DE SA. **"À sombra das cerejeiras tropicais" O projeto comunicacional do Bunkyo e a construção da narrativa nipo-brasileira'** 09/05/2018 367 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

ARAUJO, VALDENIA PINTO DE SAMPAIO. **UM CORPO POTENTE FAZENDO DAS DORES POSSIBILIDADES DE ASAS: TRANSformando modos de educar e de resistência na Universidade'** 30/08/2018 104 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, Teresina

MELO, ANA CLAUDIA DA CRUZ. **Telenovela brasileira, censura e sexualidade: uma história de amor e ódio'** 14/12/2018 undefined f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E SEMIÓTICA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

ALMEIDA, SIMONE APARECIDA PINHEIRO DE. **NARRATIVAS DE HISTÓRIA DE VIDA DE MULHERES IDOSAS: MEMÓRIA, SUBJETIVIDADE E RELAÇÕES DE GÊNERO'** 20/02/2018 272 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA, Ponta Grossa

PONTES, MARIA VERONICA ANACLETO. **ENTRE NOVAS E VELHAS HISTÓRIAS: A CONSTRUÇÃO DE BRUXAS E PRINCESAS NOS FIOS DISCURSIVOS DE CONTOS DE FADAS'** 27/08/2018 169 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa

SILVEIRA, LUIZ GUSTAVO FRANCO. **Oportunidades de Aprendizagem de Ciências da Natureza e Relações de Gênero: uma análise de interações discursivas e de diferentes dimensões espaço-temporais em sala de aula'** 25/05/2018 372 f. Doutorado

em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS, Belo Horizonte Biblioteca

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2019

MELO, CAMILA OLIVIA DE. **Itinerâncias zinefeministas: um mergulhar em datalografias de fúria & saudade**' 28/03/2019 207 f. Doutorado em DESIGN Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MORGADO, TABATHA FRONY. **June 2013 protests in Brazil: a corpography of power and resistance.**' 12/12/2019 undefined f. Doutorado em RELAÇÕES INTERNACIONAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

ABREU, RACHEL LUIZA PULCINO DE. **“É algo socialmente construído”: gêneros e sexualidades na escola entre percepções de docentes e estudantes**' 22/02/2019 270 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

LIVEIRA, FERNANDA CARLA MACHADO DE. **Performances invisíveis: existências bruta**' 22/04/2019 167 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

PAES, BRUNO TEIXEIRA. **As imagens precárias. Uma leitura da produção audiovisual realizadas por jovens em regimes sócioeducativos**' 22/03/2019 178 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

FRANCISCO, DANIELA APARECIDA. **A literatura juvenil de Stella Maris Rezende: muito além do gênero**' 23/01/2019 374 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS), Assis

SANTOS, DEBORA DUARTE DOS. **Cartografias corporais em trânsito: violência, desejo e êxtase na escrita de Néstor Perlongher**' 10/05/2019 181 f. Doutorado em LETRAS (LÍNGUA ESPANHOLA E LIT. ESPANHOLA E HISPANO-AMERIC.) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

DIAS, LUCIANO DE SOUZA. **Desamparo, precariedade e a construção de novos comuns: psicanálise e democracia plural.**' 10/06/2019 296 f. Doutorado em TEORIA PSICANALÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MYCZKOWSKI, RAFAEL SCHULTZ. **No ranger da câmera. Permanências do Re-encontro**' 22/07/2019 127 f. Doutorado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Florianópolis Biblioteca

PEREIRA, JUNIA CRISTINA. **DRAMATURGIAS DE SI E DO OUTRO: CONSTRUÇÕES IDENTITÁRIAS** ' 23/11/2019 253 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

ASSIS, FABIANA GOMES DE. **QUEERTOPIAS: CORPOS E ESPAÇOS-TEMPOS SONHADOS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS**' 29/05/2019 165 f. Doutorado em Linguística e Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió

AVILA, ALEXANDRE TRZAN. **Reflexões acerca da noção de Identidade de gênero: performatividade, ser-aí e subversões**' 25/03/2019 206 f. Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

ALMEIDA, ANA LUIZA NUNES. **Poéticas (e) políticas da alteridade: existências lésbicas na literatura brasileira contemporânea**' 19/09/2019 136 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

GOMES, MORGANA BARBOSA. **Epístolas profanas: performances dos silêncios manifestos**' 10/10/2019 2013 f. Doutorado em Performances Culturais Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia

GARCIA, ALINE MONTEIRO. **Cartografias da Medida Socioeducativa de Internação: entradas pelo dispositivo da "sexualidade".**' 29/03/2019 242 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

PRAZERES, LILIAN LIMA GONCALVES DOS. **ESCRITURAS FEMINISTAS SUL-AMERICANAS: CORPOS, VOZES E SENTIMENTOS EM LUISA VALENZUELA**' 14/03/2019 undefined f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória

KORNATZKI, LUCIANA. **O dispositivo da família e a constituição de subjetividades em membros de famílias homoparentais**' 15/08/2019 174 f. Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE (UFSM - FURG) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Porto Alegre

TEIXEIRA, DEBORA PIRES. **A VELHICE NA REVISTA CLAUDIA: UMA ANÁLISE DE 1997 A 2010**' 06/12/2019 237 f. Doutorado em ECONOMIA DOMÉSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA, Viçosa

LISTA DE TESES DE DOUTORADO CATALOGADAS NO BANCO DE TESES E DISSERTAÇÕES DA CAPES²²⁶
TERMO BUSCADOR: Judith Butler; queer.
RECORTE TEMPORAL ALCANÇADO: 2012 – 2019
REFERÊNCIAS: Nome do/a autor/a; título da tese; ano de defesa; nome do programa de doutorado; nome da instituição; nome da biblioteca depositária.
OBSERVAÇÃO: Essas teses foram excluídas da lista de trabalhos de doutorado registradas pelo termo “queer”, e foram mantidas e analisadas somente na lista de teses catalogadas pelo termo “Judith Butler”

BRAGA, DENISE DA SILVA. **Heteronormatividade e sexualidade LGBT: repercussões dos discursos escolares sobre sexualidade na constituição das sexualidades não-normativas**' 01/02/2012 180 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO Biblioteca Depositária: UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH-A

CAVALCANTI, SILEDE LEILA OLIVEIRA. **Corpos tristes, Velhices alegres: Do velho instituído pelo discurso da caridade e da higiene ao idoso saudável inventado pelos saberes gerontogerátricos**' 28/02/2013 257 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife Biblioteca Depositária: Biblioteca Central da UFPE

JUNIOR, PAULO MELGACO DA SILVA. **Quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça interrogam as práticas curriculares: um olhar sobre o processo de co/construção das identidades no cotidiano escolar**' 22/08/2014 236 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Biblioteca do CFCH

MOTTA, JOSE INACIO JARDIM. **ENTRE IDENTIDADES E DIFERENÇAS, ENTRE CONTEXTOS DE ABJEÇÃO E ALTERIDADE: REFLETINDO UMA PERSPECTIVA QUEER PARA OS PROCESSOS DE EDUCAÇÃO NO ÂMBITO DA SAÚDE**' 13/10/2014 187 f. Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS E SAÚDE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca Depositária: Bibliotecade Recursos Instrucionais - BRI/NUTES

PASSOS, JACEGUARA DANTAS DA SILVA. **A violência de gênero contra a mulher sob a perspectiva étnico-racial: a relevância do papel do Ministério Público**' 07/02/2018 277 f. Doutorado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

SILVA, LUCIANA LEITAO DA. **Letramentos queer e trajetórias de socialização na “sala de aula de inglês” no Ensino Fundamental I**' 31/08/2015 280 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro Biblioteca

²²⁶ Lista de teses de doutorado catalogadas tanto pelo termo “Judith Butler” quanto pelo termo “queer” no Banco de Teses e Dissertações da CAPES.

DUARTE, FRANCISCO EDNARDO BARROSO. **AS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE UNIVERSITÁRIOS DE SEXUALIDADE LGBT SOBRE SEUS PROCESSOS DE ESCOLARIZAÇÃO E SUAS IMPLICAÇÕES EM SEUS PROJETOS DE VIDA'** 12/08/2015 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém Biblioteca

GONZALEZ, CAROLINA GONCALVES. **IDENTIDADE DE GÊNERO NO ESPAÇO ESCOLAR: POSSIBILIDADES DISCURSIVAS PARA SUPERAÇÃO DA HETERONORMATIVIDADE'** 08/12/2017 323 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UNB – BCE

RODRIGUES, REJANE LOPES. **A Escrita de si nos Sujeitos Generificados: O Corpo Enquanto Lugar de Memória, Subjetividade e Criação'** 28/03/2018 161 f. Doutorado em MEMÓRIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

BRITO, LEANDRO TEOFILO DE. **Enunciações de masculinidade em narrativas de jovens atletas de voleibol: leituras em horizonte queer'** 22/02/2018 228 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MORGADO, TABATHA FRONY. **June 2013 protests in Brazil: a corpography of power and resistance.'** 12/12/2019 undefined f. Doutorado em RELAÇÕES INTERNACIONAIS Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

ASSIS, FABIANA GOMES DE. **QUEERTOPIAS: CORPOS E ESPAÇOS-TEMPOS SONHADOS EM NARRATIVAS CONTEMPORÂNEAS'** 29/05/2019 165 f. Doutorado em Linguística e Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS, Maceió

AVILA, ALEXANDRE TRZAN. **Reflexões acerca da noção de Identidade de gênero: performatividade, ser-aí e subversões'** 25/03/2019 206 f. Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

**LISTA DE TESES DE DOUTORADO CATALOGADAS NO BANCO DE TESES E
DISSERTAÇÕES DA CAPES**

TERMO BUSCADOR: queer

RECORTE TEMPORAL ALCANÇADO: 2003 - 2019

REFERÊNCIAS: Nome do/a autor/a; título da tese; ano de defesa; nome do programa de doutorado; nome da instituição; nome da biblioteca depositária.

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2003

BENTO, Berenice Alves de Melo. **A Reinvenção do Corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual** ' 01/06/2003 3000 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA

SABAT, RUTH FRANCINI RAMOS. **Filmes infantis e a produção performativa da heterossexualidade** ' 01/08/2003 160 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2004

BARBERO, Graciela Haydée. **Homossexualidade e expressões contemporâneas da sexualidade: Perversões ou variações do erotismo?** ' 01/05/2004 186 f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2006

OLIVEIRA, Taís Leal de. **TEORIA QUEER E ESTIGMA: A CONSTRUÇÃO DE PERFORMANCES HOMOAFETIVAS EM NARRATIVAS DE HISTÓRIAS DE VIDA** ' 01/03/2006 397 f. Doutorado em Letras Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

LEAL, Tancel Ramberto Coutinho. **DARING ART: EROTIC IMAGERY IN THE POETRY OF WALT WHITMAN AND ADRIENNE RICH**' 01/05/2006 141 f. Doutorado em LETRAS (INGLÊS E LITERATURA CORRESPONDENTE) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2007

ALÓS, Anselmo Peres. **A letra, o corpo e o desejo - uma leitura comparada de Puig, Abreu e Bayly**' 01/07/2007 230 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

SILVA, Ellis Regina Araújo da. **Representações sociais e imagens em fotografias do corpo masculino em revistas gays.**' 01/12/2007 273 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, BRASÍLIA

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2008

MUSSKOPF, André Sidnei. **Via(da)gens teológicas – itinerários para uma teologia Queer no Brasil**' 01/07/2008 524 f. Doutorado em TEOLOGIA Instituição de Ensino: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, São Leopoldo

CAMARA, Uipirangi Franklin da Silva. **O armário de Deus no armários dos homens - Alternativas teológicas para o acolhimento e livre expressão da pessoa homossexual na comunidade cristã brasileira da contemporaneidade.**' 01/06/2008 197 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Campo

IRIGARAY, Hélio Arthur Reis. **"A DIVERSIDADE NAS ORGANIZAÇÕES BRASILEIRAS: ESTUDO SOBRE ORIENTAÇÃO SEXUAL E AMBIENTE DE TRABALHO."** 01/09/2008 331 f. Doutorado em ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS/SP, SÃO PAULO

RODRIGUES, ANDRÉ IRIBURE. **As representações das homossexualidades na publicidade e propaganda veiculadas na televisão brasileira: um olhar contemporâneo das últimas três décadas**' 01/08/2008 309 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2009

FELIPPE, Renata Farias de. **AS (ARQUEO)GENEALOGIAS PERVERSAS NO CINEMA DE PEDRO ALMODÓVAR**' 01/03/2009 161 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS

DULAC, ELAINE BEATRIZ FERREIRA. **Sexualidades e Escola: considerações e questões levantadas pelos/as participantes de um curso voltado à educação para a diversidade**' 01/05/2009 130 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

MESA, Angela Maria Estrada. **Comecei a ser uma pessoa que gostava de pessoas": Narrativas eróticas dissidentes e posicionamentos do self nas redes cotidianas de significado**' 01/01/2009 231 f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) UFPB/J.P. - UFRN Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA

OLIVEIRA, ANNA LUÍZA ARAÚJO R. MARTINS DE. **O discurso pedagógico pela diversidade sexual e sua (re)articulação no campo escolar**' 01/10/2009 271 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2010

LACOMBE, ANDREA. **LER[SE] NAS ENTRELINHAS. SOCIABILIDADES E SUBJETIVIDADES ENTENDIDAS, LÉSBICAS E AFINS**' 01/02/2010 192 f. Doutorado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, RIO DE JANEIRO

BOEHLER, Genilma. **O ERÓTICO EM ADÉLIA PRADO E MARCELLA ALTHAUS-REID: uma proposta de diálogo entre poesia e teologia**' 01/07/2010 205 f. Doutorado em TEOLOGIA Instituição de Ensino: ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA, São Leopoldo

NEPOMUCENO, Margarete Almeida. **"A Película do desejo: a subversão das identidades queers no cinema de Pedro Almodóvar"**' 01/12/2010 264 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, JOÃO PESSOA

JUNIOR, Jonas Alves da Silva. **Rompendo a mordaza: representações de professores e professoras do ensino médio sobre homossexualidade**' 01/12/2010 300 f. Doutorado

em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo
Biblioteca Depositária: FEUSP

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2011

CEDILLO, Rosa Maria Bianca. **A arte a partir do queer / Arte desde lo queer'** 01/03/2011 396 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS

POCAHY, FERNANDO ALTAIR. **Entre Vapores e Dugblagens: Dissidências homo/eróticas nas tramas do envelhecimento'** 01/02/2011 185 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

SILVA, Fernando Cândido da. **Uma aliança abominável e per/vertida? Anotações subalternas sobre o arquivo deuteronomico.'** 01/03/2011 343 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Campo

BALESTRIN, PATRICIA ABEL. **O Corpo Rifado'** 01/12/2011 173 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, PORTO ALEGRE

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2012

FILHO, Ismar Inácio dos Santos. **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA DE MASCULINIDADES BISSEXUAIS: UM ESTUDO EM LINGUÍSTICA QUEER'** 01/03/2012 248 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, RECIFE

SILVA, Jackson Ronie Sá da. **HOMOSSEXUAIS SÃO... REVISITANDO LIVROS DE MEDICINA, PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO A PARTIR DA PERSPECTIVA QUEER'** 01/01/2012 400 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo

CAMARGO, Wagner Xavier de. **“Circulando entre práticas esportivas e sexuais: etnografia em competições esportivas mundiais LGBTs”.**' 01/02/2012 314 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, FLORIANÓPOLIS Biblioteca

ROCHA, LUCIANA LINS. **Teoria queer e a sala de aula de inglês na escola pública: performatividade, indexicalidade e estilização**' 19/08/2013 255 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de

TOLEDO, LIVIA GONSALVES. **“SERÁ QUE EU TÔ GOSTANDO DE MULHER?”: tecnologias de normatização e exclusão da dissidência erótica feminina no interior paulista**' 15/01/2013 434 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/ASSIS, Assis

MIRANDA, MARCELO HENRIQUE GONCALVES DE. **CONDENSAÇÃO DE SENTIDOS E PARÓDIA: CATEGORIZAÇÃO SOCIAL SOBRE SEXO, GÊNERO E SEXUALIDADE.**' 27/02/2013 212 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife

DORNELLES, PRISCILA GOMES. **A (HETERO)NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS EM PRÁTICAS PEDAGÓGICAS DA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR**' 28/06/2013 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

MIRANDA, ADELAIDE CALHMAN DE. **Pensar o local: gênero e espaço urbano na narrativa brasileira contemporânea**' 20/03/2013 200 f. Doutorado em LITERATURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,

NETO, MOISES COSTA. **A Cruz Fora do Armário: Caminhos Para uma (Homo)Sexualidade Santificada.**' 26/07/2013 188 f. Doutorado em SOCIOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA/JOÃO PESSOA, João Pessoa Biblioteca Depositária: BIBLIOTECA CENTRAL DA UFPB

DUQUE, TIAGO. **Gêneros incríveis: identificação, diferenciação e reconhecimento no ato de passar por**' 10/12/2013 218 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas

SIERRA, JAMIL CABRAL. **MARCOS DA VIDA VIÁVEL, MARCAS DA VIDA VIVÍVEL O governo da diversidade sexual e o desafio de uma ética/estética pós-identitária para a teorização político-educacional LGBT**' 27/03/2013 202 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba

MIGUEZ, ANTON CASTRO. **QUEERIZANDO O ENSINO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS: POTENCIALIDADES DO CINEMA QUEER NO TRABALHO COM QUESTÕES DE GÊNEROS E SEXUALIDADES'** 02/09/2014 134 f. Doutorado em EDUCAÇÃO, ARTE E HISTÓRIA DA CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE, São Paulo

PRADO, VAGNER MATIAS DO. **Entre ditos e não ditos: a marcação social de diferenças de gênero e sexualidade por intermédio das práticas escolares da Educação Física'** 05/09/2014 253 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE EST.PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO/PR.PRUDENTE, Presidente Prudente

AVILA, SIMONE NUNES. **FTM, transhomem, homem trans, trans, homem: A emergência de transmasculinidades no Brasil contemporâneo'** 09/07/2014 243 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

DOURADO, RODRIGO CARVALHO MARQUES. **BONECAS FALANDO PARA O MUNDO: IDENTIDADES SEXUAIS “DESVIANTES” E TEATRO CONTEMPORÂNEO**' 07/04/2014 237 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

QUARTIERO, ELIANA TERESINHA. **LONGE DEMAIS DAS CAPITAIS: Distâncias e desigualdades'** 24/06/2014 202 f. Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto

COSTA, JUSSARA CARNEIRO. **Gênero na Rede, Sexo na Parede: problematizações à sexualidade nas práticas discursivas da Articulação de Mulheres Brasileiras/AMB a partir de uma mirada feminista Queer'** 28/03/2014 1 f. Doutorado em ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISM Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

OLIVEIRA, JOSE APARECIDO DE. **A CONSTRUÇÃO DISCURSIVA E A RECEPÇÃO DA HOMOAFETIVIDADE NA TELEDRAMATURGIA BRASILEIRA: consumo, representação e identidade homossexual'** 04/12/2014 201 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE METODISTA DE SÃO PAULO, São Bernardo do Campo

BOER, RAPHAEL ALBUQUERQUE DE. **WHO IS GOING TO SAVE THE FINAL GIRL? THE POLITICS OF REPRESENTATION IN THE FILMS HALLOWEEN AND THE SILENCE OF THE LAMBS'** 07/07/2014 136 f. Doutorado em Inglês: Estudos Lingüísticos e Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

ALMEIDA, NEIL FRANCO PEREIRA DE. **Professoras trans brasileiras: ressignificações de gênero e de sexualidades no contexto escolar'** 28/03/2014 268 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA,

SANTOS, LUCIENE NEVES. **Efeitos discursivos de políticas educacionais de gênero e de diversidade sexual num currículo de formação inicial em Educação Física'** 15/08/2014 161 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

LOMANDO, EDUARDO MARODIN. **Processos, Desafios, Tensões e Criatividade nas conjugalidades de homens e mulheres transexuais'** 25/07/2014 136 f. Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

LONGARAY, DEISE AZEVEDO. **A (re) invenção de si: investigando a constituição de sujeitos gays, travestis e transexuais'** 26/02/2014 226 f. Doutorado em EDUCAÇÃO EM CIÊNCIAS QUÍMICA DA VIDA E SAÚDE (UFSM - FURG) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE, Porto Alegre

SILVA, ALINE FERRAZ DA. **CURRÍCULO E DIFERENÇA: CARTOGRAFIA DE UM CORPO TRAVESTI'** 08/09/2014 102 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS, Capão do Leão

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2015

PEREIRA, CRISTIANO FABRÍCIO LOPES. **PINTOSAS: REFLEXÕES FIGURAIS SOBRE MARGINAIS DO GÊNERO'** 15/12/2015 undefined f. Doutorado em ARTES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

JACOBS, DAIANE DORDETE STECKERT. **POSSÍVEL CARTOGRAFIA PARA UM CORPO VOCAL QUEER EM PERFORMANCE'** 02/07/2015 292 f. Doutorado em TEATRO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DE SANTA CATARINA, Florianópolis

JUNIOR, LUIZ FRANCISCO BUARQUE DE LACERDA. **CINEMA GAY BRASILEIRO Políticas de representação e além'** 30/06/2015 185 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO,

KANASHIRO, VICTOR UEHARA. **Cantos da memória diaspórica: representações, (des)identificações e performances de Mishima a Okinawa'** 15/05/2015 undefined f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas

TAVARES, EVELIZE CRISTINA CIT. **FACA SEM PONTA, GALINHA SEM PÉ, HOMEM COM HOMEM, MULHER COM MULHER: QUEM DEFENDE A PERSONAGEM QUEER NOS LIVROS PARA A INFÂNCIA? CURITIBA 2015'**

25/03/2015 194 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba

FRIEDERICHS, MARTA CRISTINA. **QUANTO MAIS QUENTE MELHOR: corpos femininos nas telas do cinema'** 26/02/2015 207 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

MENDEZ, MARIA DEL ROSARIO TATIANA FERNANDEZ. **O evento artístico como pedagogia'** 04/12/2015 237 f. Doutorado em ARTES Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA, Brasília

BRANDAO, RENATA RODRIGUES. **O PRAZER DE LER, VER E SABER: A CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SEXUAIS PARA ALÉM DO MASCULINO, FEMININO E HETEROSSEXUAL EM REVISTAS BRASILEIRAS (1969-1979).'** 29/01/2015 227 f. Doutorado em HISTÓRIA COMPARADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

PRESSOTTO, PAULO HENRIQUE. **Espelhos narrativos: a questão do sujeito em João Silvério Trevisan e Pedro Almodóvar'** 05/01/2015 163 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

TEOFILO, MAGNO CEZAR CARVALHO. **Modos de Subjetivação na Experiência Queer: Micropolíticas do Corpo, do Gênero e da Sexualidade no Filme Dzi Croquettes'** 30/03/2015 134 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE FORTALEZA,

CALIXTO, LUCAS HENRIQUE. **Representações de Superalgebras de Funções'** 04/12/2015 79 f. Doutorado em MATEMÁTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas

SAMPAIO, JUCIANA DE OLIVEIRA. **DO GLAMOUR À POLÍTICA: Janaína Dutra em meandros heteronormativos'** 13/07/2015 399 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, São Luís

VERAS, ELIAS FERREIRA. **CARNE, TINTA E PAPEL: A EMERGÊNCIA DO SUJEITO TRAVESTI PÚBLICO-MIDIATIZADO EM FORTALEZA (CE), NO TEMPO DOS HORMÔNIOS/FARMACOPORNOGRÁFICO'** 07/12/2015 228 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

CABRAL, ARTHUR GRIMM. **Abrindo os códigos do tesão: encantamentos de resistência entre o transfeminismo pós-pornográfico'** 17/07/2015 110 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

RAMOS, MARIA EDUARDA. **Pornografia, resistências e feminismos: estratégias políticas feministas de produções audiovisuais pornográficas'** 27/02/2015 365 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA,

SILVA, MARCIA VEIGA DA. **Saberes para a profissão, sujeitos possíveis: um olhar sobre a formação universitária dos jornalistas e as implicações dos regimes de po-**

der-saber nas possibilidades de encontro com a alteridade' 31/03/2015 276 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2016

DAROS, LINDOMAR EXPEDITO SILVA. **Adoção Judicial de filhos por casais homossexuais: a heteronormatividade em questão'** 24/05/2016 371 f. Doutorado em POLÍTICAS PÚBLICAS E FORMAÇÃO HUMANA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

ARAÚJO, DENISE BASTOS DE. **OLHARES E VOZES DA ESCOLA: ELEMENTOS PARA A FORMAÇÃO DE POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O RESPEITO À DIVERSIDADE SEXUAL E DE GÊNERO'** 04/04/2016 196 f. Doutorado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA,

ALVES, DOUGLAS SANTOS. **MOVIMENTO LGBT, PARTICIPAÇÃO POLÍTICA E HEGEMONIA'** 16/12/2016 251 f. Doutorado em CIÊNCIA POLÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto

OLIVEIRA, THIAGO RANNIERY MOREIRA DE. **Corpos feitos de plástico, pó e glitter: currículos para dicções heterogêneas e visibilidades improváveis'** 31/05/2016 412 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

TAVARES, TALITA LEITE. **DISCURSOS DE IGREJAS INCLUSIVASE REGULAÇÃO DAS SEXUALIDADES EM CONTEXTO NÃO CONDENATÓRIO'** 01/08/2016 249 f. Doutorado em Psicologia Social Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA (JOÃO PESSOA), João Pessoa

LIMA, CARLOS HENRIQUE LUCAS. **LINGUAGENS PAJUBEYRAS: Re(ex)istência cultural e subversão da heteronormatividade'** 05/09/2016 264 f. Doutorado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

AZEVEDO, ADRIANA PINTO FERNANDES DE. **Reconstruções queers: por uma utopia do lar'** 11/04/2016 147 f. Doutorado em LITERATURA, CULTURA E CONTEMPORANEIDADE Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MARCHINI, LUCIANA MIRANDA. **Princesa: natura, cultura, acaso e liberdade'** 28/09/2016 255 f. Doutorado em LETRAS (EST.COMP. DE LITER. DE LÍNGUA PORTUGUESA) Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

SIEDLECKI, VIVIAN REGINA. **A DIVERSIDADE DE GÊNERO E SEXUALIDADE NA PERSPECTIVA DE LICENCIANDOS/AS EM MÚSICA'** 31/10/2016

181 f. Doutorado em MÚSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

SILVA, LUCIANA CODOGNOTO DA. **CARTOGRAFIAS DE MULHERES NA PROSTITUIÇÃO: Territórios, Heterotopias e suas Interfaces com a Psicologia'** 16/06/2016 163 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS), Assis

PEREIRA, TATIANA DE CASTRO LOPES. **Para além do terno e do chapéu de couro: mulheres masculinas em The Well of Loneliness e Grande Sertão: Veredas'** 29/03/2016 154 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

LEWIS, ELIZABETH SARA. **ACHO QUE ISSO FOI BASTANTE MACHO PRA ELA": Reforço e subversão de ideologias heteronormativas em performances narrativas digitais de praticantes de "pegging'** 09/09/2016 333 f. Doutorado em Estudos da linguagem Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

CRISTOVAO, LEANDRO DA SILVA GOMES. **Negociações com o armário: homossexualidades e estigma em narrativas de história de vida'** 27/07/2016 256 f. Doutorado em Estudos da linguagem Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

ZAMBONI, JESIO. **EDUCAÇÃO BICHA'** 29/02/2016 116 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, Vitória

POMBO, MARIANA FERREIRA. **Diferença sexual e função paterna na contemporaneidade: novos possíveis'** 25/07/2016 212 f. Doutorado em TEORIA PSICANALÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

SANTOS, DANIEL KERRY DOS. **Homens no mercado do sexo: fluxos, territórios e subjetivações.'** 02/12/2016 372 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

SCHIRMER, ANDERSON. **Homofobia, véu do real'** 29/04/2016 undefined f. Doutorado em PSICOLOGIA (PSICOLOGIA SOCIAL) Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

ARAUJO, RUBENILSON PEREIRA DE. **Estranhando o currículo: A temática homoafetiva no Ensino de Literatura Infantil'** 28/03/2016 248 f. Doutorado em Letras: Ensino de Língua e Literatura Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS, Araguaína

NASCIMENTO, FABIO SANTIAGO. **SEXUAL/SOCIAL 'BORDERLANDS': MEN'S NARRATIVES OF MASCULINITY AND SAME-SEX DESIRE IN BRAZIL'** 10/06/2016 172 f. Doutorado em Inglês: Estudos Lingüísticos e Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

SOUZA, CARLOS ANTONIO BRAGA DE. **Cada nascimento de uma criança intersexual é um tapa na cara da sociedade: uma reflexão sobre religião e gênero na sociedade brasileira'** 09/11/2017 392 f. Doutorado em CIÊNCIA DA RELIGIÃO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, São Paulo

NUNES, MAIRA DE SOUZA. **GOD SAVE THE QUEER: MOBILIZAÇÃO E RESISTÊNCIA ANTIMAINSTREAM NO FACEBOOK'** 13/09/2017 365 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO E LINGUAGENS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE TUIUTI DO PARANÁ, Curitiba

ANDRADE, VINICIUS NOVAIS GONCALVES DE. **Transfobia no percurso denunciativo brasileiro: um estudo a partir do Disque Direitos Humanos da Presidência da República'** 15/12/2017 308 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE GOIÁS, Goiânia

BARBOSA, ANDRE ANTONIO. **CONSTELAÇÕES DA FRIVOLIDADE NO CINEMA BRASILEIRO CONTEMPORÂNEO'** 07/03/2017 182 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

JUNIOR, DILTON RIBEIRO DO COUTO. **Marcas da abjeção expressas em conversas sobre heteronormatividade com jovens no Facebook: em defesa de uma pedagogia queer'** 09/02/2017 290 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MORAES, SILVIA PIEDADE DE. **Sexualidades e identidades de gênero no contexto do cárcere: representações sociais de jovens presidiárias.'** 29/06/2017 209 f. Doutorado em EDUCAÇÃO E SAÚDE NA INFÂNCIA E ADOLESCÊNCIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO PAULO, Guarulhos

BRAGA, IARA FALLEIROS. **Quem é homossexual carrega consigo o fardo do preconceito: violências contra adolescentes e jovens homossexuais e a rede de apoio social'** 17/03/2017 179 f. Doutorado em ENFERMAGEM EM SAÚDE PÚBLICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO), São Paulo

MAYER, CLAUDIA SANTOS. **TROUBLING QUEER METRONORMATIVITY IN LATIN AMERICAN CONTEXTS: INTERSECTIONALITY IN MADAME SATÃ, XXY, AND PELO MALO'** 23/02/2017 172 f. Doutorado em Inglês: Estudos Lingüísticos e Literários Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

GOULART, LUCAS AGUIAR. **JOGOS VIVOS PARA PESSOAS VIVAS: COMPOSIÇÕES QUEER-CONTRAPÚBLICAS NAS CULTURAS DE JOGO DIGITAL'** 26/06/2017 259 f. Doutorado em PSICOLOGIA SOCIAL E INSTITUCIONAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

NASCIMENTO, EMERSON CESAR DO. **O que vejo não sou eu: o trânsito de gênero na obra de Eva & Adele e Yasumasa Morimura.** ' 10/02/2017 160 f. Doutorado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS, Campinas

FERREIRA, GLAUCO BATISTA. **Arte, ativismo e espaço urbano na Baía de São Francisco através das ações do Queer Women of Color Media Arts Project – QWOCMAP.** ' 22/02/2017 undefined f. Doutorado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

FIGUEIREDO, DALTON DEMONER. **Outros pontos importantes do travestimento para a teoria psicanalítica**' 28/03/2017 undefined f. Doutorado em Psicanálise, Saúde e Sociedade Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE VEIGA DE ALMEIDA, Rio de Janeiro

MACHADO, FELIPE VIERO KOLINSKI. **HOMENS QUE SE VEEM: MASCULINIDADES EM JUNIOR E EM MENS HEALTH PORTUGAL**' 31/03/2017 227 f. Doutorado em CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS, São Leopoldo

OLIVEIRA, MEGG RAYARA GOMES DE. **O DIABO EM FORMA DE GENTE: (R)EXISTÊNCIAS DE GAYS AFEMINADOS, VIADOS E BICHAS PRETAS NA EDUCAÇÃO**' 30/03/2017 192 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ, Curitiba

SANTANA, SOLANGE SANTOS. **COM PANELEIROS, FRESSUREIRAS, TRAVESTIS, PUTAS E PUTOS: GÊNEROS, SEXUALIDADES E IDENTIDADES NA DRAMATURGIA DE BERNARDO SANTARENO**' 09/06/2017 312 f. Doutorado em LITERATURA E CULTURA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

TAKARA, SAMILO. **UMA PEDAGOGIA BICHA: HOMOFOBIA, JORNALISMO E EDUCAÇÃO**' 17/03/2017 176 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá

PAMPLONA, RENATA SILVA. **PEDAGOGIAS DE GÊNERO EM NARRATIVAS SOBRE TRANSMASCULINIDADES**' 16/02/2017 undefined f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS, São Carlos

AMARAL, MARILIA DOS SANTOS. **Te Desafio a Me Amar: desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com travestis e mulheres trans.**' 30/03/2017 188 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

FURLAN, CASSIA CRISTINA. **PERFORMANCES EM JOGO: (DES)CONSTRUINDO EXPERIÊNCIAS EM GÊNERO, SEXUALIDADE E IDENTIDADES NA PRÁTICA COM O RPG**' 22/11/2017 277 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ, Maringá

VIEIRA, MARCOS SARDA. **CIDADE DO DESAPEGO: O ESTAR-QUEER NA URBANIDADE CONTEMPORÂNEA'** 20/04/2018 309 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

RISK, EDUARDO NAME. **Formações discursivas sobre homossexualidade em telenovelas brasileiras'** 01/03/2018 213 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO), Ribeirão Preto Biblioteca

FREITAS, MARCO TULIO DE URZEDA. **LETRAMENTOS QUEER NA FORMAÇÃO DE PROFESSORXS DE LÍNGUAS: COMPLICANDO E SUBVERTENDO IDENTIDADES NO FAZER DOCENTE'** 13/04/2018 283 f. Doutorado em LETRAS E LINGUÍSTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, Goiânia

LIMA, NILVANETE GOMES DE. **“BOTA A CARA NO SOL, QUERIDA!”: PROCESSOS SOCIAIS DE ABJEÇÃO E DESESTABILIZAÇÃO DOS LIMITES DAS “NORMALIDADES” EM ALTERESCRITAS FICCIONAIS'** 27/08/2018 undefined f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO, São Luís Biblioteca

RISCADO, CAIO ARNIZAUT. **Tese Bicha: Marcas da Abjeção na Performance e no Teatro'** 09/03/2018 196 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

SASSO, LEISA. **EDUCAÇÃO EM VISUALIDADES NO “CHICÃO”: CENTRO EDUCACIONAL SÃO FRANCISCO DO DISTRITO FEDERAL'** 13/12/2018 undefined f. Doutorado em ARTES VISUAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA,

PEREIRA, JUNIOR VILARINO. **Corpos que (re) contam: o djinn e o queer na obra de Abdellah Taïa'** 28/05/2018 249 f. Doutorado em LETRAS NEOLATINAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

SALES, ADRIANO BARBOSA. **Travestis brasileiras e escolas (da vida): cartografias do movimento social organizado aos gêneros nômades'** 02/03/2018 310 f. Doutorado em PSICOLOGIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO (ASSIS), Assis

GUIMARAES, SABRINA GUERRA. **“TRANSTORNOS DO INSTINTO SEXUAL?” A MEDICINA LEGAL DEFINE A HOMOSSEXUALIDADE, LESBIANIDADE, TRANSGENERIDADE E INTERSEXUALIDADE.'** 20/12/2018 237 f. Doutorado em ESTUDOS INTERDISCIPLINARES SOBRE MULHERES, GÊNERO E FEMINISMO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

VERGARA, JORGE ISRAEL ORTIZ. **TODA CANÇÃO DE LIBERDADE VEM DO CÁRCERE: HOMOFOBIA, MISOGINIA E RACISMO NA RECEPÇÃO DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE'** 26/02/2018 undefined f. Doutorado em MÚSICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

SILVA, TIAGO BARBOSA DA. **O NÃO-LUGAR EM ELIZABETH BISHOP'** 07/03/2018 306 f. Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife

ROCHA, TIBERIO CAMINHA. **MULTIDIMENSIONALIDADE E NOVAS POLÍTICAS IDENTITÁRIAS: A REMONTAGEM DE CORPOS, GÊNEROS E SEXUALIDADES NA BIOCINEMATOGRAFIA LGBTQ.'** 23/01/2018 193 f. Doutorado em LINGÜÍSTICA APLICADA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ, Fortaleza

BRITO, NELLY LARA DE. **SEXUAÇÃO E EXPERIÊNCIA TRANS: uma abordagem psicanalítica sobre o tratamento de gozo'** 15/08/2018 176 f. Doutorado em PSICANÁLISE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

PONTES, CARLOS FREDERICO BUSTAMANTE. **O cinema LGBTQ exibido no Brasil: discursos, temáticas e tendências'** 17/12/2018 353 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

FERREIRA, GUILHERME GOMES. **DONAS DE RUA, VIDAS LIXADAS: INTERSECCIONALIDADES E MARCADORES SOCIAIS NAS EXPERIÊNCIAS DE TRAVESTIS E TRANSEXUAIS COM O CRIME E O CASTIGO'** 21/03/2018 226 f. Doutorado em SERVIÇO SOCIAL Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

MENEZES, SOPHIA PADILHA. **QUANDO O TERRITÓRIO DESCONSTRÓI O MAPA: UM ENCONTRO ENTRE CIÊNCIAS SOCIAIS, ARTE E COMUNICAÇÃO'** 08/06/2018 284 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE, Campina Grande

TESES DE DOUTORADO DEFENDIDAS EM: 2019

DANTAS, ANA CECILIA DE MORAIS E SILVA. **DIREITO DA PERSONALIDADE À AUTODETERMINAÇÃO DA IDENTIDADE DE GÊNERO: LIMITES E POSSIBILIDADES PARA SUA CONFIGURAÇÃO NO DIREITO BRASILEIRO'** 10/06/2019 undefined f. Doutorado em DIREITO Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

ANTUNES, CRISTIANE DE OLIVEIRA. **MOVIMENTOS DE IDENTIDADES MARGINAIS EM CIRANDA DE PEDRA, DE LYGIA FAGUNDES TELLES, E TODOS NÓS ADORÁVAMOS CAUBÓIS, DE CAROL BENSIMON'** 22/02/2019.

Doutorado em LETRAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa Maria

MEES, LUCIA ALVES. **O feminino do fim de análise: a passagem do gozo Outro ao desejo do psicanalista e seu ato.**' 04/12/2019 163 f. Doutorado em TEORIA PSICANALÍTICA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

SOUSA, FRANCISCO DAS CHAGAS ALEXANDRE NUNES DE. **TRAVESTÍGO-NAS: PERFORMATIVIDADE DE GÊNERO, DA POLÍTICA E DO LUTO NO TEATRO DE AS TRAVESTIDAS'** 03/04/2019 235 f. Doutorado em CULTURA E SOCIEDADE Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

NUNES, KAUAN AMORA. **A NAU QUEER: uma genealogia da sexualidade no teatro de Luís Otávio Barata (1980-1990)**' 12/03/2019 275 f. Doutorado em HISTÓRIA Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ, Belém

ROCHA, MARCOS DONIZETE APARECIDO. **A EMERGÊNCIA DO QUEER NO CINEMA BRASILEIRO EM MADAME SATÃ, DE KARIN AINOZ'** 17/06/2019 133 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI, São Paulo

TOMAZETTI, TAINAN PAULI. **GENEALOGIAS DISSIDENTES: OS ESTUDOS DE GÊNERO NAS TESES E DISSERTAÇÕES EM COMUNICAÇÃO DO BRASIL (1972-2015)**' 18/03/2019 201 f. Doutorado em Programa de Pós-Graduação em Comunicação Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL, Porto Alegre

MOURA, LINO DANIEL EVANGELISTA. **Cabra macho e flamenco transculturados: a dança como embaralhamento de subjetividades'** 15/03/2019 212 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Salvador

SILVA, MIKELLY GOMES DA. **O QUE DÁ HUMANIDADE AO CORPO? DESDOBRAMENTOS DO SEXO-GÊNERO PARA O RECONHECIMENTO DA INTERSEXUALIDADE'** 25/11/2019 228 f. Doutorado em CIÊNCIAS SOCIAIS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE, Natal

MELLO, ANAHI GUEDES DE. **OLHAR, (NÃO) OUVIR, ESCREVER: UMA AUTOETNOGRAFIA CIBORGUE'** 02/04/2019 184 f. Doutorado em ANTROPOLOGIA SOCIAL Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

JUNIOR, MANOEL MOACIR ROCHA FARIAS. **Reinventando gêneros: uma cartografia da cena performativa-política de Fortaleza.**' 11/04/2019 170 f. Doutorado em ARTES CÊNICAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO, São Paulo

SANTANA, HILLER SOARES. **Narrativa autobiográfica: Inscrevendo minha(s) identidade(s) na cena curricular'** 23/05/2019 212 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

MENDES, DIEGO COSTA. **Ser ou não parecer no curso de Administração? Eis a questão! A performance de alunos gays e bissexuais no contexto de um curso heteronormativo**' 27/05/2019 203 f. Doutorado em ADMINISTRAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife

CRUZ, THALLES DO AMARAL DE SOUZA. **“Olha, eu fiz o GDE, meu bem!”: uma análise da capilaridade da política pública curricular no curso Gênero e Diversidade na Escola**' 27/02/2019 263 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO, Rio de Janeiro

RIOS, PEDRO PAULO SOUZA. **O ESTRANHO QUE HABITA EM MIM: NARRATIVAS DE VIDA E FORMAÇÃO DE PROFESSORES GAYS NO SEMIÁRIDO BAIANO**' 29/05/2019 189 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE, São Cristóvão

RIBEIRO, IZAQUE MACHADO. **CIDADANIAS PRECÁRIAS: SUJEITOS TRANS E EDUCAÇÃO**' 01/08/2019 169 f. Doutorado em EDUCAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA, Santa

MOZDZENSKI, LEONARDO PINHEIRO. **OUTVERTISING – A PUBLICIDADE FORA DO ARMÁRIO: Retóricas do consumo LGBT e Retóricas da publicidade lacração na contemporaneidade**' 29/08/2019 310 f. Doutorado em COMUNICAÇÃO Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO, Recife

GOMES, MAURICIO PEREIRA. **"Se eu passar despercebido o baile não prestou". Visibilidade e resistência viada no interior de santa Catarina.**' 25/02/2019 331 f. Doutorado em INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS Instituição de Ensino: UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, Florianópolis

LISTA DE ARTIGOS CATALOGADOS NA PLATAFORMA SCIELO
TERMO BUSCADOR: Judith Butler
RECORTE TEMPORAL ALCANÇADO: jan./2002 – mai./2019
FILTROS APLICADOS: Idioma: Português
REFERÊNCIAS: Nome do/a autor/a; título do artigo; nome do periódico; ano da publicação.

1. PRINS, Baukje; MEIJER, Irene Costera. Como os corpos se tornam matéria: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** vol.10 no.1 Florianópolis Jan. 2002.
2. RUBIN, Gayle; BUTLER, Judith. Tráfico sexual – entrevista de Gayle Rubin com Judith Butler. **Cad. Pagu**, no.21 Campinas, 2003.
3. BUTLER, Judith. O parentesco é sempre tido como heterossexual? **Cad. Pagu**, no.21 Campinas, 2003.
4. ADELMAN, Miriam. Mulheres atletas: re-significações da corporalidade feminina. **Rev. Estud. Fem.** vol.11 no.2 Florianópolis July/Dec. 2003.
5. PEIXOTO JUNIOR, Carlos Augusto. Sujeição e singularidade nos processos de subjetivação. **Ágora** (Rio J.) vol.7 no.1 Rio de Janeiro July/jan. 2004.
6. SAFATLE, Vladimir. Sexo, simulacro e políticas da paródia. **Rev. Dep. Psicol.**, UFF vol.18 no.1 Niterói Jan./June 2006.
7. GALLINA, Justina Franchi. Pós-feminismo através de Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** vol.14 no.2 Florianópolis May/Sept. 2006.
8. BUTLER, Judith. O limbo de Guantánamo. **Novos estud. – CEBRAP**, no.77 São Paulo Mar. 2007.
9. ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. **Cad. Pagu**, no.28 Campinas Jan./June 2007.

10. GUARALDO, Olivia. Pensadoras de peso: o pensamento de Judith Butler e Adriana Cavarero. **Rev. Estud. Fem.** vol.15 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007.
11. CAVARERO, Adriana; BUTLER, Judith. Condição humana contra "natureza". **Rev. Estud. Fem.** vol.15 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007.
12. ASSMANN, Selvino J. Condição humana contra "natureza": diálogo entre Adriana Cavarero e Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** vol.15 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2007.
13. BUTLER, Judith. Desdiagnosticando o gênero. **Physis**, vol.19 no.1 Rio de Janeiro, 2009.
14. TONELI, Maria Juracy Filgueiras; SOUZA, Marina Gomes Coelho de; MÜLLER, Rita de C. Flores. Masculinidades e práticas de saúde: retratos da experiência de pesquisa em Florianópolis/SC. **Physis**, vol.20 no.3 Rio de Janeiro, 2010.
15. KNUDSEN, Patrícia Porchat Pereira da Silva. Conversando sobre psicanálise: entrevista com Judith Butler. **Rev. Estud. Fem.** vol.18 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2010.
16. ALÓS, Anselmo Peres. Gênero, epistemologia e performatividade: estratégias pedagógicas de subversão. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.2 Florianópolis May/Aug. 2011.
17. RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.10 Rio de Janeiro Apr. 2012.
18. VIANNA, Cláudia. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. **Pro-Posições** vol.23 no.2 Campinas May/Aug. 2012.
19. RODRIGUES, Carla; HEILBORN, Maria Luiza. Construindo Vera Cruz e desconstruindo gênero: aproximações entre Pedro Almodóvar e Judith Butler. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.16 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2014.
20. ABRAMOWICZ, Anete; RODRIGUES, Tatiane Consentino. Descolonizando as pesquisas com crianças e três obstáculos. **Educ. Soc.**, vol.35 no.127 Campinas Apr./June 2014.
21. BUTLER, Judith. Regulações de gênero. **Cad. Pagu**, no.42 Campinas Jan./June 2014.

22. NOLETO, Rafael da Silva. "Eu sou uma fruta 'gogóia', eu sou uma moça": Gal Costa e o Tropicalismo no feminino. **Per musí**, no.30 Belo Horizonte July/Dec. 2014.
23. ROCHA, Cássio Bruno Araujo. Um pequeno guia ao pensamento, aos conceitos e à obra de Judith Butler. **Cad. Pagu**, no.43 Campinas July/Dec. 2014.
24. BORBA, Rodrigo. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cad. Pagu**, no.43 Campinas July/Dec. 2014.
25. CYFER, Ingrid. Afinal, o que é uma mulher? Simone de Beauvoir e "a questão do sujeito" na teoria crítica feminista. **Lua Nova**, no.94 São Paulo Apr. 2015.
26. CERQUEIRA, Paulo Rodrigues; SOUZA, Eloisio Moulin de. LACLAU, SEXUALIDADES E OS CORPOS: ANÁLISE DAS SUBJETIVAÇÕES URSINAS. **Psicol. Soc.**, vol.27 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2015.
27. TONELI, Maria Juracy Filgueiras; MÜLLER, Rita Flores. A Política Nacional de Atenção Integral à Saúde do Homem e suas engrenagens biopolíticas: o uso do conceito de gênero como regime de luzes. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.27 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2015.
28. MARTINS, Bruno Sena. A reinvenção da deficiência: novas metáforas na natureza dos corpos. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.27 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2015.
29. GALVANE, Fabia Alberton de Silva; SALVARO, Giovana Ilka Jacinto; MORAES, Adriana Zomer de. Mulheres em cargos profissionais de chefia: o paradoxo da igualdade. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.27 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2015.
30. PINTO, Celi Regina Jardim. O que as teorias do reconhecimento têm a dizer sobre as manifestações de rua em 2013 no Brasil. **Soc. estado**. vol.31 no.spe Brasília, 2016.
31. SEFFNER, Fernando; Parker, Richard. Desperdício da experiência e precarização da vida: momento político contemporâneo da resposta brasileira à aids. **Interface** (Botucatu) vol.20 no.57 Botucatu Apr./June 2016 Epub Feb 16, 2016.
32. VIEIRA, Jacqueline Virmond; Angonese, Mônica. Clínica dos gêneros não inteligíveis: Judith Butler e psicanálise. **Rev. Estud. Fem.** vol.24 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2016.

33. PACHECO, Mariana Pimentel Fisher. Honneth e a pulsão: sobre as razões e as consequências para a crítica social da rejeição honnethiana à pulsão de morte freudiana. **Psicol. USP**, vol.27 no.1 São Paulo Jan./Apr. 2016.
34. ALÓS, Anselmo Peres. El beso de la mujer araña: gênero, sexualidade e subversão. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.50 Brasília Jan./Apr. 2017.
35. COSSI, Rafael Kalaf; DUNKER, Christian Ingo Lenz. A Diferença Sexual de Butler a Lacan: Gênero, Espécie e Família. **Psic.: Teor. e Pesq.** vol.33 Brasília 2017 Epub June 22, 2017.
36. JACOBS, Daiane Dordete Steckert. Corpo Vocal, Gênero e Performance. *Rev. Bras. Estud. Presença*, vol.7 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2017.
37. SANTOS, Luísa Susin dos; BEIRAS, Adriano; ENDERLE, Clarissa Moreira. Violência de Estado, Juventudes e Subjetividades: Experiências em uma Delegacia Especializada. **Psicol. cienc. prof.**, vol.38 no. spe2 Brasília, 2018.
38. SANTOS, Marinês Ribeiro dos. Gênero e cultura material: a dimensão política dos artefatos cotidianos. **Rev. Estud. Fem.** vol.26 no.1 Florianópolis, 2018 Epub Jan 15, 2018.
39. MARQUES, Angela Cristina Salgueiro; MENDONÇA, Ricardo Fabrino. A política como (des)construção de sujeitos: desencaixes e rearticulações identitárias em protestos multitudinários contemporâneos. **Galáxia** (São Paulo) no.37 São Paulo Jan./Apr. 2018.
40. MACIEL, Patrícia Daniela; GARCIA, Maria Manuela Alves. A lesbianidade como arte da produção de si e suas interfaces no currículo. **Rev. Bras. Educ.** vol.23 Rio de Janeiro 2018 Epub Apr 05, 2018.
41. MISKOLCI, Richard; PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Quem tem medo de Judith Butler? A cruzada moral contra os direitos humanos no Brasil. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.
42. CYFER, Ingrid. The witch is loose: Protests against Judith Butler's Visit to Brazil in Light of Her Reflections on Ethics, Politics and Vulnerability. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.

43. BALIEIRO, Fernando de Figueiredo. “Não se meta com meus filhos”: a construção do pânico moral da criança sob ameaça. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.
44. NEVES, Raphael. “Joga pedra na Judith”: discursos de ódio e populismo. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.
45. PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Judith Butler e a pomba-gira. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.
46. MISKOLCI, Richard. Exorcizando um fantasma: os interesses por trás do combate à “ideologia de gênero”. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub June 11, 2018.
47. LIMA, Carlos Henrique Lucas; CAETANO, Marcio. Deriva e exílio sexuais: sobre Stella Manhattan, de Silviano Santiago. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.54 Brasília May/Aug. 2018.
48. COSTA-VAL, Alexandre; GUERRA, Andréa. Corpos trans: um ensaio sobre normas, singularidades e acontecimento político. **Saude soc.** vol.28 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2019.
49. BATISTA, Daniela Conegatti; SOUZA, Jane Felipe de. A lesbianidade materializada nos corpos (nem tão) femininos. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.31 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2019 Epub Apr 30, 2019.
50. LUCAS, Cássio de Borba; SILVA, Alexandre Rocha da. Kristeva e Butler: significância, performatividade e produção como parâmetros para uma semiótica crítica. **Galáxia** (São Paulo) no.41 São Paulo May/Aug. 2019 Epub May 23, 2019.
51. SOUZA, Luiza Gabriela Razêra de; OLIVEIRA, Moisés Alves de. A Matemática Como Discurso: uma análise da relação mulher- matemática na obra O Homem Que Calculava, de Malba Tahan. **Bolema**, vol.33 no.64 Rio Claro May/Aug. 2019 Epub Aug 01, 2019.
52. POMBO, Mariana Ferreira. Estrutura ou dispositivo: como (re)pensar a diferença sexual hoje? **Rev. Estud. Fem.** vol.27 no.2 Florianópolis 2019 Epub Aug 05, 2019.

53. DAL'IGNA, Maria Cláudia; SCHERER, Renata Porcher. As assembleias públicas a partir do pensamento de Judith Butler: versões emergentes e provisórias de soberania popular? **Cad. Pagu**, no.56 Campinas 2019 Epub Sep 16, 2019.
54. KRITSCH, Raquel; VENTURA, Raissa Wihby. Reconhecimento, identidade(s) e conflito social: Debates a partir da teoria política e social. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.** vol.19 no.2 Porto Alegre May/Aug. 2019 Epub Sep 16, 2019.
55. SILVA, Simone Schuck da; RODRIGUEZ, José Rodrigo. Para que serve ser uma pessoa no Direito? Diálogos no campo crítico. **Rev. Direito Práx.** vol.10 no.4 Rio de Janeiro Oct./Dec. 2019 Epub Nov 25, 2019.
56. COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfechatividades de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cad. Pagu**, no.57 Campinas 2019 Epub Nov 25, 2019.
57. MOREIRA, Jasmine; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Ideologia de Gênero: uma metodologia de análise. **Educ. Real.** vol.44 no.4 Porto Alegre 2019 Epub Nov 28, 2019.
58. MIRANDA, Jhonatan Jeison de; TIMO, Alberto Luiz Rodrigues; BELO, Fábio Roberto Rodrigues. Crítica à Teoria da Maternidade em Winnicott: é Preciso ser Mulher para cuidar de Crianças? **Psicol. cienc. prof.** vol.39 Brasília 2019 Epub Nov 28, 2019.
59. RUCOVSKY, Martin de Mauro. Como produzir sentido a partir da precariedade? Bios-precário e vida sensível. Bakhtiniana, **Rev. Estud. Discurso** vol.15 no.3 São Paulo July/Sept. 2020 Epub Sep 21, 2020.
60. BUTLER, Judith. Crítica, Coerção e Vida Sagrada na “Crítica da Violência” de Benjamin. **Rev. Direito Práx.** vol.11 no.3 Rio de Janeiro July/Sept. 2020 Epub Sep 07, 2020.
61. LIMA, Vinícius Moreira; BEDÊ, Heloísa Moura. Para além do Édipo: entre Deleuze-Guattari e Laplanche. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.32 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2020 Epub July 20, 2020.

62. FREIRE, Lucas. BUTLER, Judith. 2019. Vida precária: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreas Lieber. Belo Horizonte: Autêntica. [Resenha] 189 pp. **Mana** vol.26 no.1 Rio de Janeiro 2020 Epub Mar 23, 2020.
63. RODRIGUES, Carla. Ser e devir: Butler leitora de Beauvoir. **Cad. Pagu**, n.56 Campinas Epub Feb 03, 2020.
64. RIBEIRO, Amanda Karoline de Oliveira; Silveira, Lia Carneiro. Transfobia e abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria *queer*. **Ágora** (Rio J.) vol.23 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2020 Epub Jan 24, 2020.
65. BRULON, Bruno. Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus. **An. mus. paul.** vol.28 São Paulo 2020 Epub Jan 17, 2020.
66. KRINSKI, Sthefan; MADEIRA, Manoel; MOSCHEN, Simone. A noção de Semblante em Jacques Lacan: contribuição às identidades contemporâneas. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** vol.22 no.4 São Paulo Oct. /Dec. 2019 Epub Jan 17, 2020.
67. TORRES, Marco Antônio; SARAIVA, Izabella Marina Martinho; GONZAGA, Rubens Modesto. Sexualidades no contexto escolar: violência ética e disputas por reconhecimento. **Rev. Bras. Educ.** vol.25 Rio de Janeiro 2020 Epub Nov 09, 2020.
68. FUCHS, Ana Carolina Muller; ICLE, Gilberto. Comicidade crítica e riso autodepreciativo: um estudo com mulheres palhaças. **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.3 Florianópolis 2020 Epub Dec 04, 2020.
69. ASSUNÇÃO, Helena Santos. Reflexões sobre perspectivas africanas de gênero. **Cad. Pagu** n.58 Campinas 2020 Epub Aug 28, 2020.
70. STEPHAN, Cassiana Lopes. Notas sobre o amor e a melancolia: da estrutura à resistência. **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.2 Florianópolis 2020 Epub Aug 07, 2020.
71. RENTE, Maria Angelica de Melo; MERHY, Emerson Elias. Luto e não-violência em tempos de pandemia: precariedade, saúde mental e modos outros de viver. **Psicol. Soc.** vol.32 Belo Horizonte 2020 Epub Sep 04, 2020.
72. DUARTE, André. Direito a ter direitos como performatividade política: reler Arendt com Butler. **Cad. CRH** vol.33 Salvador 2020 Epub Dec 14, 2020.

73. CYFER, Ingrid. Judith Butler e Hannah Arendt vão ao cinema: narrativa, psicanálise e subjetivação no filme “Eu, Mamãe e os Meninos”. **Cad. CRH** vol.33 Salvador 2020 Epub Dec 14, 2020.
74. BUTLER, Judith. Em perigo/perigoso: racismo esquemático e paranoia branca. Tradução: JARDIM, Fabiana A. A. Revisão técnica: TEIXEIRA, Jacqueline Moraes; RINALDI, Sebastião. **Educ. Pesqui.** vol.46 São Paulo 2020 Epub Dec 14, 2020.
75. PELÚCIO, Larissa; PAZ, Diego. #paslui: feminismos brasileiros no hexágono europeu. **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.3 Florianópolis 2020 Epub Dec 09, 2020.

LISTA DE ARTIGOS CATALOGADOS NA PLATAFORMA SCIELO
TERMO BUSCADOR: queer
RECORTE TEMPORAL ALCANÇADO: 2001 – mai./2020
FILTROS APLICADOS: Coleções: Brasil; Idioma: Português
REFERÊNCIAS: Nome do/a autor/a; título do artigo; nome do periódico; ano da publicação.

1. LOURO, Guacira Lopes. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Rev. Estud. Fem.** vol.9 no.2 Florianópolis, 2001.
2. CHIDIAC, Maria Teresa Vargas; Oltramari, Leandro Castro. Ser e estar drag queen: um estudo sobre a configuração da identidade queer. **Estud. psicol.** (Natal) vol.9 no.3 Natal Sep/Dec. 2004.
3. FIOL-MATTA, Licia. "Mulher-raça": a reprodução da nação em Gabriela Mistral. **Rev. Estud. Fem.** vol.13 no.2 Florianópolis May/Aug. 2005.
4. COSTA, Claudia de Lima; Ávila, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Rev. Estud. Fem.** vol.13 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2005.
5. GALLINA, Justina Franchi. A necessidade da subversão: a teoria queer na educação. [Resenha] **Rev. Estud. Fem.** vol.14 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2006.
6. PELÚCIO, Larissa. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugali-
dade envolvendo travestis que se prostituem. **Rev. Estud. Fem.** vol.14 no.2 Flo-
rianópolis May/Sept. 2006.
7. PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. A teoria queer e a Reinvenção do corpo. [Rese-
nha] **Cad. Pagu**, no.27 Campinas July/Dec. 2006.
8. SZWAK, José Eduardo. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria
queer [Resenha]. **Educ. rev.** no.30 Curitiba, 2007.
9. BESSA, Karla. Os festivais GLBT de cinema e as mudanças estético-políticas na
constituição da subjetividade. **Cad. Pagu**, no.28 Campinas Jan./June 2007.

10. LACOMBE, Andrea. De entendidas e sapatonas: socializações lésbicas e masculinidades em um bar do Rio de Janeiro. **Cad. Pagu**, no.28 Campinas Jan./June 2007.
11. PINO, Nádia Perez. A teoria queer e os intersex: experiências invisíveis de corpos des-feitos. **Cad. Pagu**, no.28 Campinas Jan./June 2007.
12. CLÍMACO, Danilo de Assis. Transterritorializações do queer no Estado espanhol: de políticas e teorias inapropriáveis. [Resenha] **Rev. Estud. Fem.** vol.16 no.2 Florianópolis May/Aug. 2008.
13. PEREIRA, Pedro Paulo Gomes. Corpo, sexo e subversão: reflexões sobre duas teóricas queer. **Interface** (Botucatu) vol.12 no.26 Botucatu July/Sept. 2008.
14. CAMARGO, Wagner Xavier de. Sexualidades, esportes e Teoria Queer: inter-relações. **Rev. Estud. Fem.** vol.16 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2008.
15. CÉSAR, Maria Rita de Assis. Gênero, sexualidade e educação: notas para uma "Epistemologia". **Educ. rev.** no.35 Curitiba, 2009.
16. BRUMER, Anita. Gênero, família e globalização. **Sociologias**, no.21 Porto Alegre Jan./June 2009.
17. MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, no.21 Porto Alegre Jan./June 2009.
18. MISKOLCI, Richard. O vértice do triângulo: Dom Casmurro e as relações de gênero e sexualidade no fin-de-siècle brasileiro. **Rev. Estud. Fem.** vol.17 no.2 Florianópolis May/Aug. 2009.
19. PERES, Wiliam Siqueira. Cartografias clínicas, dispositivos de gêneros, estratégia saúde da família. **Rev. Estud. Fem.** vol.18 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2010.
20. SOUZA, Eloisio Moulin de; Carrieri, Alexandre de Pádua. A analítica queer e seu rompimento com a concepção binária de gênero. **RAM, Rev. Adm. Mackenzie** (Online) vol.11 no.3 São Paulo May/June 2010.
21. RODRIGUES, Gabriela de Andrade. Pedagogias queer e libertária para educação em cultura visual. **Educ. Pesqui.** vol.36 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2010.

22. ALÓS, Anselmo Peres. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Rev. Estud. Fem.** vol.18 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2010.
23. ALÓS, Anselmo Peres. Transformações do literário: a politização do corpo e do desejo em Caio Fernando Abreu e Jaime Bayly. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.38 Brasília July/Dec. 2011.
24. MISKOLCI, Richard; Balieiro, Fernando de Figueiredo. O drama público de Raul Pompeia: sexualidade e política no Brasil finissecular. **Rev. bras. Ci. Soc.** vol.26 no.75 São Paulo Feb. 2011.
25. MORITA, Keitaro. Eco-poeta queer? Uma análise de "Chitô [Tito]", da poeta japonesa Hiromi Ito. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
26. RUSSEL, Constance; Sarick, Tema; Kennely, Jackie. Tornando queer a educação ambiental. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
27. GAARD, Greta Claire. Rumo ao ecofeminismo queer. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
28. MORTIMER-SANDILANDS, Catriona. Paixões desnaturadas? Notas para uma ecologia queer. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
29. GABRIEL, Alice. Ecofeminismo e ecologias queer: uma apresentação. [Editorial] **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
30. PRECIADO, Paul B. Multidões queer: notas para uma política dos "anormais". **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
31. GOUGH, Noel; GOUGH, Annette; APPELBAUM, Peter; APPELBAUM, Sophia; DOLL, Mary Aswell; SELLERS, Warren. Contos de Camp Wilde: tornando queer a pesquisa em educação ambiental. **Rev. Estud. Fem.** vol.19 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2011.
32. RIBEIRO, Arilda Ines Miranda. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e a teoria Queer. [Resenha] **Educ. rev.** no.39 Curitiba Jan./Apr. 2011.
33. BEIRAS, Adriano; MORAES, Maristela; ALENCAR-RODRIGUES, Roberta de; CANTERA, Leonor M. Políticas e leis sobre violência de gênero - reflexões críticas. **Psicol. Soc.** vol.24 no.1 Belo Horizonte Jan./Apr. 2012.

34. MÉLLO, Ricardo Pimentel. Corpos, heteronormatividade e performances híbridadas. **Psicol. Soc.** vol.24 no.1 Belo Horizonte Jan./Apr. 2012.
35. RODRIGUES, Carla. Performance, gênero, linguagem e alteridade: J. Butler leitora de J. Derrida. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.10 Rio de Janeiro Apr. 2012.
36. DUQUE, Tiago. Reflexões teóricas, políticas e metodológicas sobre um morrer, virar e nascer travesti na adolescência. **Rev. Estud. Fem.** vol.20 no.2 Florianópolis May/Aug. 2012.
37. FERNANDES, Felipe Bruno Martins. Assassinatos de travestis e "pais de santo" no Brasil: homofobia, transfobia e intolerância religiosa. **Saúde em debate** vol.37 no.98 Rio de Janeiro July/Sept. 2013.
38. REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. A constituição de corpos guerreiros em um currículo escolar. **Educação & Realidade.** vol.38 no.4 Porto Alegre Oct./Dec. 2013.
39. OLIVEIRA, João Manuel de. Cidadania sexual sob suspeita: uma meditação sobre as fundações homonormativas e neo-liberais de uma cidadania de "consolação". **Psicol. Soc.** vol.25 no.1 Belo Horizonte, 2013.
40. MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. As performances discursivo-identitárias de mulheres negras em uma comunidade para negros no Orkut. **DELTA** vol.29 no.2 São Paulo, 2013.
41. OLIVEIRA, Amurabi. Diferença e educação a partir de um olhar queer. [Resenha] **Rev. Estud. Fem.** vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013.
42. ALÓS, Anselmo Peres. Não contar a ninguém ou contar a todo mundo?: colapsos da masculinidade em *No se lo digas a nadie*. **Rev. Estud. Fem.** vol.21 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2013.
43. BARREIRO, Alex. Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer. [Resenha] **Pro-Posições** vol.24 no.1 Campinas Jan./Apr. 2013.
44. MOTTA, Jose Inácio Jardim; RIBEIRO, Victória Maria Brant. Quem educa queer: a perspectiva de uma analítica queer aos processos de educação em saúde. **Ciênc. saúde coletiva** vol.18 no.6 Rio de Janeiro June 2013.

45. GALLI, Rafael Alves; VIEIRA, Elisabeth Meloni; GIAMI, Alain; SANTOS, Manoel Antônio dos. Corpos mutantes, mulheres intrigantes: transexualidade e cirurgia de redesignação sexual. **Psic.: Teor. e Pesq.** vol.29 no.4 Brasília Oct./Dec. 2013.
46. MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. A PERFORMANCE NARRATIVA DE UMA BLOGUEIRA: "TORNANDO-SE PRETA EM UM SEGUNDO NASCIMENTO". *Alfa, rev. linguíst.* (São José Rio Preto) vol.58 no.3 São Paulo, 2014.
47. REIS, Cristina d'Ávila; PARAÍSO, Marlucy Alves. Normas de gênero em um currículo escolar: a produção dicotômica de corpos e posições de sujeito meninos-alunos. **Rev. Estud. Fem.** vol.22 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2014.
48. SAMPAIO, Juliana Vieira; GERMANO, Idilva Maria Pires. Políticas públicas e crítica queer: algumas questões sobre identidade LGBT. **Psicol. Soc.** vol.26 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2014.
49. BORGES, Lenise Santana. Feminismos, teoria queer e psicologia social crítica: (re)contando histórias... **Psicol. Soc.** vol.26 no.2 Belo Horizonte May/Aug. 2014.
50. DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. Michel Foucault e as lutas políticas do presente: para além do sujeito identitário de direitos. **Psicol. estud.** vol.19 no.3 Maringá July/Sept. 2014.
51. MELO, Glenda Cristina Valim de; LOPES, Luiz Paulo da Moita. ORDENS DE INDEXICALIDADE MOBILIZADAS NAS PERFORMANCES DISCURSIVAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA: SER NEGRO E HOMOERÓTICO. **Ling. (dis)curso** vol.14 no.3 Tubarão Sep./Dec. 2014.
52. FERREIRA, Vinicius Kauê; GROSSI, Miriam Pillar. Teoria queer, políticas pós-pornô e privatização da sexualidade: uma conversa com Marie-Hélène Bourcier. **Rev. Estud. Fem.** vol.22 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2014.
53. COLLING, Leandro. Panteras e locas dissidentes: o ativismo queer em Portugal e Chile e suas tensões com o movimento LGBT. **Lua Nova**, no.93 São Paulo Sept./Dec. 2014.

54. CAPRONI Neto, Henrique Luiz. Teoria queer e as diferenças. [Resenha] **Cad. Pesqui.** vol.45 no.155 São Paulo Jan./Mar. 2015.
55. BIONDO, Fabiana Poças. "Liberte-se dos rótulos": questões de gênero e sexualidade em práticas de letramento em comunidades ativistas do Facebook. **Rev. bras. linguist. apl.** vol.15 no.1 Belo Horizonte Jan./Mar. 2015.
56. FERNANDES, Estevão Rafael. Ativismo Homossexual Indígena: Uma Análise Comparativa entre Brasil e América do Norte. **Dados**, vol.58 no.1 Rio de Janeiro Jan./Mar. 2015.
57. BLANCA, Rosa. Artes visuais: diálogos com os estudos feministas, trans e queer. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
58. SOUZA, Milena Costa de. Ao encontro das queer faces. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
59. MELO, Camila Olivia de; RIBEIRO, Regiane. A performance arte que virou polvo: flutuando nas águas das artes em corporalidades híbridas e ininteligíveis. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
60. FERREIRA, Glauco B. Margeando ativismos globalizados: nas bordas do Mujeres Al Borde. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
61. ARRUDA, Lin. Translesbianizando o olhar: representações na margem da arte. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
62. ÁVILA, Eliana de Souza. "Do high-tech à azteca": descolonização cronoqueer na ciberarte chicana. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2015.
63. FRANCO, Neil; Cicillini, Graça Aparecida. Professoras trans brasileiras em seu processo de escolarização. **Rev. Estud. Fem.** vol.23 no.2 Florianópolis May/Aug. 2015.
64. MELO, Glenda Cristina Valim de; Lopes, Luiz Paulo da Moita. "Você é uma morena muito bonita": a trajetória textual de um elogio que fere. **Trab. linguist. apl.** vol.54 no.1 Campinas Jan./June 2015.

65. BIONDO, Fabiana Poças; SIGNORINI, Inês. (Re)definições e (des)construções identitárias em comunidades ativistas do Facebook: contribuições das epistemologias pós-feminista e queer. **DELTA** vol.31 no.spe São Paulo Aug. 2015.
66. SANTOS, Daniel Kerry dos; Lago, Mara Coelho de Souza. Cartografando estilizações do homoerotismo na velhice: pistas metodológicas nos estudos sobre sexualidades. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.27 no.2 Rio de Janeiro May/Aug. 2015.
67. GONZALEZ, Carolina Gonçalves; Vieira, Viviane Cristina. A MULHER COMO ALVO DE CAMPANHAS PUBLICITÁRIAS: UMA ANÁLISE SEMIÓTICO-SOCIAL DAS CAMPANHAS NESFIT, DA NESTLÉ. **Ling. (dis)curso** vol.15 no.3 Tubarão Sept./Dec. 2015.
68. GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Posicionamentos interacionais mobilizados por “Tudo sobre minha mãe” na rede social Filmow. **DELTA** vol.31 no.2 São Paulo July/Dec. 2015.
69. OLIVEIRA, Andréa Marília Alves de; Pocahy, Fernando Altair. Eu, tu, ele(s), ela(s): cartografando heteroconjugualidades na prática do swing. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.27 no.3 Rio de Janeiro Sept./Dec. 2015.
70. DORNELLES, Priscila Gomes; Dal’Igna, Maria Cláudia. Gênero, sexualidade e idade: tramas heteronormativas nas práticas pedagógicas da educação física escolar. **Educ. Pesqui.** vol.41 no.spe São Paulo Dec. 2015.
71. DE GENOVA, Nicholas. As políticas queer de migração: reflexões sobre "ilegalidade" e incorrigibilidade. **REMHU, Rev. Interdiscip. Mobil. Hum.** vol.23 no.45 Brasília July/Dec. 2015.
72. HUSSAR, James. A contração do patriarcado na ficção de Cíntia Moscovich. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.47 Brasília Jan./June 2016.
73. MOTTA, Jose Inacio Jardim. Sexualidades e políticas públicas: uma abordagem queer para tempos de crise democrática. **Saúde em debate** vol.40 no.spe Rio de Janeiro Dec. 2016.
74. HENNING, Carlos Eduardo. “Na minha época não tinha escapatória”: teleologias, temporalidades e heteronormatividade. **Cad. Pagu**, no.46 Campinas Jan./Apr. 2016.

75. PEREIRA, Valéria Rezende. POSICIONAMENTOS INTERACIONAIS DE SEXUALIDADE E DE GÊNERO: O CASO DE UM BLOG DE ALUNAS/OS DE UM INSTITUTO FEDERAL. **Trab. linguist. apl.** vol.55 no.2 Campinas May/Aug. 2016.
76. POLICARPO, Verónica Mafalda Nunes de Melo. Para lá da heteronorma: subjetivação e construção da identidade sexual. **Rev. Estud. Fem.** vol.24 no.2 Florianópolis May. /Aug. 2016.
77. GONZALEZ, Clarissa Rodrigues; LOPES, Luiz Paulo da Moita. Performance narrativa multimodal de Agrado em Tudo sobre minha mãe: desarticulando a autenticidade de gênero. **Rev. bras. linguist. apl.** vol.16 no.4 Belo Horizonte Oct./Dec. 2016.
78. BALIEIRO, Fernando Figueiredo. Consuming Carmen Miranda: Dislocations and dissonances in the reception of an icon. **Rev. Estud. Fem.** vol.25 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2017.
79. BESSA, Karla Adriana Martins. “How I became what I am”: an aesthetics of twist cinema in films from the 1960s and 1970s. **Rev. Estud. Fem.** vol.25 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2017.
80. RANNIERY, Thiago. No balanço da “teoria queer” em educação: silêncios, tensões e desafios. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) no.25 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2017.
81. SOUZA, Eloisio Moulin de. A Teoria Queer e os Estudos Organizacionais: Revisando Conceitos sobre Identidade. **Rev. adm. contemp.** vol.21 no.3 Curitiba May/jun. 2017.
82. MELO, Glenda Cristina Valim de; FERREIRA, Juliana Tito Rosa. As ordens de indexicalidade de gênero, de raça e de nacionalidade em dois objetos de consumo em tempos de Copa do Mundo 2014. **Rev. bras. linguist. apl.** vol.17 no.3 Belo Horizonte July/Sept. 2017 Epub May 15, 2017.
83. FERNANDES, Luís Antonio Bitante; BORGES, Águeda Aparecida da Cruz; LÔBO, Rodolfo Pinheiro Bernardo. Travestilidade às avessas - a desconstrução de uma “paródia” identitária. **Rev. Estud. Fem.** vol.25 no.2 Florianópolis May/Aug. 2017.

84. LOURENÇO, Daniel. Queer na primeira pessoa: notas para uma enunciação localizada. **Rev. Estud. Fem.** vol.25 no.2 Florianópolis May/Aug. 2017.
85. PESSOA, Rosane Rocha; HOELZLE, Maria José. ENSINO DE LÍNGUAS COMO PALCO DE POLÍTICA LINGUÍSTICA: MOBILIZAÇÃO DE REPERTÓRIOS SOBRE GÊNERO. **Trab. linguist. apl.** vol.56 no.3 Campinas Sept./Dec. 2017.
86. PARRINE, Raquel. Construção de gênero, laços afetivos e luto em Paris Is Burning. **Rev. Estud. Fem.** vol.25 no.3 Florianópolis Sept./Dec. 2017.
87. CUNHA, Andrei dos Santos; INDRUSIAK, Elaine Barros. Serguei no México: Greenaway e a representação pós-moderna do artista queer. **Ilha do Desterro** vol.70 no.1 Florianópolis Jan./Apr. 2017.
88. GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Helena. Romance de estrada: memória afetiva e sexualidade em Carol Bensimon. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.50 Brasília Jan./Apr. 2017.
89. SMITH, Andreza do Socorro Pantoja de Oliveira; SANTOS, Jorge Luiz Oliveira dos. Corpos, identidades e violência: o gênero e os direitos humanos. **Rev. Direito Práx.** vol.8 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2017.
90. VENANZONI, Thiago S. Encontros com a crítica. [Resenha] **Galáxia (São Paulo)** no.37 São Paulo Jan./Apr. 2018.
91. COUTO JUNIOR, Dilton Ribeiro do; OSWALD, Maria Luiza Magalhães Bastos; POCAHY, Fernando Altair. Gênero, sexualidade e juventude(s) Problematizações sobre heteronormatividade e cotidiano escolar. **Civitas, Rev. Ciênc. Soc.** vol.18 no.1 Porto Alegre Jan./Apr. 2018.
92. SIMÕES, Alexandre; GONÇALVES, Gesianni Amaral. LABIRINTOS DA SEXUALIDADE: CONVERGÊNCIAS E DISSONÂNCIAS ENTRE A PSICANÁLISE E A TEORIA QUEER NA ATUALIDADE. **Ágora (Rio J.)** vol.21 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2018.
93. DIAS, Diego Madi. O parentesco transviado, exemplo guna (Panamá). **Sex., Sa- lud Soc.** (Rio J.) no.29 Rio de Janeiro May/Aug. 2018.

94. POMBO, Mariana. Diferença sexual, psicanálise e contemporaneidade: novos dispositivos e apostas teóricas. **Rev. latinoam. psicopatol. fundam.** vol.21 no.3 São Paulo July./Sept. 2018.
95. BLANCO, Rafael. Viaje, biografía, conocimiento – Formación en el exterior de académicas argentinas y diversificación de los estudios de género. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub Oct 04, 2018.
96. REA, Caterina Alessandra; Amancio, Izzie Madalena Santos. Descolonizar a sexualidade: Teoria Queer of Colour e trânsitos para o Sul. **Cad. Pagu**, no.53 Campinas 2018 Epub Oct 04, 2018.
97. REA, Caterina Alessandra. Descolonização, feminismos e condição queer em contextos africanos. **Rev. Estud. Fem.** vol.26 no.3 Florianópolis 2018 Epub Oct 11, 2018.
98. PERELSON, Simone. Do “limbo feliz” de Herculine ao “tecnogênero” de Preciado: um novo cenário para a abordagem psicanalítica da sexuação. **Ágora** (Rio J.) vol.21 no.3 Rio de Janeiro Sept. /Dec. 2018.
99. LOPES, Luiz Paulo da Moita; FABRÍCIO, Branca Falabella. VIAGEM TEXTUAL PELO SUL GLOBAL: IDEOLOGIAS LINGUÍSTICAS QUEER E METAPRAGMÁTICAS TRANSLOCAIS. **Ling. (dis)curso** vol.18 no.3 Tubarão Sept./Dec. 2018.
100. BRULON, Bruno. Museus, mulheres e gênero: olhares sobre o passado para possibilidades do presente. **Cad. Pagu**, no.55 Campinas 2019 Epub Apr 04, 2019.
101. ABREU, Paula Daniella de; ARAÚJO, Ednaldo Cavalcante de; VASCONCELOS, Eliane Maria Ribeiro de; MOURA, Jefferson Wildes da Silva; SOUSA, Josueida de Carvalho; SANTOS, Claudia Benedita dos. TRANSEXUAL “WOMANHOOD” AND THE EMERGENCE OF TRANSFEMINISM: RHETORICS OF HIV/AIDS IN THE LIGHT OF THE QUEER THEORY. **Texto contexto - enferm.** vol.28 Florianópolis 2019 Epub July 15, 2019.
102. MAGNABOSCO, Molise de Bem; SOUZA, Leonardo Lemos de. Aproximações possíveis entre os estudos da deficiência e as teorias feministas e de gênero. **Rev. Estud. Fem.** vol.27 no.2 Florianópolis, 2019. Epub Aug 05, 2019.

103. RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Cláudio; BARROS, Nelson Filice de. O corpo negado pela sua “extrema subjetividade”: expressões da colonialidade do saber na ética em pesquisa. **Interface** (Botucatu) vol.23 Botucatu 2019 Epub Aug 19, 2019.
104. MARTINEZ, Fabiana. Feminismos em movimento no ciberespaço. **Cad. Pagu**, no.56 Campinas 2019 Epub Sep 16, 2019.
105. FREITAS, Alexandre Simão de. Geontologia e as artes neoliberais de governo: educar os corpos para além do imaginário do carbono. **Pro-Posições** vol.30 Campinas 2019 Epub Sep 16, 2019.
106. SILVA, Danillo da Conceição Pereira. (META)PRAGMÁTICA DA VIOLÊNCIA LINGUÍSTICA: PATOLOGIZAÇÃO DAS VIDAS TRANS EM COMENTÁRIOS ONLINE. **Trab. linguist. apl.** vol.58 no.2 Campinas May/Aug. 2019 Epub Sep 23, 2019.
107. RAIMONDI, Gustavo Antonio; MOREIRA, Claudio; BARROS, Nelson Filice de. Gêneros e sexualidades na educação médica: entre o currículo oculto e a integralidade do cuidado. **Saude soc.** vol.28 no.3 São Paulo July/Sept. 2019 Epub Oct 07, 2019.
108. POMPEU, Samira Loreto Edilberto; SOUZA, Eloisio Moulin de. A discriminação homofóbica por meio do humor: naturalização e manutenção da heteronormatividade no contexto organizacional. **Organ. Soc.** vol.26 no.91 Salvador Oct./Dec. 2019 Epub Oct 07, 2019.
109. COLLING, Leandro; ARRUDA, Murilo Souza; NONATO, Murillo Nascimento. Perfecatitudes de gênero: a contribuição das fechativas e afeminadas à teoria da performatividade de gênero. **Cad. Pagu**, no.57 Campinas 2019 Epub Nov 25, 2019.
110. HENN, Ronaldo; MACHADO, Felipe Viero Kolinski; GONZATTI, Christian. Todos nascemos nus e o resto é drag: performatividade dos corpos construídos em sites de redes sociais. **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** vol.42 no.3 São Paulo Sept./Dec. 2019 Epub Dec 02, 2019.
111. MATTIA, Bianca Rosina. Amor, masculinidades e resistência: uma leitura *queer*. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.61 Brasília, 2020, nov. 27, 2020.

112. SANT'ANNA, Evandro. O queer como gesto profano em João Gilberto Noll. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.61 Brasília, 2020, nov. 27, 2020.
113. OLIVEIRA, Ana. Ficções porno-políticas do corpo (a partir) de Preciado. **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.3 Florianópolis 2020 Epub Nov 16, 2020.
114. TEIXEIRA, Flavia do Bonsucesso. Encontros e imaginações compartilhadas: lições sobre o que pode o *queer* (resenha). **Cad. Pagu** n. 59 Campinas 2020 Epub Nov 30, 2020.
115. BABONI, Renata. Entre experiências e diferenças nas mídias digitais: modos de uso da #seráqueeracismo. **Cad. Pagu** n. 58 Campinas 2020 Epub Aug 28, 2020.
116. ALÓS, Anselmo Peres. Traduzir o queer: uma opção viável? **Rev. Estud. Fem.** vol.28 no.2 Florianópolis 2020 Epub Aug 31, 2020.
117. BROWN, Jacob. A arte como refúgio: intertextualidade, espaço e (imagi)nação em “Aqueles dois”, de Caio Fernando Abreu. **Estud. Lit. Bras. Contemp.** no.60 Brasília 2020 Epub May 08, 2020.
118. DENNISON, Stephanie. Cultura cinematográfica e identidades queer no Brasil contemporâneo. **Cad. Pagu** n.60 Campinas 2020 Epub Dec 21, 2020.
119. BALTHAZAR, Gregory da Silva. Crianças viadas e o deslugar do gênero na escola: notas para um feminismo cor de ar. **Educ. rev.** vol.36 Curitiba 2020 Epub Dec 21, 2020.
120. RIBEIRO, Amanda Karoline de Oliveira; Silveira, Lia Carneiro. Transfobia e abjeção: diálogos possíveis entre a psicanálise e a teoria *queer*. **Ágora** (Rio J.) vol.23 no.1 Rio de Janeiro Jan./Apr. 2020 Epub Jan 24, 2020.
121. DANON, Carlos Alberto Ferreira; Conceição, Kauan Rodrigues; Daltro, Mônica Ramos. Revista Brasileira de Educação Médica e Saúde das Pessoas Trans. **Rev. bras. educ. med.** vol.44 no.2 Brasília 2020 Epub 17 de abril de 2020.
122. ALEXANDRE, Vinícius; SANTOS, Manoel Antônio dos. Experiência Conjugal de Casal Cis-trans: Contribuições ao Estudo da Transconjugalidade. **Psicol. cienc. prof.** vol.39 Brasília Epub May 08, 2020.

123. GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Peles habitáveis de Almodóvar em perspectiva: projeções (meta)escalares. **Ling. (dis)curso** vol.20 no.1 Tubarão Jan./Apr. 2020 Epub June 22, 2020.
124. GONZALEZ, Clarissa; MOITA LOPES, Luiz Paulo da. O dispositivo da maternidade em *Tudo sobre Minha Mãe*: entextualizações e processos escalares. **Alfa, rev. linguíst.** (São José Rio Preto) vol.64 São Paulo 2020 Epub June 24, 2020.
125. TOMAZETTI, Tainan Pauli. Por um mapa das dissidências: os estudos de gênero nas teses e dissertações em comunicação do Brasil (1972-2015). **Intercom, Rev. Bras. Ciênc. Comun.** vol.43 no.3 São Paulo Sept. /Dec. 2020 Epub Dec 04, 2020.
126. ALLEGRETTI, Bruna. Fracasso como potência: uma contribuição *queer* às perspectivas contra-hegemônicas (resenha). **Galáxia** (São Paulo) no.45 São Paulo Sept. /Dec. 2020 Epub Oct 02, 2020.
127. LOPES, Herbert de Proença; PERES, Wiliam Siqueira; SALES, Adriana. Prazeres, práticas sexuais e abjeção: travestis, transexuais e os limites em ser “gente”. **Fractal, Rev. Psicol.** vol.32 no.3 Rio de Janeiro Sept. /Dec. 2020.